

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

LETÍCIA APARECIDA MAZOCHI

**MEMÓRIAS, MODELOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE
UMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA:
A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO A SALETTE NO BRASIL**

Itatiba
2015

LETÍCIA APARECIDA MAZOCHI – R.A. 002201300756

**MEMÓRIAS, MODELOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE
UMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA:
A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO A SALETTE NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a D.ra Maria de Fátima Guimarães

Itatiba
2015

37.018.32 Mazochi, Letícia Aparecida.
M428m Memórias, modelos e práticas educativas de uma
congregação religiosa: a construção da devoção a Salette
no Brasil / Letícia Aparecida Mazochi -- Itatiba, 2015.
192 p.

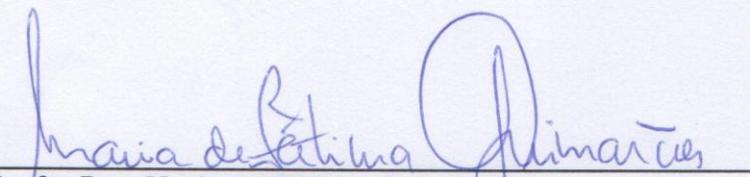
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Maria de Fatima Guimarães.

1. Congregação religiosa. 2. Revista católica. 3. Igreja
e educação. I. Guimarães, Maria de Fátima. II. Título

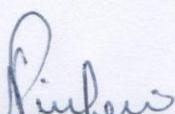
Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

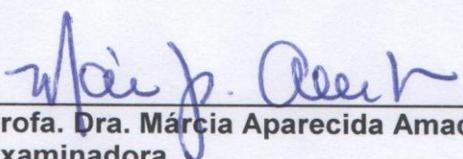
Letícia Aparecida Mazochi defendeu a dissertação “MEMÓRIAS, MODELOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE UMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA: A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO A SALETTE NO BRASIL” aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 12 de fevereiro de 2015 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Orientadora e Presidente



Prof. Dra. Ana Regina Pinheiro
Examinadora



Prof. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Examinadora

Com todo carinho, dedico este trabalho a minha família, pessoas que sempre estiveram ao meu lado e que me incentivaram a cursar o Mestrado. E também aos professores do curso.

AGRADECIMENTOS

Aproveito o cantinho deste trabalho para agradecer a todos aqueles que contribuíram para a sua realização. Embora esteja em meu nome, ele tem uma parte de cada um deles.

Agradeço a Deus pela força que me deu durante a realização das disciplinas e da pesquisa nas fontes, quando tudo parecia muito difícil de ser alcançado, pelas oportunidades, pelos meus familiares, por minhas conquistas e pelo amor que tens por mim.

Agradeço imensamente à professora Paula Leonardi – que me orientou na maior parte desse trabalho, mas que, infelizmente, não teve a possibilidade de me ajudar a concluí-lo – por seus ensinamentos, dedicação, seriedade e compromisso com que conduziu os momentos de aprendizado, orientando e dialogando com paciência.

A todos os professores do curso de mestrado em educação, em especial, à Fátima Guimarães, e ao Moysés Kuhlmann, que durante as aulas e orientações, tanto contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Aos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salete, pela confiança em disponibilizar a Revista ao Grupo de pesquisa GEHER – Grupo de Estudos História da Educação e Religião da USP.

Ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação – CDAPH, em especial ao Nicolino, Samanta, Isidoro e Sandra que estiveram sempre dispostos a me auxiliar durante as visitas para pesquisa.

A minha grande amiga, Karla Cristiny, pelas palavras de incentivo e apoio durante todos os momentos.

Agradeço a CAPES, ao CNPq, e FAPESP, que em diferentes momentos garantiram os recursos deste projeto.

“Conta a história de um tal de Ulderico, que havia falado em tom zombeteiro da estátua de santa Fé. Na noite seguinte, a santa lhe apareceu agredindo-o com um porrete: “Por quê, celerado, ousaste insultar minha imagem? Bernard concluiu que a estátua não podia nem prejudicar a fé cristã nem fazer temer uma recaída nos erros dos antigos. Ela havia sido erigida em honra a Deus, e para conservar a memória da santa.”

*Carlo Ginzburg, **Medo, reverência, terror***

RESUMO

O objetivo desta pesquisa de mestrado foi analisar de que forma a Congregação dos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salette elaborou e desenvolveu as práticas educativas e evangelizadoras centradas na construção da devoção a Nossa Senhora da Salette no Brasil, atuando com a tríade: recordar, imitar e pregar no Brasil, no começo do século XX, frente ao avanço da secularização, à política ultramontana e às determinações do Concílio Plenário para América Latina (1899) na proposta da reconquista católica. Interessou-nos investigar ainda, em que medida há um processo de ressignificação e uma “ressimbolização” da imagem da N. S. da Salette, uma santa de origem francesa, cuja história remonta a uma aparição em 1846 na Montanha La Salette. Em 1902, um missionário saletino, padre Clemente Henrique Moussier, foi enviado a São Paulo para a fundação de uma Casa no País. Ao longo dos anos, construíram três santuários em diferentes cidades: Rio de Janeiro (1927), São Paulo (1940) e Marcelino Ramos (1943), mantiveram uma escola apostólica (1928) e também uma publicação periódica (1917). A pesquisa partiu do pressuposto de que as divisões de tarefas entre as congregações que adentravam o território brasileiro no início do século XX utilizavam diferentes formas de educar/evangelizar para além da forma escolar, daí a necessidade de se investigar as conexões entre o Estado brasileiro, a Igreja Católica, a modernidade liberal e o caso da referida Congregação inserida nesse contexto. Nesse sentido, esta pesquisa situa-se na área da história da educação com destaque no entrecruzamento de temáticas referentes às congregações religiosas, à educação/evangelização e à construção dos espaços (físicos e simbólicos) de sociabilidades na cidade. Este trabalho ancora-se no conceito de secularização e laicidade debatidos por Catroga (2004); nos estudos de Sales (2001) sobre as imagens de Virgem Maria avançando hipóteses sobre sua função educativa; os vínculos entre liberalismo, maçonaria e protestantismo, analisada por Prien e Vieira (1990); nos estudos de Barata (1994) sobre maçonaria e ilustração no Brasil; nos estudos de Serbin (2008), Oliveira (1989) sobre a política da Igreja Católica no movimento de romanização. Empreendemos nesta pesquisa a análise das fontes: *O Mensageiro de N. S. da Salette*, revista publicada pela congregação a partir de 1917 no Brasil, as regras da congregação de 1852, 1905 e 1926, os livros escritos e divulgados pelos padres saletinos, como Fassini (2001, 2005), Barrete (1976), Schlewer (1999) Rovani e Schio (2003) e o documento resultante do Concílio Plenário (1899). Essa congregação utilizou para a difusão do culto a Salette, um periódico, tal como recomendou o Papa Leão XIII no decreto do Concílio (1899). Diante do desafio de um Estado brasileiro secularizado implantado com a República, os padres saletinos direcionaram um modelo de educação, por meio da Revista, cristalizando alguns enunciados e dogmas, em que impera a recordação da memória da congregação e as admoestações da aparição, a imitação da imagem de Maria e a pregação da “Verdade” católica combatendo os inimigos. Ao analisar as práticas educativas de uma congregação religiosa, no contexto social, político e cultural da virada do século XIX para o XX no Brasil contribuimos para maior compreensão sobre a presença e manutenção da Igreja Católica atualmente no Brasil.

Palavras-chave: Congregação religiosa. Revista católica. Igreja e educação.

ABSTRACT

The aim of this Master thesis is to analyze how the Congregation of the Missionaries of Our Lady of La Salette drafted and developed educational and evangelizing practices focusing on building the devotion to Our Lady of La Salette in Brazil, working with the triad recall, imitate and preach in Brazil, in the early twentieth century, against the advance of secularization, the ultramontane policy and determinations of the Plenary Council for Latin America (1899) America in the proposal of the Catholic reconquest. We are interested in further investigating to what extent there is a process of redefinition and a *ressimbolização* image of Our Lady of La Salette, a saint of French origin, whose history dates back to an appearance in 1846 in Mountain La Salette. In 1902 a *saletino* missionary, Father Clement Henry Moussier was sent to Sao Paulo for the foundation of a house in the country over the years, built three shrines in different cities: Rio de Janeiro (1927), São Paulo (1940) and Marcelino Ramos (1943), maintained an apostolic school (1928) and also a periodical publication (1917). The research assumes that divisions of labor among the congregations that got into the Brazilian territory in the early twentieth century used different ways to educate/preach beyond the school form, hence the need to investigate the connections between the Brazilian state, the Catholic Church, liberal modernity and the case referred to the Congregation inserted in this context. In this sense, this research lies in the field of history of education with emphasis on the interweaving of themes related to religious congregations, education/evangelism and construction of (physical and symbolic) spaces of sociability in the city. This work is founded on the concept of secularization and secularism discussed by Catroga (2004); in studies of Sales (2001) on the images of the Virgin Mary advancing hypotheses about their educational function; the links between liberalism, Freemasonry and Protestantism, analyzed by Prien and Vieira (1990); in studies of Roach (1994) on Freemasonry and illustration in Brazil; in studies of Serbin (2008), Oliveira (1989) on the politics of the Catholic Church in the movement of Romanization. We undertook this study to analyze the sources: The Messenger of Our Lady of La Salette, a journal published by the congregation from 1917 in Brazil, the rules of the congregation of 1852, 1905 and 1926, the books written and published by *saletinos* priests as Fassini (2001, 2005), Barret (1976), Schlewer (1999) Rovani and Schio (2003) and the outcome document of the Plenary Council (1899). This congregation uses to spread the cult of La Salette, a journal, as recommended by Pope Leo XIII in the Decree of the Council (1899). Faced with the challenge of a secularized deployed Brazilian state with the Republic, the priests directed *saletinos* a model of education through the magazine, crystallizing some statements and dogmas, in which reigns memory recall of the congregation and the admonitions of appearance, the imitation image of Mary and the preaching of the "Truth" Catholic fighting enemies. By analyzing the educational practices of a religious congregation, the social, political and cultural turn of the nineteenth to the twentieth century in Brazil will contribute to greater understanding of the presence and maintenance of the Catholic Church in Brazil today.

Keywords: Religious congregation. Catholic magazine. Church and education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-	Capa do número de Janeiro de 1917.....	87
FIGURA 2 -	Capa de janeiro de 1917.....	91
FIGURA 3 -	Capa de fevereiro de 1917.....	92
FIGURA 4 -	Capa que permanece de março de 1917 até agosto de 1921.....	94
FIGURA 5 -	Capa de setembro de 1921 até julho de 1924.....	95
FIGURA 6 -	Capa de agosto-setembro de 1924 até fevereiro-março de 1925.....	97
FIGURA 7 -	Capa de abril-maio de 1925 (única na coleção de 1917-1928).....	98
FIGURA 8 -	Capa de maio de 1926 até outubro-novembro de 1927.....	100
FIGURA 9 -	Capa de dezembro de 1927 até dezembro de 1928.....	101
FIGURA 10 -	Planta do Santuário.....	119
FIGURA 11 -	Vista do Coro do Santuário.....	120
FIGURA 12 -	Solenidade da bênção da pedra fundamental.....	122
FIGURA 13 -	Padrinhos e Madrinhas da solenidade de bênção da pedra fundamental.....	123
FIGURA 14 -	Imagens da solenidade de bênção: pedra fundamental, irmãos maristas fazendo o cântico, e cerimônia.....	124
FIGURA 15 -	Planta do Santuário em sua seção longitudinal.....	126
FIGURA 16 -	Vista do interior do santuário (RJ) na missa de inauguração.....	127
FIGURA 17 -	Missa de inauguração do santuário no Rio de Janeiro – 1927.....	128
FIGURA 18 -	Santuário Nossa Senhora da Salette – Bairro Santana – São Paulo.....	130
FIGURA 19 -	A última página da publicação do mês de Janeiro de 1917.....	155

LISTA DE SIGLAS

ACB - Ação Católica Brasileira

CAPES - Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CDAPH - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GEHER - Grupo de Estudos História da Educação e Religião

OMNSS - O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette

SIICUSP - Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo

USF - Universidade São Francisco

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

AQUELE QUE ESCREVE: O PONTO DE PARTIDA	12
INTRODUÇÃO	18
1 O PROBLEMA E AS QUESTÕES DE PESQUISA	20
2 AS FONTES DE PESQUISA	22
2.1 Arquivos e Fontes para a História da Educação.....	25
3 IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO: ESTADO DAS PESQUISAS SOBRE COLÉGIOS E REVISTAS CATÓLICAS (2003-2013)	29
3.1 Indícios a partir dos dados.....	30
3.1.1 Análise e discussão: O foco das pesquisas sobre revistas católicas.....	31
3.1.2 Análise e discussão: O foco das pesquisas sobre colégios católicos.....	33
4 Organização do trabalho	34
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DA CONGREGAÇÃO	36
1.1 A Narrativa da Aparição de Uma “Bela Senhora”.....	36
1.2 Dimensões da Missão Saletina no Brasil.....	46
CAPÍTULO 2 - VIRGEM MARIA: QUEM É ELA NA SALETTE?	64
2.1 Algumas Considerações sobre as Primeiras Representações de Maria.....	64
2.2 A Igreja Frente às Aparições Marianas e a Salette.....	68
2.3 Quais as Continuidades Presentes na Aparição de Salette e quais as Modelagens?.....	79
CAPÍTULO 3 - “POIS BEM! MEUS FILHOS, HAVEIS DE COMUNICÁ-LO A TODO O MEU POVO”: MODELOS TRAZIDOS PELO “MENSAGEIRO”	82
3.1 O Clero, o Missionário.....	103
3.2 Os Santuários e a Escola Apostólica.....	116
3.3 A Mensageira.....	137

3.4 A Conversão, A Reconciliação, O Carisma.....	139
3.5 O Modelo de Mulher e as Orientações para as Famílias.....	141
3.6 As Leituras e a Boa Imprensa.....	150
3.7 A Escola, Os Professores, A Instrução.....	154
3.8 Os Protestantes e os Liberais.....	161
3.9 A Maçonaria.....	169
3.10 Os Espíritas.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS.....	182
ANEXO.....	189

AQUELE QUE ESCREVE: O PONTO DE PARTIDA

Na verdade, não somos livres para recusar nossa herança: ela vem, com o nascimento, colada á nossa pele (LOPES, 2004, p. 29).

O objetivo deste memorial é apresentar alguns momentos da minha trajetória de vida que, de certa forma, diretamente ou não, influenciaram, mobilizaram a minha ida para o Mestrado em Educação na linha de pesquisa História, historiografia e ideias educacionais, e que me conduziram à escolha de pesquisar as relações entre Igreja Católica e Educação, bem como a construção de uma devoção no Brasil, à Nossa Senhora da Salette. A partir das minhas lembranças, reconstruo o caminho desde minha infância até o ingresso e estudos no Mestrado.

Nasci em Bragança Paulista, cidade do interior de São Paulo, no ano de 1991. Sou a caçula da família. Tenho dois irmãos mais velhos, o Marcos e o Leonardo, e uma irmã, a Roseli. Meus dois irmãos deixaram a escola no quarto ano primário. Minha irmã, terminou os estudos, iniciou o curso de licenciatura em Matemática, mas seguiu seu caminho pelas Artes Visuais. Cresci no sítio, vivendo com os trabalhadores da roça. Aprendi o valor de cada centavo, no suor de cada gota pingada em dia de sol forte, de calos e bolhas nos dedos e chapéu de palha. Eu acompanhava tudo isso. Quando pequena, ganhei uma enxadinha do meu pai. Era para o meu tamanho, e trabalhava como gente grande. Dobrava as barras da calça, até o meio da perna, e ficava a maior parte do tempo descalça, ou de chinelo de dedos. Claro, igual ao meu pai. Não fui muito de ficar dentro de casa, não assistia muita televisão. Para que ficar na frente da televisão se eu tinha um mundo inteiro lá fora?

Eu tinha minha botinha vermelha, que ia comigo “pra baixo e pra cima” acompanhando meu pai nas tarefas diárias: limpava o chiqueiro dos porcos, separava os porquinhos “desmamados”, pegava-os para vacinar, “carpia” café, ia ao curral cedinho para poder tirar o leite da vaca na caneca com duas colheres generosas de Nescau. Ficava uma delícia. Espumava, e eraquentinho. Sem contar que o cheiro daquele lugar sempre me foi agradável. Cheiro de bicho, cheiro de mato, cheiro de liberdade.

Fui crescendo com todas essas coisas. Vivia com gente mais velha, não convivi muito com crianças da minha idade algumas vezes brincava com a Bruna, uma menina que morava no sítio também. E as brincadeiras eram sempre de casinha, bolinho de barro, amarelinha, esconde-esconde, pular corda.

Aprendi desde cedo como é difícil da vida na roça. Meus avós paternos, filhos de italianos, tinham aqui plantação de uvas. Meu bisavô era o “Rei da uva”. Plantavam café também. Sei ainda que ajudavam a Igreja, e distribuíam um jornal chamado “Garotos”.

Meus avós maternos eram do sítio e foram morar na cidade. Meu avô era pedreiro. Hoje dou boas risadas com ele, e aprendo bastante. Não esqueço quando ele conta sobre sua época de escola num bairro chamado “Mãe dos homens”, quando ele decorava alguns trechos da cartilha para a chamada oral: “Fernão Dias, e Bartolomeu, descendentes de espanhóis, desempenharam alto ‘calgo’ no governo”. Não cheguei a conhecer minha avó materna, ela faleceu quando eu era bebê.

Meu pai frequentou apenas o primário numa escola isolada na zona rural, onde moramos até hoje. Minha mãe estudava no segundo grupo escolar da cidade, o José Guilherme. Ela era aluna da “caixa”. Recebia material escolar e tecido para o uniforme. Muitas vezes minha avó usava o tecido que ganhava da escola para fazer roupa para minha tia. E minha mãe sofria na escola com a pressão das professoras, que pediam o uniforme. Além disso, sentia ainda a exclusão, tanto pelas próprias professoras, quanto pelas outras crianças, que de famílias ricas, faziam questão de excluí-la das brincadeiras, dizer palavras ofensivas, menosprezando-a. Minha mãe também não foi além do quarto ano primário. Talvez isso tenha influenciado algumas decisões na minha vida.

Aos sete anos, fui para a “escolinha do sítio”. Nunca havia frequentado uma, mas sempre tive vontade. Sempre estudei em escola pública. Eu chegava a levar a mochila da minha irmã até o pasto, na divisa do sítio que dava para a estrada de terra que seguia para a escola e depois voltava para casa. A distância da escola para minha casa dava cerca de três quilômetros de estrada de terra. Mas, meu dia chegou. Foi um dia muito esperado. Uma mochila cheirando papel novinho, alguns lápis de cor, cadernos encapados com plástico quadriculado vermelho, verde e azul. Minha primeira cartilha chamava-se “Pipoca”. Até hoje a tenho. Meus dias na escola passaram de desejados, para certo estranhamento e conflito, talvez. Primeiro, porque eu não gostava de sapatos. E teria de ir para a escola com eles. Queria ir de chinelo. Aos poucos fiquei um pouco sistemática, e fui enquadrada na forma escolar. Minhas roupas deveriam ser bem ajustadas, camiseta por dentro da calça, mas o único sapato que eu gostei foi o “Moleca”. Sugestivo o nome, não?

No caminho para a escola, o cheiro de pinheirinho pairava nas baixadas, a neblina molhava os fios de cabelo, e em dias de frio, o nariz chegava a ficar vermelho de tão gelado. Algumas vezes, a mãe da Bruna, levava-nos (a pé) para a escola. No caminho, ouvia algumas histórias e contos de fadas. Eu gostava de ouvir as histórias.

Os dias de aulas na “escolinha do sítio” com as professoras Sônia, Teresa, e Camila, despertaram os sonhos de uma menina, e muitos medos também. Pelo menos três situações, me marcaram profundamente: um dia que esqueci a lição de casa e chorei copiosamente, um seminário no segundo ano, quando eu travei e não consegui dizer uma palavra sequer, e um dia que a professora deu para cada aluno dar uma aula. Quase matei meus colegas de tanta lição na lousa. Acho que para mim, era muito mais gostoso o escrever na lousa, do que realmente passar alguma lição. Escrever na lousa era muito gostoso.

Minha ida para a escola, em dias de chuva, no meio do barro, com botas, debaixo do sol, com sombrinha, me deram persistência, e valor aos longos anos escolares. Isso acabou me tirando um pouco das atividades do sítio e me envolvendo cada vez mais nos livros, no encantamento com as letras. Das vezes que eu ficava na roça, as lições eu sempre colocava em primeiro lugar. Talvez por isso, eu tenha feito o mestrado. Mas, até hoje ajudo meu irmão nas atividades do sítio, quando posso. Minha infância acabou em lousinhas e caixas de giz. Ficava atrás dos trabalhadores do sítio para ensinar a escrever, traçar as letras, desenhar. Era fascinante. Tinha um senhor que tinha uma chácara do lado do sítio, chamava-se “Nho Dito”, um senhor bugre, cheio de “causos” que dizia “Menina, nem adianta. Eu não tive nem um minuto de escola” ele não queria nem me ver na frente com a lousa e o giz. Para ele fiquei como a “professorinha”.

Das lembranças de escola primária, me traz ainda saudade o cheiro das duas salas de aulas, do pó da estrada que pairava nas carteiras, da hortinha nos fundos da escola, do parquinho com pula macaco descascado pelo tempo, dos pedriscos da entrada. Uma “escolinha” mesmo.

E, na vida simples e rotineira do sítio, parece comum a ideia de que todo bairro se constrói no entorno de uma igreja, ou a igreja se enreda no meio do bairro. No meu não foi diferente. Tínhamos uma rotina quanto a isso. Os dias que íamos para a igreja do bairro, a do São Sebastião, participávamos do grupo de canto e organização das festas. Aos poucos nos distanciamos. Deixamos de frequentar a igreja como fazíamos antes. Mas fiz minha primeira comunhão depois de dois longos anos de catecismo, com aulas aos sábados, e com um livro cheio de regras e orações para decorar para a chamada oral da semana seguinte. Havia algumas atividades diferentes, que eu gostava, tinha desenho, cruzadinha, isso era legal. Mas, percebi que sabendo rezar ou não, decorado os mandamentos ou não, todos faziam a primeira comunhão. Depois, viria a Perseverança, outro cursinho preparatório para agora, a Crisma. Parece que todo esse arsenal de obrigações, rituais me fez abandonar a igreja. Sentia que as crianças da minha idade frequentavam por obrigação mesmo, *status* talvez.

Até hoje não fiz mais nenhum desses cursos. Até revi alguns conceitos quanto a isso. Hoje eu diria que sou uma católica-espírita. Adoro ler os romances espíritas e partilho de algumas ideias desse grupo. Raras vezes, raras mesmo, vou a uma missa. E para mim, isso não me faz diferente de quem às frequenta. Quer dizer, faz sim, depende do ponto de vista.

É curioso pensar como alguns caminhos tendem a nos levar para outros inesperados. Uma menina que repensou algumas coisas sobre o ir a igreja, estudou a temática no mestrado. Sem contar também outro caminho, mais inesperado ainda: minha mãe, benzedeira. Nos anos 2000, conhecemos um benzedor, o “Seu Chico” da cidade de Socorro, e tivemos o privilégio de conviver alguns anos com ele. Afetuoso, cauteloso, sábio tanto sobre as coisas dessa vida quanto da outra, sabia dos remédios, das raízes, sempre ajudou todo mundo, e nos trouxe outra realidade. Passou sua missão para minha mãe quarenta dias antes de morrer. Ele sabia disso. Foi mais um motivo de reviravolta, não nas nossas crenças, mas no que diziam sobre nós: feiticeiros, macumbeiros, abandonaram a santa igreja.

Foi assim, que a menina do sítio, “moleca”, foi crescendo, aprendendo a dar valor as coisas da vida, a lutar pelo que queria, e por fim, terminou seus estudos na cidade. Como todos os anseios dos adolescentes da minha época, ao finalizar o ensino médio, uma faculdade. Eu fazia uma certa cara de paisagem quando os professores perguntavam, porque eu sequer tinha decidido o que fazer. Mas, de uma coisa eu falava. Ser enfermeira talvez, principalmente pelo fato de não ter horror às coisas ditas nojentas. Pois é, mas a vida prega cada peça. Aos poucos fui percebendo que não era bem assim, como um dia em que meu irmão chegou com a mão toda sangrando, com um corte enorme feito pela picadeira de capim. Quase desmaiei por ele. Pensei em fazer qualquer outra coisa, quem sabe ser professora, como desejava quando criança.

Fiz o Enem, sem muitas pretensões. Tive uma boa nota, e me inscrevi para o Prouni. Claro, em algumas outras opções, e Pedagogia assim de canto, uma opção remota, sugerida até pela minha mãe. Minha primeira opção falhou. Na segunda fui convocada e comecei em 2009, na Universidade São Francisco, seriam quatro anos de estudo, que se passaram rápidos, eu seria professora. Meu primeiro ano de faculdade foi marcado pela morte do meu pai. Tempos difíceis.

Das minhas experiências na graduação, apareceu a Fátima. Professora da disciplina de História da Educação. Trouxe a oportunidade da iniciação científica, e creio que foi com ela, meus primeiros passos de pesquisadora, juntamente, com minha irmã (de mães e pais diferentes), a Karla. Pesquisávamos a constituição do segundo Grupo escolar da cidade de Bragança, e para isso, pensamos na história dessa cidade. Consultamos no acervo de pesquisa

da universidade, os almanaques e jornais antigos... meu fascínio por estes materiais só aumentava. Aliás, devo confessar que o acervo de pesquisa, sempre me pareceu um lugar incrível, desses dos contos, um mundo pra ser desbravado, cheio de surpresas, uma caixa antiga, com algumas teias de aranha, “cheiro de guardado”, mas com muita, muita coisa pra ser vista. Foi a Fátima, que me ensinando a arte da pesquisa, e as coisas da vida, que me apresentou à Paula, quem depositou tamanha confiança em mim. São professoras as quais estimo muito. Muito mesmo. Assim, comecei a iniciação científica, sob orientação da Paula.

Na iniciação científica, trabalhei com uma revista católica, chamada “O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette”, publicada pelos padres saletinos a partir de 1917. Nosso objetivo foi analisar a ação educativa destes padres por meio dessa revista. Foi emocionante pegar pela primeira vez naquela coleção, virar as páginas tão finas, de grafia diferente. A história da aparição de Nossa Senhora numa montanha para duas crianças é impressionante e eu desconhecia. Tudo isso me motivava. Foi uma escolha fazer iniciação, e foi também uma escolha seguir este caminho de pesquisa. Igreja Católica e educação? Como assim?

A Pedagogia me mostrou outro mundo. Tive professores que estão vivos dentro de mim: o Waldemar e sua filosofia, a Ester e a moralidade infantil, a Giovana e a arte de alfabetizar, o Duja e seu super crânio sobre a legislação, o Duglas e a profundidade da ciência! Bons tempos. Foi na Pedagogia também que dei meus passos seguintes como professora. Particpei do PIBID, um programa de iniciação à docência, em que aprendi o lado burocrático da coisa, o conviver com os alunos e seus pais (parece mais conveniente chamar de responsáveis mesmo, já que família reunida, só na Doriana!), com outros professores, a diferença que uma equipe faz e o que o amor dessa equipe pode fazer. Então, o sonho daquela menina com a lousa, transformara-se. Enfrentei uma sala de 4ª série, da professora Fátima Albano (alguém que eu amo muito, e que me ensinou a viver na escola e a amar os alunos), depois um 2º e 3º ano. Suei, tremi (literalmente), ensinei e aprendi, com estas turmas e com todo o pessoal da escola. Decepionei, enfrentei, inventei... afinal, “mestre não é sempre quem ensina, mas quem de repente aprende” (nosso lema no PIBID).

E os quatro anos de faculdade, passaram-se mais rápido que se pensava. Sempre estive lá, fosse debaixo de dias chuvosos, lamacentos, cheios de poeira, frio. E meu irmão também, pois era ele que me levava até à USF. Há quem diga que o diploma é dele. E, eu não discordo.

No final do ano de 2012 fiz a seleção para o mestrado na USF. Foi um final de semestre agitado e cheio de mudanças. Passei na seleção, e entrei no programa, sem saber direito o que seria da minha vida. Muita mudança em pouco tempo. Apostei todas as fichas no curso. Preparei um projeto com a professora Paula e consegui ingressar no Mestrado com

bolsa da Capes. Sempre gostei de estudar. Cursar as disciplinas foi uma tarefa árdua, somada ainda às apresentações de trabalho e publicação. Mais árduo ainda, foi a pesquisa com as fontes, quando se começa a caminhar mais sozinho, embora tenha sempre a figura do seu orientador junto, indicando leituras, despertando o olhar, animando quando tudo parece desestimulante no ambiente acadêmico. E é essa figura do orientador, a pessoa com quem se cria um laço de amizade, cumplicidade e companheirismo que abraça as suas ideias compreende até os seus devaneios, que te ajuda a crescer como pessoa e como pesquisador. A professora Paula Leonardi foi e sempre será para mim um exemplo de caráter e de pesquisadora.

Apesar dos percalços do caminho, e ter novos orientadores, também de muita competência, a amizade persevera, e o conhecimento construído permanece e o crescimento continua. E, como escreveu Marc Bloch: “Evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia”.

Assim, essa minha trajetória de vida, de estudante, pesquisadora, professora, sempre estive permeada pela educação, o que me mobiliza até hoje.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa situou-se na área da história da educação, com ênfase no entrecruzamento de temáticas relativas às congregações religiosas, à educação, evangelização e à construção dos espaços e sociabilidades na cidade. O foco foram as práticas educativas e evangelizadoras centradas na construção da devoção a Nossa Senhora da Salette no Brasil pelos Missionários de Nossa Senhora da Salette – congregação francesa fundada em 1852 na França e que enviou um missionário para o Brasil em 1902.

Nesta introdução, abordam-se o objeto de estudo, as questões de pesquisa, as fontes utilizadas e apresenta-se a estrutura do trabalho.

Convém pontuar que o interesse em desenvolver essa investigação emergiu durante atividades de pesquisa que tiveram início na Iniciação Científica, de agosto de 2011 a dezembro de 2012, realizadas no Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, no campus de Bragança Paulista - SP, sob orientação da professora Paula Leonardi. Tomamos como objeto de estudo a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*¹, entre os anos de 1917 até 1921. A primeira data marca o início da publicação e, a segunda, o período que conseguimos alcançar no quadro de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada em dois anos. Realizar essa pesquisa de Iniciação Científica favoreceu um novo olhar sobre a educação, que ultrapassa os muros da escola, visto que educação pode ser entendida nas relações entre as pessoas, na socialização entre os sujeitos, nas mais diferentes instituições, e não somente na escola². Pudemos perceber que os discursos e memórias construídos e divulgados por meio deste periódico endereçaram esforços de divulgação de um modelo de mulher, mãe e professoras, tendo como eixo condutor a mensagem da Salette. É interessante notar que trata-se de uma história que começou com uma Congregação formada por homens, mas que foi encarregada de difundir um ideal de mulher, de feminilidade na figura de Maria

¹ Para referenciar a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, utilizaremos nas citações dos excertos, somente as suas iniciais: OMNSS.

² As atividades de Iniciação Científica foram realizadas primeiramente como aluna voluntária, durante agosto de 2011 à setembro de 2012. Depois, como bolsista CNPq durante os três meses finais do ano de 2012. Análise e avanços dessa pesquisa de IC foram apresentados em eventos da área: 19º e 20º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo (Siicusp), realizado nos anos de 2011 e 2012; no 18º, 19º e 20º Encontro de Iniciação Científica da Universidade São Francisco, realizado respectivamente no *campus* de Campinas, Itatiba e Bragança Paulista no mês de maio de 2012, 2013 e 2014. No Encontro de 2012 obtivemos a premiação de melhor apresentação oral na área de Humanas. A apresentação da pesquisa em tais eventos permitiu dialogar com diferentes pesquisadores e ensinar novas perguntas e direções a este trabalho.

(LEONARDI, 2011).

Sobre a escolha específica deste objeto de estudo, ela se deu perante a trajetória de pesquisa da professora Paula Leonardi que tivera contato com a congregação em sua pesquisa de pós-doutorado³ na qual colocou em comparação duas congregações femininas e duas congregações masculinas, analisando sua instalação e desenvolvimento na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Neste momento, em contato com suas fontes e com a permissão dos padres saletinos, trouxera de Marcelino Ramos (RS), local onde está instalado o seminário e escola apostólica, a coleção completa da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, dos anos de 1917 até 1928. A coleção foi arquivada no Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHER) na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e emprestada temporariamente para o acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), da Universidade São Francisco, *campus* Bragança Paulista.

O trabalho de análise das fontes e discussão da temática foi fortalecido pelo vínculo desta pesquisa com outros dois projetos de pesquisa: o projeto temático “Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional no Brasil (1840 – 1950)” financiado pela FAPESP (Processo n. 2011/51829-0) e o projeto “Educação e Relações Sociais na História” (Edital Universal CNPq – Proc. 475168/2011-9). O primeiro aborda a imigração de congregações religiosas para o Brasil, no final do século XIX e em meados do século XX. Este projeto temático propõe examinar o lugar social das congregações católicas, o aumento da circulação das congregações no sentido Europa-Brasil e a constituição de outras aqui no País se deram no período de construção do Estado Nacional. O segundo projeto é desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Infância, História e Educação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, *campus* Itatiba/SP, sob a coordenação do Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Júnior. Com este projeto, foi possível digitalizar a nossa fonte primária, com qualidade. A digitalização foi realizada no acervo do CDAPH, com o scanner adquirido com a verba do projeto. As imagens da Revista foram reunidas em documentos de PDF pesquisável, divididos ano a ano. No escaneamento, privilegamos fazê-lo em escala cinza, a fim de que o arquivo não ficasse muito pesado. Preservamos algumas páginas em cores, como algumas capas iniciais. Foram digitalizadas todas as páginas, contando desde a capa, folhas de rosto, páginas em branco e páginas textuais. Ao realizar a digitalização da fonte, objetivamos

³ LEONARDI, Paula. **Práticas internas e ofertas de bens de salvação pela educação em Congregações Católicas: questões de gênero.** Relatório de Projeto de Pós-Doutorado, 2011. 161p. Relatório.

preservar o material e, sob autorização dos padres saletinos, divulgá-lo a fim de difundir a fonte de pesquisa e torná-la mais acessível.

1 O Problema e as Questões de Pesquisa

Ao analisar as práticas educativas de uma congregação religiosa, no contexto social, político e cultural da virada do século XIX para o XX no Brasil, contribuiremos para maior compreensão sobre a presença da Igreja Católica atualmente no Brasil e sua sobrevivência ao longo dos anos, daí a necessidade de se investigar as conexões entre o Estado brasileiro, a Igreja Católica, a modernidade liberal e o caso da Congregação da Salette nesse contexto.

O pressuposto foi o de que as divisões de tarefas entre as congregações que adentravam o território brasileiro no período utilizavam diferentes formas de educar para além da forma escolar (LEONARDI, 2010).

Sabe-se que a criação de colégios era uma forte estratégia das congregações. Mas, pesquisas recentes indicam a necessidade de compreender as congregações religiosas em seu percurso a fim de apreender sua relação com a realidade local e as diferentes formas de educação/evangelização das quais lançaram mão ao longo de sua história diante da impossibilidade de criarem colégios ou escolas (LEONARDI, 2010). Essa pesquisa se insere nessa perspectiva entendendo educação em sentido amplo e não somente ligada à educação escolar. Além disso, procuramos trabalhar com a questão da “circularidade cultural”: relacionamento circular entre culturas, de influências recíprocas, tanto de baixo para cima, como de cima para baixo, entre classes dominantes e classes dominadas (GINZBURG, 1987). Com isso, é possível pensar na circularidade entre culturas, entre uma congregação francesa fundada em meados do século XIX, vinda para o Brasil no começo do século XX e seu contato com a cultura brasileira. Mais que uma relação de adaptação à nova realidade, há de se pensar nas relações e intervenções dos sujeitos com o meio social, com vista o seu controle social e moral.

As questões norteadoras são: Como estes padres tentaram universalizar a imagem da Salette, vestida como os camponeses locais de um local específico da montanha na França, para o Brasil? Como teria se dado a construção dessa imagem e dessa devoção? Como a congregação francesa estruturou suas formas de educar/evangelizar à nova realidade

brasileira? Quais práticas e modelos eram desenvolvidos e divulgados no interior da Revista? Como lidaram com a política da Igreja para a América Latina e com o Estado laico no Brasil? Qual a contribuição desses padres para a educação e sociedade brasileira?

Ao procurar responder a essas questões, interessa, ainda, compreender de que forma a Congregação dos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salette atuou com a tríade: recordar, imitar e pregar no Brasil (LEONARDI, 2010), no começo do século XX, frente ao avanço da secularização⁴, à política ultramontana e às determinações do Concílio Plenário da América Latina (1899) na proposta da reconquista católica. Para isso, tomamos como ideia central a tese de Paula Leonardi (2010), que considera que uma congregação estrutura suas práticas educativas com fins de sua edificação. Práticas que englobam: a recordação centrada na produção de memória da instituição e que perpassa todas as atividades da congregação; a pregação e evangelização, constante formação do sujeito; e a imitação, que consiste na prescrição de modelos oferecidos para a educação dos membros da congregação e para os leigos. Essa tríade imprime certa forma de comunicação entre os religiosos entre si, com a Santa Sé e com os fiéis. A fim de compor a memória coletiva e regular a memória individual, cria-se e recria-se constantemente uma memória, ensina-se como se utilizar dela para seguir os exemplos dados como modelos a serem imitados (LEONARDI, 2013).

Para a construção da devoção a Salette no Brasil, os padres saletinos fundaram os santuários, a escola apostólica e a Revista. A Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* era e continua sendo até os dias atuais um veículo de pregação no qual a memória e a imitação estão presentes. Trata-se de uma estratégia educativa, pertinente ainda mais na construção de uma nova devoção, num país diferente da sua origem, como foi o caso dos padres saletinos franceses no Brasil. A palavra impressa e a imagem colaboraram para o intercâmbio entre as culturas (GINZBURG, 1987). Então, a questão inicial desta pesquisa desdobra-se em outra: para a construção da devoção a Salette, o que é recordado, imitam-se quais modelos e o que se prega? Estes três aspectos foram analisados conjuntamente.

⁴ Conforme Catroga (2004) as ligações linguísticas entre século e secularização vem de *saeculum* (de *secus* ou *sexus*) e que liga com geração, sexo, tempo de governo, geração. No Império Romano, com a cristianização, entendeu-se secularização como um tempo mundano por oposição a outro, o sagrado. Para este autor, a modernidade é o processo de secularização. O cristianismo passou a usar o termo secular para separar tempo mundano do tempo sagrado.

2 As Fontes de Pesquisa

Para atingirmos nossos objetivos, empreendemos a análise das fontes: *O Mensageiro de N. S. da Salette*, revista publicada pela congregação a partir de 1917 no Brasil, as regras da Congregação datada de 1858 e seus desdobramentos, a sua Constituição e Costumário de 1905, e os livros escritos e divulgados por alguns padres saletinos, como Barrete (1976), Fassini (2001, 2005), Schlewer (1999) e Rovani e Schio (2003).

Analizamos a coleção da Revista *O Mensageiro de N. S. da Salette* a partir da sua primeira publicação, janeiro de 1917, até dezembro de 1928. Compõem a coleção cinco volumes encadernados, em capa dura, nas dimensões de 23 x 15 centímetros, e um volume referente aos anos 1919 e 1920, xerocopiados em preto e branco, encadernados em espiral, com as páginas abertas, sendo então duas páginas por folha e com capas de plástico. Cada volume reúne dois anos de publicação. Importante pontuar que o trabalho de encadernação dessas Revistas denota, demarca uma proteção e uma intencionalidade de produzir uma memória. Sobre o recorte temporal, convém destacar que privilegiamos esse período pelo fato de a coleção estar completa até esta data, e para além disso, percebemos uma intencionalidade ao se conservar a Revista, de 1917 até 1928. A primeira data marca o seu início de trajetória em 1917, depois em 1918 o lançamento da pedra fundamental do santuário no Rio de Janeiro, 1927 a inauguração desse santuário e 1928 a criação da escola apostólica em Marcelino Ramos (SP). São eventos importantes ao longo desse período e que requer atenção. Conservar essas Revistas, em capa dura, é também conservar essa história, trajetória da congregação. Com isso, utilizando-se como fonte principal essa Revista, procuramos analisar as práticas educativas dos padres missionários no Brasil.

Nas regras da congregação, “*Constitutions et Coutumier de L’Institut des Missionnaires de la Salette*”, pudemos perceber alguns pontos principais que norteiam este tipo de documento, como: a natureza da congregação, seus fins, as características dos seus membros, as atividades obrigatórias e diárias, a organização hierárquica da congregação. Esses elementos se tornam importantes em nossa observação para melhor compreendermos a trajetória dessa congregação.

Escolhemos analisar os livros escritos e publicados pelos cinco padres saletinos, já citados, por apresentarem em seus escritos detalhes sobre os processos de verificação e afirmação sobre a veracidade da aparição.

Padre Eugene G. Barrete, em sua obra, “Uma pesquisa nas origens e na evolução do carisma dos missionários de Nossa Senhora da Salette” (1976), resultado de um trabalho de conclusão de curso em Espiritualidade na Universidade Gregoriana, faz um levantamento sobre os primeiros passos na origem da congregação e a dificuldade em se declarar quem foi o fundador. Nas escritas de Barrete, sobressai a aparição como elemento fundador da congregação. Contudo, ele coloca em nota, a exaltação ao Bispo Felisberto de Bruillard, que reconheceu a aparição e autorizou a devoção em 1852, e, por conseguinte, fundou a Congregação. Ao que nos parece, a imagem da aparição por si só não sustentaria a fundação dessa congregação. Foi preciso enfatizar a ação de um homem, do poder hierárquico, o Bispo local, para dar legitimidade à sua existência.

Padre Ático Fassini, em sua obra “**Salette**: pequena história de um grande acontecimento” (2005) e “Crônicas de uma missão” (2001), apresenta em detalhes os aspectos da aparição, da população local, do santuário. Sobretudo no livro “Crônicas de uma missão”, padre Fassini aponta as idas e vindas dos missionários pelo Brasil, mas não aponta maiores explicações sobre alianças locais. Nestes livros, a imagem principal oferecida ao leitor é a de missionários semeando a santa palavra da Aparição.

O livro do padre Marcel Schlewer, “**Salette**: opção pela vida” (1999) trata-se de uma obra que salienta repetidamente os detalhes da aparição, recordando-os inicialmente, e faz uma releitura da mensagem da Salette à luz das palavras da Bíblia, convencendo o leitor de que o ser humano é um peregrino, porque não tem uma morada definitiva na Terra, e por isso a submissão à mensagem da Salette se torna ainda mais importante.

O livro dos saletinos Presentino Rovani e Adilson Schio (2003), “**O Romeiro da Salette**: História e mensagem de Nossa Senhora da Salette – orações e cantos do povo de Deus” recorda a história da aparição, a mensagem da Salette, aborda algumas orações e cantos (como um manual) considerados pertinentes para todos os romeiros, devotos da Salette. É possível perceber que o trabalho de Rovani e Schio se direcionou para as famílias, para a promoção da imagem de Nossa Senhora como a “reconciliadora dos pecadores”.

Pontuamos ainda, que os livros dos padres saletinos, datados em fins do século XX, são releituras da história da congregação, feitas em outro momento e contexto diferente daquele do século XIX.

E, ainda em nossa lista de fontes de pesquisa, utilizamos também o documento “*Actas y Decretos del Concilio Plenario de la América Latina*”⁵, editado pela Tipografia Vaticana

⁵ Utilizarei nas citações apenas “*Actas e Decretos... 1906*” para referenciar o documento.

(1906). Dentro do projeto de recatolização da sociedade, a Igreja realizou o primeiro Concílio Plenário Latino Americano que reuniu em Roma, na sede do colégio Pio Latino Americano, os bispos de doze países da América Latina nos meses de junho e julho de 1899 (ROUX, 2014). A convocação foi dada pelo Papa Leão XIII em 25 de dezembro de 1898, por meio da Encíclica “*Quum Diuturnum*”. O Papa almejava que dessa reunião conseguisse estabelecer a “unidade da disciplina eclesiástica” (LEÃO XIII, 1898).

Ao todo, na reunião do Concílio, foram realizadas 9 sessões solenes e 29 congregações gerais até a clausura e encerramento em 9 de julho de 1899, data em que em Roma celebra a Solenidade dos Prodígios da Santíssima Mãe de Deus. Deste Concílio resultaram dois documentos. As *Actas* “Ao clero e ao povo da América Latina”, informando as ações da reunião, e um segundo documento, constituído pelos “Decretos do Concílio”, que estão divididos em 16 Títulos (AQUINO, 2012). Esses Decretos, conforme Roux (2014, p. 39, grifos do autor)

[...] servieron como una especie de código de derecho eclesiástico latinoamericano antes de que Benedicto XV promulgara en 1917 el *Codex Iuris Canonici* (CIC), cuerpo legislativo único para toda la Iglesia católica de rito latino que se convitió en un instrumento más del proceso de romanización.

Essa reunião do Concílio marcou uma nova fase para a Igreja Latinoamericana, favorecendo o projeto de romanização. Este Concílio Plenário tratou também de uma recordação aos párocos sobre as abordagens e indicações do Concílio de Trento (1545-1563) e Vaticano I (1869-1970).

Detemos-nos, principalmente, nos títulos IX e X dos Decretos, pois neles são dadas as orientações sobre a doutrina cristã, como: a pregação, o catecismo, a ação dos catequistas rurais, dos missionários do povo e os exercícios espirituais, os livros de oração, os livros de leitura católica, os periódicos católicos, os escritores católicos, as censuras nos livros, e ainda, aponta para a educação católica da juventude, com capítulos sobre as escolas primárias, as escolas secundárias, as Universidades. O Decreto do Concílio recomenda a difusão de livros católicos, pois são consideradas obras de grande alcance. É nesta direção que os padres saletinos seguem com a publicação da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, apresentando aos leitores condutas, normas, práticas educativas da e pela memória.

2.1 Arquivos e fontes para a História da Educação

Le Goff (1990) afirma que a história, enquanto conhecimento do passado, não é possível sem que se recorra a vestígios, traços, monumentos. Trabalhar com documentos é atender para o fato de que todo documento é verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Portanto, o historiador deve investigar as condições de produção e mostrar em que medida o documento é instrumento de poder. Como aponta Bloch (2001, p. 79), é necessário fazê-los falar, pois os documentos “[...] não falam senão quando sabemos interrogá-los. Naturalmente, é necessário que essa escolha ponderada de perguntas seja extremamente flexível, suscetível de agregar, no caminho, uma multiplicidade de novos tópicos, e aberta a todas as surpresas”, considerando que o conhecimento do passado é algo que se aperfeiçoa, e se constrói. Estivemos atentos a isso ao longo dessa pesquisa com a Revista, com as regras e com os livros produzidos pelos padres da congregação.

Cruz e Peixoto (2007, p. 258) destacam que:

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Khoury, Peixoto e Vieira, (1989) salientam que os registros, os documentos, e as fontes impressas são uma parte do real, e não o real, visto que são produzidos segundo determinados interesses e valores, e por isso, a necessidade da investigação, da problematização, em recuperar vozes e dar voz aos que foram silenciados, reprimidos. Disso, decorre ainda a formulação de registros a serem utilizados na pesquisa, métodos que permitam uma análise minuciosa das intencionalidades do documento, e de todas as demais relações imbricadas nele:

Pensar a produção de conhecimento histórico como aquele que é capaz de aprender essa experiência vivida por sujeitos ativos que problematizaram sua própria existência implica elaborar procedimentos que permitam recuperar essa problematização colocada pelos agentes do passado, a partir das questões que o presente coloca ao pesquisador. Nisto consiste a problematização (KHOURY; PEIXOTO; VIEIRA, 1989, p. 38).

Com isso, entendemos que problematizar é dar voz aos sujeitos históricos e aos documentos.

Em relação ao recorte temporal, Bloch (2001, p. 150) alerta que:

[...] o recorte mais exato não é forçosamente o que faz uso da menor unidade de tempo – se assim o fosse, seria preciso então preferir não apenas o ano à década, mas também o segundo ao dia. A verdadeira exatidão consiste em se adequar, a cada vez, à natureza do fenômeno considerado.

Neste trabalho, fazemos um recuo no tempo. O recorte temporal foi de 1917 até 1928, contudo realizamos um recuo até o Império, para melhor analisar e compreender as relações existentes entre a Igreja, sociedade e educação. E, avançamos até a década de 30 para melhor compreender as relações da Igreja com o Estado, bem como a própria atuação da Igreja compondo e estruturando uma modernidade católica, em meio aos movimentos modernos e não em contraposição à eles.

Por isso, estudar a totalidade dos fatos não significa reproduzir a história de uma Igreja tradicional ou o documento, nem falar tão somente da história oficial, mas dos emaranhados de contradições, tensões e conflitos existentes nas relações humanas, numa quebra de linearidade, visto que a história é construção, movimento, processo. Desta forma, segundo Bloch (2001, p. 75), “[...] o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. Neste sentido, a história é a ciência dos homens no tempo, sendo então seu objeto de estudo, os próprios homens (BLOCH, 2001). Deve-se considerar a própria subjetividade humana, na forma como o homem se percebe no mundo em relação às outras pessoas. Assim, a Revista, fonte principal dessa pesquisa, foi aqui tomada como um veículo por meio do qual os padres empreendem seu trabalho evangelizador/educativo.

Nesse sentido, procuramos apreender os indícios, os vestígios deixados por uma congregação religiosa. Os pormenores que podem ser a primeira vista, irrelevantes, mas que trazem mais que algumas pegadas de um tempo, trazem também vozes silenciadas, rastros apagados, impressões que não são examinadas. Ginzburg (1989) considera os fios da pesquisa como fios de um tapete, numa trama densa.

Diante disso, o referido autor (2007, p. 13) não dispensa, tal como Bloch, o estudo sobre o que é considerado como falso, porque o falso pode revelar ainda intenções de produção que se relacionam com a vontade de quem escreveu e com o momento vivido. E, quanto aos historiadores, ele afirma que “[...] têm como ofício alguma coisa que é parte da

vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo” (GINZBURG, 2007, p. 14). Contudo, não será o caso de determinar esse entrelaçamento, mas verificar como a devoção a Salette foi construída e transplantada para o Brasil.

Como a Revista se insere, privilegiadamente, no começo do século XX, é importante relembrar que este momento foi marcado por um grande número de publicações de revistas, de diferentes gêneros que buscavam “agradar a diferentes leitores” naquele contexto social:

A chegada do século XX parecia anunciar mais do que uma simples mudança no calendário; trava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração (LUCA, 2005, p. 137).

Fernandes e Kuhlmann Jr (2012, p. 565), apontam que o uso de fontes impressas requerem certos cuidados principalmente no que se diz a sua constituição, a sua dimensão cultural, e articulação com uma história mais ampla. Desta forma, o estudo específico do impresso deve considerar que a publicação é parte de algo mais complexo e “não é um mero reflexo das relações sociais, mas componente delas”. Assim, estudos em História, estudos com periódicos impressos, necessitam de uma larga pesquisa sobre a temática; domínio de bibliografias e do rigor conceitual: procedimentos teórico-metodológicos e inserção do objeto no contexto sociocultural da época.

Lage (2013, p. 36), sobre o século XIX destaca que

[...] a imprensa constituiu-se como o principal veículo de comunicação, principalmente nos meios urbanos [...]. o papel da imprensa laica foi fundamental para fazer circular as ideias anticlericais, liberais, republicanas e socialistas. Por outro lado, a Igreja Católica também expandiu o seu ideário utilizando jornais impressos. A imprensa era o lugar de exposição das contradições ideológicas e, por isso, torna-se uma importante fonte de pesquisa sobre o pensamento do período [...].

Os impressos implicam em sua materialidade, determinada organização que objetiva determinados fins. De acordo com Luca (2005, p. 125), “as revistas em especial foram pólos aglutinadores de propostas estéticas [...]”. Os movimentos políticos, sociais e culturais

utilizaram das revistas como instrumento de luta e meio de divulgar seus manifestos. Diante do exposto, a autora destaca que “os conceitos de lugares e redes de sociabilidade, geração e cultura política constituem-se importante gralha de leitura para compreender as formas de organização e ação dos intelectuais” (LUCA, 2005, p. 125). Assim, as recomendações estéticas, culturais e científicas estão imbricadas aos aspectos sociopolíticos, que merecem olhar atento do pesquisador.

Luca (2005, p. 139) aponta também para a historicização da fonte, que requer análise sobre as condições técnicas de produção vigentes; a averiguação da escolha da técnica de produção de determinado impresso e o porquê; compreender o processo de abandono das técnicas artesanais para o emprego racional dos recursos, utilização de maquinaria, material tipográfico, interesses lucrativos. O trabalho do historiador deve atentar para o fato de que a imprensa escolhe o que é digno de se chegar ao leitor, assim ela “seleciona, ordena, estrutura e narra”, cabe à ele fazer uma “análise do discurso” para problematizar a narração do acontecimento veiculado pela imprensa.

Nóvoa (2002, p. 31), refere-se à imprensa como meio de veicular intentos educativos:

A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre teoria e prática, entre os projectos e as realidades, entre tradição e a inovação... São características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o carácter fugaz e polémico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia.

É a partir, principalmente da Revista, que procuramos melhor conhecer as realidades educativas empreendidas pela Igreja. A sua publicação no Brasil parece que intentava contribuir para a expansão, unificação e homogeneização da ação da Igreja na região.

Diante do desafio de um Estado brasileiro secularizado, da abertura e vinda de novas congregações e novas religiões, da constituição republicana brasileira que ampliou as possibilidades de culto, casamentos civis etc, os padres saletinos direcionaram um modelo de educação, por meio da Revista e santuários, cristalizando alguns enunciados e dogmas, em que impera a recordação da memória da congregação, a imitação da imagem de Maria em Salette dentre outras, e a pregação da “Verdade” católica. Portanto, a Igreja Católica se reorganiza frente o desenvolvimento da secularização e laicização presente no século XIX, se

estendendo para os anos seguintes, com novas formas de atuação, em periódicos e também em santuários, evangelizando e educando as pessoas, como discutimos mais adiante.

3 Igreja Católica e Educação: Estado das Pesquisas sobre Colégios e Revistas Católicas (2003-2013)

Quando iniciamos as primeiras pesquisas sobre o uso de um periódico católico como fonte de estudo, nos deparamos com a pouca existência de trabalhos nessa direção. A escassez deste material apontou para a grande existência de pesquisas que tomam por objeto de estudo, os colégios católicos, como já anunciou Leonardi (2012). Realizamos o levantamento dos trabalhos publicados nos últimos dez anos (2003-2013) que tem como objeto de estudo “colégios católicos” e “revistas católicas”. Foi possível perceber que o interesse maior de pesquisa permanece sendo sobre os colégios católicos.

A discussão proposta, nesta parte, foi comparar e avaliar as pesquisas que envolvem as temáticas “colégios católicos” e “revistas católicas” nos últimos dez anos (2003-2013). O levantamento foi realizado a partir do banco de teses do portal CAPES, da Biblioteca digital da Unicamp, da USP, UNESP, UFU e PUC. Realizamos, também, a busca por artigos publicados em algumas revistas especializadas: *Revista Brasileira de História da Educação*, *Revista Educa*, *Revista Rever*, *Revista Horizonte*, *Cadernos de História da Educação*, *Revista História da Educação*, *Revista HISTEDBR*, e buscas no Google Acadêmico⁶. Sobre as revistas católicas, selecionamos 29 publicações, sendo 21 estudos em revistas científicas, 1 livro, e 7 pesquisas entre dissertações e teses. Em relação aos colégios, selecionamos 94 publicações, sendo 40 estudos divulgados em revistas científicas e 54 pesquisas entre dissertações e teses.

As palavras-chave utilizadas para o levantamento de trabalhos sobre revistas foram: impresso(s) católico(s), revista(s) católica(s), periódico(s) católico(s), jornal católico. Para os colégios, as palavras utilizadas foram: colégio(s) católico(s), escola(s) católica(s), escolas confessionais. Para este levantamento, não selecionamos trabalhos publicados em anais, embora saibamos que há muitos resultados se essa busca se fizer.

⁶ Além das revistas apontadas, a consulta ao Google Acadêmico revelou outros resultados esparsos. Ao longo do texto outros nomes de revistas aparecerão em função dessa consulta.

Sabemos que essa busca não esgota as possibilidades de encontrar trabalhos dedicados ao estudo de colégios e revistas católicas. Entretanto, considerando o contraste no total de trabalhos encontrados sobre colégios e sobre revistas, notando os locais de publicação desses estudos, como e com quais fontes foram produzidos, quais são as ordens e congregações mais estudadas, essa seção do trabalho indica algumas tendências e procura discuti-las.

3.1 Indícios a partir dos dados

Como já apontado, a partir do levantamento de publicações de pesquisas, foi possível perceber que o interesse maior de pesquisa permanece sendo sobre colégios católicos.

A distribuição dos 29 trabalhos encontrados sobre revistas católicas ao longo dos anos teve seu maior número de publicações em 2006 e 2010, quando atingiu, respectivamente 5 e 7 ocorrências. Já os trabalhos sobre colégios católicos dentre os anos de buscas, 2003-2013, foram encontrados 94 trabalhos com a temática. O ano de maior incidência de publicação de pesquisas foi 2003 (12) e 2012 (13) e o menor em 2010 (4).

Olhando os dados mais de perto, diferenciando as teses e dissertações dos artigos, temos o seguinte: sobre as revistas católicas é possível perceber que a publicação de artigos (21 ao todo) foi bem maior que a de teses e dissertações, com apenas 7 resultados, e um livro. Já sobre os colégios, a situação se inverte. Os dados apontam 54 publicações entre teses e dissertações, e apenas 40 para os artigos. Apenas em 2010 e 2012 o número de artigos sobre os colégios foi maior que o de teses e dissertações. Em 2013, artigos e dissertações tiveram os mesmos números (4).

Em relação aos locais de publicação das pesquisas, foi possível observar que dentre as escassas publicações, as revistas científicas que listamos para focar a pesquisa (excetuando-se as que apareceram no google acadêmico) aquelas que mais divulgaram trabalhos sobre revistas católicas foram a *Revista Brasileira de História* (2) e a *Revista Brasileira de História da Educação* (2). Nas revistas *Rever*, *Horizonte*, *HISTEDBR* e *Educa*, pertencentes à lista de buscas, não foram encontrados resultados.

Já as revistas científicas que mais publicaram trabalhos sobre colégios católicos foram a *Cadernos de História da Educação* (6), *HISTEDBR-online* (7) e a *Revista História da Educação* (3). No Google acadêmico, foram encontradas outras pesquisas, em revistas

diversas como por exemplo: *Educação em Revista*, *Revista História*, *Série-educação*, *Revista Brasileira de História da Educação*, dentre outras.

Quanto ao local de desenvolvimento de mestrados e doutorados sobre os dois temas encontramos apenas um trabalho sobre revistas católicas na Unicamp, UFSCAR, UNESP, UFRGS, UFPR, Universidade Federal de Sergipe e de São João Del-Rei.

Sobre os locais de desenvolvimento dos trabalhos sobre colégios, o levantamento aponta para os maiores índices no banco de teses e dissertações da Universidade Estadual de Campinas (6), na Pontifícia Universidade Católica (12), e na Universidade Federal de Uberlândia (13). Assim, a escolha da temática “colégios católicos” sobressai como objeto de estudo em teses e dissertações.

3.1.1 Análise e discussão: O foco das pesquisas sobre revistas católicas

De modo geral, estudos sobre revistas católicas endereçam para a investigação dos sentidos do educar proposto pela Igreja Católica, quais as leituras autorizadas pela Igreja, qual a atuação do clero na sociedade, e também que função tinha a imprensa na sociedade brasileira, monárquica, e depois republicana.

É interessante ressaltar que, durante o levantamento dos trabalhos sobre as revistas encontramos uma gama variada de revistas, não necessariamente vinculadas a uma congregação, mas também editadas por leigos ou padres seculares responsáveis por paróquias. Dentre aquelas dirigidas por leigos encontramos 10; produzidas por bispos, padres seculares ou dioceses, 11; produzidas por congregações religiosas, 8. Lembrando que foram selecionados 29 trabalhos, podemos perceber que a ênfase dada nas pesquisas se concentra nas revistas produzidas e criadas por padres seculares ou leigos.

Das pesquisas sobre as revistas católicas que mencionam como pano de fundo uma congregação, podemos elencar seus nomes:

QUADRO 1 – Revistas Católicas

Congregações citadas	Periódico
Missionários Filhos do Coração de Maria	Ave Maria
Ordem dos Padres Palotinos	Rainha dos Apóstolos
Redentoristas	O Santuário
Congregação Mariana dos Moços (leiga)	Jornal A Ordem
Ordem dos Capuchinhos	Jornal Staffetta

Quanto aos estudos de revistas editadas e dirigidas por leigos, o foco são os intelectuais católicos. Esse é o caso de estudos que privilegiam ou citam as revistas *A Ordem* (RODRIGUES, 2005), ou do estudo de Campos (2010) que abrange as revistas *Alvor* (1935-1936), *A Cruzada* (1926-1931), *O Luzeiro* (1937-1939) e *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes* (1934-1954).

Encontramos, também, pesquisas com análise de revistas católicas escolares, publicadas pelos Colégios São José e Santo Inácio (CHAVES, 2010). Em tais pesquisas, o objetivo da autora foi analisar quais os valores, comportamentos e atitudes produzidos e expressos por tais periódicos, neste caso, sem analisar a história da congregação. Relacionando ainda a área escolar com a imprensa católica, é possível encontrar pesquisas sobre a formação docente presentes nas páginas dos jornais católicos que circularam no Brasil e em Portugal, como foi o caso do jornal *Novidades* (MAGALDI, 2010).

Um ponto muito comum nas pesquisas deste levantamento é a hipótese e afirmação de que os jornais católicos e as revistas eram utilizados pela Igreja como forma de disseminação dos ideais ultramontanos, como estratégia de intervenção da Igreja nas disputas pelo campo educacional, ideológico e político na sociedade brasileira. A maior parte situa seu objeto de estudo nos séculos XIX e XX, momento em que a Igreja Católica, a partir da sua reestruturação e política reacionária ultramontana, endereça novas estratégias de evangelização aos povos ao mesmo tempo em que se dissemina a imprensa. Entretanto, essas pesquisas restringem sua análise ao nível local, sem fazer relações com a política mais ampla da Igreja Católica, como por exemplo, a ligação com o documento resultante do I Concílio Plenário da América Latina, realizado em 1899 em Roma. Dentre outras determinações, as *Actas do Concílio* (1906), incentivam a publicação de boletins e revistas católicas (AQUINO, 2012). O que demonstra que o início do século XX, é marcado pela estratégia católica de veiculação de seus ensinamentos por meio também da imprensa, além dos já consolidados

colégios católicos do século XIX.

Além disso, cabe destacar que alguns dos estudos aqui analisados, em geral, não fazem uma apresentação (material e simbólica), mesmo que breve, dos periódicos estudados (AMARAL, 2003; CAMPOS, 2010; RODRIGUES, 2005).

3.1.2 Análise e discussão: O foco das pesquisas sobre colégios católicos

É possível observar que alguns trabalhos assumem os colégios católicos como objeto de estudo, e utilizam de uma revista católica, livros de matrícula, crônicas e manuais como fontes. Como, por exemplo, o caso do trabalho de Amaral (2003), que estuda os desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas, e utiliza como fonte a revista católica diocesana *A Palavra*. Encontramos ainda, pesquisas comparativas, sobre colégios católicos e colégios públicos, ou privados laicos.

Os colégios mais estudados são das seguintes congregações: Maristas (7), Salesianos (6), Congregação Nossa Senhora de Sion (5), Congregação do Sagrado Coração de Maria (3), Irmãs de Chambery (3) e Jesuítas (2). As demais 68 pesquisas versam sobre congregações diversas e o recorte temporal prevalece no século XX.

Nestas pesquisas sobressaem, por exemplo, a discussão sobre a formação oferecida pelos Maristas em seus colégios, como é o caso da pesquisa de Gatti Jr e Silva (2003). Outro enfoque de pesquisa está na análise sobre as relações pedagógicas na conformação dos corpos femininos, presentes nos estudos sobre os colégios Nossa Senhora do Patrocínio (FERREIRA, 2003), Colégio Madre Clélia de Adamantina (TOFOLI, 2004), e Escola Confessional Santa Gertrudes, estudado por Lira e Souza (2012). É foco de análise ainda, a construção de determinado colégio para a educação da elite feminina, como foi o caso do Colégio Nossa Senhora de Lourdes em Aracaju, foco dos trabalhos de Costa (2003) e também de Berger (2004). Interessante citar a pesquisa de Amaral (2010) que considera o Colégio Gonzaga, criado pelos jesuítas na cidade de Pelotas, como importante instrumento na disseminação da ideologia católica junto aos alunos.

Entretanto, cabe destacar que esses estudos pouco se aproximam da história das congregações que mantém esses colégios. Nesse sentido, é importante lembrar que a Igreja Católica não pode ser tomada como um bloco monolítico. As determinações da Santa Sé

chegam até congregações variadas que possuem carismas e missões diferentes, que (em sua maioria) aportaram em outro país e se transformaram, modificando, também, suas práticas. Assim, apontamos a necessidade de olhar para esse objeto com “diferentes lentes”, do macro ao micro e vice-versa (GINZBURG, 2007). Para o caso das revistas a mesma observação se faz válida: olhar para as revistas no quadro das novas determinações do Vaticano para a América Latina, a partir do I Concílio Plenário, e indagar de que forma receberam essas orientações e como as colocaram em prática no Brasil lançaria novas luzes sobre as relações Igreja e educação no Brasil.

A partir desse levantamento, enfatizamos a importância desse trabalho, com a fonte inédita, uma revista católica, e com a direção que tomamos: o uso da Revista, da imprensa para melhor compreensão do projeto educativo da Igreja e da construção de uma nova devoção no Brasil.

Este trabalho contribui para o campo de investigação da História da Educação. Ressaltamos assim, que na tradição dos trabalhos sobre congregações católicas foi possível identificar que os estudos pouco avançam, ainda, para além dos colégios católicos, da cultura desses colégios, dos documentos escolares. A partir desse levantamento pontuamos essa permanência na tradição de pesquisas. Há portanto, um campo amplo de estudo ainda, e em nosso caso, estudar as estratégias educativas da congregação não se restringe ao trabalho do ensino, da forma escolar, o que garante uma perspectiva mais ampla que o ensino escolar, e outras possibilidades de leitura sobre Igreja e Educação.

4 Organização do trabalho

Esta dissertação está organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo faz uma apresentação sobre as origens da congregação, sua trajetória e o contexto da época.

No segundo capítulo investigamos de que forma a imagem de Maria em Salette foi sendo construída pelos padres saletinos a partir da sua aparição em 1846. Considerando que a devoção é francesa, originária das montanhas francesas, interessou compreender quais as ligações feitas entre a cultura francesa e a cultura brasileira do começo do século XX, quando o primeiro saletino foi enviado ao Brasil. Para isso, utilizamos dos estudos sobre as aparições marianas, sobre as designações sobre Maria como mulher, mãe, e investimos na análise das

fontes para a compreensão desse processo de construção da imagem dentro e por meio da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, e estudos publicados pelos padres da congregação: Barrete (1976), Fassini (2001, 2005), Schlewer (1999), Rovani e Schio (2003).

No terceiro capítulo, realizamos uma análise dos aspectos materiais e simbólicos da Revista *O Mensageiro Nossa Senhora da Salette* e abordamos os discursos presentes em suas páginas. Com isso, nosso foco nesta parte do trabalho foi a análise da estrutura da Revista, que imprime certa forma de educar o leitor e direcionar a sua leitura (textual e visual), dos discursos e práticas educativas que influenciaram na atuação dos missionários na construção do culto a Salette no Brasil, no começo do século XX. Desta forma, procuramos abordar de forma mais incisiva as práticas do recordar, imitar e pregar no discurso apresentado na Revista. A Igreja utilizou-se de um veículo de comunicação a seu favor, para a produção de imagens do ser ideal, e para a difusão em grande escala de uma nova imagem para devoção, imbuída de novas práticas educativas apontadas pelo projeto ultramontano da Igreja Católica.

Por fim, apresentamos conclusões que apontam para algumas sínteses e possíveis encaminhamentos de pesquisa, as referências utilizadas ao longo do trabalho e os anexos.

CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DA CONGREGAÇÃO

1.1 A Narrativa da Aparição de Uma “Bela Senhora”

A narrativa da aparição de Salette foi descrita minuciosamente na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*. Maria foi caracterizada como uma “senhora”, de “estatura elevada”, “de encantadora beleza”, uma pessoa envolta por “dupla aureola de glória” (OMNSS, jan. 1917, p. 4).

De acordo com o padre Fassini (2005) em seu livro, o pequeno município francês de *La Salette*, onde aconteceu a aparição, fica escondido entre as montanhas dos Alpes, na aldeia do Cantão de Corps, aproximadamente a 70 quilômetros da Diocese de Grenoble. Segundo ele, o pequeno município é formado por outras pequenas aldeias aos pés do Monte *Planeau*, que tem 1800 metros de altitude. Na época da aparição, 1846, a população local era composta por cerca de 700 habitantes formada por agricultores e pastores. Dos anos de 1845-1846, a população foi empobrecida pelas más colheitas do trigo, das batatinhas e outros produtos agrícolas. Instalou-se na região a fome, a miséria, as doenças, e a mortalidade infantil. Mas, na sua visão, tratou-se ainda de uma chamada crise “de ordem moral e religiosa” na França:

A indiferença, o ateísmo, o anticlericalismo e o materialismo marcavam a sociedade francesa da época. A maior parte do povo de La Salette sofria a influência dessa realidade. Esquecera o caminho do Evangelho. Não participava mais da comunidade eclesial. Blasfemava, culpando Deus pelas calamidades que o atingiam. Não respeitava mais o Dia do Senhor e a Quaresma. Não dava mais lugar à oração em sua vida. As consequências dessa situação pesavam na vida da população (FASSINI, 2005, p. 11-12).

Os padres Rovani e Schio (2003, p. 14), recordam que quem governava a França na época da aparição era o Rei Luiz Felipe que trouxe no seu governo a perseguição contra os operários, a ascensão da burguesia e as diferenças econômicas, “era uma sociedade dividida em classes”, onde a base era os pobres e as grandes propriedades estavam nas mãos da burguesia. Os pobres eram os pequenos comerciantes, os agricultores, os operários e as suas crianças trabalhavam cuidando do gado, nas indústrias ajudando suas famílias. Outro aspecto abordado pelos padres era a distinção entre as classes:

Nesta sociedade dividida em classe, o que distinguia os ricos dos pobres era a maneira de se vestir. As mulheres pobres usavam toucas, enquanto as damas da sociedade usavam chapéus. A instrução escolar era fraca, muitos nem conseguiam ir para a escola, por terem que trabalhar. A maioria nem sabia ler e a língua que falavam era aprendida em casa. Havia muitos dialetos no país (ROVANI; SCHIO, 2003, p. 15).

Como se nota, estes padres já salientam em seus textos as características propícias para a aparição da Salette no pequeno povoado francês. Padre Schlewer (1999), destaca que Maria em Salette assinala a crise agrícola vivida na França e culminada na Revolução de 1848.

Maria experimenta até o mais profundo de si mesma, a angústia dos homens e mulheres de 1846, que veem o trigo transformar-se em pó, as batatinhas se estragarem, as nozes apodecerem, as uvas se arruinarem. Maria não pode suportar a grande fome da humanidade (SCHLEWER, 1999, p. 58).

Para este saletino, no caminho da Reconciliação, o homem precisava assumir os conflitos, abandonar o individualismo do mundo paganizado, e permanecer crente:

Maria sublinha a dimensão teologal da conversão, sua dimensão de comunhão com a eternidade: rezar pela manhã e à tarde e mais ainda, participar da eucaristia dominical sem zombar da religião, participar da Quaresma e viver um elã apostólico. Mas antes de assinalar esse aspecto de coisas, ela nos convida a assumirmos, como nossa, sua preocupação por causa da grande fome e da mortandade infantil, arranjando os montões de trigo e as batatinhas indispensáveis (SCHLEWER, 1999, p. 70).

O apelo à conversão vem por meio de Maria. Na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, em seu primeiro número publicado no Brasil, a história da aparição começa a ser contada:

E' a Salette communa rural do departamento do Isère, no sudeste de França. Um dos cumes alpestres que se lhe erguem no território, o monte Sous~les~Baisses, situado numa altitude de 1.800 metros, foi theatro do *facto maravilhoso* que vamos succintamente narrar.

N'um sabbado de temporas, 19 de Setembro de 1846, véspera da festividade de N. Sra. das Dôres, duas creanças, Melania, de 15 anos, e Maximino, de 11, juntos guardavam naquellas alturas os rebanhos de Baptista Pra e Pedro Selme, seus patrões, pequenos proprietários de uma aldeia da Salette. Após a refeição do meio dia adormeceram os pastorinhos sobre a relva, a poucos passos um do outro. Ao despertar, depois de haverem avistado, do alto de um montículo próximo, as vaccas que deviam apascentar, desciam a eminenciasinha para se juntarem a ellas, quando, chegada á meia-encosta, Melania percebeu, no próprio lugar onde havia estado, um *globo luminoso*

mais brilhante do que o sol. Sem tardança, chama a pastora a atenção do companheiro para o estranho fenómeno. Enquanto os dois o contemplam, entreabre-se o globo luminoso, e deixa que se lhe veja no seio *uma senhora* (são as próprias palavras dos videntes) assentada sobre pedras dispostas em tosco banco, os cotovellos apoiados nos joelhos, o rosto occulto entre as mãos como que *abatida por grandes maguas* (OMNSS, jan. 1917, p. 03, grifos nossos).

Chama-nos a atenção neste excerto a expressão “facto maravilhoso” para descrever a aparição. Junto a ela, observamos a ideia de uma passagem marcante, que todos os povos deveriam conhecer. A adjetivação revela a posição tomada pelo escritor (não identificado), sua adesão, e crença convincente ao fato que narra e também a ação de convencimento ao leitor. Mais adiante, quando a aparição se revela às duas crianças, dentro de um “globo luminoso”, no texto, a expressão que a acompanha, “mais brilhante que o sol”, envolve a imagem na esfera da sobrenaturalidade.

A narrativa da aparição trazida pela Revista aponta para o sentido da evangelização e da missão dos padres aos povos. O detalhamento da aparição e o olhar de Nossa Senhora para Roma parecem reafirmar a política de romanização:

Pois bem! meus filhos, haveis de communicar-o a todo o meu povo. Foram suas ultimas palavras. Agora, a gloriosa Visitante, cercada pelos videntes, que a admiração e o amor prendem irresistivelmente a seus passos, sóbe lentamente sem tocar o chão, nem mesmo curvar as pontas da relva, o monticulo, ao qual, ha pouco, tinham subido os pastores, procurando o gado. *Pouco antes de attingir o cúme, para, eleva-se metro e meio acima do solo, a face voltada na direcção de Roma.* Assim suspensa, levanta os olhos ao céo, abaixa-os para a terra. Só neste instante cessa de chorar; em seguida, começa a desaparecer, a derreter-se, como diziam os meninos. Durara a apparição mais ou menos meia hora (OMNSS, fev. 1917, p. 4, grifos nossos).

Esse detalhe é instigante. O olhar da Salette para Roma parece ainda uma súplica às autoridades eclesiásticas para a realização dos seus pedidos. Aliás, um processo, que se mostrou ao longo dos anos, turbulento na Igreja. Esse elemento presente no discurso de 1917 consta novamente na narrativa do ano de 1921, na comemoração de bodas de diamante da aparição, quando retomam e relembram a aparição, com seus detalhes:

Um pouco antes de chegar ao fim, a Senhora detem os passos, eleva-se cerca de um metro a meio, e com a face voltada para o lado de Roma. Assim distante do sólo, levanta os olhos ao céo, e os abaixa novamente para a terra, Foi nesse momento, tão somente, que a Visitante deixou de chorar: ao depois começou a apagar-se dissolver-se disseram as proprias creanças (OMNSS, set. 1921, p. 324).

Na narrativa de setembro de 1928 quando se comemorava o 82º ano da aparição, novamente é recordada as lições da Salette, a sua mensagem, seus valores e também se repete esse elemento do discurso: olhar voltado para Roma. Contudo, a impressão é que trata-se de um elemento na narrativa que, embora curioso, não possa ser discutido, até porque nada foi comentado a respeito, como nos demais aspectos (vestimenta, fala, local, videntes).

Outro aspecto pertinente são as palavras dos “videntes” sobre a aparição, designada como “uma senhora” utilizada para se referir aquela figura emblemática, surgida dentro de um globo luminoso, mas que ganha a conotação de uma figura humana, de aparente idade, mais experiente, “uma senhora” que deveria ser respeitada.

O artigo de 1917 sobre a aparição na Revista anuncia ainda:

No entanto a Aparição se levanta, retira o rosto as mãos que esconde nas largas e compridas mangas, cruza o braço direito sobre o esquerdo, e dá alguns passos para os pegureiosinhos, dizendo-lhes: *Vinde, meus filhos, não tenhaes medo, eu estou aqui para vos anunciar uma grande nova.* A estas palavras, de doçura infinita, os videntes se adiantam, confiantes, para a Senhora, e tanto se lhe aproximaram que, disseram, não poderia uma pessoa passar entre Ella e elles. Assim, postos a seus pés, são todos olhos para considerar, ouvidos para escuta-la. Observam que Ella chora, que é de estatura elevada, e que seus traços, de encantadora beleza, respira tristeza, bondade, magestade. Traz na cabeça um toucado branco, encimado por diadema fulgido, cuja base é cercada de rosas lucíferas, de variegado matiz. E’lhe o vestido, e igualmente ranço, pintalgado de pontos brilhantes, e recoberto, na frente, por um avental aurifulgente. Cruza-lhe no peito uma mantilha, branca também ella. Sobre seu coração repousa, suspenso do pescoço por uma cadeiasinha, uma cruz, de resplandecente Christo, e a cujos braços acompanham, a um, tenazes entreabertas, ao outro, um martello. Traz nos pés sapatos brancos, constellados de perolas, com fevelas de ouro, cercados de terceira guirlanda de rosas. Emfim, toda a sua pessoa está rodeada de aureola de gloria, cujo esplendor, comtudo, não atinge ao brilho de sua face (OMNSS, jan. 1917, p. 4, grifos dos autores).

Na extensão do excerto, é possível perceber o uso de adjetivos para caracterizar a “senhora”, e o excesso de minúcias para descrevê-la. A situação foi narrada de forma em que as crianças é que devem se aproximar da aparição, já que ela se fez notada. Fica subjacente que o pecador deve se reaproximar da salvação, tal qual a mensagem da Salette de reconciliação com seu Filho. A descrição das suas vestes revela o cuidado que se tem para que o leitor possa mentalizar, imaginar a aparição e seja mobilizado pelos efeitos simbólicos e mágicos do momento e da mensagem. O brilho a que a imagem é envolvida é caracterizado como “esplendor”, mas, pelas suas mágoas, não atinge sua face. Reafirma-se a reconciliação

com essa mulher, com essa senhora, abatida, aflita, amorosa, mas ameaçadora, ao mesmo tempo uma mãe que oferece a chance de salvação.

Si meu povo não quizer se submeter, serei forçada a deixar cair o braço de meu Filho, tão ameaçador está e tão pesado que não o posso mais suster. Ha quanto tempo eu padeço por vos! (1) Querendo que meu Filho não vos abandone, vejo-me obrigada a Lhe supplicar incessantemente, e vós! Vós não fazeis caso disto! [...] Seis dias vos dei para o trabalho, (2) reservei para mim o sétimo, e não quereis m'o conceder! Eis o que tão pesado torna o braço de meu Filho! Os carroceiros não sabem falar sem praguejar e sem envolverem nas pragas o nome de meu Filho! São estas duas cousas que tornam tão pesado o braço de meu Filho (OMNSS, fev. 1917, p. 1-2).

As publicações sobre a Salette ao longo dos anos apresentam permanências e acrescentam outros argumentos e reflexões. Segundo o discurso do padre Barrete (1976) a aparição da Salette aos dois pastorzinhos inundou o mundo de uma luz, e foi também uma intervenção carismática. Sua mensagem trazia um apelo à oração, ao arrependimento e a fidelidade bem como suas recompensas, referindo-se sempre ao povo infiel, queixando-se da profanação do domingo, dos palavrões e do estrago na colheita que seria provocado. Mas, se as pessoas se convertessem, pedras se transformariam em montões de trigo, as batatinhas seriam semeadas. Além disso, queixou-se sobre a falta de presença na Missa e do jejum na Quaresma.

Na visão de padre Schlewer (1999, p. 29), a expressão “o braço de seu Filho”, é uma “imagem chocante”, presente também da Bíblia que lembra que a salvação, vem do braço salvador de Deus, o braço crucificado.

A imagem do braço de Deus é uma imagem incontornável da revelação bíblica. Maria nos remete a ela e nos previne que o braço de seu filho pesa sobre os soberbos que se recusam submeter-se. Esse braço nos afirma o amor apaixonado e zeloso de Deus por seu povo. Deus não pode se resignar ao ver seus filhos sofrendo pelo que sobre eles recai por causa de sua recusa: a colheita estragada, a fome, a morte das crianças (SCHLEWER, 1999, p. 53).

Essa imagem chocante pretende ser fixada na memória. Assim, remete a outra imagem; a de uma tragédia, pela recusa do amor do Salvador, aquele que morreu crucificado, de braços abertos, a serviço de Deus.

Maria, em Salette, não pretende assumir para si a função de mediação, exclusiva de Jesus face ao pai. No entanto, uma vez que ela sustenta o braço de seu Filho, nos mostra que a humanidade é chamada a cooperar na tarefa de reconciliação realizada pelo Servo Sofredor. Maria, em Salette, nos

relembra que foi a primeira a colaborar com seu Filho: ‘Estou incumbida de suplicá-lo sem cessar. Há muito tempo soffro por vós’ (SCHLEWER, 1999, p. 55).

De acordo com Schlewer (1999) a palavra de Maria, a Virgem aparecida em Salette (e não outra mulher) anuncia, mais uma vez, Deus aos homens. Por fim, recomendou que a sua mensagem (de reconciliação) fosse transmitida a todo o povo. Conforme as descrições, suas palavras foram ditas em francês e, como as crianças não entenderam, ela falou no dialeto regional, o *patois*.

Os segredos foram confiados em francez. De novo se fazendo ouvir a ambos a Apparição continua no idioma do paiz: Si se converterem, os rochedos tornar-se-ão montões de trigo, e as batatas se semearão por si mesmas.

Depois pergunta aos pastores:

—Fazeis bem vossas orações, meus filhos?

—Não senhora, responderam ingenuamente, muito bem, não.

—Oh! meus filhos, continua Ella, e preciso que as façaes bem, de manha e a tarde; quando não tiverdes mais tempo rezae ao menos um Padre Nosso e uma Ave Maria, e quando puderdes, rezae mais (OMNSS, fev. 1917, p. 2-3).

Contudo, como apresentam os textos veiculados na Revista, os segredos confiados a Melania e Maximino, foram deixados em francês da mesma forma que o pedido de divulgação a todas as pessoas: “Pois bem meus filhos, haveis de communicar-o a todo o meu povo”.

A explicação sobre o uso do dialeto local e do francês, em nota de rodapé na Revista é assim posta:

Nossa Senhora bem sabia, desde o principio do discurso, que os pastorinhos ignoravam o Francez, mas queria, dando-lhes a occasião da repetir as palavras francezas cahidas de seus labios, dar mais uma prova da sobrenaturalidade do facto da apparição (OMNSS, fev. 1917, p. 2).

Num primeiro momento a imagem da Mensageira é apenas de bondade, de beleza, um ser iluminado. Nas sequências seguintes, que se delineiam ao longo das publicações mensais, a narrativa da aparição foi endossada, detalhada, e podemos perceber que outras características, começam a se formar e a moldar a imagem da Virgem, uma mulher mais determinada, firme, com propósitos, uma “enviada do Céu” para estabelecer comunicação com o mundo inferior, terreno.

Segundo a antropóloga Sales (2011, p. 71), as aparições modernas, conforme o padrão do século XIX “obtem legitimidade devido ao reconhecimento dos elementos simbólicos por

parte da população local”. Esse elemento é pertinente em nossa observação. Salette é uma Nossa Senhora que se assemelha com as camponesas locais, dos Alpes Franceses. Ela, em sua mensagem de pedido de reconciliação, utiliza dos exemplos e fatos locais para se expressar, além do *patois* da região para se comunicar com as crianças.

Si a colheita se estraga, e unicamente por vossa causa. Bem vol-o mostrei no anno passado, com as batatas; não ligastes importancia, pelo contrario, quando as encontraveis deterioradas, praguejaveis, empregando o nome de meu Filho! Ellas continuarão a apodrecer, e neste anno, pelo Natal, não haverá mais (OMNSS, fev. 1917, p. 2).

De acordo com Sales (2011), em sua pesquisa sobre as manifestações de Nossa Senhora ao vidente em Jacareí (SP) em fins do século XX, a exposição das condições políticas, sociais e religiosas locais nas aparições/relatos possibilitou que as declarações dos videntes fossem aceitas pela população local. Por isso, compreendemos que os elementos simbólicos no imaginário local são importantes para a legitimação da aparição, reconhecimento e aceitação pelos habitantes locais, como aconteceu também em Salette. Segundo Sales (2011, p. 71):

Há lendas, almas, feitiços, aparições em grotas, todo um imaginário do entorno das aparições que permite a sua aceitação pelos moradores locais. [...] Notamos a importância de duas características das aparições marianas: a preexistência de um imaginário que permite o reconhecimento e a aceitação das manifestações, e a formação de um padrão para as aparições de Nossa Senhora a partir da segunda metade do século XIX, ao qual a aparição deve se assemelhar.

A antropóloga pontua que as aparições do século XIX, sobretudo, Lourdes, La Salette e Poitmain, inauguram uma nova fase na história da Igreja, a das aparições marianas. Analisando os estudos da também antropóloga Albert Lorca, Sales (2011) observa a diferenciação entre os termos “aparição” e “visão”. Conforme seu estudo, no século XIX, as aparições são centrais no catolicismo, pois anterior a este século, só existiram visões, ou seja, manifestações de caráter particular a um sujeito e de proveito pessoal, enquanto as aparições são públicas e devem ser divulgadas, atraindo devotos e formando-se santuários nos locais em que elas aconteceram.

Na narrativa do padre Fassini (2005), é possível perceber a importância atribuída à explicação sobre a simbologia existente na imagem da Salette, e à identificação da sua imagem com o povo local:

Vestida como as camponesas da região, com avental, touca e lenço nos ombros, a Senhora parecia uma criada de família. Toda feita de luz, porém, trazia em torno da cabeça, sobre os ombros em torno da cintura e sobre o calçado, coroas de rosas multicores, como rainha gloriosa assentada em trono de pedra bruta, usada por pobres pastores. Ao mesmo tempo, carregava sobre os ombros ao longo da coroa de rosas, uma pesada corrente. Do pescoço descia outra corrente que suspendia uma cruz sobre o peito da Senhora. No braço direito da cruz havia uma torquês, e, no esquerdo, um martelo. A Senhora era extraordinariamente linda e, ao mesmo tempo, inteiramente integrada na simples realidade do povo da região. Bela da Beleza de Deus simbolizada na luz e nas flores. Solidária com a aflição de seu povo simbolizada nas correntes que a oprimiam. Torquês e martelo, instrumentos da Paixão do Senhor, simbolizavam por um lado, a opressão, a morte e o pecado, e, por outro, a libertação, a graça e a salvação (FASSINI, 2005, p. 20-21).

Desta forma, para Rovani e Schio (2003, p. 23) “o povo simples, camponês, se identificou com a Bela Senhora que apareceu às duas crianças, deixando-lhes uma mensagem: ‘Se houver conversão, tudo vai mudar’”. É diante disso, que os padres chamam Salette de reconciliadora, a reconciliadora dos pecadores. Para eles, tal mensagem sendo rica de expressões do Evangelho, “com jeito de profetismo” reafirmou a proposta de Jesus, a de transformação, a de salvação.

A autenticidade da aparição é constantemente trabalhada na Revista, lembrada, pormenorizada, embora os redatores imprimam que não é o objetivo abordar todas as provas da aparição, mas apenas algumas delas. Esse exercício de recordar aponta para a afirmação da verdade, mas também para a existência de conflitos em relação à aprovação do fato.

As questões sobre a aparição e sua veracidade, bem como as respostas presentes nos artigos, abordam, de forma didática, a fixação da verdade para o leitor, em questões que se desenrolam ao longo do texto, como: “Uma aparição realmente se produziu na Salette em 19 setembro de 1846?”, “Os pastores da Salette não foram enganados?”, “Os pastores da Salette não foram mentirosos?”. No discurso, é possível perceber a existência de uma construção dupla: entre a sobrenaturalidade e a aparição, e o contraste entre a realidade precária dos dois pastores e a complexidade do fato, da narrativa dos mesmos.

E seriam taes guardadores de gado, ignorantes e incultos, que teriam concebido a maravilhosa visão que descreveram, e que *recorda uma das mais bellas paginas do Evangelho, a da Transfiguração de Nosso Senhor?* E, na sua invenção, ter-se-iam encontrado de perfeito accordo com os maiores genios que as luzes da fé e da razão esclareceram, afirmando, conforme o ensino da theologia sobre as qualidades dos corpos gloriosos, que a Senhora que a elles se manifestou parecia ser toda de luz, que

absolutamente não projectava sombra, que se mantinha suspensa acima do solo, que parecia andar deslizando, roçando apenas a relva, sem lhe curvar a extremidade? *E teriam composto este discurso tão profundo, tão elevado, tão perfeitamente apropriado as grandes chagas moraes do nosso tempo, tendo tal cunho de inspiração sobrenatural, que aos olhos do sabio Mons. Guinouilhac, bispo de Grenoble, morto como arcebispo de Lyon, constituia por si só uma evidente prova da divindade da aparição?* (OMNSS, abr. 1917, p. 50-51, grifos nossos).

Já em relação a veracidade da aparição, colocando à prova não mais a fala das duas crianças, mas o fato em si, o discurso imprime na “Senhora” características da sobrenaturalidade divina:

Com effeito como apparecer de subito, num ponto de uma montanha, aberta de todos os lados, sem ser vista nella caminhando? como se introduzir no seio de um globo luminoso mais brilhante do que o sol, depois se mostrar rodeada por dupla aureola, como vestida de luz sem projectar sombra, deixando que se aperceba, através do corpo, a herva que por traz della se encontra? manter se suspensa a dez centimetros do solo durante meia hora; deslisar sobre a herva sem a dobrar? [...] Como enfim, fazer multiplas e importantes predicções que o futuro se encarregará de cumprir á risca? (OMNSS, jun. 1917, p. 81).

Esse exercício de mais argumentação por meio de perguntas impressas na Revista revela a construção permanente da devoção a Salette empreendida pelos padres, e a tentativa de articular respostas irrefutáveis.

Conforme o discurso presente na Revista, a aparição e mensagem da Salette foi considerada como uma “escola de Theologia Mystica”, uma ciência cujos princípios remetem aos degraus para a elevação espiritual. A Mensagem da Salette relembra as práticas cristãs que se referem ao primeiro degrau, que é a mortificação das más paixões pela penitência e oração, para o segundo degrau que exige a prática das virtudes cristãs, fortalecida pelos exemplos supremos de Jesus, de Maria e dos demais santos, e o último degrau que se dá pela união da alma com Deus possível através da caridade (OMNSS, maio, 1920, p. 52). Aqui, uma tríade sobressai no texto da Revista e se faz imperativa: “contemplai, reflecti, meditae sem cessar” (OMNSS, maio, 1920, p. 53), são exigências para a elevação espiritual e consideramos que se associam às práticas educativas do recordar, imitar e pregar, práticas que perpassam toda a congregação, com vistas a educação, a evangelização e a construção de um novo culto.

A construção de um novo culto, a divulgação da Maria da Salette não foi sem confrontos e disputas na França. A mensagem da aparição, que durara cerca de trinta minutos,

foi transmitida pelas duas crianças, ou “videntes” como são chamados na Revista, que voltaram para a casa dos patrões no povoado de *Ablandins*:

Naquela noite, o impacto no povoado de *Ablandins* foi enorme. Os moradores, alvoroçados, acharam conveniente falar com o Pároco. Entre eles se encontrava um funcionário da Prefeitura que se encarregou de levar tudo ao conhecimento do Prefeito Municipal de La Salette, o Sr. Peytard (FASSINI, 2005, p. 30).

Segundo este padre, o prefeito, no dia seguinte, interroga Melania e Maximino, tentando ameaçá-los, comprar o seu silêncio, não obtendo êxito na sua investida:

O prefeito determinou, porém, que no domingo seguinte, 27 de setembro, as duas crianças e o sargento de polícia o acompanhassem até o alto do Monte *Planeau*. Interrogados novamente sob ameaças, os videntes repetiram a mesma narrativa sem contradições (FASSINI, 2005, p. 32).

A mensagem da Salette é trabalhada na Revista, e comparada aos dados que se sucedem aos anos após 1846, mais uma tentativa de reafirmação que a aparição foi verdadeira e que suas previsões se cumpriram:

Ella annunciara que «o trigo seria comido pelos animaes, e que se reduziria a pó, quando malhado, ora, os jornaes da época assignalaram e descreveram o pictin ou molestia do colmo, que, em 1851 e 1852 atacou o trigo e causou enormes perdas na Europa inteira. Ella falára em *fome*: ora, segundo calculos baseados em dados exactos, a *carestia dos viveres* matou, no minimo, 250.000 pessoas na França, e 1.000.000 em toda a Europa, de 1854 a 1855. [...] Em 1847, grande mortalidade infantil reinou mesmo em Corps, terra natal dos zagaes, (1) e em 1847 numerosas creanças pereceram, nos cantões limitrophes, victimadas pelo cholera, complicado com suormaligno. [...] Assim as predicções da Salette se verificaram. Evidentemente não podem ter como autores dous zagaes. Logo, porque Maximino e Melania não representaram um papel, pois eram incapazes, quer de *o imaginar*, quer de *o sustentar* (OMNSS, maio, 1917, p. 66-67, grifos dos autores).

Percebe-se aqui, nas publicações no Brasil, a construção de explicações detalhadas a fim de transportar essa nova devoção para um país que desconhecia a realidade francesa do período. As duas crianças, desta forma, só poderiam ter falado a verdade, já que, considerados incultos, não teriam a capacidade de prever e argumentar tamanha realidade que se sucedera nos anos pós-aparição. Por isso, essa nova devoção (verdadeira) deve ser mais bem acolhida e aproximada das pessoas, lembrando sempre que “Tudo, na pessoa da Senhora, actos e palavras, é digno, grande, serio, nobre e bello” (OMNSS, jun, 1917, p. 82). É nesse sentido que “Salette não é uma nova doutrina, mas uma nova graça” (OMNSS, set. 1917, p. 123). Não

foi uma nova doutrina, porque já está dentro dos moldes oficiais da Igreja Católica, foi uma nova graça, pois a Aparição ofereceu ajuda e salvação aos povos imersos no pecado, nos males do mundo moderno.

Como observamos no livro do padre Barrete (1976), a congregação saletina foi fundada em Grenoble, em 1852, sendo em 1858 composta por missionários diocesanos, e em 1879, com 16 membros, foi erigida à Instituto Pontifício, pelo Papa Leão XIII, a partir do Decreto de Louvor dado por este mesmo papa. A aprovação romana foi dada somente em 1909, tendo suas Constituições aprovadas somente em 1926. Até o ano de 1976, a Congregação contava com cerca de 8 províncias, 3 vice-províncias e 3 regiões missionárias, e as residências estavam espalhadas por cerca de 15 países: Bélgica, França, Itália, Alemanha, Polônia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Madagascar, Angola, Birmânia, Filipinas, Suíça e Brasil.

1.2 Dimensões da Missão Saletina No Brasil

A chegada do primeiro saletino ao Brasil em 1902 abriu possibilidade para a expansão da Congregação no país⁷. As obras saletinas começaram em São Paulo, seguiram para o Rio de Janeiro e chegaram ainda no sul do Brasil. Segundo padre Fassini (2001), o primeiro saletino, padre Clemente Henrique Moussier foi recebido em São Paulo pelas irmãs de São José de Chamberry, as quais cederam o espaço para sua instalação e o exercício de atividades como capelão. É interessante observar, como salienta Leonardi (2011, p. 42), que “[...] as congregações femininas foram suporte para a constituição das masculinas, fosse em seu país de origem, fosse em país de missão [...]”.

O que conseguimos saber é que o padre Moussier havia tido algum contato com a madre superiora do Colégio de Sant’Ana, Madre Maria Virgínia Faraldi, a qual ofereceu espaço para os saletinos. As Irmãs de São José de Chamberry mantinham um pensionato no Alto Santana, atendendo à população dos arredores. Já tendo em vista essa possibilidade de instalação em São Paulo, conforme as fontes, Moussier realiza negociações com o então Bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, que acaba concedendo a direção da Paróquia de Santana e a capelania do Colégio das Irmãs. Desta forma, em 24 de agosto de

⁷Para melhor acompanhar o percurso da Congregação, ver quadro cronológico Anexo I.

1904, padre Moussier foi denominado, por um Decreto Episcopal, o pároco de Sant'Ana e capelão do colégio das irmãs. Posteriormente, com a chegada de outros religiosos saletinos, estes conseguiram novos postos de missões e capelania em cidades interioranas, como Jaú, Santa Cruz das Palmeiras, Campinas (FASSINI, 2001). O bairro de Santana em São Paulo em finais do século XIX era periférico, de características rurais, sem água, luz e esgoto, distante do centro da cidade e pouco povoado. Em 1904, padre Moussier, ao se instalar em Santana teve dois desafios, segundo padre Fassini (2001, p. 36): construir uma Igreja Matriz e evangelizar um povo indiferente. O padre saletino teve ainda as contribuições da “Família Baruel”, mas, nas fontes, não são citados os nomes específicos dos membros de tal família, nem que situação possuía na sociedade da época.

A construção da igreja paroquial em São Paulo começou efetivamente em dezembro de 1906, e inaugurada parte da obra em 26 de julho de 1908. As obras foram retomadas somente em 1914, quando, segundo padre Fassini (2001, p. 52), um “industrial de São Paulo”, que também não teve seu nome declarado no livro, ofereceu cem contos de réis para iniciar a construção de uma Capela dedicada a Salette no interior da Igreja Paroquial, e pagar o salário dos operários. O nome do benfeitor foi silenciado. O interior do templo foi inaugurado em 13 de abril de 1924. A permanência dos saletinos em Santana era duvidosa. Em 24 de agosto de 1921 foi feito um contrato entre saletinos e a arquidiocese de São Paulo para a permanência dos saletinos na direção da paróquia em Santana. Mas foi somente em 24 de março 1940, com o decreto “*ad nutum Sanctae Sedis*”, conforme o Ofício do Arcebispado de São Paulo seria criada a Paróquia-santuário de Nossa Senhora da Salette em São Paulo – bairro de Santana (FASSINI, 2001, p. 73). Em 1942 começam a serem realizadas as missas campais no local do futuro santuário, e em 21 de setembro de 1952, foi lançada a pedra fundamental da definitiva Igreja Matriz e Santuário.

Segundo padre Fassini (2001, p. 51), a comunidade saletina em São Paulo passava por grandes dificuldades já em fins de 1910. Mas, foi com a ida do padre Clemente Henrique Moussier para o Rio de Janeiro que despontou novas oportunidades e chances de expansão para a congregação. A ida para o Rio de Janeiro, até então, Capital do Brasil, estava permeada de grandes interesses. As negociações no Rio tiveram num primeiro momento, as intervenções da Irmã Virgínia, a superiora do colégio das Irmãs de São José em São Paulo, que colocou em comunicação os saletinos e o Cardeal Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. O primeiro interesse saletino no Rio já em novembro de 1910, foi assumir a direção da Paróquia de Copacabana. No entanto, como observamos na fonte, entre os próprios padres saletinos houve certo desentendimento e resistência em se instalar na

cidade do Rio de Janeiro. Quando decidiram, definitivamente aceitar a proposta, em março de 1911, o Cardeal informou já haver outro vigário em Copacabana. A segunda proposta foi então a paróquia de Santo Cristo dos Milagres, o que não entusiasmou os saletinos, já que teriam a concorrência com outras paróquias na região, a localização não era privilegiada. Os padres foram pressionados pelo então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, que “convocou” os saletinos a assumirem a tal paróquia (FASSINI, 2001, p. 98). Analisando as fontes, é possível perceber que nas negociações dos saletinos com o Cardeal e com o Bispo do Rio de Janeiro trataram de mais aceitação às ofertas do que discussão de propostas. Os saletinos em 1912 iniciaram as obras de construção do seu primeiro Santuário no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, num terreno adquirido no bairro do Catumbi. Em 1913, criou-se a paróquia e, ao longo dos anos, foi ampliando as construções, inaugurando o santuário somente em 1927, o primeiro da congregação no Brasil.

Em 1917, quatro anos após a criação da paróquia no Rio de Janeiro, os missionários publicaram a primeira edição da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* que era distribuída em todo o Brasil mediante assinaturas (OMNSS, jan. 1917).

A memória da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* conta que foi uma produção pensada pelos padres saletinos como uma contribuição para a realização do desejo de Nossa Senhora: “Pois bem meus filhos, haveis de comunicar a todo o meu povo”. Outro aspecto que favoreceu sua criação foi a pequena quantidade de missionários diante da ampla tarefa confiada pela Nossa Senhora da Salette. Portanto, a imprensa seria a maneira mais eficiente, naquele momento, para que as palavras da Salette fossem divulgadas a um número cada vez maior de pessoas. Se houve descontinuidades na construção dos santuários e na Escola Apostólica, a publicação da Revista foi mantida ao longo dos anos e segue até os dias de hoje.

A Revista foi anunciada como “[...] arauto de voz multipla e possante a fallar a todos das lagrimas, dos lamentos, das ameaças de Maria S. S. em sua Aparição, bem como a narrar os benefícios por Ella concedidos a propagar o seu culto e sua devoção” (OMNSS, dez. 1927, p. 511). Além dessa iniciativa, os padres saletinos já mantinham um Boletim na América do Norte, onde desenvolviam também suas atividades.

É importante destacar que o Conselho Regional da Congregação Saletina no Brasil havia pensado na publicação de um boletim paroquial já no ano de 1910, o qual não foi colocado em prática. Não encontramos as causas do fracasso. Somente em 1916, os missionários retomam o projeto do boletim, que logo foi mudado para uma publicação mensal, a referida Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*.

A administração da Revista estava localizada na Casa Paroquial da Congregação no Rio, sob os incentivos do padre Clemente Henrique Moussier, o primeiro saletino a chegar ao Brasil. O fundador da Revista, foi Padre Fidélis Willy e, por muitos anos, teve o Irmão Rafael Rozec como seu gerente. Por meio de tal publicação, o público leitor seria permanentemente doutrinado (FASSINI, 2001).

Notamos que à imagem da capa articulavam-se os artigos em uma sequência pré-estabelecida: a aparição, a mensagem da Salette, o relato, a narração de uma conversão (retomada dos sacramentos), a seção de graças alcançadas, uma poesia dedicada a Salette, um artigo endereçado a família ou a mulher, a seção de notícias locais e do mundo, as regras da Associação de N. S. da Salette e os avisos sobre as assinaturas e endereços para o pagamento da Revista.

Em relação ao conteúdo observamos também que houve uma gradativa passagem da figura da Maria saletina para a apresentação do santuário construído na França e, em seguida para o projeto de construção no Rio de Janeiro. Aos poucos, alimentando aquela sequência de artigos dita acima, somavam-se ao conteúdo a apresentação dos aspectos reduzidos da matriz no bairro do Catumbi (RJ) e que não atendia a todos os devotos, por isso se faziam necessária obras de ampliação e construção do santuário à Virgem da Salette. Para isso, foram estampadas nas páginas da Revista, pedidos de doações, prendas para bingos a fim de arrecadar dinheiro para a compra de materiais de construção.

Assim, questionamos em que medida a Revista mantida pelos saletinos contribuiu para a construção da memória coletiva. Nos estudos de Helenice Silva (2002), a memória é entendida como o instrumento do laço social, o que une as pessoas.

Na publicação de dezembro de 1927, no artigo intitulado “25 anos” foi lembrada toda a trajetória dos padres saletinos no Brasil. Com a rememoração dos 25 anos da presença da congregação saletina, o artigo foi finalizado com o almejo de cooperação dos devotos na construção do santuário no Rio de Janeiro e também alguns indícios de fundação de um possível colégio que permita a formação do corpo missionário: “esperançosos pois, das bodas de prata encaminhamo-nos para as bodas de ouro e para infindo porvir de apostolado salettense em a terra de Santa Cruz” (OMNSS, dez. 1927, p. 513). Essa prática se repete na Revista. As comemorações de aniversário da aparição sempre foi destaque no *Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, e as narrativas da aparição e o ímpeto dos missionários eram retomados, reintroduzidos para os leitores.

A relação entre a memória individual e o passado histórico está na mediação feita no tempo presente desta congregação. Assim, o que separa (e o que une) a memória individual e

o passado são os relatos dos ancestrais, dos fundadores que tentam reavivar o sentimento de pertença (SILVA, 2002). Relatos do passado nos quais se encontra a aparição de Nossa Senhora, constantemente rememorada e comemorada.

A rememoração é parte da ação de construção individual, do sujeito sobre o evento, sobre o fato em questão, no caso, a aparição da Virgem Maria. Já o objetivo da comemoração é a reapropriação do passado e o projetar-se em direção ao futuro, o devir (SILVA, 2002, p. 436). As comemorações dos acontecimentos demonstram que os fatos exercem uma função simbólica, que preserve o sentido comunitário daquela sociedade.

Em relação aos aspectos da organização da cultura dessa congregação, nos reportamos a Williams (1992, p. 207), que explica que não é uma ordem social que determina a cultura, mas as práticas culturais que contribuem para uma formação de uma ordem social. Era nesse setor que atuava a Igreja através dos saletinos e de sua publicação mensal. A cultura entendida como um sistema de significações é compreendida na sua totalidade, e também nas suas subjunções. Este autor pontua que para maior clareza, faz-se necessário distinguir os sistemas nas suas particularidades e ao mesmo tempo relacioná-lo com um sistema de significações mais amplo, o sistema social, as organizações sociais sistemáticas. Ele considera a cultura, como um grande sistema de significações realizado. Trata-se assim, de um processo complexo, que buscaria compreender instituições, obras, sistemas, práticas e estados de espírito. É nessa direção que abordamos também a Revista.

Assim, a certas formas de música e de pintura, ou a certos tipos de erudição e de *escrita* pode ser atribuída relativa autonomia dentro de uma ordem monopolista, por já serem internamente orientados para a reprodução dessa ordem, em seus termos mais gerais, ou internamente orientados pelo menos para não contradizê-la ou contestá-la (WILLIAMS, 1992, p. 218, grifo nosso).

Neste aspecto, a cultura, quando considerada um sistema de significações realizado, abre espaço para o “estudo de instituições, práticas e obras manifestamente significativas”, e, também, para “o estudo das relações entre essas e outras instituições, práticas e obras. A interpretação vigora nos dois sentidos” (WILLIAMS, 1992, p. 207-208). É nessa perspectiva que entendemos a construção da devoção no Brasil, pela via de inserção da mensagem da Salette pelos missionários e pela relação com a população local.

A publicação da Revista acontece num momento de grande efervescência de ideias, circulação de pessoas e culturas, pois na virada dos séculos XIX para o XX houve novas reordenações políticas, econômicas, sociais e culturais. Em linhas gerais, como pontua

Hilsdorf (2011), foram diversas as transformações que ocorreram no período de 1870-1920. Dentre elas, a remodelação do trabalho, de regime escravo para o livre e assalariado; o crescimento das indústrias, da urbanização, do proletariado urbano formado por imigrantes estrangeiros, nacionais, ex-escravos marginalizados; a circulação de novos pensamentos, como os positivistas e a defesa do cultivo das ciências modernas como condição para o progresso; a forte presença do capital estrangeiro: dos ingleses e depois norte-americanos; e o fim da monarquia e disputas pelo poder político.

O ano de 1917 foi marcado pela I Guerra Mundial, iniciada em 1914. As palavras impressas na edição de Janeiro de 1917 abordam este fato. A Revista viria num momento em que as pessoas precisavam de uma mensagem de quem traria a “proteção poderosa”, o conforto, o caminho a ser seguido, no caso, o de Nossa Senhora da Salette.

A história desta Revista começa na América do Norte com o título de “Annaes”, em seguida de “Boletim”, para difundir os ensinamentos da Salette e da Igreja Católica “aos povos de língua inglesa”

Infelizmente, mais do que em tempos idos, hoje se verificam as palavras do divino Salvador: A messe, na verdade, é grande, porém, os operarios são poucos. Bem cedo compreenderam os Missionarios que para melhor realizarem sua nobre missão, deviam recorrer ao poderoso auxilio da imprensa, unico meio de alcançar numerosas famílias e vastos paizes, onde deviam echoar as dolorosas queixas de Maria Santissima e suas salutare advertencias. Vieram á luz os ‘Annaes de N. S. da Salette’, tempos depois apareceu o ‘Boletim dos Padres Missionarios da Salette’, o qual, para occorrer a novas necessidades, se revestiu duma nova forma, e levou a boa semente aos povos de língua ingleza, particularmente da America do Norte. Hoje, o mesmo Boletim, com o nome de “Mensageiro de N. S. da Salette”, ambiciona continuar idêntica missão entre os povos de língua portugueza e particularmente na Terra de Santa Cruz (OMNSS, jan.1917, p. 1-2).

Nota-se que essa ação dos saletinos se inscreve na orientação dada pelo Papa Leão XIII no Decreto do Concílio Plenário. No Título X, Capítulo VI, por exemplo, “De los libros de lectura catolicay honesta”, foi expresso o crescente número de publicações, o seu caráter de grande alcance entre as pessoas de distintas regiões, e seu uso pelos “enemigos de la Iglesia [...] para derribar los dogmas de fe, los ejercicios de piedad, y los principios de la sana moral” (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 408-409). A partir disso, recomendou-se que os livros de pura doutrina, saudáveis para o espírito, fossem difundidos entre os católicos.

Ficou como incumbência dos párocos a orientação aos fieis sobre a leitura dos bons periódicos, bem como que cada província publicasse pelo menos um Boletim. É nítida a intenção de expansão dos periódicos católicos.

Por tanto, este Concilio Plenario exhorta á los eclesiasticos, y a los seglares catolicos dotados de las necesarias cualidades, á cultivar las letras, y á publicar con la aprobacion de los Obispos, obras, sobre todo de breves dimensiones, favorables á la religion y á la moral, es decir que las recomienden y alaben, y las inspiren por decirlo asi, á los lectores (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 409).

Recomenda-se que os escritos católicos devem abordar: moral, justiça, virtude e vícios, fé, verdades da Igreja. Para tanto, inicia-se que estudem a fundo os princípios e doutrina a fim de que se publique de forma eficaz, defendendo os “sagrados direitos da Igreja”.

A Revista se tornou também uma forte estratégia de sustentação financeira para as obras saletinas, e, além disso, uma estratégia para a divulgação e construção da nova devoção no país. Os objetivos da publicação do Mensageiro na sociedade da época são dispostos na página 2 do número de janeiro de 1917: 1. Espalhar a notícia da aparição; 2. Tornar mais patente a ação redentora de Nossa Senhora; 3. Divulgar e difundir as advertências salutares de Salette a um número maior de “christãos”; 4. Clamar ao povo a necessidade de praticar os mandamentos; 5. Fomentar obras que condizem com os fins da aparição; 6. Contribuir para que tudo “instaure em Cristo” (OMNSS, jan, 1917). Esses objetivos contribuem para a unidade dos preceitos católicos, bem como uma nova ordem social, submetidos à Igreja.

Sobre a criação e instalação da Escola Apostólica, no ano de 1927, o Pe. Saletino João Berthier, então Superior Geral dos Missionários da Sagrada Família, indica ao Conselho Regional dos Saletinos, o Estado do Rio Grande do Sul, onde ele já tinha dirigido e iniciado uma Casa de Formação neste local.

Conforme o livro “Crônicas” do padre Fassini (2001), o presidente do Conselho Regional, Pe. Fidélis Willy começou em abril de 1927 suas negociações com o Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira do estado de Santa Catarina, para a tentativa de instalação da escola. O lugar definido para as obras foi num vilarejo chamado Estação Uruguai, nas divisas dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em junho de 1927 foi enviado para Estação Uruguai o Pe. Saletino Agostinho Poncet, que, segundo padre Fassini (2001), não viu meios de concretização do projeto de instalação de uma escola. O vilarejo foi deixado em fevereiro de 1928. Já despontava para o padre Poncet, uma comunidade próxima, a de Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul. Essa vila era atendida até então pelos padres franciscanos, que tinham uma paróquia cerca de 40 km de distância dali. Em 2 de julho de 1928, conseguiram criar a Escola Apostólica. A escolha do local para a criação da escola se

deu devido a pouca concorrência com outras congregações e pelo fato do local ser habitado por grandes famílias rurais e atravessado por uma ferrovia, o que facilitava o trânsito das pessoas, embora fosse um local distante dos centros urbanos, outro fator importante, já que favorecia o afastamento do temido mundo moderno.

Conforme o Decreto do Concílio, Título X, Capítulo IV, “De las misiones para el pueblo y de los ejercicios espirituales”, as missões, e seus exercícios de meditações e exortações trariam o remédio eficaz contra os pecados, portanto: “Por esta razon los Sumos Pontífices, mas de una vez, han urgido á los Obispos á hacer que se den misiones em sua diócesis, para renovar en los fieles el espiritu de fe y de religion” (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 406).

As missões deveriam ser promovidas e frequentes nas dioceses. Além disso, no Título XI, capítulo III (p. 435), foi preconizada a evangelização às tribos que permanecem na “infidelidade”. A orientação presente no texto se reporta ainda aos indígenas que deveriam ser convertidos. Diante dessa tarefa, conclui-se na própria orientação, a necessidade de ajuda advinda das Congregações religiosas para socorrer o clero secular no trabalho de evangelização. Povos indígenas ou não, as congregações atuariam na conversão dos pecadores, na educação/evangelização das pessoas em geral.

Quanto ao Noviciado desta congregação, suas atividades tiveram início em 1923 no Rio de Janeiro, sendo transferido em 1929 para Marcelino Ramos, junto à escola. Essa mudança do seminário para o sul do Brasil se deu perante a grande concorrência com outras congregações que havia no Rio de Janeiro e pela falta de vocações, que finalizassem seus estudos, pois as desistências eram grandes (FASSINI, 2001). Conforme os estudos de Roux (2014, p. 41) a criação de seminários se propagou junto com as vocações. Eles exerceram função importante na romanização do clero, fortalecendo ainda o discurso apologético contra liberalismo, maçonaria e protestantismo.

Segundo Leonardi (2013) a Igreja Católica e as congregações religiosas deixaram marcas no decorrer do tempo, práticas e imagens para a construção da memória. A Igreja Católica é uma instituição que oferece uma educação universal, a partir das ideias de bem e mal, da sua moral, da propagação do Evangelho. As representações do bem e mal em imagens fazem parte de um projeto educativo cultural, político, estético, da e na memória.

A Congregação dos padres Missionários de Nossa Senhora da Salette se baseava nas orientações da Santa Sé para uma evangelização do povo ligada ao ultramontanismo e a romanização: doutrinação conforme o Catecismo, submissão à autoridade romana, o Papa, e desenvolvimento de uma educação moral do povo. De acordo com Custódio (2014, p. 94), a

restauração católica, ou ainda uma reforma interna da instituição católica, implantaria um catolicismo mais centralizado em Roma, portanto romanizado, e ultramontano, subordinado ao Papa. Essa prática uniformizaria as crenças, ritos e ações do clero conforme os de Roma, e estabeleceria a subordinação de todos os segmentos ao poder papal.

Segundo Serbin (2008, p. 79) “a romanização revigorou a Igreja institucional”, e ainda, nasceu diante dos esforços da Igreja em se manter em meio as grandes mudanças produzidas pelo mundo moderno. Para Roux (2014, p. 37), foi durante o pontificado de Pio IX (1846-1878) que o processo de romanização começou e intensificou. A partir de 1848 a crise política na Europa obrigou a Santa Sé a concentrar as forças católicas entorno de um único centro de irradiação contra o liberalismo revolucionário e anticristão. Curioso observar que a data que emerge o processo de romanização incide sobre o momento da aparição de Nossa Senhora da Salette (1846) e sobre os processos que deram origem à congregação posteriormente.

Em termos de devoção, o ultramontanismo era um movimento de amplas bases, em contato com as mais poderosas energias religiosas da época. Em termos doutrinários e institucionais, era estreito, agressivo e intolerante: “A piedade ultramontanista estava alcançando a uniformidade romana que Trento não conseguira impor. Mas a piedade ultramontanista não se limitava às transformações na liturgia. O culto a Maria floresceu [...]” (DUFFY, 1998, p. 226). Nesse momento a devoção a Salette foi cada vez mais difundida, juntamente com as demais aparições.

Na visão do padre Fassini (2001, p. 19):

Era preciso um renovado empenho missionário que, somado ao das antigas Ordens e Congregações presentes no Brasil, conduzisse o povo a uma segunda evangelização, decalcada das orientações do Concílio de Trento que ainda não haviam encontrado eco nos diferentes segmentos da igreja no Brasil. Doutrinação conforme o Catecismo Tridentino, liturgia adequada aos cânones, educação moral mais sólida para o povo, formação consistente para o clero e uma hierarquia estruturada segundo os padrões romanos, na obediência e plena comunhão com o Papa, eram os elementos indicativos implícitos, para a atuação missionária das Congregações enviadas ao Brasil naquele período. Esse ambicioso projeto pastoral foi posteriormente chamado de ‘romanização’ da Igreja no Brasil.

Essa “segunda evangelização” deveria deter as práticas populares de catolicismo, entendido como “[...] o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis” (OLIVEIRA, 1985, p. 113). De acordo com Lage (2013, p. 34): “o termo ultramontanismo

aparecia como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesma e a recusa do contato com as novas ideias”. Duffy (1998, p. 235) foi mais incisivo ainda: “[...] o ultramontanismo era uma forma de absolutismo”. Aceitava-se somente o catolicismo romanizado, as demais práticas deveriam ser extintas.

Num panorama sobre a América Latina, Mallimaci (2004) considera que a pluralidade religiosa é uma característica da modernidade, e as diferentes religiões e seus sincretismos contribuem para configuração da pluralidade. Esse pluralismo caminha junto com as outras três características: racionalidade, autonomia e especializações dos setores da sociedade, onde a ideia de indivíduo abole, pouco a pouco, o contato com o sacerdote. Independente da instituição, o sujeito escolhe o que combina com seu interesse. Segundo o autor, o Estado vai influenciar os processos políticos e sociais e determinados grupos sociais por meio da sua política. É nessa direção que a ideologia liberal hegemoniza os setores sociais dirigentes e intelectuais. A secularização concerne à marginalização institucional, a inserção da religião no âmbito privado, a separação entre Estado e sociedade civil, a criação de uma religião e moral laica, de escolas laicas. E, é essa laicidade que também preocupava a Igreja e que, embora com nuances próprias, foi o contexto no qual os saletinos difundiriam a Revista no Brasil.

Algumas consequências da secularização podem ser destacadas, como pontua Catroga (2004): a diminuição do significado da religião, das suas instituições e dos símbolos na vida das pessoas, o que gerou a recessão das vocações, das práticas religiosas, o enfraquecimento do controle do clero sobre a vida social e privada dos crentes, afirmação da autonomia do sujeito, liberdade de consciência e orientação terrena. Encontramos estes aspectos como parte do discurso dos padres saletinos na Revista, como aspectos para combate, confronto: os próprios artigos da Revista apontam o *Syllabus Errorum*, documento publicado pelo papa Pio IX em 8 de dezembro de 1864, listando os 80 erros do mundo moderno: racionalismo, panteísmo, indiferentismo, liberalismo, cesarismo etc.

O *Sílabo*, na verdade, foi um documento muito menos devastador do que pareceu à primeira vista. Suas oitenta proposições tinham sido extraídas de documentos papais anteriores, e Pio IX reiterou que seu verdadeiro significado só podia ser descoberto reportando-se ao contexto original. Assim, a ofensiva proposição 80 provinha do breve *Iamdudum Cernimus* de 1861. [...] Mas em dezembro de 1864 ninguém viu o documento sob essa luz. O *Sílabo* pretendia atacar o catolicismo liberal e todos sabiam disso (DUFFY, 1998, p. 229).

O catolicismo liberal foi aos poucos suprimido pela política e prática do catolicismo intransigente, conservador, crítico do mundo moderno nascido da Ilustração e Revolução Francesa (ROUX, 2014). O discurso na Revista apresenta-se contrário ao progresso do mundo moderno. Na edição de fevereiro de 1921 foi apresentado um “resumo” dos dez capítulos do documento do *Syllabus*, as objeções da Igreja contra o mundo moderno:

Eis um resumo bem imperfeito dos dez capitulos que compoem o Syllabus.
 Os tres primeiros capitulos condemnam o pantheismo, o nacionalismo, o racionalismo e o indiferentismo.
 O Capitulo IV condemna as sociedades secretas e o communitarismo que dão ao Estado o direito de apoderar-se das almas pela educação, da liberdade pela centralisação levada ao extreme, da fortuna pelo imposto arbitrario, da vida pela conscripção militar sem limites.
 O capitulo V condemna o cesarismo que pretende restringir o poder-doctrinal da Egreja, recusa-lhe todo poder coercivo, toda auctoridade temporal e a inpede de estabelecer immunidades ecclesiasticas;
 O Capitulo VI condemna a omnipotencia do Estado todas as cousa; religião, costumes educacao etc,
 O Capitulo VII condemna os erros que contestam todos os deveres, toda sancção divina e proclamam o direito absoluto do numero e da força.
 O Capitulo VIII condemna os erros sobre o matrimonio christão; na qualidade de sacramento, elle e de instituição divina indissoluvél e deve ser exclusivamente submettida a auctoridade da Egreja.
 O Capitulo IX Condemna os erros sobre o governo temporais dos Papas, que quereriam considerar antes prejudicial que util ao seu puder espiritual.
 O Capitulo X condemna o liberalismo o qual pretextando conciliar a Egreja com o espirito moderno reclama como um direito a liberdade de consciencia, a igualdade dos cultos, a liberdade da imprensa, a separação da Egreja do Estado (OMNSS, fev, 1921, p. 208-209).

Apresentar para o leitor um pouco dessa ação católica faz com que um documento do pontífice seja conhecido por cada vez mais pessoas, e não tenha um acesso restrito. Contudo não se tratava de uma abertura da Igreja para as pessoas. Mas parte do projeto de crítica aos princípios liberais, da defesa do poder temporal do Papa, exposição da doutrina da Igreja (ROUX, 2014).

Aqui no país, na virada do século, a romanização está em sua fase de organização crítica, conforme estudos de Serbin (2008). A derrubada da monarquia pelos oficiais militares positivistas em 1899, a instauração da República, a separação entre Igreja e Estado, e liberdade religiosa na Constituição de 1891 fazem com que o catolicismo perca a sua condição de religião oficial. A Igreja perde progressivamente a sua influência na legitimação de normas e valores sociais (ROUX, 2014). O padre saletino Clemente Henrique Moussier chega ao Brasil neste momento.

Com a liberdade religiosa, o catolicismo passou a não ser diferente do protestantismo perante a lei, e o Estado aboliu o controle da Igreja sobre os registros de nascimento, o casamento, e os cemitérios. Além disso, extinguiu a educação religiosa nas escolas públicas. Os padres religiosos que faziam voto de obediência perderam o direito de votar. A Igreja perdeu suas cômmodas e outros subsídios do Estado, embora um acordo político após 1891 permitiu a pelo menos algumas organizações beneficentes católicas continuar recebendo verbas públicas (SERBIN, 2008, p. 94-95).

Para Serbin (2008, p. 98) a separação entre Igreja e Estado com a República foi um momento de remoção das barreiras estatais, a libertação do opressivo padroado, e início da expansão da Igreja, da aceleração da europeização do clero, e da entrada numerosa de religiosos estrangeiros no Brasil. Segundo Kuhlmann Júnior (2001) desde os anos de 1850 chegavam ao Brasil diferentes ordens, congregações e institutos católicos, tanto masculinos como femininos, principalmente da França e Itália, para criarem escolas, atendendo as elites, embora em alguns casos mantivessem alguma instituição assistencialista. Esse processo se intensificou após 1880.

A europeização do catolicismo brasileiro partiu da hierarquia para o povo, eliminando as práticas leigas, e controlando os rituais. Com isso, o catolicismo brasileiro se tornou mais erudito, atrativo para intelectuais e setores médios da população.

A romanização familiarizou o brasileiro médio com os ensinamentos tridentinos básicos e com os rituais prescritos para o nascimento, o casamento, a procriação e a morte. Levou a construção de muitas igrejas e santuários que ainda hoje são locais de culto no Brasil. Juntamente com a primeira evangelização da era colonial, a romanização é a causa do caráter histórico do Brasil como nação católica (SERBIN, 2008, p. 82).

Conforme o autor, a romanização gerou gradualmente uma ideologia da neocristandade, na qual a Igreja desejava construir uma sociedade moral. O clero tentou inculcar a ordem, a cidadania, a obediência.

Corroborando com o processo de romanização, a Igreja Católica, estimulada pelo Vaticano realizou diversos congressos, semelhante aos científicos, com fins da organização política, social, educativa do clero. Dentre os assuntos discutidos, a educação era preponderante, sendo a escola laica combatida, o ensino religioso amplamente discutido e defendido, antes um privilégio assegurado pela Constituição do Império, mas rompido pela Carta republicana (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 134).

Em fins da década de 1920, as atividades sociais e religiosas eram dirigidas pelo clero qualificado, os projetos sociais foram expandidos, a imprensa e as editoras católicas cresciam

largamente. Em 1922, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, o então arcebispo de Olinda e Recife, incentivou Jackson de Figueiredo a fundar o Centro Dom Vital, que viera a publicar a Revista *A Ordem, o centro de desenvolvimento das ideias* de Alceu Amoroso Lima, considerado o maior pensador católico brasileiro do século XX. Dom Leme também foi fundador da Ação Católica Brasileira (ACB), um grupo que servia à mobilização de fieis. Ele defendia a ordem social apoiando as autoridades, e mantendo a sua postura conservadora, paternalista. As autoridades notaram o crescimento da Igreja e a reconheceu como o “baluarte da estabilidade social”, desejando se associar a ela (SERBIN, 2008, p. 100). Além disso, a Igreja sempre esteve criando estratégias para efetivar as alianças pretendidas com o Estado.

Getúlio Vargas derrubou a elite cafeeira e tomou o poder na Revolução de 1930 com a benção dos membros religiosos da Igreja. Segundo Serbin (2008), o pacto entre Vargas e a Igreja Católica restabeleceu o catolicismo como religião oficial do Brasil.

Como bem lembra o autor:

A Igreja oferecia ao Estado a ideologia, o conteúdo moral e modelos de disciplina social, e apoiava o sistema corporativista de Vargas com o objetivo de ‘reespiritualizar a cultura’ e promover a cooperação entre classes sociais. Buscava o apoio do Estado nas esferas cultural e religiosa. Escorava a política cultural de Vargas e dela se beneficiava. A Igreja conseguiu a promulgação da Constituição de 1934 em nome de Deus, a proibição do divórcio, uma legislação trabalhista pró-católica e o atendimento de reivindicações mais gerais do catolicismo, como o voto feminino e a liberdade de educação (em outras palavras, a educação religiosa nas escolas públicas e apoio para as escolas católicas privadas) (SERBIN, 2008, p. 100).

Essa nova realidade, ou reaproximação e aliança entre Igreja e Estado foi consolidada então no governo Vargas (1930-45, 1951-54), momento em que os subsídios do governo eram endereçados para as atividades religiosas. Esse apoio ajudou a Igreja a conseguir infraestrutura e se expandir na sociedade.

A formação da Primeira República brasileira e seus longos processos de disputa pelo poder político imprimiram uma nova forma de ser e estar na sociedade. A presença dos protestantes em São Paulo, suas vinculações com os ideais liberais e a atuação principalmente na educação, na formação de consciências, nas disputas, sobretudo, com a Igreja Católica, nos ajuda a entender as frentes de embate presente na Revista.

Nos fins do século XIX, em 1870, novas linhas de organização da sociedade começam a ganhar espaço. Os movimentos de ideias, a ilustração, a educação de intelectuais tentam integrar o Brasil na cultura do ocidente. Desejava-se criar uma nova mentalidade (BARATA, 1994). A província de São Paulo em meados do século XIX não era ainda o centro cultural do

Brasil, mas estava em vias de ser, visto o desenvolvimento da economia baseada no café e algodão. Nesse aspecto, São Paulo foi palco de discussões sobre os ideais de democracia e liberalismo, e sobre a eficiência de uma educação prática e científica, de bases americanas.

País de regime monárquico, tinha o Brasil o Catolicismo como religião oficial, pela Constituição Imperial de 1824, vivendo a Igreja Católica local, ainda, os efeitos do movimento da Contra-Reforma, sob a ação pastoral do Bispo paulo-politano D. Antonio Joaquim de Melo, do ponto de vista pedagógico, pontificava também uma anodisante mentalidade oficial, de inspiração europeia mais ou menos vaga, conservadora das tradições dos tempos coloniais (BARBANTI, 1977, p. 1).

Havia, no aspecto religioso, a presença do Protestantismo evangélico não atuante por meio dos colonos europeus trazidos pelos fazendeiros. Assim, as primeiras comunidades protestantes relacionavam-se com a vinda de imigrantes. A política de D. Pedro I estimulava a exploração de mão de obra europeia em terras brasileiras e a imigração alemã trouxe muitos protestantes:

A imigração alemã, que é a que trouxe ao Brasil o maior número de protestantes, abrangeu umas 4.800 pessoas até 1830. Depois de um período de estagnação ela continuou durante todo o século XIX com uma média de 1.700 pessoas por ano. Inicialmente se tratava apenas de agricultores e artesão; depois de 1848, ano em que na Alemanha fracassou a revolução liberal, apareceram também representantes das profissões intelectuais (FRAGOSO, 1980, p. 239).

Esses alemães fundaram as primeiras igrejas evangélicas, que se situavam nas zonas rurais. Os pastores recebiam um ordenado do tesouro público. Além dos alemães, instalaram-se, agora, no sul do Brasil os imigrantes americanos, refugiados da Guerra de Secessão americana. Com o trabalho missionário da Igreja Protestante Americana, o protestantismo, dissemina-se.

É importante notar que a economia de São Paulo no começo do século XIX passava por uma transição, e tentava se reinventar, se reestruturar a partir da agricultura, pois a mineração, de onde vinham os grandes lucros dos séculos anteriores, estava decadente. A produção agrária era para consumo interno do país e as exportações eram poucas. Além disso, o pouco número de habitantes, não somava a força de trabalho necessária para avançar a produção.

Como afirma Barbanti (1977, p. 6) para o caso de São Paulo

Sem indústria, sem imprensa, sem escolas superiores, com estradas habitualmente intransitáveis, a Província de São Paulo exibiu, nas primeiras décadas do século XIX, como padrão de vida, o isolamento, a introversão e o domínio local, que se refletiam no estado de pobreza e abandono de suas escolas e no desinteresse da população pelos estudos.

A Proclamação da Independência em 1822 trouxe novos ares para a Instrução Pública. As autoridades locais se responsabilizaram por um sistema de ensino que atendesse as novas aspirações e demandas da sociedade. Entretanto, a educação popular esbarrou no aspecto estrutural centralizador, ainda do Império, o que impediu a sua concretização.

A partir de meados do século XIX, o clima do Brasil era de busca por melhorias para a instrução. O clima político era de calma e a riqueza nacional começava a despontar: o café no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A partir de 1850 a Igreja Católica começou a entrar mais nos assuntos da instrução. O bispo D. Antônio Joaquim de Melo, tentava reafirmar o poder espiritual da Igreja Católica, e garantir a formação do clero conforme as orientações tridentinas da Santa Sé. Em 1856 foi aberto o Seminário Diocesano com cursos preparatórios dados pelos capuchinhos franceses. Continuando sua ação disciplinadora, o bispo fundou a casa de educação para meninas em Itu, onde seria estimulada a formação de novas vocações. Conforme Manoel (1996) o conjunto doutrinário do ultramontanismo foi trazido, definitivamente para São Paulo a partir do ano de 1841, quando aportaram na cidade, os capuchinhos e freiras francesas, oriundos ambos de Chamberry (na Sabóia). Os membros desse grupo eram bem preparados para formar jovens e desenvolver a doutrina ultramontana. As Irmãs de Chamberry introduziram o estilo de internato, o isolamento do mundo exterior, com bases pedagógicas no método *Ratio studiorum* dos jesuítas, onde reconstruiria uma sociedade antimoderna, antifeminista, antiliberal, ordeira, moralizada, hierarquizada. Foi nesse momento que abriram o colégio “Patrocínio”, em 1858.

O Seminário tinha um dos currículos mais completos da época. O Colégio de Itu atuou na educação religiosa das meninas, de famílias enriquecidas pelo café, e atuava ainda na reconquista católica, conforme as orientações do Bispo. O “Patrocínio” destacou-se como o colégio mais frequentado da Província de São Paulo (MANOEL, 1996).

Nesse contexto, famílias de imigrantes aportavam no país: americanos e ingleses vinham trabalhar na construção das estradas de ferro, e nas lavouras do sul do país. Aqui, os colonos enfrentaram diferenças culturais, educacionais e religiosas. No ano de 1870, o ensino popular começa a ser desenvolvido pelo poder público. Os grupos políticos liberais almejavam um povo educado para conseguir a representatividade. Os males do Império foram

vistos como a falta de escolas, de educação que desse a formação aos cidadãos, e que permitisse a organização da sociedade civil. A educação foi vista como forma de melhorar o desempenho nas atividades cotidianas, principalmente as relacionadas à moral e cívica.

Com esse entusiasmo, é notável o aumento de escolas confessionais católicas, principalmente no final do Império e que se estende por toda a República. A qualidade do ensino elementar privado foi considerado melhor que o público estatal, contudo, o ensino secundário sucumbiu ao interesse de preparação para os exames das Academias. Os que surgiram sem esta pretensão foram destinados aos alunos não-católicos e estrangeiros. Barbanti destaca: “[...] mais que as apreciadas escolas italianas e alemãs, as americanas de confissão protestante iriam tornar-se o símbolo da renovação do ensino ministrado por particulares” (BARBANTI, 1977, p. 43).

Com isso, nos colégios eram empregadas estratégias de evangelização dos presbiterianos e metodistas, que tentavam convencer o povo da superioridade cultural americana, que resultava na tão almejada civilização. Com isso a difusão de escolas foi tão importante quanto a mensagem missionária. Os colégios eram abertos a todos, sem distinção religiosa. Havia casos ainda, de atuação protestante em escolas públicas oficiais, quando não se fundavam os seus colégios. A evangelização e o ensino não se separavam.

Com isso, a evangelização indireta resultou em obras educacionais: “Os presbiterianos, até o final do século XIX, já haviam fundado mais de 40 escolas primárias, as chamadas Escolas Americanas, a maioria delas em São Paulo” (BARBANTI, 1977, p. 118). Mas, todo o sucesso das escolas protestantes se deu pela grande aceitação das vanguardas paulistas. Outra razão para o sucesso das escolas americanas foi o tipo de ensino, democrático, tido como atrativo para as elites paulistas.

E, é nesse contexto que o protestantismo aparece como um elemento desintegrador da ordem dominante da Igreja Católica.

Enquanto que a sociedade provincial, sacralizada pelo catolicismo tridentino, era hierarquizada, elitista e aristocrática, pondo ênfase nas estruturas e não nas pessoas, as quais em sua maioria exibiam uma concepção de vida de fatalismo e impotência, os valores protestantes afirmavam que o homem estava destinado a ser livre, que não há estruturas sagradas, que todos os homens são sacerdotes (sacerdócio universal dos crentes), o que pressupõe uma universidade fraterna, democrática, e, finalmente, que é através do trabalho e da disciplina que o homem adquire poder para conquistar o mundo (BARBANTI, 1977, p. 146).

A Igreja precisou se reestruturar diante desse cenário de perda de espaços (físicos e simbólicos), da penetração do espiritismo na sociedade, e da abertura de colégios pelos protestantes. Esses colégios vinculados aos ideais de liberalismo representavam para a elite provinciana o ideal progressista, a forma de combate ao obscurantismo e apontavam para a renovação das práticas pedagógicas.

Assim, as características pedagógicas das escolas de confissão protestante eram vistas pelas elites como modelos. Seu ensino eficiente conduziria a vida dos alunos ao acesso rápido aos cursos superiores. A inovação trazida pelos colégios americanos foi além dos aparelhos modernos, mas eram seus objetivos, componentes curriculares científicos e diversificados, procedimentos metodológicos que tornaram o currículo atualizado, prático e progresso para a vanguarda paulista que desejava a formação liberal (individualismo – sujeito que deve ser respeitado por possuir aptidões próprias). Esse caráter destas escolas de confissão protestante, graduadas e progressivas de formação liberal, atraía os interesses das elites liberais, que conviviam com os cursos parcelados das escolas públicas.

As experiências renovadoras foram iniciativas de grupos políticos que estavam na liderança da Província de São Paulo e que ligava-se ainda com o positivismo. Barbanti (1977, p. 156) salienta: “Era nas escolas americanas de fé protestante que residia a possibilidade de se formar as novas gerações na prática das qualidades políticas e intelectuais necessárias para se colocar o país a altura do século”.

O Império passa a legitimar as ações protestantes, toma para si os encargos que antes eram somente da Igreja Católica, e também recolhe a parte do imposto dessa nova formação missionária em grande expansão, principalmente na educação.

Mas já em 1860, no discurso da coroa, D. Pedro II prometeu introduzir na legislação as modificações necessárias. A Lei 1.144 de 11 de setembro de 1863, completada pelo Decreto 3.069 de 17 de abril de 1863, estendeu aos ministros formalmente reconhecidos das religiões acatólicas o direito de celebrar casamentos com efeitos legais. Na mesma ocasião foi regulamentado o registro civil dos filhos de protestantes, assim como o registro de óbitos e de sepultamento de protestantes em lugar apropriado. Estas medidas, se bem deixassem bastantes problemas sem resolver, marcaram o progressivo recolhimento legal do protestantismo no Brasil (FRAGOSO, 1980, p. 248).

Em 1889, com a Proclamação da República no Brasil, a educação foi alçada como o ideal de progresso, e a escolarização obrigatória articulada ao conceito de instrução foi estratégia do Estado para firmar seus intentos: educação para o trabalho, para a produtividade (HILSDORF, 2006). A Igreja sentia-se ameaçada frente à modernidade que trazia mudanças

estruturais, políticas e culturais. A modernidade do século XIX, um processo secularizador, caracterizado pela racionalidade, pela autonomia e pela realização do indivíduo, do sujeito e pela separação gradual do político, do cultural, do religioso (MALLIMACI, 2004).

Com a Carta Encíclica "*Inscrutabili Dei Consilio*" de 21 de abril de 1878, o Papa Leão XIII aborda os males da sociedade moderna, as causas e os remédios para ela. As causas anunciadas são: desprezo do poder espiritual, dispersão das Ordens religiosas, confisco dos bens da Igreja e a derrubada do poder do Papa. Os remédios estão na prática da caridade, no respeito à autoridade da Igreja, na restauração do poder temporal dos Papas, na fidelidade à Fé Apostólica, na reforma do lar cristão e dos costumes públicos. Desta forma, a Igreja Católica desenvolve o ultramontanismo, como já abordamos anteriormente, um movimento reformador político, que dentre alguns objetivos, desejava frear a entrada do clero no liberalismo, na maçonaria e em outras religiões (PRIEN, 1990). É em meio a esses processos que se insere a Congregação dos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salette.

A educação no projeto liberal republicano desejava formar o cidadão para a vida em sociedade. Já no projeto católico, o objetivo da educação era a formação do cidadão para a cidade de Deus, mas também não instigou os seus fieis contra o Estado, aliás, sempre contribuiu para a ordem, obediência e respeito. Contudo, não deixou de reclamar seu privilégio de exclusividade, nem aceitou o individualismo, e a laicidade do liberalismo (MANOEL, 1996).

Secularizava-se a sociedade, e o Estado brasileiro se definia como laico no decreto de 1890 e, por conseguinte, na Constituição de 1891. A educação foi considerada como capaz de reconstruir a nação e colocá-la na rota dos países civilizados da Europa. Portanto, seu controle foi objetivo de várias instituições, inclusive da Igreja. Mas, quando impedida de desenvolver suas atividades educativas nesta seara, ou, ainda, quando o carisma e missão da congregação religiosa assim o determinava, lançava mão de outros meios (LEONARDI, 2010). Esse é o caso dos Saletinos que iniciaram suas práticas no Brasil por meio da construção de santuários e de uma Revista destinados a difundir o culto a Nossa Senhora da Salette.

CAPÍTULO 2 - VIRGEM MARIA: QUEM É ELA NA SALETTE?

2.1 Algumas Considerações sobre as Primeiras Representações de Maria

De acordo com Megale (2008, p. 16), as primeiras imagens de Maria foram representadas nas catacumbas, na forma das Virgens Orantes, de pé, de braços abertos, ou em cenas da sua vida conforme os Evangelhos. A imagem de Maria com o menino Jesus no colo surge após o Concílio de Éfeso, em 431, reafirmando a maternidade divina de Maria, declarada como “Theotokos” “Mãe de Deus”, e ainda, pelo Sínodo Lateranense como “Aei Parthenos”, considerada “sempre virgem”. A concepção de Jesus e a virgindade de Maria ficam expressas também nos evangelhos de Mateus e Lucas (HALKES, 1996; PELIKAN, 2000).

A partir do século II, Maria aparece como a segunda Eva, ou melhor, como a nova Eva, pois como a primeira fora derrotada pelo mal, a segunda é determinada como a salvação. Maria se torna mulher modelo para todas as épocas, o modelo de fé, resignação e, sobretudo, a obediência (PELIKAN, 2000). Mas, de acordo com Sales (2012, p. 113), é no momento da anunciação, em que a Virgem diz “sim” a Deus, que se processa essa imagem da obediência e submissão. De acordo com a autora, a teologia católica, considera o sim de Maria como uma aceitação da vontade divina. E, é na aceitação de Maria, que se configura outra simbologia de Nossa Senhora: mulher forte, corajosa; “Ela se manifesta para defender seus filhos. Maria é concebida como uma mulher forte, guerreira, capaz de liderar um exército contra Satanás para que a alma de seus filhos seja salva” (SALES, 2012, p. 113).

Sales (2012) lembra ainda que a imagem de *Mulier Fortis*, mulher de coragem, advém do livro dos Provérbios, onde a imagem de Maria foi associada à de guerreira, a de líder; e também em Gênesis, quando polariza-se a mulher, e o mal, representado pela serpente.

As representações que associam Nossa Senhora, a mulher do Gênesis e a ‘Mulher vestida de sol’ mencionada no Apocalipse de São João são comuns desde a Idade Média. A mulher do Apocalipse combate e vence o dragão, que nas interpretações populares representa o Demônio – assim como a serpente o representa no livro do Gênesis. Essa tripla associação não está presente apenas na teologia, mas em pinturas e tapeçarias do período. Essas

duas imagens da mulher vitoriosa foram associadas à Maria e estão presentes no imaginário católico, explicando as inúmeras denominações de Nossa Senhora como vitoriosa, guerreira, combatente, ou seja, como mulher forte (SALES, 2012, p. 114).

Desta forma, a imagem de Maria mais utilizada é a apocalíptica, que embora ela se mobilize pelos seus filhos, ela também pune os que optam pelo pecado. A imagem da Salette, nos parece trazer um pouco dessa continuidade da característica apocalíptica já existente na Idade Média, a dos fins dos tempos, das punições, dos alertas, das últimas chamadas às conversões, recorrentes em momentos de crise.

Outro elemento relevante é a maternidade da Virgem Maria, que teria apagado o erro de Eva. Assim, a imagem da mãe estende-se por toda a sociedade. A obediência, tal qual a de Maria, requeria a total entrega de si. Portanto, uma educação deveria ser feita, para educar gradativamente, “de Eva a Maria” (LEONARDI, 2010, p. 195).

Maria torna-se o modelo por excelência com o dogma da Imaculada Conceição, proclamada pelo Papa Pio IX, em sua bula *Ineffabilis Deus*, em 8 de dezembro de 1854, em que se alegou a concepção da Virgem Maria sem mancha do pecado original. Segundo esse dogma, a Virgem Maria foi preservada por Deus de todo o pecado que aflige a humanidade, vivendo uma vida completamente santa, submissa à vontade de Deus. Daí deriva a imagem que todas as mulheres devem seguir. Leonardí (2010) relembra ainda que em 1870, é proclamado o dogma da infalibilidade papal. Custódio (2014, p. 94) salienta “[...] o papa, assistido pelo Espírito Santo, que o preserva de todo o erro, está sempre correto quando delibera e define algo em matéria de fé, doutrina ou moral [...]”. Então, embora o modelo valorizado fosse o mariano, a única voz autorizada dentro da Igreja seria a de um homem, aquele que deveria personificar o divino, mesmo que num corpo imperfeito (SERBIN, 2008). Tanto o dogma da Imaculada Conceição quanto o da infalibilidade papal sinalizam o início da política ultramontana na Igreja Católica.

Ainda sobre as representações marianas, de acordo com Megale (2008), as imagens produzidas após o século X são esculturas que ressaltam seu caráter de majestade, sentada em um trono com seu filho no colo, coroados, segurando o cetro ou o globo terrestre. Nos séculos XIV e XV, a imagem de *Mater dolorosa*, impregna os carismas e espiritualidade, pontua Leonardí (2010). Portanto, como vimos, foi nos últimos séculos da Idade Média, que o humanismo transformou Maria numa Mãe carinhosa, angustiada pela crucificação de seu Filho. Não se pode então, estagnar determinada representação, já que há modelagens e continuidades nas formas das imagens (SALES, 2011).

Conforme Ginzburg (2001, p. 85), “representação” é um termo que evoca a ausência (porque é presente); mas que também sugere a presença (porque é ausente). Trata-se de um termo bastante ambíguo e de difícil análise. A palavra “*imago*” (máscara de cera produzida pelas famílias aristocráticas francesas e inglesas na Idade Média) aproxima-se da palavra grega *Kolossós*, “estátua”: construção de um *Kolossoí* (estátua, fantoche de madeira ou argila) como representação de uma pessoa ausente. Assim, os *kolossós*, são as estátuas que tomam o lugar de ausentes, o que Ginzburg (2001, p. 92) chama de “representação”. O *kolossós* pode ser entendido também como um signo religioso, uma forma de comunicação com o sagrado, e também uma forma de inserir a presença do sagrado na vida humana, seria uma ligação entre o sagrado e o profano. Seria marcar a presença com a divindade e também a distância com ela.

A imagem de um santo (a estátua em si) havia sido construída para conservar a memória daquela pessoa especial, privilegiada. Além disso, as imagens insinuam uma nova hierarquia, pois as estátuas incentivam a idolatria, e com a presença marcante do cristianismo na sociedade, a educação por meio das imagens se tornava enfática. A tradição era perpetuada pelo oral e a imagem facilitaria esse processo. Conforme Ginzburg (2001), apoiado nos estudos de Bernard d’Angers, as estátuas e relicários eram amplamente difundidas na França meridional. Era uma espécie de alibi para o retorno à cultura e à escultura tridimensional: altura, comprimento e largura. Além disso, Bernard sugere que a imagem possuía uma ambivalência: ela atraía a hostilidade e desprezo dos detratores da Igreja; e por outro lado, manifestava-se na visão dos fiéis como a presença do ser divino, que deveria ser respeitado, reverenciado.

A imagem foi utilizada então como um auxílio para a memória. Como foi o caso dos crucifixos, na qual a Igreja desejava manter viva a memória da Paixão de Cristo. Essa era uma forma de ajudar a memória a se lembrar de uma imagem impressionante e levar as pessoas a determinados comportamentos e formas de agir no mundo. É lembrar, recordar e ensinar uma lição, a adoração, a crença, e a submissão. Nesse sentido, as imagens na Idade Média iam do desprezo e desvalorização à adoração e medo. É neste sentido que a imagem da Salette, mesmo no século XIX, se inscreve. Mobiliza a adoração, a idolatria pelas pessoas, mas carrega em sua mensagem uma ameaça que provoca o medo.

Para Ginzburg (2001, p. 101) o anúncio do dogma da transubstanciação, em 1215 foi decisivo na “história das percepções”. Gradativamente a ideia do *kolossós* (representação), entra em desuso e a “noção de presença real salta imediatamente aos olhos”, ou seja, o dogma da transubstanciação apresenta a transformação, e não a representação do ausente. A

Eucaristia era entendida como a única relíquia deixada por Cristo. Enquanto o *kolossós* estabelece o contato real com o além; a transubstanciação associou à presença real, uma superpresença. A presença de Cristo na hóstia ajudou a empalidecer a manifestação do sagrado nas relíquias, nas imagens.

Assim, segundo Ginzburg (2001, p. 102), com o dogma da transubstanciação, houve o desencantamento do mundo das imagens, e a compreensão da “imagem” enquanto representação se sobressai neste momento. Este dogma apresentou uma função decisiva, a presença real de Cristo no sacramento que possibilitou a cristalização do objeto, a realidade do evento em questão, fazendo dele um símbolo concreto da abstração, pois a hóstia é considerada o corpo de Cristo, e não a imagem do corpo de Cristo. A partir disso, sugeriu-se que fosse uma “representação”:

É a presença real, concreta, corpórea de Cristo no sacramento que possibilita, entre o fim do Duzentos e o princípio do Trezentos, a cristalização do objeto extraordinário de que parti, até fazer dele o símbolo concreto da abstração do Estado; a efígie do rei denominada *representação* (GINZBURG, 2001, p. 103).

É possível perceber que o processo de racionalização da religião passa a usar das imagens para lembrar a memória de cenas impressionantes que contribuem para determinar a ação no cotidiano. As imagens passam a não ter a função de comunicação, mas a marca da presença real, contínua do ser divino.

Segundo Megale (2008, p. 20), toda a iconografia produzida sobre Maria apresenta as imagens contínuas das suas fases de vida: A **Infância**, quando Maria é acompanhada de seus pais Ana e Joaquim. A fase da **Imaculada Conceição**, Virgem jovem, de mãos unidas no peito, cabelos soltos com véu. A fase da **Encarnação**, quando Maria recebe a anunciação do anjo Gabriel até o nascimento de Jesus. A fase da **Virgem Mãe**, na qual ela apresenta o menino Jesus nos braços, trazendo em alguns casos, símbolos nas mãos. A fase da **Paixão** com imagens onde Maria aparece chorando por causa dos pecados da humanidade, ligadas ao sofrimento de Nossa Senhora durante a morte de seu Filho. E por fim, a fase de **Glória**, após a sua morte e coroação no céu.

O auge das representações foi no Renascimento, quando diversos artistas: Michelangelo, Leonardo da Vinci, Ticiano, representaram os episódios da vida de Maria. Muitas dessas imagens foram trazidas para o Brasil pelos colonizadores lusitanos. Aos poucos outras devoções foram sendo introduzidas no Brasil pela migração pastoril, pelos interesses políticos dos reis portugueses, e pelas ordens e congregações religiosas europeias expulsas de

seu país de origem pelas perseguições religiosas (MEGALE, 2008, p. 19). Megale (2008) considera a representação de Nossa Senhora da Salette em duas fases: a de Virgem Mãe, quando figura com as duas crianças pastoras a quem deixou sua mensagem, e a de Paixão, mãe chorosa pelos pecados dos homens.

Essa imagem também se delineia nas páginas da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, publicada no Brasil:

[...] Vós piedosos Filhos de Nossa Senhora Reconciliadora se tendes compreendido, tereis apenas a compreensão em seu inicio, o tocante espetáculo de Maria derramando lagrimas, trazendo em seu coração Jesus crucificado, nos chamando a conversão, escolhendo da preferencia os pequenos e os pobres, vestida como as mais humildes servas, dando-nos o exemplo de grandes e fortes virtudes de paciencia, humildade caridade e zelo; se começastes a meditar, a aprofundar, a amar a saborear e a praticar este bello mysterio, Maria sera para vós em vossa devoção de filho, tudo o que Ella quer ser; vossa Reconciliadora, vossa Advogada, vosso Modelo, principalmente, — Modelo arrebatador que e preciso sem treguas ter diante dos olhos para reproduzil-o fielmente em nossa vida. Eis, neste mundo o cunho primordial de nossa devoção a Maria; trazer em nós os traços abençoados daquella que honramos, que louvamos e da qual usamos com tanta alegria o nome e predicados (OMNSS, abr. 1920, p. 37).

Apesar de sofrer com a morte de Jesus, e com os pecadores, Maria é apresentada como uma mãe, a característica da maternidade continua. E justamente por isso, ela desempenha um papel ativo, uma mulher forte que busca a salvação para os seus filhos pecadores. E, é nessa representação que se inscreve Salette.

Megale (2008) explica que os aspectos geográficos e regionais influenciaram a disseminação de determinada imagem de Maria em detrimento de outra, bem como as que foram divulgadas pelas diferentes Ordens Religiosas que vieram para evangelizar os indígenas, ou as que chegaram posteriormente para atividades missionárias e educativas, sobretudo, em fins do século XIX e começo do XX, momento em que a devoção a Salette é trazida para o Brasil.

2.2 A Igreja Frente às Aparições Marianas e a Salette

Megale (2008), trabalhando sobre as invocações da Virgem Maria no Brasil, pontua a existência de elementos comuns nas diferentes representações de Maria, como por exemplo, a

existência de um manto sobre seu corpo, sua coroa de realeza, aspectos que ligam sua imagem universal ao particular, o que chama de sincretização com elementos da cultura particular onde a nova devoção é inserida, e ainda aspectos políticos favorecedores.

Já Sales (2011), aponta para as continuidades, modelagens e legitimação das aparições marianas na contemporaneidade, em relação às aparições marianas do século XIX na Europa. Esse olhar nos instiga a analisar os símbolos das imagens que revelam o particular e o geral, as rupturas, permanências e adaptações às culturas locais. E, é a partir disso, que pretendemos avançar as hipóteses sobre a devoção francesa da Salette em meio à cultura brasileira.

As aparições marianas são fenômenos antigos do cristianismo e característica marcante da Igreja Católica. Como já apontado anteriormente, Sales (2011) ressalta que as aparições no século XIX ganharam centralidade na Igreja Católica. Na França, por exemplo, em pouco tempo três aparições foram declaradas autênticas: Rue du Bac, em 1830, La Salette, em 1846, e Lourdes, em 1858. Embora as aparições sejam históricas, no século XIX elas se tornam centrais, principalmente pelo fato de o clero se envolver e investir diretamente em prol delas. A reconquista dos fiéis, na França pelo menos, teve como estratégia o uso das aparições marianas. Nesse mesmo momento, o cientificismo ganha destaque na sociedade da época, portanto, o interesse da Igreja por essas manifestações, revela uma reação católica. Sales (2011) chama a atenção ainda para dois fatores importantes para a legitimidade do fenômeno da aparição: os elementos simbólicos que compõem as aparições, inseridos num imaginário de longa duração, e o papel da Igreja em relação a essas aparições.

O discurso presente na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* revela uma tomada de posição sobre a frequência das aparições marianas do século XIX, apresentadas como o começo do “reino da nossa Mãe” (OMNSS, abr. 1920, p. 35). São listados os santuários dedicados à Maria já consolidados no Brasil:

No Brasil, temos, em S. Paulo o vasto e grandioso santuario de Nossa Senhora d'Apparecida, data de 1719, com seus numerosos e tão conhecidos milagres; - em Irajá, Nossa Senhora da Penha derramando sempre graças extraordinarias; — na Bahia o santuario de Nossa Senhora das Candeias, para onde affluem piedosa romarias annuaes em busca de bençãos e graças sempre alcançadas; — em Pernambuco o sumptuoso santuario de Nossa Senhora do Carmo, no convento do mesmo nome, e cuja imagem foi agora solemnemente coroada; - Em Belem do Para vemos a Virgem Santissima, invocada sob o nome de Nossa Senhora da Nazareth tão conhecida pelos seus numerosissimos dons e incalculavel numero de fieis devotos das habituaes romarias, por occasião da sua festa, — e ainda com summo prazer noticiamos na capital do Estado o magestoso santuario de Nossa Senhora Auxiliadora sempre espargindo graças e copiosas bençãos; e outros mais que

existem, os quaes não me ocorrem neste momento o nome (OMNSS, abr. 1920, p. 35-36).

A aparição da Salette e sua imagem são inseridas, conforme o discurso da Revista, dentro do ciclo de aparições do século XIX e dentro do circuito de devoções já existentes, na Europa e no Brasil. Há um elemento comum nessas culturas que facilita o seu intercâmbio. No Brasil, a Igreja apoiou-se na semelhança cultural e na oficialidade do culto, como “fonte da unidade cultural do país” (SOUZA, 2000, p. 15) para a consolidação do catolicismo tridentino.

Pela antiguidade e pela pretensão de universalidade da Igreja Católica que envia seus missionários pelo mundo a fim de difundir sua mensagem verdadeira e universal, pode-se observar como os saletinos tentavam, no excerto acima, colocar a imagem de Salette em terreno fértil no Brasil.

Conforme o discurso na Revista:

A devoção a Nossa Senhora Reconciliadora da Salette, è a devoção a Maria. Eis em uma palavra, infinidades de grandes cousas gratas ao coração. Aqui como a Osier, a Laus, a Fourvière, como mais recentemente a Lourdes e a Pontmain, como em toda parte, onde seus filhos a amam e a bemdizem, é Maria nossa Mãe. Dizemos Nossa Senhora da Salette para relembrar em uma palavra sua aparição, seus ensinamentos, suas lagrimas; mas è a Mãe de Deus, a soberana universal; aquella que amamos em todos os seus santuarios como em todos seus mysterios; aquella que é por toda parte e sempre nossa Vida, nossa Doçura e nossa Esperança. [...] Em todos esses casos, a aparição não toma ordinariamente um caracter universal e a devoção que lhe deve sua origem fica particular e local. Ora, primeiramente parece evidente que a universalidade è o caracter proprio do milagre da Salette (OMNSS, set-dez, 1919, p. 530).

Percebe-se que tal discurso relembra o círculo de aparições marianas e insere a Salette nele. O forte laço das aparições pelo mundo, contibui para a paridade cultural entre os povos, para a aceitação de uma nova aparição e de uma nova devoção em terra alheia ao seu local de origem.

Para os saletinos Rovani e Schio (2003, p. 10), as aparições de Nossa Senhora são continuações da história de Maria de Nazaré, que se coloca diante do povo e pede o reconhecimento dos pecados e a reconciliação com Deus:

Ave! Cheia de graça! Ave! Cheia de Fé! Cheia de amor! Ave Maria das Marias! *Exemplo de mulher forte, corajosa, decidida!* Nossa Senhora sempre teve em sua caminhada uma única vontade: ‘FAZER A VONTADE DE

DEUS'. E fazer a vontade de Deus é se colocar ao seu serviço e ao serviço do povo (grifos nossos).

Com isso, os padres saletinos colocam Nossa Senhora como a “Mãe de todos nós”, e para eles, mãe, é um ser que oferece o exemplo para seus filhos, portanto, devemos seguir Nossa Senhora em vários aspectos: na escuta, pois Maria é “mulher madura” e tem consciência sobre a vontade de Deus, na simplicidade, na pobreza, no serviço que se presta a Ele (ROVANI; SCHIO 2003, p. 11).

Compreendemos que a palavra “Nossa” remete à posse, o ser meu, ser seu, ser dele. Ela é “Nossa” Mãe, um ser único e para todos, universal.

Ave Maria! Maria, quer dizer, Mãe de Deus, a verdadeira e digna Mãe de Deus, Aquella que recebeu entre todas as criaturas, a mais alta a mais sublime de todas as dignidades... Maria a digna Filha de Deus Pai. Maria a verdadeira Mãe do Verbo Eterno, Maria a Esposa perfeita do Espírito Santo... Consanguinia Sanctissimae Trinitatis.

Assim, acima desta criação visível, acima deste mundo invisível dos Santos e acima da hierarquia dos coros angelicos, no santuario mesmo da adorável Trindade, donde Ella e a obra excelsa e a gloria. Maria tem seu throno sem par... Seu titulo de Mãe de Deus a elevou até lá... sua humildade e sua virgindade sem macula a elevaram á maternidade divina (OMNSS, dez. 1920, p. 163).

Maria é alçada ao status de perfeição inigualável, senão ao do próprio Deus. Os relatos da aparição endereçam também para esta superioridade moral inalcançável, mas possível de imitação. Segundo Pelikan (2000, p. 155), Maria como Virgem Mãe modelou o paradoxo católico ortodoxo da sexualidade: “Como Virgem, Maria foi o singular e sublime paradigma da castidade”.

Para Sales (2011), os relatos sobre a aparição e os santuários são formas de legitimação da narrativa e do fato em si. Desta forma, trata-se de estratégia amplamente utilizada pelos padres saletinos na Revista. Outros elementos legitimadores são as peregrinações, a circulação de pessoas e os símbolos envolvidos no fenômeno. Portanto,

Pertencendo à ‘longa duração’, as peregrinações têm constituído um conjunto de práticas que ocorrem em função de desejos centrais na vida das pessoas. ‘Peregrinação’ é um termo vago que inclui uma ampla gama de fenômenos e de práticas diversas, inclusive as formas seculares (ANDRADE, 2010, p. 119).

É nesse sentido que para Sales (2011, p. 69), o santuário em si não garante a circulação da imagem da aparição, para ela, “os próprios fenômenos também circulam, e junto

a ele circulam símbolos, idéias e práticas”. Por meio da circulação das pessoas, das manifestações e das práticas, garante-se uma rede que articula o espetáculo: o financiamento, a divulgação em rádios, na televisão, na internet, entendido como um diferencial da contemporaneidade, em relação às aparições do século XIX. Além disso, como já abordamos anteriormente, com as orientações do papa Leão XIII no Concílio Plenário da América Latina em fins do século XIX, fica exposto o uso dos periódicos como meio de expansão da fé católica, da evangelização, as obras de grande alcance, uma espécie de rede que articulava o espetáculo da aparição e de todos os dogmas, práticas que estariam a ela associados.

Mas é importante pontuar que a circulação da imagem de Salette, de fato, não se deu exatamente, e tão somente, com um santuário, como sugere Sales (2011) em seus estudos, mas com a circulação das idéias, das pessoas, dos relatos, das práticas. A própria Revista reporta-se à uma cura, considerada impossível, de uma senhora parálitica, um milagre que ajudou a multiplicar o número de crentes, de peregrinos franceses, que chegaram a quarenta mil em 1847, quando não havia ainda santuários em louvor a Salette, apenas “simples cruces de madeira” no local da aparição (OMNSS, ago-set, 1918, p. 342). Como no caso de Aparecida no Brasil, erguer um monumento a Nossa Senhora, segundo Eugenio (2009, p. 18) “[...] significou ‘dar vida’ ao seu mito de origem que deve ser celebrado, lembrado, imortalizado”.

Os relatos de peregrinação na França, por exemplo, das pessoas do cantão de Morlaix à montanha dos Alpes, em centenas e milhares de fiéis, tenta reafirmar essa veracidade, santidade presente em Salette perante o sacrifício dos romeiros, essa mobilização dos sentimentos das pessoas:

Muitos, mesmo, andam a pé 2,5 a 50 kilometros para virem em peregrinação a Salette. Mulheres edosas partem da aldeia (as 2 horas da madrugada, percorrendo à pé mais de 50 kilometros, para virem commungar na Capella da Salette. No domingo, 17 de dezembro, todas as parochias do cantão de Morlaix foram em procissão a Salette (OMNSS, abr. 1917, p. 52).

A presença de muitas pessoas movendo-se para o lugar da aparição, já denota, como quer a Revista, mais uma parcela da sua veracidade.

As pergrinações estas formidaveis armadas da fé, que sulcam o mundo, pasmado de sentir-se tão christão! As pergrinações nasceram nas montanhas da Salette em 1842.

Foi logo após uma guerra desastrada, a França jazia exgotada, abatida pela força da Justiça divina, ella podia apenas erguer para Deus seu peito fendo ainda pelo invasor, então seu olhar e seu coração para subirem ao Céu

tomaram o caminho da Salette. Em Outubro de 1871 o Padre Thedenat fazia aparecer sua primeira circular anunciando a primeira peregrinação nacional a Salette. Foi um grito imenso de fé, de arrependimento e de esperança, que devia encontrar écho vibrante nas almas de multidões sem fim (OMNSS, set. 1921, p. 3).

E, esse sacrifício peregrino foi mais tarde fortalecido e oficializado com a presença dos padres na direção dos exercícios religiosos na montanha, no controle da fé dos romeiros.

A devoção a Nossa Senhora da Salette, notamos, conforme as fontes, teve a primeira capela erigida em sua homenagem em Morlaix (Finisterre) no ano de 1848, pelos Religiosos do convento de Nossa Senhora das Victórias, invocando a então chamada Nossa Senhora Reparadora, portanto, não era chamada ainda com o título de Salette. Só mais tarde, em 1854, que a construção do santuário na montanha, local da aparição, foi permitida, e então a santidade passa a ser invocada como “Salette”.

O culto de N. S. da Salette tomou notavel impulso a partir do dia em que Mgr. De Bruillard o autorizou francamente em sua Diocese pela mesma Carta Pastoral, que declarava a Aparição “*indubitavel e certa*” (OMNSS, ago-set, 1918, p. 342, grifos do autor).

A igreja (hoje Basilica) de N. S. da Salette obedece ao estylo romano, byzantino, compõe-se de tres naves e sete galerias, medindo, internamente, 45 metros de cumprimento por 22 de largura. Dez capellas lateraes foram accrescidas em 1894. O mobiliario condiz com suas dimensões; sobresaem particularmente o altar-mor, todo de marmore, o orgão, o pulpito monumental e o pallio com as sanefas alindadas com mais de cem quadros historicos tecidos em Gobelins.

Mas a ornamentação, que sobre-modo arrebatava o coração, é a profusão incomparavel de ex- votos, que revestem as paredes do vasto edificio (OMNSS, ago-set, 1918, p. 342).

Padre Barrete (1976, p. 8) defendeu que “Maria, em Salette, não pediu que construíssem uma Igreja em sua honra, não pediu que lhe dedicassem uma devoção especial. Somente pediu que sua Mensagem, chamando o povo de volta a Deus, fosse comunicada a todo o seu povo”. Mas, como vimos essa divulgação da mensagem saletina pressupôs a criação de santuários, escolas e periódicos, como bem expressa um artigo da Revista, sobre este último elemento:

O conselho geral das peregrinações o compreende-o Seus membros reunindo-se nos annos seguintes na Salette sentiram a necessidade de dar uma expansão mais consideravel a seus trabalhos, Transbordaram-lhes ardores cavallheiresco e queriam propagal-os por todo o mundo.

Formavam um coração avido de comunicar suas palpitações e então recorreram a força da imprensa, fundando a revista; 'O Peregrino' que tornou-se s vóz, o canal, o órgão d'aquelle movimento das multidões. Nobre pregoeiro o 'Peregrino' gritava, proclamava á turba dos incréos, a fé que animava os 'cruzadas da penitencia', lutador encontrava os grandes golpes dos antepassados para os inimigos do nome christão. Preparavam assim o caminho para o jornal 'A Cruz' e para a obra magnifica da Boa Imprensa de Paris. Neste combate da penna saudamos com prazer entre os veteranos os 'Annaes da Salette' apparecidos em 1865, e que nosso Mensageiro é a continuação no Brazil, dirigidos pelos Missionarios da Salette. O terceiro meio de Apostolado, surgido da Apparição é o meio mais essencial da pregação (OMNSS, set. 1921, p. 327-328).

Conforme observamos nas fontes, a repercussão da aparição foi endossada pela imprensa e chegou à Cúria Diocesana de Grenoble. O Bispo de Grenoble na época, D. Felisberto de Bruillard reage publicando uma nota em 9 de outubro de 1846, endereçada aos padres da Diocese, orientando que não fosse comentado nada sobre o evento. Mas, conforme os padres Fassini (2005) e Schlewer (1999), aos poucos, as primeiras romarias começam subir a montanha. As pessoas já tinham sido mobilizadas de alguma forma.

O lugar da aparição foi visitado por centenas de peregrinos durante o ano de 1851, sendo todos atendidos pelo padre Perrin, o vigário da aldeia da Salette. O Bispo planejava a construção de um santuário para os peregrinos e também a composição de uma equipe de padres diocesanos para os seus cuidados. Como destacou padre Barrete (1976, p. 9):

Um corpo de religiosos não depende muito do bispo porque não está sob o seu comando; os serviços religiosos que esse corpo pode prestar são evidentes; mas em muitas situações e especialmente no que se refere ao seu trabalho pastoral, um grupo de religiosos é menos útil que um corpo de missionários diocesanos.

Conforme as fontes, Dom Felisberto de Bruillard pediu um exame severo sobre os fatos narrados e recebeu um relato dos sacerdotes. Nomeou, em 27 de julho de 1847, o padre Rousselot e o padre Orcel como Delegados Episcopais para a investigação. Entre 8 de novembro e 13 de dezembro foram realizadas várias reuniões com a presidência do Bispo e dos pastores, concluindo a aparição como verdadeira.

Desde o começo de Dezembro de 1846 estabeleceu duas commissões, compostas uma dos Conegos da sua Cathedral outra dos directores de seu seminario maior aos quaes pediu um relatorio documentado sobre a questão estudada minuciosamente. No anno seguinte enviou, investidos de plenos poderes, afim de procederem a longos e minuciosos inqueritos, os RR. Rousselot e Orcel (OMNSS, jun-jul, 1917, p. 98).

Contudo, o pronunciamento definitivo veio somente 4 anos depois. O referido Bispo publicou sua Carta Pastoral em setembro de 1851, declarando a aparição como “certa e indubitável”. Na Revista, essa decisão do Bispo é referida como “um maduro exame de cinco anos”, período entre a data da aparição e a primeira carta pastoral, e ainda como uma autorização para o credo, para a divulgação, oficialização da aparição (OMNSS, set. 1920).

De acordo com padre Schlewer (1999), as aparições só são autenticadas pela Igreja depois de muitas análises e sob algumas condições, o que não descarta o caso da aparição da Salette, que levou um inquérito minucioso e demorado até ser declarada como verdadeira:

Ela só o faz na medida em que elas nos orientam para a única aparição, a de Jesus Cristo que veio para nos revelar o rosto de Deus. Mas é mais importante ser um apaixonado pelo Evangelho, Palavra de Deus, do que por aparições! A Mensagem inteira de Maria em Salette nada mais é do que uma evocação da Palavra de Deus (SCHLEWER, 1999, p. 12).

Na Revista publicada no Brasil, o percurso foi retomado para dar legitimidade a essa devoção. O inquérito, conforme consta na Revista foi enviado ao “Prefeito da sagrada Congregação dos Ritos, que o aprovou”, e retornou ao Bispo que logo publicou sua Carta Pastoral também de aprovação (OMNSS, jun-jul, 1917, p. 98).

De acordo com Sales (2011), a aparição não é construída somente com os relatos dos videntes, ou pela afirmação da população local, mas pela investida na sua veracidade, colocada à prova, pelos questionamentos aos videntes.

[...] há um processo simbólico de adequação da aparição ao modelo de aparições. A existência dos elementos de continuidade e o seu reconhecimento pela população são centrais para a crença na veracidade das aparições, sendo a modelagem fundamental neste processo. [...] a aparição vai sendo construída localmente, a partir das relações estabelecidas e dos elementos simbólicos acionados, que se remetem a elementos recorrentes nas aparições marianas desde séculos (SALES, 2011, p. 74).

Na Revista, o relato dos videntes foi publicado insistentemente, bem como a chamada dificuldade da criação ou omissão dos fatos:

A partir de então, cada um de per si foi interrogado, inquirido de todas as maneiras, e verificou-se que tudo quanto o rapazinho respondia em Corps, igualmente o dizia a menina em Ablandins; as vezes diferiam as expressões; mas o sentido das respostas era o mesmo. Ainda mais: empregaram-se todos os meios, promessas tentadoras, ameaças terríveis, raciocínios capciosos, para leval-os a contradição; as mais sabias e inteligentes personagens, padres, magistrados, advogados, medicos, juizes, bispos, para os apanhar em

falta desenvolveram sucessivamente os recursos do seu espírito, a habilidade da sua diplomacia: tudo em vão (OMNSS, maio, 1917, p. 65).

E, ainda, depois de apresentar o sacrifício das duas crianças nos tribunais, a Revista publicou o estudo do Monsenhor Dupanloup, de 1848, sobre as falas das crianças:

Jámais no tribunal acusados foram tão inquiridos sobre um crime, como estes dous pobres camponiosinhos são, ha douy annos, sobre a visão que descrevem. As difficuldades preparadas de antemão, por vezes longa e insidiosamente meditadas, oppuzeram sempre respostas promptas, breves, claras, precisas, peremptorias. Sente-se que seriam radicalmente incapazes de mostrar tanta presença de espírito si tudo não fora verdade. (Carta a M. DuBoys, de Grenoble) (OMNSS, maio, 1917, p. 65-66).

Neste caso, a “presença de espírito” das duas crianças provou a fala metódica e bem colocada pelos dois, mesmos distantes um do outro.

É possível notar nos estudos de Megale (2008) que as aparições marianas acontecem em montanhas, em situações em que os videntes vivem em precariedade, enfocam o pedido de conversão, o pedido de construção de templo e dedicação ao modelo supremo: Jesus. No caso de Salette, em sua mensagem: *“Si meu povo, não quizer se submeter sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho”*.

Fassini (2005) procura enaltecer que o Bispo de Grenoble publicou uma nova Carta em 1º de maio de 1852, ordenando a construção do santuário, que foi concluída em 1865, e em 20 de agosto de 1879, declarada Basílica pelo Papa Leão XIII. Na Revista isso é recordado:

Autorizado por Mons. de Bruillard, o culto da Virgem da Salette foi abençoado e favorecido pelos Summos Pontífices Pio IX, Leão XIII e Pio X, que deram muitos e preciosos privilegios, tanto ao Santuario de Maria, elevado a Basilica menor, como aos padres e aos fieis peregrinos da Montanha da Aparição, á Archiconfraria de Nossa Senhora da Salette, a Congregação dos Missionarios, filhos da Virgem das lagrimas, e aos seus successores no serviço da peregrinação (OMNSS, set. 1917, p. 121).

Conforme o Mandamento do Bispo Bruillard de maio de 1852, a função dos padres no novo santuário era: “Sua instituição e existência serão, assim como o próprio santuário, um eterno monumento e perpétua memória da misericordiosa aparição de Maria” (BRUILLARD, 1852, p. 2, tradução nossa), e eles teriam por funções cuidar do santuário, receber os peregrinos e dar-lhes a palavra de Deus, administrar os sacramentos e os ministérios de Deus, como o da reconciliação e os tesouros espirituais da Igreja. Durante o verão, os padres

permaneceriam na montanha atendendo os romeiros, e no inverno pregariam o evangelho nas paróquias da cidade e do interior⁸.

Sobre a instalação dos padres na montanha, um artigo impresso na Revista apresenta:

A primeira habitação desses sacerdotes foi uma barraca feita de taboas, mas a fé que os animava e o amor que dedicavam a Aparição lhes supria a tudo. A vida em *commum* a meditação quotidiana desta palavra de Maria, « Pois bem, meus filhos, o fareis conhecer a todo o meu povo. Fizeram nascer nas suas almas de padres zelosos, o desejo de formarem uma Comunidade religiosa apta a realizar para sempre a ordem da Virgem.

Em 1858 elles pronunciaram seus primeiros votos. Em 1876 Monsenhor Fava os auctorizou a se fazerem aprovar em Roma; desde então, 1880 a Congregação esta regularmente constituída (OMNSS, set, 1921, p. 328).

Padre Barrete (1976, p. 11) pontua que o Bispo anunciou 3 sacerdotes diocesanos para os cuidados e serviços para os peregrinos. O superior denominado pelo Bispo, na época, foi o Padre Burnoud, considerado um bom administrador, e encarregado da escrita da regra da congregação. Como aponta o autor, a primeira regra foi uma adaptação da regra dos missionários de Lion, os cartuchos (Chartreux). Sua aprovação se deu em 5 de março de 1852. Outro padre diocesano chamado para a constituição do corpo de padres dirigentes do santuário foi Padre Sibillat, considerado um bom pregador, e o Padre Denaz, tido como um homem santo.

Em 1858, foi realizada a profissão religiosa de diversos sacerdotes diocesanos, formando assim, uma comunidade. Como se percebe pelos relatos das fontes, foi após a autorização e declaração de veracidade à aparição dada pelo Bispo D. Bruillard, que o culto a Salette foi intensificado. E esse clero diocesano encarregado do cuidado desta nova devoção deveria estar sob plena obediência ao Bispo Bruillard, sendo encarregado ainda de uma missão pastoral, de retiros, cuidado do santuário, de seminários menores, da educação da juventude. A atividade missionária pretendia chegar aos povos não evangelizados, distantes da cristandade, impondo a conversão. Além disso, a missão possui a dimensão política, já que causa impactos sociopolíticos na vida da sociedade local onde se instala (NERIS; SEIDL, 2013).

⁸ Livre tradução: Ces prêtres seront après les Missionnaires de Notre-Dame de la Salette, leur créations et leur existence seront, ainsi que le Sanctuaire lui-même, un monument éternel, un souvenir perpétuel de l'apparition miséricordieuse de Marie. Ces prêtres, choisis entre beaucoup d'autres, pour être les modèles et les auxiliaires du clergé des villes et des campagnes, auront une résidence habituelle dans la ville épiscopale. Ils séjourneront sur la montagne pendant la saison du pèlerinage; et pendant l'hiver, ils évangéliseront les différentes paroisses du diocèse (BRUILLARD, Philibert. Mandamento de 1852, p. 2).

Nas Regras provisórias de 2 de fevereiro de 1858, é possível notar que estes Missionários de Nossa Senhora da Salette deveriam ser considerados mensageiros da Rainha do Céu, deveriam propagar e dar a conhecer aos homens os avisos divinos, mais pelo exemplo do que por seu discurso. Deveriam servir especialmente ao Santuário da Salette, da Montanha, e primeiro evangelizar as diferentes partes da diocese, para depois ir para outros lugares, com as autorizações e aprovação do Bispo de Grenoble. Outro elemento interessante nessas regras está na marca distintiva proposta: uso do crucifixo especial de Nossa Senhora de La Salette, para lembrar constantemente o espírito limpo e a finalidade da sua vocação⁹.

Como salienta o padre Schlewer (1999), o último aviso da Salette foi a transmissão das suas palavras a todo o seu povo. Um povo transpassado pelos planos terrenos, históricos, mas movidos por um destino espiritual:

O espírito saletino não pode deixar de partilhar as preocupações de Maria:

- O serviço a todo o seu povo, na sociedade, nas realidades coletivas, aprendendo a superar nosso individualismo.
- O sentido de nossa consagração: o Povo de Deus é um povo consagrado a seu Deus, o que é essencial.
- O sentido da eucaristia como assembleia do Povo de Deus porque é ela que pode unir as pessoas num só povo, graças ao sacrifício do Cristo (SCHLEWER, 1999, p. 87).

Assim, podemos compreender que a mensagem de Maria apareceu como forma de relembrar o povo à atração espiritual sobre o Cristo Ressuscitado, e submeter todas as coisas a Ele, numa tarefa de conversão imensa, e soberania da Igreja Católica.

⁹ Livre tradução: 1° Les Missionnaires de N. D. de la Salette doivent se considérer comme les messagers de la Reine du ciel, pour propager et faire connaître aux hommes, plus encore par leurs exemples que par leurs discours, les divins avertissements qu'elle a daigné apporter elle-même à la terre. 2° Chargés spécialement de desservir le sanctuaire de la Salette, soit à Grenoble, soit sur la Montagne, ils devront sans doute d'abord évangéliser les différentes parties du Diocèse, mais ils pourront aussi remplir leur mission dans d'autres lieux, avec l'autorisation des Ordinaires respectifs et l'agrément de Mgr l'Evêque de Grenoble. 3° Ils prendront plus ou moins d'extension selon les indications de la Providence. 4° Ils ne porteront d'autre marque distinctive que le crucifix spécial de N. D. de la Salette, qui leur rappellera sans cesse but et l'esprit propre de leur vocation (REGLES PROVISOIRES POUR LES MISSIONNAIRES DIOCESAINS DE N. D. DE LA SALETTE, Grenoble, 1858, p. 8).

2.3 Quais as Continuidades Presentes na Aparição de Salette e quais as Modelagens?

Segundo o discurso presente na Revista, as aparições de Maria não têm um caráter universal, ou seja, não é em uma única forma que a Virgem aparece aos povos, entretanto, a sua mensagem tende a ser universal. O discurso tem certa permeabilidade. Na França, com uma imagem e semelhança das pessoas locais, a mensagem da Salette acontece em profusão. No caso do Brasil, considerando a política romana de reconquista católica, a característica da mensagem universal de Maria somada ainda à intensa devoção a Nossa Senhora Aparecida (cuja estátua foi encontrada no Rio Paraíba do Sul, em 1717), favoreceu a circulação dessa imagem saletina, a aceitação e construção dessa devoção no país.

Ao se pronunciar Maria como Nossa Senhora, diversos povos e culturas sabem do que se fala.

Refugio dos peccadores; Consolação dos afflictos; Soccorro dos Christãos, rogae por nos. Outras vezes Ella vem por deante de nossos olhos algum traço de sua vida mortal, ou um mysterio da vida de seu divino Filho. N'estes casos Apparição não se reveste d'um caracter universal, e a devoção que lhe deve sua origem, permanece particular e local. A universalidade, pelo contrario, parece evidentemente o caracter proprio do milagre da Salette. Aqui a augusta Virgem diz por duas vezes que a noticia da misericordiosa visita, de seus ensinamentos, de suas ameaças, deve ser annunciada a todo o seu povo; e com effeito, sua palavra resoou no mundo inteiro (OMNSS, agosto, 1918, p. 360).

A mensagem da Virgem Reconciliadora dos pecadores, a Maria Saletina, tornava-se universal. A sua imagem é particular e local, da mesma forma que aconteceu nas aparições em Lourdes, em Fátima, em Pointman, em Rue du Bac, todas do século XIX. E, é essa característica da universalidade da sua mensagem que, possivelmente, favorece e permite que sua imagem seja aceita nos diferentes lugares, e em diferentes povos. A recordação da imagem de Maria em sua aparição circula pelas culturas e torna-se modelo para a imitação. É neste sentido que a pregação se inscreve de forma estratégica dentro da política ultramontana.

Para o padre Schlewer (1999, p. 17), as crianças, Maximino Giraud e Melânia Calvat, narram a aparição caracterizando Salette como as camponesas da região: vestido longo, touca na cabeça, mas com guirlandas de rosas coloridas formando um diadema de luz, e ainda, uma luz que “não produz sombra alguma”:

Maria aparece em Salette como serva, cujo traje veste, mas também como rainha. Sobre suas espáduas, uma pesada corrente que parece sobrecarregá-la, esmagá-la, simboliza a miséria e o pecado de seu povo. Maria aqui aparece acorrentada por aquilo que aprisiona seus filhos (SCHLEWER, 1999, p. 17).

No crucifixo que Maria traz pendurado nas correntes tem os instrumentos da paixão. O martelo como símbolo do pecado que crucifixa, e o torquez como forma de libertação, de conversão (SCHLEWER, 1999, p. 18).

É interessante notar os cinco traços da “enviada do Céu”, mais uma vez, a produção da sua imagem (para ser imitada) se delinea na Revista:

Escutemo-la:

— *Si meu povo, diz, não quizer se submeter...* Ella tem um povo, logo é rainha: primeiro traço.

— *...sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho...* Ella tem por Filho aquelle que castiga, com o braço vingador, os infelizes que não querem submeter isto é, o Juiz soberano dos vivos e dos mortos; logo, é a Mãe de Deus: segundo traço.

...Tão ameaçador está, etão pesado, que o não poderei mais tempo suster! Ella o havia, pois até então retido, e impedido que tombasse sobre os culpados; -logo, Ella é a mediadora secundaria entre os homens e o mediador principal: terceiro traço.

Querendo que meu Filho não vos abandone vejo-me obrigada a Lhe supplicar incessantemente. E', portanto, a advogada perpetua do mundo culpado; quarto traço.

Por mais que rezeis, por mais que façaes, nunca podereis recompensar o quanto por vós tenho penado. Ella soffre tanto por nós que jamais poderemos a recompensar: quinto traço.

[...] Logo é o seu verdadeiro retrato que Nossa Senhora nos traçou, Ella mesma, na Santa Montanha (OMNSS, jun. 1917, p. 82-83, grifos do autor).

Com estes cinco traços, extraídos da sua mensagem e interpretados pela Igreja, oferecidos pelos saletinos aos leitores da Revista, é que os missionários esculpem pouco a pouco, para os leitores brasileiros, as características da Mensageira. Do “retrato”, ou autorretrato, como incita o artigo da Revista, já que a Mensageira teria feito a sua imagem por suas próprias palavras, surge a imagem que é oferecida como espelho ás outras mulheres, as mulheres mortais, pecadoras, terrenas. Na Revista são apresentadas três características *sine qua non* para o caráter divino de Maria:

A honra ineffavel de ser escolhida para Mãe de Deus, a sua Conceição isenta de toda a macula e a sua maternidade virginal, são três privilegios, três prodigios que elevam Maria ao mais alto grau de sublimidade e grandeza entre todas as creaturas (OMNSS, fev. 1918, p. 235).

Com o carácter divino reafirmado com o dogma da Imaculada Conceição (1854) novos santuários foram construídos em louvor à Maria, e o seu culto se tornou solene.

A imagem de Salette, na Revista, passou a ser chamada ainda de “simples creatura”, denotando humildade, submissão (OMNSS, jun. 1917, p. 94).

Honrar os santos e justos, mas elles são apenas os servos de Deus. Honrar os anjos é excellente, porem são os simples mensageiros de Deus. Honrar a SS. Virgem é um dever, pois que Jesus Christo a escolheu para a sua Mãe; entretanto é ella uma *simples creatura* (OMNSS, jun. 1917, p. 94, grifos nossos).

A construção da devoção, mas, sobretudo, a própria aparição, acena para um convite ao sacramento:

O objecto de nossa devoção não está lá, alem das nuvens, num mundo longínquo, num céu invisível: está a dois passos de nós: lá no Tabernaculo, escondido, é verdade debaixo dos veos sacramentaes das apparencias do pão, porem realmente presente, tão realmente como estava na casa de Nazareth, na Cruz e como está no céu (OMNSS, jun. 1917, p. 94).

Esse sacramento possibilita que a divindade esteja próxima do devoto, ao seu alcance. É o retorno à Igreja que a política ultramontana pretende. Simbolicamente, na hóstia (pão) e no vinho, corpo e sangue podem ser acessíveis aos pecadores, para a absolvição dos seus erros. E a aproximação de Salette às crianças é um convite à (re)aproximação de Deus, de Maria, conforme os padres Rovani e Schio (2003).

CAPÍTULO 3 - “POIS BEM! MEUS FILHOS, HAVEIS DE COMUNICÁ-LO A TODO O MEU POVO”: MODELOS TRAZIDOS PELO “MENSAGEIRO”

A fonte principal deste capítulo é a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, publicada pelos padres Missionários de Nossa Senhora da Salette, em 1917 até o ano de 1928 – a coleção completa, que temos arquivada no acervo do CDAPH. Esse periódico possibilita o estudo sobre as orientações de conduta para leitores, as mensagens prescritivas de comportamento, de leitura, parte de um programa de formação, educação da Igreja.

Ao analisar a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, direcionamos o olhar para as características físicas - título, anos, formato, estado de conservação, diagramação e colaboradores, número de assinaturas, e uma visão geral sobre seu conteúdo interno, como incitou Dias (2002) no caso do Jornal “A Ordem”.

Da mesma forma, num estudo também rigoroso, Cruz e Peixoto (2007) alertam para uma análise de fontes impressas que se baseie: nas capas e primeiras páginas, que indicam ênfase em determinados temas e questões; nas partes e cadernos, que propõem uma diferenciação, hierarquização e ângulos de abordagem dos conteúdos, sequências, permanências e mudanças; nos cadernos especiais e suplementos, que levam à emergência de novos campos temáticos e de interesses de grupos específicos; nas edições comemorativas, que advertem para movimentos explícitos de produção e atualização de memórias; nas seções diversas (editoriais, reportagens, artigos da redação, carta de leitores, anúncios), que significam uma articulação entre os “conteúdos” com projeto editorial; nas colunas fixas assinadas, que revelam uma ótica e abordagem de temas e de vozes autorizadas; em manchetes, colunagem, frisos, legendas, que organizam e destacam conteúdos e propõem uma maneira de ler; na Iconografia (ilustrações, caricaturas, fotos, charges, gráficos), que podem reforçar, complementar, extrapolar e, por vezes, entrar em tensão com a abordagem da parte textual; nos principais anunciantes, publicidade e seus espaços, que indicam a articulação da publicação com interesses empresariais e comerciais naquela conjuntura.

Contudo, esclarecemos que a metodologia desses autores nos estimulou a direcionar um novo olhar para a fonte, mas também tivemos uma abertura para a realização de procedimentos únicos, peculiares em nossa pesquisa. Assim, criamos uma metodologia com base em pesquisas já realizadas com fontes. O trabalho com a Revista demandou instrumentos de leitura: análise do enredo mensal, vinculando as relações entre uma seção e outra,

categorização dos artigos, dos temas gerais e de presença contínua, levantamentos dos números de publicações, sempre que possível, a identificação dos autores, das características físicas, de diagramação, da leitura de imagens.

Conseguimos observar algumas seções que enfocam: a aparição, a conversão, o catecismo, a instrução religiosa para crianças, a educação para moças, a moda, o carnaval, a boa imprensa, o espiritismo, a maçonaria, o protestantismo, a defesa da Igreja sobre a boa moral, os dogmas, o mapa de missão da Igreja Católica e dos saletinos, além da existência de poesias, comemorações, notícias de eventos, artigos sobre o santuário, graças alcançadas, notas e notícias do Brasil e do mundo, Regras da Associação de Nossa Senhora da Salette, e raros anúncios, como o livro de “Jonathas Serrano”, “Epitome de Historia Universal”, e outro sobre o “Collegio Diocesano S. José”, o qual anuncia seus cursos “Primario, Secundario Fundamental e Secundario Especial” sob o regime de internato, semi-internato e externato (OMNSS, jan. 1917).

Os artigos da Revista possuem, na maioria dos casos, apenas as iniciais do nome do possível escritor. O nome da direção da Revista surge somente a partir de maio de 1924, quando começa a aparecer o nome do padre “Dr. Simão Bacelli” junto à ilustração de abertura dos artigos, à indicação de mês, de número e de ano.

Para melhor análise, segue um quadro com algumas informações referentes à coleção, aos aspectos físicos e a temas gerais em cada volume.

QUADRO 2 – Aspectos gerais da Revista

Coleção – ano	Aspectos físicos	Temas abordados em geral
1917 a 1918 – 1 volume original. (todos os volumes originais nas dimensões de 23 x 15 centímetros).	Capa dura. Muitas folhas soltas, algumas desfazendo. Cor ocre.	Explicações mensais e contínuas sobre a aparição da Salette; Artigos sobre o progresso, espiritismo, maçonaria e protestantismo; Artigo sobre o cinema; Artigos sobre catecismo; Artigo sobre a necessidade de se ter religião (católica!); Artigo sobre as teses do congresso mariano (seção moral, dogmática, histórica, masculina, feminina); Artigo sobre o sensualismo; Traz a seção longitudinal do projeto de construção do santuário; Artigo sobre os nove tipos de higiene; Artigo sobre a benção da pedra fundamental do santuário; Artigo com a cópia da ata do lançamento da pedra fundamental; Poemas assinados por Jonathas Serrano; Artigos sobre “A missão da mulher” (contínuos); Fotos dos alicerces do santuário no RJ; Artigo sobre o socialismo.

<p>Janeiro de 1919 a dezembro de 1920 (1 volume xerocopiado em preto e branco).</p>	<p>Capa de plástico. Duas páginas por folha. Encadernado em espiral. Algumas páginas estão com a escrita cortada.</p>	<p>Artigos retirados do Boletim da Liga pela Moralidade; Artigo sobre a imprensa; Artigos sobre “uma mãe exemplar”; Artigo sobre o espiritismo; Oração em francês, dedicada aos Aliados, vencedores da I Guerra; Nota sobre a visita do prefeito do DF na matriz do RJ; Artigo sobre a fundação de escola apostólica na Montanha La Salette em 1876; Crítica ao teatro e cinema; Descrição do dia a dia dos alunos na escola; Imagem da planta-chão do santuário; Nota de falecimento do Superior dos padres saletinos: Clemente Henrique Moussier; Espiritismo – “culto de satanás”; “O perigo protestante”; Nota sobre a morte de Leão Perroche – saletino; Artigo sobre a inauguração da cripta do santuário no RJ; Comparação entre espiritismo e loucura; Artigo sobre “as seis ordens do casamento”; Artigo sobre dar esmolas; Artigo sobre a vaidade feminina; Notas sobre alguns exemplos a imitar; Artigo sobre “leitura”; Artigo sobre “código da família cristã” (prescrições); Artigo sobre o mês de setembro – saletino – na paróquia; Notas sobre a Santa Sé.</p>
<p>Janeiro de 1921 a dezembro de 1922 – 1 volume original.</p>	<p>Capa dura. As folhas estão amareladas, há alguns furos feitos por insetos (traça), o lombo está soltando. Folhas finas, quase transparentes, com a escrita sobressaindo no verso.</p>	<p>Artigos sobre a leitura necessária para as mulheres; Prescrição sobre vestimentas; Artigo sobre noções gerais de moral; Comemoração das bodas de diamante da aparição; Retomam-se as narrativas de aparição e as obras que foram feitas; Boas vindas a D. Sebastião Leme; Festividade das bodas de diamante; Artigo sobre o Espiritismo e outras religiões; Notas sobre a Santa Sé; Muitos artigos sobre a moda, sobre bons exemplos, sobre moral católica X outras religiões/seitas; Artigo sobre a família; Presença marcante de “exemplos”.</p>
<p>Janeiro de 1923 a dezembro de 1924 – 1 volume original.</p>	<p>Capa dura. Folhas quebradiças; Aspecto de molhado; Páginas soltando.</p>	<p>Artigo sobre deveres dos professores e alunos; Seção de Variedades traz muitos artigos curtos sobre bons exemplos e sobre moda; Notas sobre a Santa Sé; nota sobre o trabalho maçônico nas escolas; Artigo sobre jornais e revistas católicas – anúncios de vendas de exemplares e preços; Nota sobre os gastos das mulheres com a vaidade; Artigo sobre a ciência; Nota de parabenização ao Cardeal Arcoverde e fotografia dele; Imagens do alicerce do santuário; As regras da “Associação” saletina, nas últimas páginas, passa a se chamar “Confraria”; Comemoração do mês da Salette e sua apresentação como “modelo de caridade”; Nota sobre a criação de dioceses; Nota sobre as palavras de Dom Vital; Nota sobre a situação do catolicismo; Nota sobre um concurso sobre o ideal de mulher; Nota na seção de variedades sobre as danças, sobre missionários modernos, sobre leituras e protestantismo; Nota crítica à imprensa <i>A Tribuna</i>.</p>
<p>Janeiro de 1925 a dezembro de 1926</p>	<p>Capa dura. Muitas folhas soltando;</p>	<p>Artigos curtos sobre a moça moderna; Artigos curtos sobre bons exemplos; Discussão sobre Modas femininas; Notas</p>

– 1 volume original.	Folhas quebradiças.	sobre a construção de novas dioceses; Nota sobre a nomenclatura dos séculos; Prescrições sobre cortes de cabelos e roupas; 10 dicas sobre a má educação dos filhos; Mês de Junho – artigo sobre 50º ano de morte do vidente Maximino Giraud; Notas sobre a Santa Sé; Notas sobre os novos bispados; Soneto sobre a moda feminina (justo conceito sobre o que seja a moda); Notas sobre as fases do casamento; Descrição de bons exemplos; Oração para as moças; Nota sobre a condenação do espiritismo; Nota sobre as missões católicas; Nota sobre a missão protestante; Conferência dada aos homens da Liga Católica; Artigo sobre o novo Superior Saletino, padre Crozet.
Janeiro de 1927 a dezembro de 1928 – 1 volume original.	Capa dura. Folhas amareladas e finas; Letras pequenas.	Conselhos sobre com quem se deve casar; Artigos sobre modas; Artigo de 25 anos dos saletinos no Brasil; Descrição sobre o santuário; Os vitrais do santuário; Artigo sobre a inauguração do santuário; Imagens do santuário e dia da inauguração; Artigo sobre as lições que a aparição traz; Inauguram-se os artigos de Crônicas do Santuário (mensais); Apelos do diretor da escola apostólica para recrutamento de jovens; Instruções sobre o como comportar-se dentro da Igreja; Notas sobre a Santa Sé.

Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

Após a observação geral das características físicas e dos conteúdos, buscamos também quais as edições publicadas e quantos artigos constavam em cada uma. A Revista foi criada para aparecer mensalmente, mas alguns meses foram publicados em um único número, chegando a haver quatro meses em uma única edição, como foi o caso em 1919. Nesse levantamento notamos que ao todo foram publicados 125 números da Revista, de janeiro de 1917 até dezembro de 1928. Observamos também a quantidade de artigos publicados em cada número. Para tanto, consultamos cada sumário, anotando as respectivas indicações. Notamos a existência de um número grande de títulos, oscilando entre 10, 11 e 13 artigos por número até o ano de 1921. Depois desse ano, até o ano de 1928, oscila entre 6, 7 e 8 artigos.

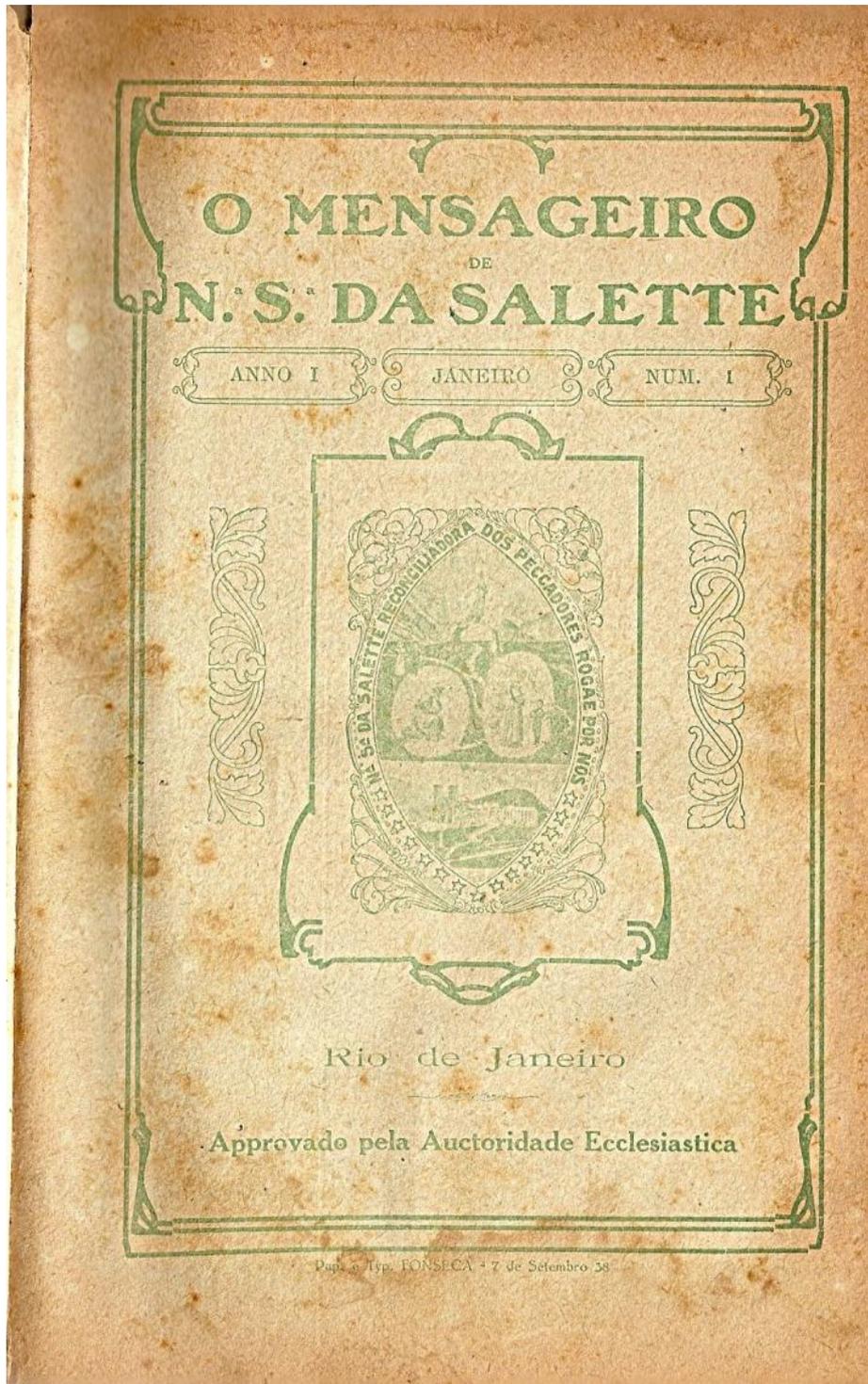
QUADRO 3 - Quantidade de artigos (conforme sumário da Revista)

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1917	9	10	13	12	12	13	14		13	13	12	14
1918	14	12	13	13	11	12	13	13		13		10
1919	10	9		13	12	11	12		10			
1920	11		11	11	8	8	10	8	8	7	9	8
1921	8	8	7	10	8	6	7	8	10	9		7
1922	8	8	7	7	7	7	6	7	7	7	6	6
1923	6	6	6	6	7	7	7		7	6	6	6
1924	6	6	6	7	6		6	6		6	6	6
1925	6	6		6		6	6	6	8	7	7	6
1926	6	6	6	6	6	6	7	5	5	7	7	
1927	6	6	6	6	6	5	5		6	6		6
1928	7	5	7		5	6	6	6	6	7	7	7

Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

E, abordamos ainda, as capas da Revista, que foram ao longo do tempo, sendo modificadas conforme novos olhares, novos desejos e planos da congregação.

FIGURA 1- Capa do número de Janeiro de 1917



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* - nº 1, Janeiro de 1917

A aparição do “modesto Mensageiro”, Revista dos padres saletinos publicada no ano de 1917, aponta para a iniciativa destes padres em fazer chegar a notícia da aparição da Salette aos lugares mais distantes e mais necessitados, na época considerados Brasil e Portugal – dois países que “são terras de Maria Santíssima”, que imitam a França, tanto na piedade com Maria, quanto nos erros, desvarios, nos seus desprezos pelos mandamentos. A missão dos padres saletinos se estendeu ainda a outros países, como anuncia a Revista sobre a benção dada pelo Papa, às comunidades do Instituto Saletino instalado na França, Itália, Suíça, Estados Unidos, Brasil, Madagascar, Canadá e Polônia (OMNSS, maio, 1918, p. 292).

Conforme aponta padre Fassini (2001, p. 119),

O periódico teve seu primeiro número editado em janeiro de 1917, no Rio de Janeiro. Uma sala da Casa Paroquial foi transformada em centro administrativo da revista. Pe. Fidélis Willy MS foi seu fundador e, por muitos anos, Irmão Rafael Rozec MS foi seu gerente.

Desta forma a Revista permaneceu até 1943, sendo que, no ano seguinte, o direito de propriedade esteve em nome de Marcos Sombra Albuquerque, um leigo. No entanto, em 1950, o Conselho Provincial transferiu esse direito à Associação Nossa Senhora da Salette. Além disso, em 1946 a Revista foi transferida para Marcelino Ramos (RS) sob encargo de Irmão Nicolau Martinowski, Pe. Alberto Allamann, Pe. Francisco Xavier Hoegger, Pe. Emílio Soares da Silva, Pe. Clorálio Caimi, Pe. Luiz Biesek, Ir. Luiz Heidrich, Pe. Aloísio Franz, Pe. Anacleto Ortigara, Pe. Bolívar Hauck como correspondente europeu, Pe. Arlindo Favero, Pe. Antônio Nichele, Pe. Zemir Lourenço Prigol, Pe. Adilson Batista Schio, Pe. Carlos Baudini e Pe. Marcos Antônio Dias de Almeida.

Em 1960, o título da Revista foi alterado para “Salette”, sob gestão de Pe. Anacleto Ortigara e direção de Pe. Arlindo Favero. A Revista ganhou novo estilo, mais cores e foi computadorizada. Trata-se ainda, de uma Revista publicada até os dias atuais:

‘Salette’ é um veículo de grande penetração, sobretudo em meio a populações interioranas. Divulga entre seus vinte mil ou mais assinantes, a Mensagem de Nossa Senhora da Salette, levando a seus leitores artigos de informação sobre questões de vida pessoal a familiar numa perspectiva humanística e de formação cristã (FASSINI, 2001, p. 248).

Como destacou Fassini (2001), a circulação da Revista se dava, sobretudo nas cidades interioranas, e sua tiragem, quando o título já estava sob “Salette” (em 1960), estava entre 20

mil ou mais assinaturas. Na própria Revista não há dados relativos à quantidade de assinaturas. Contudo, observamos na seção de graças alcançadas a publicação de breves depoimentos de devotos, alguns com a identificação do nome e da cidade de origem. A partir disso inferimos sobre a circulação da Revista. Por exemplo, encontramos em todo o ano de 1917, depoimentos de pessoas do Rio de Janeiro, São Paulo, Portugal, Arapiraca, Santa Cruz do Rio Pardo, Lagoinha (SP), Maceió, Manaós, Pelotas, Penedo, Taubaté, Taquarussu-Minas, Niterói e Campos. Os depoimentos de diferentes pessoas dessas cidades se repetem. Contudo, prevalecem as ocorrências em São Paulo e Rio de Janeiro. Acompanhamos também a publicação do ano de 1918. Os registros apontam para a maior circulação dessa Revista, de fato pelo interior de São Paulo, para outros estados (destacando-se aos poucos a região sul), e uma grande incidência pela região nordeste do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Campinas, Rio Claro, Capivary, Itú, Ceará, Curtyba, Portugal, Icó, Fortaleza, Paraná, Leopoldina, Alagoas, Bahia, Conceição Aparecida, Ponte Alta (MG), Juiz de Fóra, Estação de Chacrinha, Itapagipe (BA), Gramma, Bello Horizonte, Santos, Ribeirão Pires, Villa São Bernardo, Cedro, Campos, Petrópolis.

A seção de graças e pedidos se torna frequente:

Honorina Belem de Souza, moradora em Catumby, conta o seguinte: Soffria horrivelmente de uma perna, coberta de chagas; cheguei a ficar encolhida e neste estado devia desempenhar as minhas obrigações. Durante 3 annos que o mal durou, consultei varies medicos, que todos declararam o mal incurável [...] em novembro p. p., me lembrei de N. S. da Salette, implorando a compaixão da Virgem misericordiosa. Desde este momento melhorei de dia para dia, e hoje não me resta do mal senão algumas marcas inoffensivas. Graças a N. S. da Salette (OMNSS, fev. 1917, p. 9).

Bahia, S. Salvador, Julho de 1918

Agradeço ao Divino Coração de Jesus e a N. S. da Salette o milagre de minha cura, por intermedio da milagrosa novena de N. S. da Salette; pois estando duas vezes muito mal vi-me livre do perigo em que achava-me; a primeira de uma febre e após um mez d'esta sujeitei-me a uma melindrosa operação, e hoje achando-me curada, venho render graças a tão Soberana Mãe, pedindo a publicação d'esta como prova de gratidão e verdade.

Rosa da Silva Rego C. da Rocha
(OMNSS, Ago-set, 1918, p. 345).

Num momento de grande afflicção, recorri a boa Mãe N. S. da Salette, e tendo sido attendida, venho cumprir a promessa de publicar essa graça, enviando dois mil réis para o Santuario.

Maria Hortencia Duarte.

Palmeira do Indios, Alagôas

Immensamente gratas a gloriosa Santa Therezina do Menino Jesus pelo restabelecimento da saude de sua tia e mãe, vem cumprir a promessa feita,

de publicar esta graça no "Mensageiro" da Salette, havendo prometido igualmente ouvir 5 missas, fazendo 5 comunhões.
Alcina Duarte Gonzaga e Maria José de Arango Barros.
Maceió, Alagoas, 14-10-1928.
(OMNSS, dez. 1928, p. 164).

No sumário da primeira publicação (1917), sob o título "Assignaturas" informa-se que a forma de pagamento deve ser adiantada e deve ser em "carta registrada com valor declarado ou vale postal" ao endereço mencionado no "Expediente", sendo o valor para o Brasil de 3\$000 e, para o Estrangeiro, o valor de 4\$000. No caso da venda para o estrangeiro, observamos a ocorrência na seção de graças alcançadas, de pessoas de Portugal apenas.

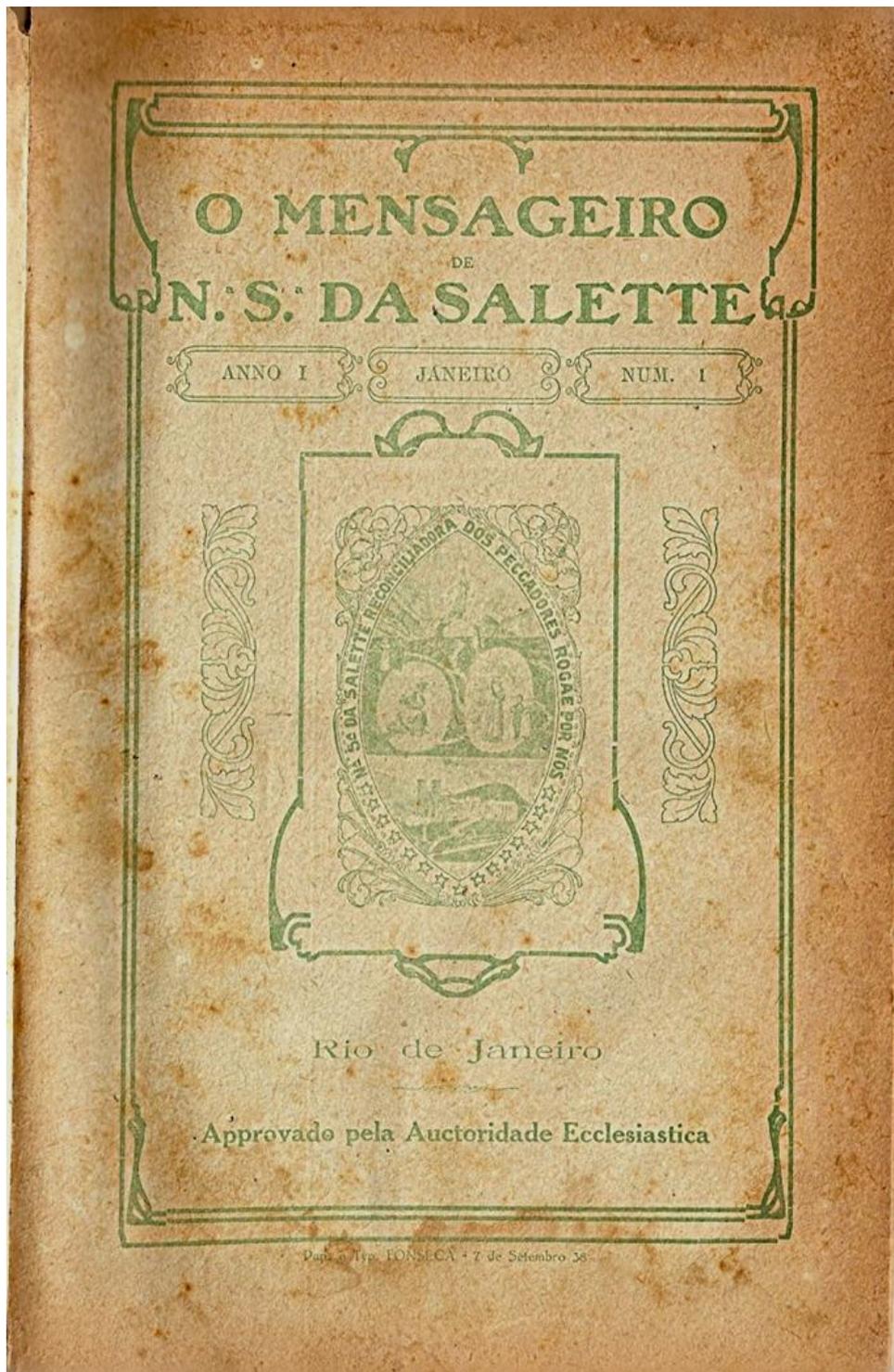
No verso da capa da Revista está o Sumário, com assuntos sobre a aparição, graças alcançadas, notícias, avisos. O "expediente" aponta o local aonde se dirigir para pedir informações: "Para todas as informações e o que diz respeito à redacção e à administração, dirigir-se aos Padres Missionarios da Salette, rua Catumby, 78 – Rio de Janeiro". A mesma informação segue em todos os números até o ano de 1928, o que indica a sua produção na casa dos saletinos do Rio, ao menos até esta data.

Como já mencionado, é importante destacar também que poucos são os artigos em que consta assinatura do autor. Muitos são impressos apenas com iniciais, ou até mesmo não apresentam quaisquer indicação. Os poemas e poesias são assinados ora por Ignez Serrano, ora por Jonathas Serrano. Há artigos com indicações de tradução, outros que foram extraídos de Boletins, Carta Pastorais.

Observamos que, as imagens das capas da Revista aparecem inicialmente trazendo os três momentos da aparição de Salette na França – quando aparece às duas crianças, quando conversa com elas e o momento em que sobe para o céu –, depois, enfatiza o santuário de Nossa Senhora, primeiro na França e, em seguida, sua construção no Brasil (Rio de Janeiro), representando aquilo que os missionários estavam incumbidos de difundir: a imagem de Nossa Senhora da Salette e sua mensagem carregada de valores, a partir do aviso deixado por Ela: "Pois bem! meus filhos haveis de comunical-o a todo meu povo".

Em nossa pesquisa, outro aspecto importante é o próprio nome da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*. Mensageiro é aquele que leva ou traz uma mensagem, um recado, um aviso. Faz-nos recordar o Anjo Gabriel, que anuncia á Virgem Maria a chegada do menino Jesus, aquele que salvaria a humanidade.

FIGURA 2: Capa de Janeiro de 1917



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

FIGURA 3: Capa de fevereiro de 1917



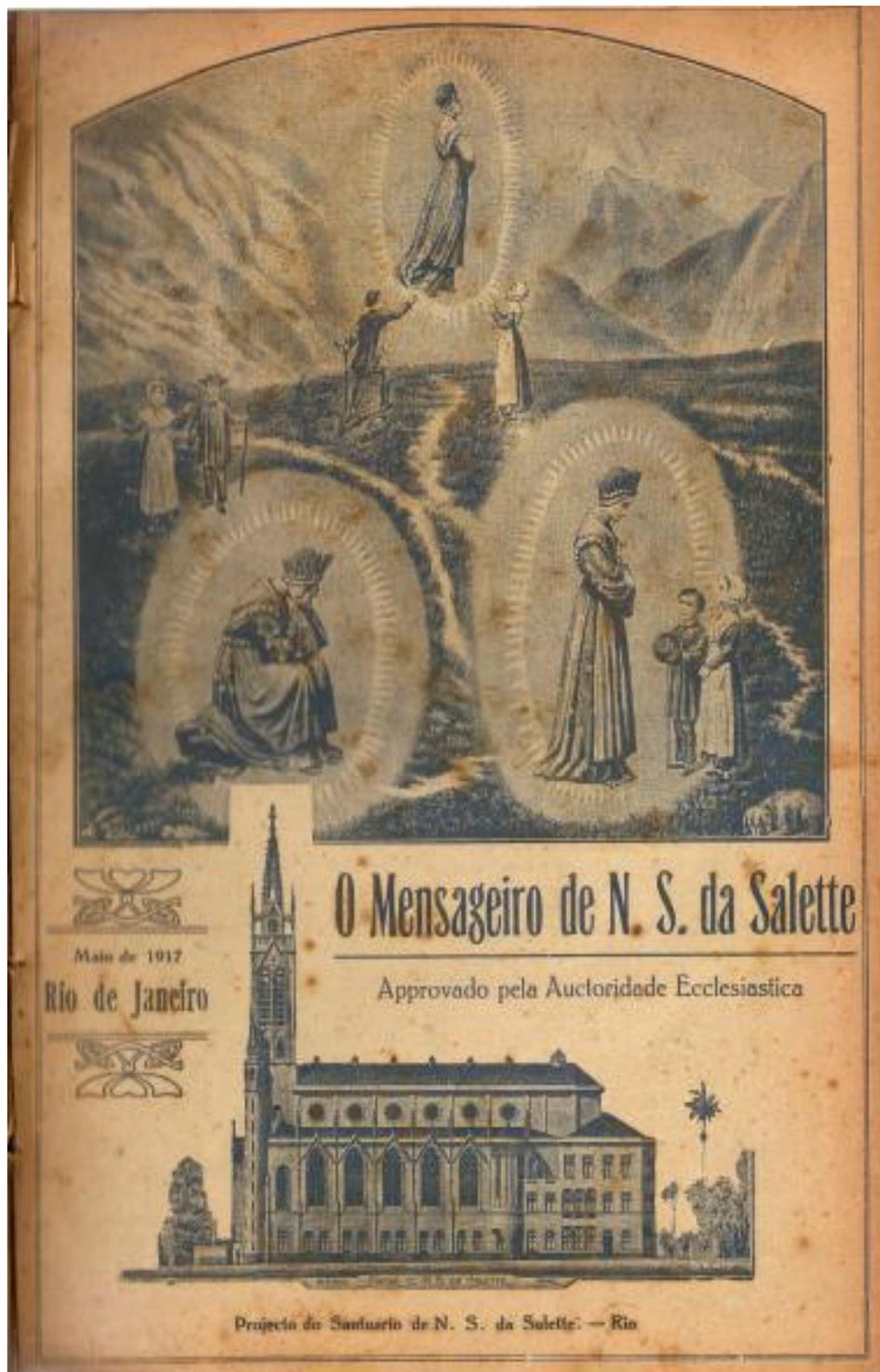
Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

As capas dos números de Janeiro e Fevereiro de 1917, são emolduradas e dentro dela, no canto superior, está o título “**O Mensageiro de N^a S^a da Salette**”, em letras verdes grandes. Logo abaixo, um ao lado do outro, estão três pequenas molduras com o ano, o mês de publicação e o número da revista. Segue, abaixo deste, uma moldura, em forma de medalha, centralizada na folha da capa, tendo no seu interior a imagem da aparição de Salette às crianças pastoras e, abaixo desta, a imagem do Santuário de Salette na França. As imagens encontram-se em tamanho bem pequeno e apagadas. Nas bordas desta medalha, está a frase “N^a S^a DA SALETTE RECONCILIADORA DOS PECADORES ROGAE POR NOS”, em letras pequenas, circulando a imagem, e da qual saem algumas pequenas estrelas e ramos. Na parte superior desta medalha, dois anjos, tanto do lado direito quanto do lado esquerdo, seguram sua borda e olham para as imagens.

Embaixo desta moldura está o nome da cidade onde é publicada a Revista: “Rio de Janeiro”, em letras minúsculas. E segue abaixo a frase “Aprovado pela Auctoridade Ecclesiastica”, que denota o combate à má imprensa, sobre o que pode ou não ser lido pelas pessoas. Fora da moldura da capa está em letras bem pequenas o nome da gráfica “Pap. e Typ. FONSECA – 7 de Setembro 38”.

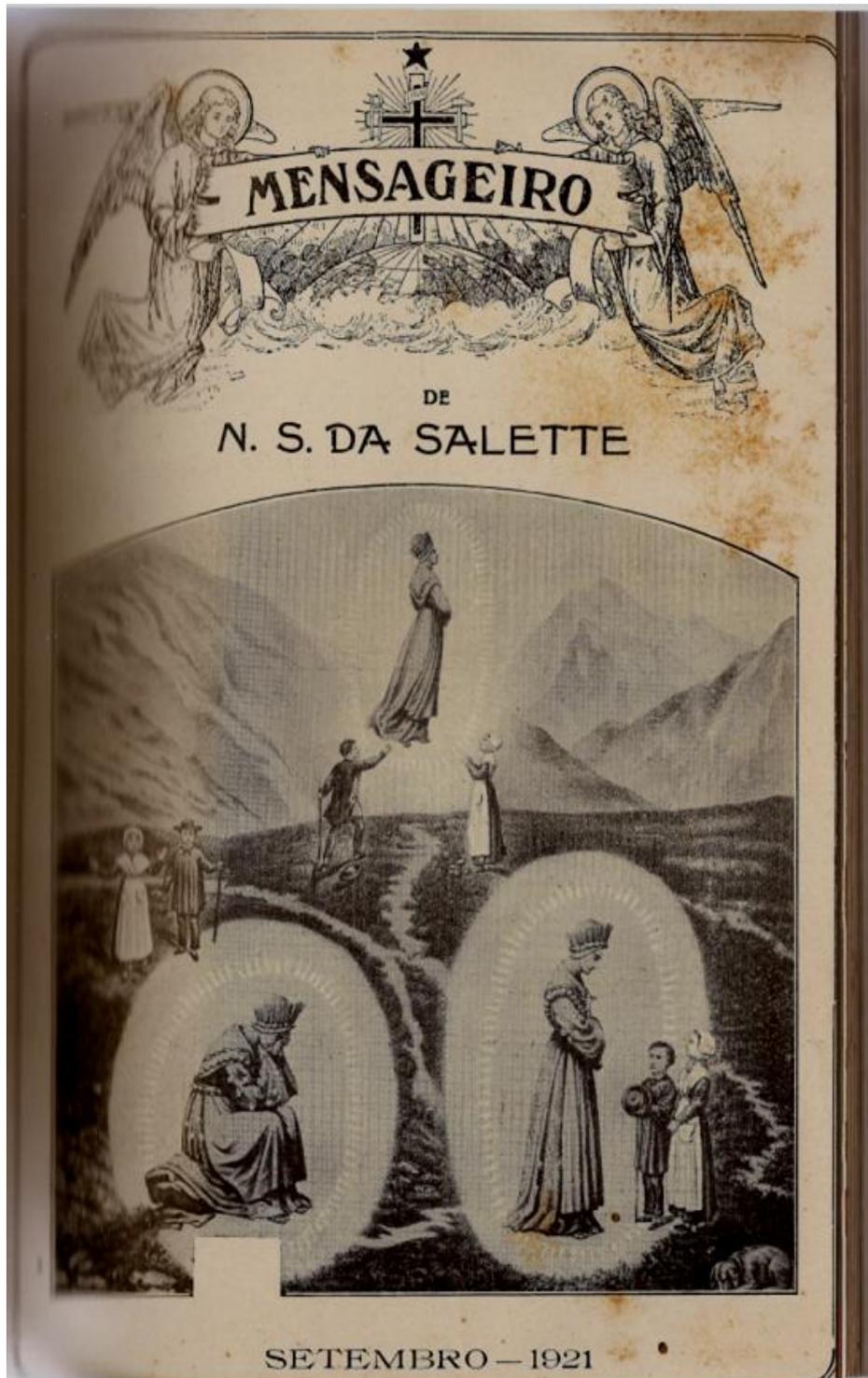
A princípio é o nome da Revista que se sobressai, mas a imagem no centro da folha direciona o olhar do leitor. Os três momentos da aparição logo são recordados, já inicialmente na publicação.

FIGURA 4: Capa que permanece de março de 1917 até agosto de 1921



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

FIGURA 5: Capa de setembro de 1921 até julho de 1924

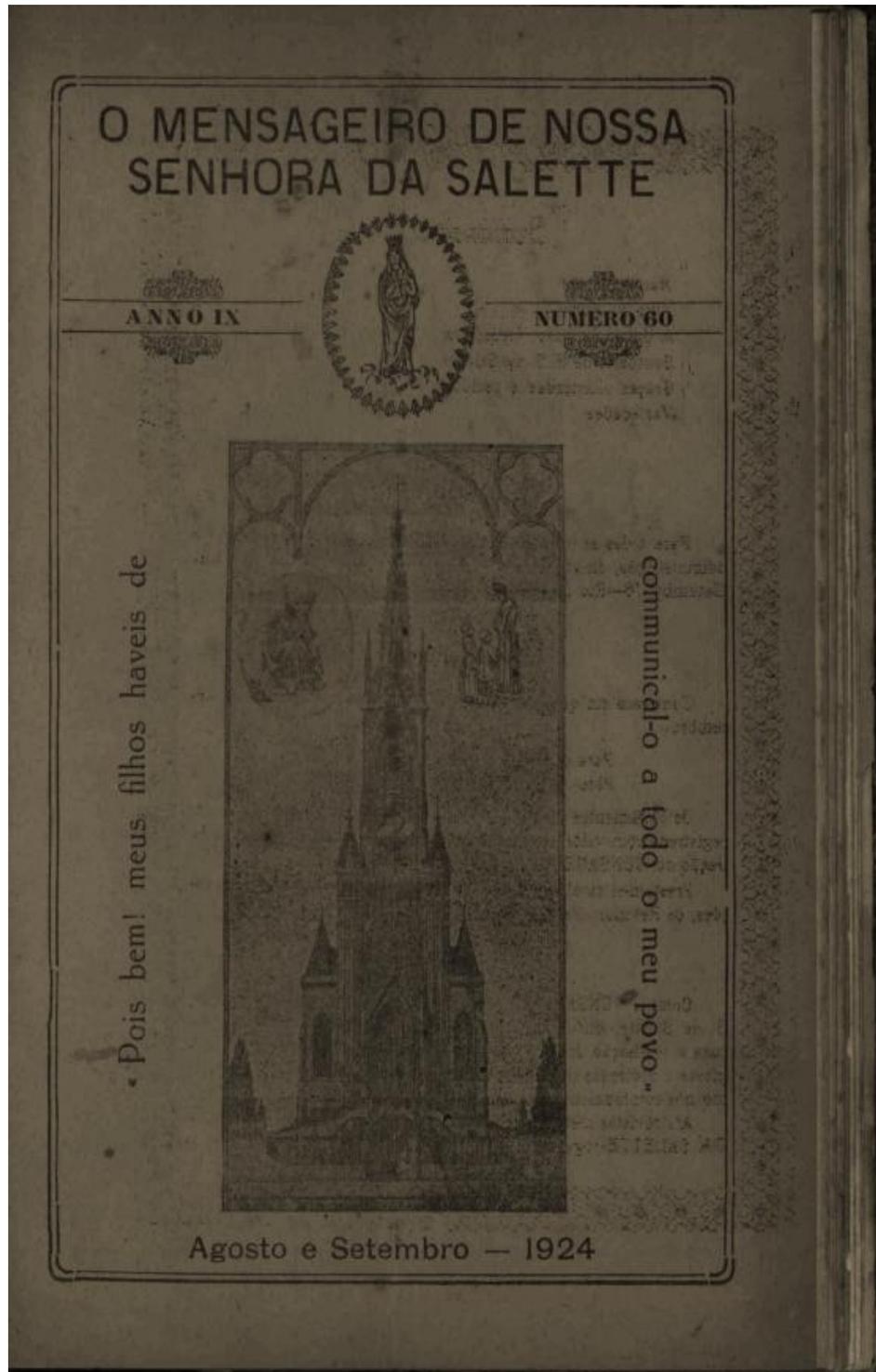


Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

Nota-se que a capa dos números de março de 1917 até agosto de 1921 é a mesma. Nela se encontram, na metade da folha, imagens da aparição de Salette às crianças pastoras em três diferentes momentos: um quando as crianças a encontram sentada numa pedra chorando, outro, quando ela conversa com as crianças e o último que trata de sua ascensão aos céus. É essa imagem de humildade, resignação e submissão que os padres implicam da Revista para o leitor. Abaixo segue, recuado do lado direito, o título **“O Mensageiro de N. S. da Salette”**, com a frase abaixo “Aprovado pela Auctoridade Ecclesiastica” em letras pequenas e tendo ao lado esquerdo deste uma pequena moldura com o nome da cidade: “Rio de Janeiro”. Centralizado no canto inferior da capa está a imagem do projeto do Santuário de Salette no Rio de Janeiro.

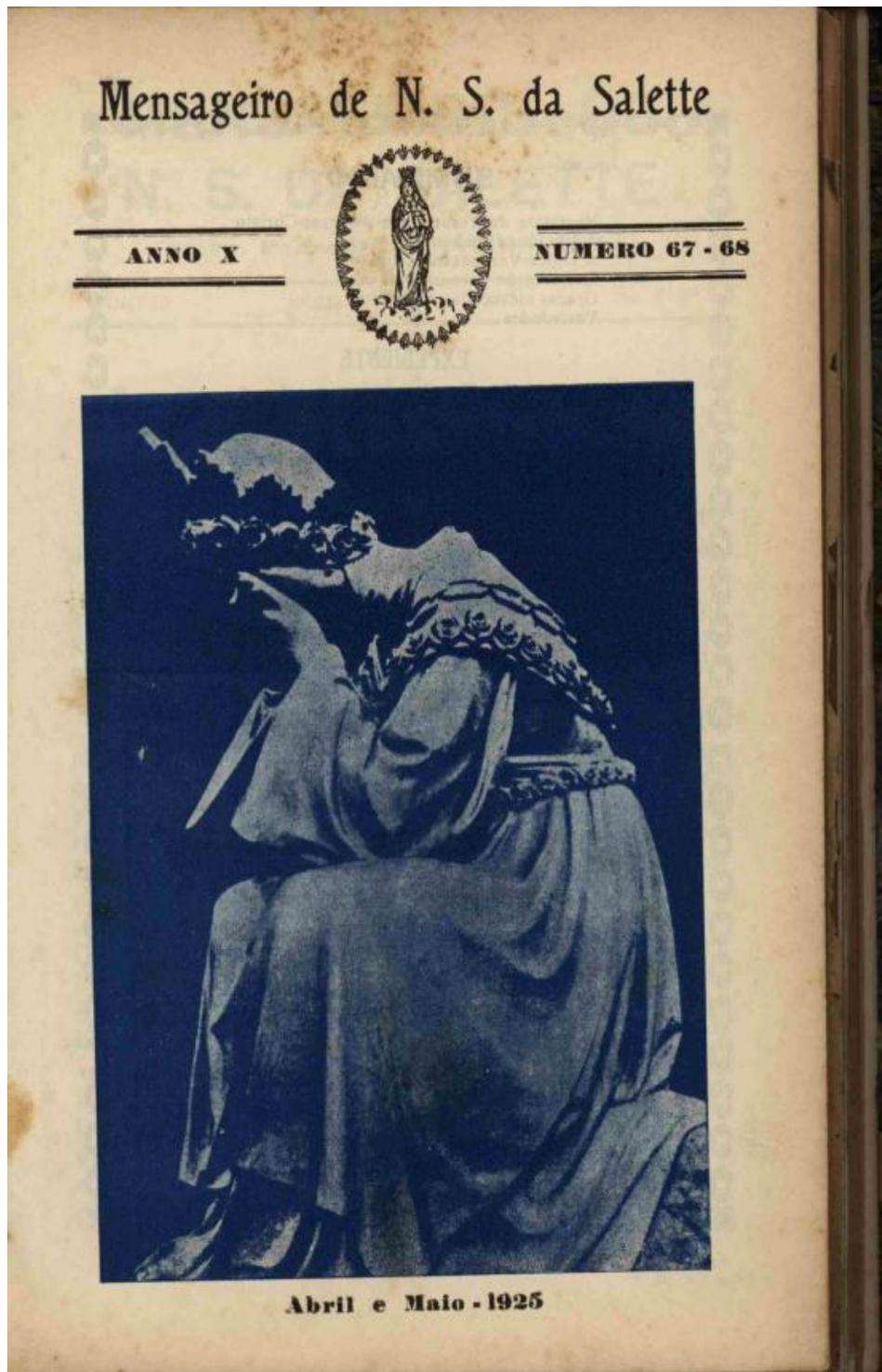
Já a capa de setembro de 1921 até julho de 1924 passa a dar maior ênfase na imagem da aparição, nos momentos marcantes de conversa com os pastores, de mensagem da Virgem Maria para as pessoas.

FIGURA 6: Capa de agosto-setembro de 1924 até fevereiro-março de 1925



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

FIGURA 7: Capa de abril-maio de 1925 (única na coleção de 1917-1928)¹⁰



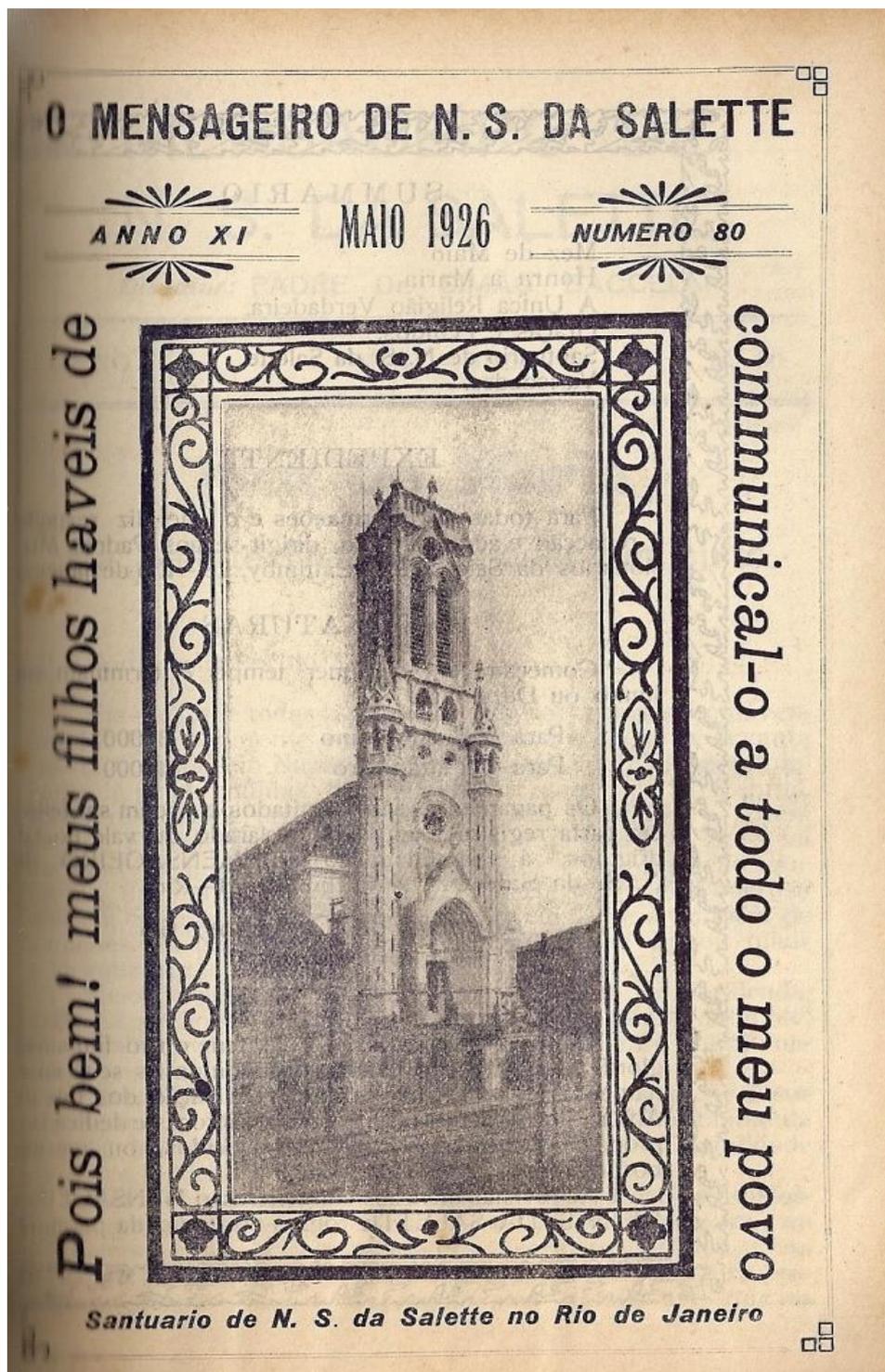
Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

¹⁰ Depois desse mês a capa retorna à de fevereiro-março de 1925 que permanece até abril de 1926.

Observamos que as capas de agosto-setembro de 1924 até fevereiro-março de 1925 são estruturadas enfocando a imagem do santuário, mas sem perder de vista os três momentos da aparição, que são impressos em tamanhos bem pequenos, mas se apresentam no todo da imagem. Do lado esquerdo está uma frase alinhada na borda da imagem com letras em tamanho médio “Pois bem! Meus filhos haveis de”, e do lado direito da imagem a continuação, “communica-lo a todo meu povo”. A ideia educativa de transmissão de um ensinamento, inerente ao catolicismo, perpassa a Revista em diversos pontos. Abaixo da imagem segue centralizado em letras pequenas o mês e ano de publicação.

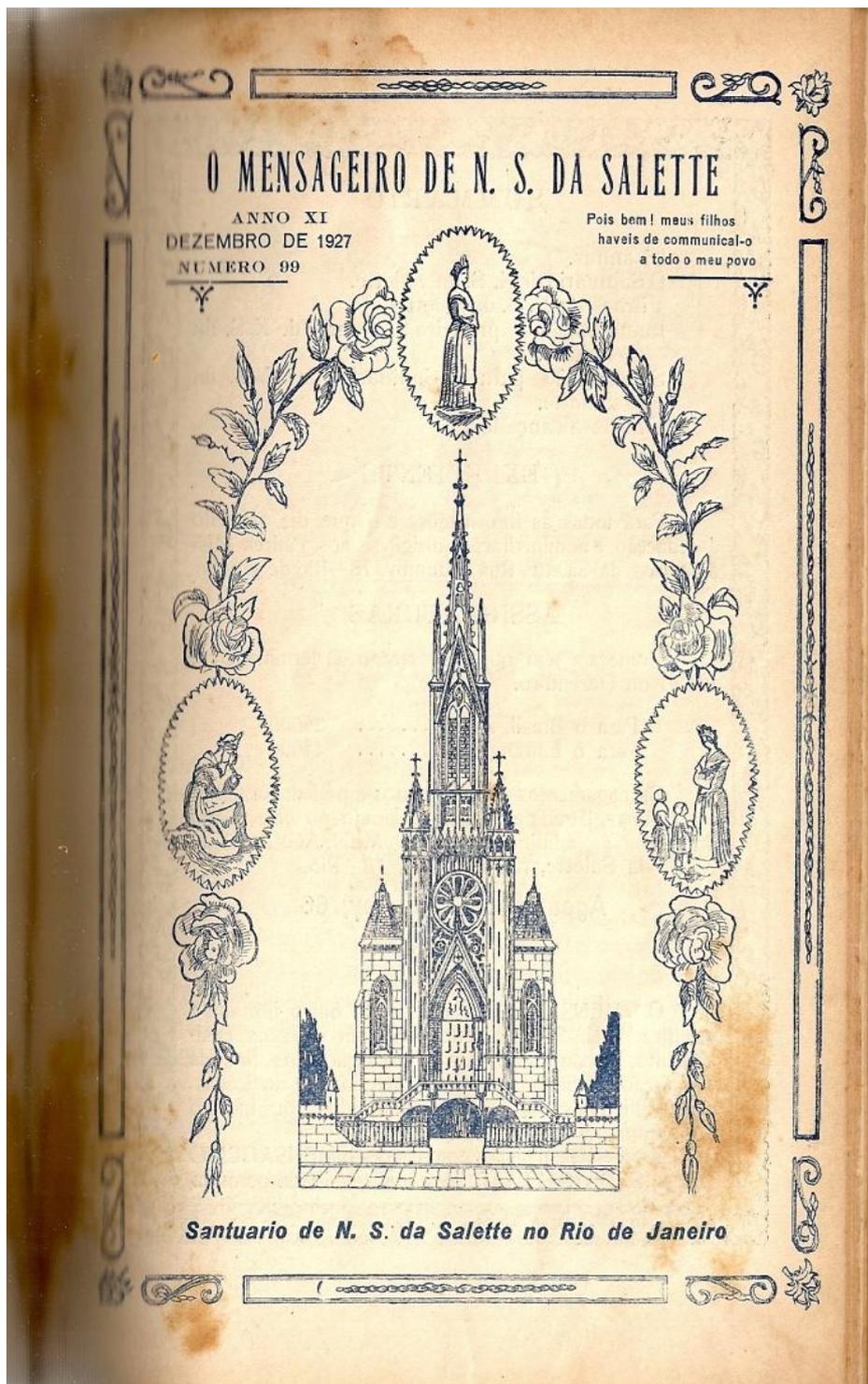
A capa única de toda a coleção da Revista é a de Abril-Maio de 1925. A imagem ampliada, em tom azul, de Nossa Senhora sentada, com as mãos no rosto, chorando, procura mobilizar o leitor. O sofrimento de uma mãe é estampado para a comoção das pessoas e faz parte significativa de uma formação geral.

FIGURA 8: Capa de maio de 1926 até outubro-novembro de 1927



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

FIGURA 9: Capa de dezembro de 1927 até dezembro de 1928



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

A partir da publicação do mês de Maio de 1926, a capa muda e ganha destaque. A imagem do santuário está emoldurada com ramos maiores e com a frase “Pois bem! Meus filhos haveis de comunica-lo a todo meu povo” também está em letras maiores. Este padrão segue até Novembro de 1927.

A publicação de dezembro de 1927 até dezembro de 1928 apresenta uma capa diferente de todas as anteriores. Está enquadrada, com o título centralizado na borda superior. Do lado esquerdo seguem, um embaixo do outro, o ano, o mês e o número. No centro está uma pequena imagem de Salette em forma de medalha e no canto direito, novamente a frase em letras bem pequenas “Pois bem! Meus filhos haveis de comunica-lo a todo meu povo”.

Considerando a pequena imagem de Salette, saem-se um ramo de rosas de cada lado, sendo entrecortada por uma imagem de Salette chorando (lado esquerdo) e uma imagem de Salette com os pastores do lado direito, ligando até o final da página o ramo de rosas. No centro desse arco de rosas está a imagem do Santuário de Salette no Rio de Janeiro, com o nome abaixo da imagem “Santuário de N. S. da Salette no Rio de Janeiro”. A posição central é ocupada pelo santuário, mas a imagem da Salette, pequena, o circunda.

É possível notar que as imagens da aparição vão deixando de ser foco nas capas e tornando-se assunto para o interior da Revista em seus artigos que relembram a temática da aparição, a verdadeira religião, artigos sobre conversão, seção de graças e pedidos, artigos de defesa contra outras religiões e seitas, artigos sobre as solenidades na matriz, sobre as festas da padroeira, sobre a escola apostólica etc.

O objetivo de veiculação da Aparição, foi que “as palavras da celeste Mensageira”, ecoasse nas almas as impressões mais puras, e inspirasse a docilidade frente a esta manifestação celestial que foi a aparição da Virgem. Portanto, a Revista veio, por meio da figura masculina dos padres, inspirar, educar, conformar corpo, mente e alma dos brasileiros, de acordo com a mensagem da aparição francesa (OMNSS, jan. 1917, p. 2).

Como já mencionado, a congregação saletina foi criada na França, em 1852, a fim de difundir o culto a Nossa Senhora da Salette. Vimos no capítulo anterior que se narrava aqui no Brasil a história da montanha e quais elementos eram destacados. Aqui, direcionamos o olhar para uma análise sobre os aspectos simbólicos da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* no que diz respeito ao recordar a história da congregação, dos modelos a imitar e o que pregar.

Ao publicar na Revista imagens impressionantes (em representações discursivas ou visuais) que se fixam na memória (ALMEIDA, 1999), a Igreja utilizou-se de um veículo de comunicação a seu favor, para a produção de imagens do ser ideal (baseado na figura de

Maria) e para a divulgação de “lugares de memória”: santuários, locais das aparições (NORA, 1993).

As imagens permitem visualizar mentalmente quando algo está ausente. Elas estariam entre “as reações sensoriais e a capacidade de formar conceitos” (PESAVENTO, 2008, p. 19). É importante considerar também que as imagens são frutos da ação dos homens, a partir da sua experiência emotiva e sensorial que remete a uma esfera cognitiva de produção de significados, pois as imagens produzidas são postas em relação com as que estão na memória. Segundo Almeida (1999, p. 13), as imagens são celebrações visuais que deixam entrever uma determinada mensagem: política, cultural, religiosa. No caso que estamos estudando, também podem ser tomadas como alegorias em movimento que eternizam-se a cada instante, “imagens que são também mensagens. Estas, por sua vez, se configuram em formas e cores. Uma espécie de ‘catecismo visual’” (ALMEIDA, 1999). Assim, a comunicação dessas imagens é visual e verbal ao mesmo tempo.

Com isso, por meio da imprensa, da comunicação, a linguagem se manifesta de maneira a formar a opinião pública e conformá-la. O uso de uma linguagem acessível às pessoas em geral permite que representações sejam feitas, e que se coloque em um imaginário social (MARIANI, 1988).

Foram apresentados na Revista, com maiores discussões e com repetição frequente, os discursos referentes aos trajes femininos, à educação, à moral e virtudes, à abominação de outras religiões, sobretudo o espiritismo e o protestantismo, artigos sobre datas comemorativas da congregação. A tríade que apontamos no início deste trabalho se faz presente: recordar a aparição e a mensagem da Virgem; pregar os preceitos católicos e distinguir o bom (o católico) do mau (erros modernos); e o imitar a imagem de santidade, de vida da mulher bondosa, amável e dócil que é Salette, e imitar, ainda, a vida missionária, religiosa, de viver para Deus e servi-lo. Os três aspectos estão imbricados na ação dos missionários por meio das publicações. Adiante tomaremos para análise algumas das imagens aí veiculadas.

3.1 O Clero, o Missionário

Uma imagem pertinente nesta formação/construção da imagem saletina, é a do missionário, o mensageiro, como consta no soneto assinado por Ignez Serrano

Ei-lo que parte ancioso em busca de martyrio
 Seja na pátria ou alem, quer na paz ou na guerra
 Leva comsigo a Cruz, de onde qual branco lírio
 Jesus estende o olhar que ao ímpio vence e aterra.

Vae almas procurar levando o bento círio
 Da fé para o accender no coração do que erra
 Agrilhado, vil, sem levantar ao Empyrio
 O pensamento, preso ás misérias da terra [...] (Jan. 1917, p. 10).

Essa imagem do missionário perpassa a do clero, da “autoridade eclesiastica competente”, principalmente do Bispo Mons. Philisbert de Bruillard, que ocupava em 1846 a então sede de Grenoble e que autorizou o culto a Salette na sua diocese em 19 de setembro de 1851, quando declarou a aparição verdadeira (OMNSS, jul-ago. 1917, p. 97). Reforça-se a hierarquia como queria o ultramontanismo e a mediação entre o fiel e a divindade pela imagem do clero e do missionário.

Catroga (2004) relembra que ainda na Vulgata de São Jerônimo, a palavra *saeculum* além de assinalar um momento presente, o mundo dos pagãos, em oposição ao mundo prometido por Deus, designou no interior do cristianismo, as categorias de fiéis, os clérigos e os crentes. Os clérigos seriam os enviados por Deus, para falar em seu nome. Já os crentes seriam os devotos, os convertidos. Santo Agostinho é que criou a distinção, de maneira mais convincente, de dois tipos de vidas em oposição: Clérigo e leigo, duas cidades opostas, o espiritual e o secular.

Em várias línguas europeias, a palavra *Klêros* acabou denotando divisão, herança, herdeiro. Estes termos foram utilizados nas traduções do Antigo Testamento. No Novo Testamento, *Klêros* aparece com a acepção de sorte na maioria das vezes e também como herança, herdar. Herdar o dom divino de Deus – clero, uma pessoa escolhida, por sorte e que está submetida a Deus, materialmente e espiritualmente dependente Dele: “É que, por um lado, a sua vida tem um lugar determinado e participa, em grande medida, na história de Deus e da humanidade e, por outro lado, d’Ele recebe, em sorte, certos dons e tarefas” (CATROGA, 2004, p. 5). Assim a forma latina desta palavra *Klêros*, foi usada como *Clericus* para distinguir e hierarquizar a população do século III. Os Clérigos viviam longe da agitação de vida mundana do presente, do século, pois estavam trabalhando com o serviço divino, espiritual, longe dos bens temporais, o contrário dos leigos. Na constituição hierárquica da Igreja, o Papa aparece como figura suprema do clero, colocando mais uma vez em dualidade clero e leigo.

Tanto o Novo quanto o Velho Testamento em grego usaram o termo *Laós* para designar o “povo de Deus”, mas para designar os pagãos, referenciavam-se como “*éthnos*”. No grego tardio o termo *laós*, originou o termo *laikós*, de onde nasceu a expressão latina *laicus*, em português, “laico”, “leigo” (CATROGA, 2004).

A acepção bíblica de “povo de Deus” começa a ser utilizada para demarcar também a nova hierarquização, entre clérigos e seculares na própria constituição da Igreja Católica, entre a vida espiritual e a temporal. Em português, a palavra “*laical*” designou um irmão leigo numa ordem religiosa: “Chama-se *leigos* a todos os que não são clérigos, nem ordenados. *Leigo* vale o mesmo que *não clérigo*” (CATROGA, 2004). O direito canônico consagrou a distinção quando afirmou que leigo era o crente que não tinha ordenação, nem poder na hierarquia. Esta concepção vigorou até o Concílio Vaticano II. Depois disso, “Excluindo os membros comprometidos com uma ordem sagrada e com um estado religioso, leigos são todos os fiéis reconhecidos pela Igreja e em cujo governo eles devem participar”. Aqui, nesta concepção, leigo já não poderia ser confundido com secular (sem vínculo religioso), diferente dos fiéis, devotos, clérigos (CATROGA, 2004, p. 45).

Na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* é possível notar a imagem do missionário, o ser escolhido por Deus, cujo esforço missionário foi anunciado na revista em forma de soneto assinado por Ignez Serrano, intitulado “O Missionário” (Jan. 1917, p. 10), em que foi abordada a missão dos Padres Saletinos.

Ei-lo que parte ancioso em busca de martyrio
Seja na pátria ou alem, quer na paz ou na guerra
Leva consigo a Cruz, de onde qual branco lírio
Jesus estende o olhar que ao ímpio vence e aterra.

Vae almas procurar levando o bento círio
Da fé para o accender no coração do que erra
Agrilhado, vil, sem levantar ao Empyrio
O pensamento, preso ás misérias da terra.

Não procura da vida o gozo prohibido
Passa pelo prazer sereno, alheio, estranho,
Só pensando no Céu, heróico de destemido.

Tem seu erário além das brancas nuvens puras
E guardando fiel este seu bem tamanho
O distribue com amor ás outras creaturas.

A primeira estrofe, a palavra “martyrio”, remete ao sofrimento e à santidade do missionário e destaca ainda a questão de sua missão ser além do seu país de origem, até

mesmo na guerra. Da mesma forma, os missionários saletinos, saídos da França, país de origem, foram espalhar a notícia da aparição da Salette a outros povos, além-fronteiras, conforme o ideal ultramontano da época. Este aspecto do poema nos leva a pensar também, ao período da I Guerra Mundial, momento de sofrimento, pontuado em alguns artigos do Mensageiro, como neste aqui, assinado por Helvetius:

Continua na Europa a grande guerra das nações, producto tremendo da civilização moderna sem Deus.

O mundo ficou emocionado com as proposições feitas pelo imperador da Alemanha, por intermédio do presidente dos Estados Unidos da America do Norte, para entabolar negociações de paz, e que não tiveram exito. Em uma proclamação ao povo, Guilherme II diz recair sobre os aliados a grave responsabilidade de futuros sacrificios. Ao que respondem os aliados e seus amigos perguntando porque se esperou que os rostos estejam cobertos de tanto sangue para falarem osculos de paz; e porque este bello gesto não foi feito antes da guerra, como o poderia ser, segundo a propria opinião de não poucos allemães. Alias, accrescentam os aliados, o gesto de Guilherme II não exclue pretenções por parte da Alemanha em pleno desaccordo com a dignidade das nações aliadas.

Continuam as discussões e o trovoar dos canhoes nao tem treguas; os aliados progridem na França, os austro-allemães na Rumania; com a Grecia todos perdem o seu latim, eno Atlantico sul um cruzador allemão manda no fundo do mar uns vinte vapores ou veleiros de diferentes nacionalidades.

No emtanto todos proclamam a firme vontade de vencer, combinando novos meios de destruição, e a carnificina segue seu caminho (OMNSS, fev. 1917, p. 13-14).

No verso “Jesus estende o olhar que ao ímpio vence e aterra”, agrega a mensagem deixada por aquele que morreu na cruz, para a salvação de todos, como está no imaginário cristão. É por meio do olhar Dele, o olhar sagrado e piedoso aos considerados antirreligiosos, aos espíritas, maçons, mencionados em artigos da Revista, considerados os que “erram”, que fazem o não prescrito (pela Igreja Católica), que vagueiam, que Jesus mais uma vez tem compaixão, como a própria mensagem de “reconciliação” da Salette.

Na segunda estrofe, é declarada que a função do missionário é levar “o bento círio” aos povos, procurar almas para conversão e construção da fé “no coração do que erra”. A palavra “Círio” tem em sua raiz o significado de “vela”, “luz”, uma luz que os missionários levam aos povos. O missionário deveria levar a mensagem da Virgem Nossa Senhora da Salette às pessoas que estavam “agrilhoadas”, presas “às misérias da terra”, ou seja, para a Igreja Católica, à tão temida modernidade e suas seduções: os erros modernos, mencionados na Encíclica *Quanta Cura e Syllabus Errorum*, emitidas pelo Papa Pio IX, em 1864.

Na terceira estrofe, o missionário é colocado como longe dos excessos e fraquezas humanas, do “gozo proibido”, ele estaria fixo à vida celestial e preso a sua missão evangelizadora. Segundo Oliveira (1985, p. 138), os missionários apresentavam-se como “[...] agentes religiosos cuja atividade dava ensejo a um dos elementos fortes de coesão social da comunidade local”. Os padres estimulavam a penitência, os sacramentos, o reavivamento das práticas religiosas, católicas oficiais. O conteúdo da missão saletina reforçava o código moral, sexual e familiar, calcado no modelo de vida santa.

E, na última estrofe do soneto, é apresentada a capacidade do missionário em elevar-se moralmente e alcançar a glória, já que tem em seu “erário”, no seu tesouro corpóreo e espiritual, a candura “além das brancas nuvens puras”, logo, sua missão seria a de difundir os preceitos católicos a outras pessoas, o qual foi resumido no verso “O distribue com amor às outras criaturas”. Distribuir a mensagem deixada por Nossa Senhora da Salette, tal como Ela o fez, tal como Jesus já tinha feito. Era um ciclo que o missionário deveria seguir.

Esta mesma intencionalidade sobre a missão, sobre a sorte de ter herdado o dom de Deus, pode ser vista no artigo “O Mensageiro de N. S. da Salette” (Jan. 1917, p. 1), que retrata o surgimento da Revista na sociedade brasileira e também o papel do missionário que vai “[...] contribuir para a realização dos desígnios celestiais”, numa “nobre missão”. Mais uma vez, as características puras, piedosas enaltecidas na imagem dos missionários, como “humildes iniciadores”, “confiados no auxílio de Deus, da Santíssima Virgem, e na valiosa cooperação de pessoas dedicadas, atentas e dóceis às celestias manifestações”, conseguirão fazer o periódico chegar a várias pessoas e realizar o pedido da Virgem Maria em Salette (OMNSS, jan. 1917, p. 2).

Assim, a imagem do missionário é daquele a quem as pessoas podem recorrer e confiar, já que possuem o “auxílio de Deus” e são carregados de uma moral, os “humildes iniciadores”. De acordo com Neris e Seidl (2013), o missionário seria um mediador numa situação de interação cultural. Já a experiência missionária é considerada foco de interpenetração de identidades, histórias, experiências, relações de força, práticas, saberes.

O “modesto Mensageiro” – a Revista, traz subjacente a ideia de pequeno, simples, comedido, humilde como seus iniciadores – os padres, que precisam da ajuda e colaboração de pessoas dedicadas à vida religiosa, mesmo sem ser um religioso, atentas aos preceitos católicos, aos deveres prescritos e dóceis, submissas, adoradoras das manifestações celestiais, do sagrado. Disso deriva a ideia de aliança. Dons de Deus para os homens, ações dos homens para Deus.

Conforme as Regras provisórias de 1858, os missionários deveriam ser “hommes de prière”, “hommes de zèle”, “hommes d’expiation”, esse deveria ser o espírito da comunidade (REGLES PROVISOIRES POUR LES MISSIONNAIRES DIOCESAINS DE N. D. DE LA SALETTE, 1858, p. 10-11). E, para estimular o zelo dos padres, sugere-se a recordação e imitação dos exemplos de Jesus Cristo, e seus apóstolos, a meditação sobre as palavras da Santíssima Virgem em sua aparição na montanha¹¹.

Nas Constituições e Costumário de 1905, a definição dos papéis, a concentração das tarefas está mais bem alocada:

1º Os Missionários de La Salette tem que terminar em primeiro lugar, a santificação dos seus membros, fazendo três votos simples de pobreza, castidade e obediência, e a observação deste Estatuto e Constituições.

2º O objetivo secundário ou de propósito específico do Instituto é o apostolado. Os Missionários devem trabalhar sinceramente para converter os pecadores, e para multiplicar o número de almas dedicadas a Jesus crucificado e Maria, Mãe das Dores. Eles se aplicam especialmente para combater a criminalidade da época.

3º Para este efeito, os Missionários devem: 1º pregar missões e retiros; 2ª dirigir escolas apostólicas, mas por exceção apenas aceitar gestão universitária e seminários; 3º servir peregrinações, especialmente a de La Salette, berço e Casa Mãe da Congregação; 4º dedicar-se às missões estrangeiras. Eles são responsáveis pela direção das freguesias, na medida em que tal seja necessário para o cumprimento da finalidade especial do Instituto.

4. Para atingir de forma mais eficaz o duplo objetivo que se propõem, todos os membros do Instituto vai se esforçar para viver em espírito de oração, penitência e zelo. Eles vão aproveitar a meditação dos sofrimentos de nosso Senhor, e dor da Virgem Maria¹² (CONSTITUTIONS ET COUTUMIER DE L’INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE, Tournai, 1905, p. 1-2, tradução nossa).

¹¹ Livre tradução: 1º L’esprit propre de cette communauté, puisé dans les paroles et les actes de la Ste Vierge, apparaissant sur cette montagne vénérée, doit être un esprit de prière, de zèle et d’expiation (REGLES PROVISOIRES POUR LES MISSIONNAIRES DIOCESAINS DE N. D. DE LA SALETTE, Grenoble, 1858, p. 10). “[...] rappeler les exemples de J.C, et des apôtres de tous les siècles, et a méditer souvent les paroles et les actes divers de la Ste Vierge dans son apparition sur la ste montagne” (REGLES PROVISOIRES POUR LES MISSIONNAIRES DIOCESAINS DE N. D. DE LA SALETTE, Grenoble, 1858, p. 12).

¹² 1º La Congrégation des Missionnaires de la Salette a pour fin première, la sanctification de ses membres, par la pratique des trois voeux simples de pauvreté, de chasteté et d’obéissance, et par l’observation des présentes Constitutions; 2º La fin secondaire, ou le but spécial de l’Institut, est l’apostolat. Les Missionnaires se proposent de travailler de tout coeur à convertir les pécheurs, et à multiplier le nombre des âmes dévouées à Jésus crucifié et à Marie, Mère des douleurs. Ils s’appliquent surtout à combattre les crimes de l’époque; 3º Dans ce but, les Missionnaires: 1º prêchent des missions et des retraites; 2º fondent et dirigent des écoles apostoliques, mais n’acceptent que par exception la direction des collèges et des séminaires; 3º desservent des pèlerinages, et en particulier celui de la Salette, berceau et Maison-Mère de la Congrégation; 4º se consacrent aux Missions étrangères; Ils ne se chargent de la direction des paroisses, qu’autant que ce serait nécessaire pour atteindre le but spécial de l’Institut; Pour réaliser plus efficacement la double fin qu’ils se proposent, tous les membres de l’Institut s’efforceront de vivre dans un grand esprit de prière, de pénitence et de zèle. Ils le puiseront dans la méditation des souffrances de Notre Seigneur, et des douleurs de la Bienheureuse Vierge Marie (CONSTITUTIONS ET COUTUMIER DE L’INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE, Tournai, 1905, p. 1-2).

O missionário seria aquele homem dedicado à moral católica, ao espírito da oração e a governança de retiros, escolas, peregrinações e missões em outros países.

Como se percebe na Revista, a imagem construída do missionário somava-se a outras duas imagens também construídas: a da doçura, certeza e severidade divina presente primeiro em Jesus, o modelo supremo (LEONARDI, 2010) e depois na Virgem Maria, como na aparição em Salette, e, por conseguinte, soma-se a imagem do devoto, pessoas de distintos lugares, crenças numa mesma fé, conformadas num mesmo corpo: dócil, submisso, dependente de Deus e da Igreja, afinal, é indissociável a existência de missionários e devotos.

Para os ultramontanos, uma fé era apenas uma disciplina, uma única liturgia, um único código de lei canônica. Como pontua o autor: “Os missionários latinos eram estimulados a afastar as congregações dos ritos orientais, e se faziam pressões para extinguir o clero casado” (DUFFY, 1998, p. 235).

É possível entender os padres saletinos como esses escolhidos, anjos anunciadores, para levar agora a mensagem deixada por Maria na montanha La Salette, uma súplica de uma mãe preocupada com todos seus filhos pecadores e com seu filho supremo, como já apontamos anteriormente, aquele que oferece mais uma chance de salvação, de reconciliação a partir do aviso da Salette, sua mãe: “Si meu povo não quizer se submeter, serei forçada a deixar cair o braço de meu Filho, tão ameaçador esta e tão pesado que não o posso mais suster” (OMNSS, fev. 1917, p. 1-2). Salette, a mensageira de Jesus. Padres Saletinos, os mensageiros da Salette, os escolhidos por Deus.

Na Revista, na edição de julho-agosto de 1919, um artigo é dedicado ao Superior dos missionários saletinos, padre Moussier, falecido no Rio de Janeiro, em 27 de junho de 1919. É recordada a figura ilustre de um padre exemplar, corajoso e fiel à sua missão:

O Padre Clemente era filho da terra regada pelas lágrimas da Virgem da Salette, fez parte das primeiras phalanges que tomaram a peito a realização das palavras de N. S. aos pastorinhos: ‘Pois bem, meus filhos, vol-o transmittireis a lodo o meu povo’. Distinguiu-se bem cedo pela sua piedade e pelo cumprimento fiel de seus deveres. Ordenado sacerdote em 1889, confiaram-lhe os superiores o ensino da theologia aos religiosos estudantes, adquirindo desde então essa firmeza no ensinamento dos verdadeiros principios theologicos que seus Irmãos de habito sempre nelle notaram e admiraram (OMNSS, jul-ago. 1919, p. 513-514).

A vinda do padre saletino Clemente, dos Estados Unidos para o Brasil, em 18 de dezembro de 1902, estaria dentro do programa de expansão das missões, da evangelização pelo mundo e, em particular, da mensagem de reconciliação da Salette.

Sentindo-se chamado para Missionario da Salette, entrou para a Congregação, ordenando-se sacerdote em 1889. Deu-se ao apostolado indo então para a America do Norte.

Impellido pelo espirito de Deus e guiado pela obediencia a seus superiores chegou no Brazil em 1902. Ao depois de se haver desempenhado dignamente nos varios cargos de seu ministerio em o Estado de S. Paulo foi nomeado vigario da Parochia de Sant'Anna na capital deste estado (OMNSS, set. 1921, p. 329).

De acordo com os padres Rovani e Schio (2003, p. 28) “quando os Saletinos vieram para o Brasil, vieram também com a ideia de criar aqui, centros de devoção a Nossa Senhora da Salette”. Estes centros de devoção foram as capelas, o seminário, a escola apostólica, os santuários, ou seja, centros de divulgação da aparição da Salette, de Maria.

Ressaltamos ainda, como aponta o padre Fassini (2001), que a situação dos religiosos na França, no século XIX, era de “perseguição” por parte do governo, que proibia a formação de comunidades e confiscava seus bens. É possível notar as dificuldades encontradas pelos missionários na França, em meio ao processo de laicização do governo daquele país. Como consta na Revista, no ano de 1901 a partir do “golpe da perseguição”, os missionários, “filhos da Virgem das lagrimas” tiveram que se dirigir para exílios. A situação de perseguição é narrada brevemente:

Seus venerados sucessores no Bispado de Grenoble se mostraram animados pelos mesmos sentimentos a respeito da Apparição, e quando, em 1901, sob o golpe da perseguição os missionarios tiveram de caminhar para o exilio, o Bispo actual, Mons. Henry, cuidou de substitui-los por capellaes seculares, que continuam, na Santa Montanha, a serviço de Nossa Senhora (OMNSS, set. 1917, p. 121).

Esta perseguição deu impulso à ida dos missionários para outros países.

Mas como a imagem do padre é abordada na Revista?

Os padres são considerados como os médicos da alma, porque congregam na sua ação, preceitos da higiene e da psicologia, segundo o artigo de Dr. Bento Castello Branco:

O padre é o medico da alma, como o medico e o cura do corpo. Mas que intimas relações ha entre um e outro!! [...] Por isso, a profissão do medico tem alguma cousa da missão do padre, e a vida ecclesiastica obriga muitas

vezes o sacerdote a olhar para os sofrimentos do corpo, sem o que não pode pesar bem os actosmoraes que é chamado a julgar e dirigir, segundo a moral christã (OMNSS, jun. 1918, p. 312).

Ambos dirigem suas ações aos seres humanos que precisam de boas orientações para seguir bons costumes físicos, higiênicos e morais. O recordar é pertinente na narrativa dos festejos realizados no mês de setembro, o mês da Salette. Os rituais orientados pelos padres, como a reza da ladainha, os sermões, a procissão, os cânticos sacros, o *Te Deum*, revelam um misto entre o que é público e o que é privado, entre o que é oficial e o que é popular. É entre esses embates e relações que a imagem da Salette se configura na sociedade.

Nota-se a idealização de como deve ser o devoto da Salette, e era para o modelo do missionário que os fiéis deveriam se voltar: o evangelizador, que por outro lado, parece apropriar-se também da imagem de Nossa Senhora, na sua docilidade, na serenidade e na sua paz interior, a paz da “doce Visitante” (OMNSS, fev. 1917, p. 3).

Na Revista, a expansão das atividades missionárias é assim apresentada:

Seus membros esforçam-se em fazer amar a Jesus e á Virgem da Salette; em França na Italia, na Belgica na Polonia, nos Estados Unidos, no Canada, em suas missões estrangeiras de Magadascar, onde um delles Monsenhor Dantas e Vigario apostolico; emfim no caro Brazil. A pregação christã toma um caracter mais tocante sob o veu da religiosa.

Desde 1871, ha religiosas da Salette, que nos hospitaes tem occupações semelhantes a de Santa Maria pelo de Nosso Senhor, lembram a muitos a dedicação a penitencia, o fervor que se evolum da Apparição de nossa Senhora.

Emfim como prolongamento dos Missionarios e das religiosas da Salette, existe por toda a parte no mundo, a Confraria de Nossa Senhora da Salette, elevada a archi-confraria pela bula do Papa Pio IX em 1852, e que dentro de poucos annos contava dois milhões de associados somente na França (OMNSS, set. 1921, p. 328).

A Congregação foi aos poucos disseminando sua mensagem, envolvida pelas determinações da Santa Sé. Conforme Leonardi (2011), quatro situações principais explicam a vinda de congregações estrangeiras para o Brasil. Uma, pelo fato da política ultramontana ter se desenvolvido no Brasil; outra, pela perda de espaços das congregações que mantinham escolas em seu país de origem; uma terceira seria o estímulo da Igreja à missão “*ad gentes*” (missão aos povos); e por fim a feminização do catolicismo na Europa, no século XIX.

A Igreja foi uma das instituições que promoveram a circulação internacional de pessoas, de ideias e informações. Padres e freiras foram comerciantes e difusores da religião católica, da sua doutrina e evangelização (LEONARDI, 2011). Considera-se que por mais que

adentrassem uma comunidade, sempre havia influências das culturas dos povos a serem evangelizados. Para tanto, contavam com a *Congregatio Propaganda Fide*, ou seja, Congregação para a Evangelização dos Povos, que foi fundada em 1622 para a coordenação de toda a atividade missionária da Igreja e propagação da fé católica em todo o mundo. Tinham como responsabilidade a aprovação das congregações e promoção da formação do clero.

É importante ressaltar que, no Brasil, um Decreto Imperial de 1855 estabelecia novas diretrizes para a sociedade católica: proibia-se a aceitação de noviços nos seminários. Assim, as antigas ordens já instaladas no país se reduziram. No ano de 1870 foi expressa uma ordem adicional a esse Decreto, proibindo o retorno ao Brasil daqueles que ingressaram em ordens fora do país. Para tanto, uma das soluções dadas a esta dificuldade foi a importação de padres europeus e de congregações (LEONARDI, 2011).

Desde meados do século XIX, a Igreja se via frente a embates internos, na contraposição do catolicismo ultramontano com o catolicismo tradicional. E também em um embate externo, em que se viu ameaçada com a entrada de missionários protestantes no Brasil, a expansão da maçonaria e as práticas religiosas dos índios e negros.

Sobre a imagem do padre, uma outra imagem se sobrepõe, a do papa. Na ocasião da I Guerra Mundial, século XX, a Revista salienta:

Papado romano terá a inapreciável vantagem de ficar sendo a mais alta potencia moral do universo, a unica potencia que pode manter contacto intimo com ambos os grupos de belligerantes e comtudo, conservar-se extranha as paixões desencadeadas pela catastrophe universal (OMNSS, jun. 1917, p. 87).

E essa potência moral do Papa no universo se dava pelo fato de ser considerado o sucessor de São Pedro, e os Bispos, os sucessores dos apóstolos, títulos conferidos, segundo as publicações, pelo próprio Deus.

Duffy (1998, p. 230) relembra que ainda no século XIX “poucos católicos [...] rejeitavam de chofre a noção de que o papa era capaz de doutrinar infalivelmente”, mas a infabilidade da Igreja era acreditada por todos os católicos.

As posições da Igreja são demarcadas e a sua esperança maior é a existência de uma “ordem essencialmente sobrenatural”, pois os fatos da guerra estariam sob os desígnios celestiais, favorecendo novos empreendimentos da santa Igreja:

Verosimel é, principalmente, que o Vaticano *exerça influencia particularmente activa e respeitada para a reorganização religiosa, moral e social do mundo contemporaneo*, após o abalo causado por desastres sem exemplo. Disto a Igreja tem o direito de conceber, para futuro próximo, nobre e santa esperança (OMNSS, jun. 1917, p. 87, grifos do autor).

E, é nessa *reorganização religiosa* do mundo, nos embates com o mundo moderno, que os saletinos, como parte da Igreja, inserem aos poucos a devoção a Salette.

Diante destas tensões e transformações, o missionário saletino recém-chegado ao Brasil, Pe. Clemente Henrique Moussier, no ano de 1903 dirigiu-se para Jaú onde cumpriu a função de Capelão das Irmãs de São José de Chambéry. No ano seguinte, foi convidado a dirigir a Paróquia de Sant’Ana em São Paulo, onde tomou posse como Pároco e Capelão do Colégio das mesmas irmãs. No seu lugar foi enviado Pe. Helme, um saletino recém-chegado.

Os designios da divina Providencia o trouxeram em 1904 para a terra de Santa Cruz, e pouco tempo depois foi nomeado Vigario de Sant’Anna, em São Paulo, dedicando-se inteiramente ao bem dos seus parochianos, testemunhas dos sacrificios, das fadigas que se impunha, sobretudo quando se tratava dos doentes e dos pobres.

Em 1911 chegou ao Rio, para trabalhar na fundação da nova residencia e do futuro Santuario de Nossa Senhora da Salette, sonho de seu coração de Missionario da Virgem Reconciliadora, para mais efficazmente transmittir o appello de Maria Santissima, ao povo brasileiro, as suas advertencias, e tambem as suas promessas. Principiou como Vigario de Santo Christo dos Milagres e em 1913 foi nomeado Vigario tambem do nova freguezia de N. S. das Dôres da Salette (OMNSS, jul-ago. 1919, p. 514).

De acordo com o saletino Fassini (2001, p. 36), a instalação de uma sede da Congregação no Brasil se deu primeiramente no bairro de Santana em São Paulo, com a direção da paróquia no mesmo local. Conforme o autor, era um bairro extremamente periférico, distante do centro da cidade e pouco povoado, que contava com aproximadamente “8000 almas”.

Desde sua entrada na Paróquia de Sant’Ana, em 1904, os Missionários da Salette exerceram um ministério sacerdotal intenso e fecundo, marcando uma profunda influência na alma do povo. De bairro pobre e periférico, no início do século XX, Santana aos poucos foi se estabelecendo e se complexificando. Tornou-se bairro de classe média, densamente povoado, de caráter comercial na parte baixa, e residencial na parte alta. O bonde e o trem que atravessavam o bairro deram lugar ao ônibus elétrico e ao convencional, e por fim ao metrô, cujo primeiro terminal-norte foi construído precisamente atrás da Igreja Matriz, em parte do terreno da Paróquia desapropriado para essa finalidade. Junto à estação do metrô foi instalado um terminal de ônibus urbanos, o que possibilitou um crescimento significativo do número de

passantes devotos que se recolhem na Igreja Matriz para um momento de prece (FASSINI, 2001, p. 65-66).

Em 1910, os missionários se reuniram para fundar a Associação Nossa Senhora da Salette, sendo em 1º de junho o registro na Comarca de São Paulo.

Em 1912, Moussier foi ao Rio de Janeiro dar início à nova obra saletina, no bairro Catumbi. Como aponta Fassini (2001), as trocas de cartas de Pe. Moussier com o Cardeal Joaquim Arcoverde Cavalcanti mostram certo desconforto no arranjo de uma paróquia para os padres saletinos no Rio de Janeiro. Salienta-se que pouco mais de 800 mil habitantes se concentravam na cidade do Rio, em 17,5 milhões do país. A paróquia concedida foi a do Santo Cristo dos Milagres no ano de 1912, situada num bairro pobre e populoso, com uma população hostil, como aponta o autor, foi uma “situação espinhosa”. Já na Revista, os artigos parecem amenizar a situação:

Sua Emcia. Rvma. o Sr. Cardeal Joaquim Arcoverde Cavalcanti bem como o então bispo auxiliar Dom Sebastião Leme fazendo grande apreço das qualidades e virtudes do Padre Clemente, receberam-o com a maior bondade quando veio para o Rio de Janeiro, em 1912 nomeando-o logo vigário de Santo Christo dos Milagres. Ahi para Junto delle chamou outros missionarios assim estabeleceu-se no Rio de Janeiro a Congregação dos missionarios da Salette (OMNSS, set. 1921, p. 330).

O padre foi ao Rio de Janeiro sem ter ao certo o local para ficar e desenvolver suas atividades evangelizadoras. Como aborda o discurso na Revista, foi depois de “muitas orações e novenas” (OMNSS, set. 1921, p. 330) que conseguiram a instalação definitiva e aos poucos a construção do primeiro santuário, portanto, teve mais sacrifício e negociações políticas do que simples generosidade do Cardeal e Bispo local.

Em 1913 foi adquirido um terreno no Catumbi com o desejo de instalar ali uma paróquia dedicada a Nossa Senhora da Salette. Contudo, Catumbi era um bairro próximo ao centro do Rio de Janeiro, situado entre morros, alagado pelo córrego que ali passava e com tradição carnavalesca.

Quando surgiu a possibilidade de compra dos imóveis de nº 76 e 78 na rua Catumbi, no bairro do Catumbi, a localização não foi do agrado de todos. Tratava-se de bairro mal conservado e muito pobre. Achava-se que jamais se poderia recolher doações suficientes para as construções previstas. Em meio às hesitações da comunidade, Pe. Moussier assinalou que um bairro tão pobre como o do Catumbi, não era o objeto de desejo de ninguém e que, por conseguinte, não havia risco de que a escolha dessa área fosse mal vista pelo clero local, e que de mais a mais, também entre os pobres se encontram

muitas vezes admiráveis atitudes de devotamento e de incalculável generosidade. Diante dessa postura de Pe. Moussier, o Conselho Regional, a 2 de junho de 1913, decidiu adquirir, pela soma de 96 contos de réis, os dois imóveis situados na Rua Catumbi, na esperança de ali erigir a Paróquia dedicada a Nossa Senhora da Salette (FASSINI, 2001, p. 105).

Contudo, o Rio de Janeiro era visto como um centro político de elevados poderes, diplomático, e com uma indústria e setor bancário em crescimento. Aliás, era ainda, uma cidade portuária, aberta as influências ideológicas, comerciais, culturais, provenientes na maior parte da Europa. A França era tida como grande sedutora política e cultural, sendo Augusto Comte um forte influente no papel da Proclamação da República, tal como está na bandeira nacional “Ordem e Progresso”. Sua ideologia chegou ao país, e ficou estampada na bandeira. Segundo Carvalho (1990), nos fins do século XIX, correntes de pensamento dos liberais, positivistas entraram em disputas, numa batalha de símbolos, uma batalha pelo imaginário social popular. Esses símbolos são sinais universais de leitura, portanto, permitem a aproximação das pessoas sobre determinada ideia e engajamento público popular em determinada causa e pensamento.

O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também – e é o que aqui me interessa – por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas (CARVALHO, 1990, p. 10-11).

Rituais e mitos, mais impactantes, de leitura visual, perceptiva, são amplamente utilizados para a conquista do imaginário social e legitimação da ordem pretendida.

Assim, considerando que “símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem. Na ausência de tal base, a tentativa de criá-los, de manipulá-los, de utilizá-los como elementos de legitimação, cai no vazio, quando não no ridículo” (CARVALHO, 1990, p. 89). Aqui no Brasil, a devoção a Salette foi sendo aos poucos edificada e abraçada pelos brasileiros, visto a tradição cultural do país e as amplas mensagens de Maria, universais.

3.2 Os Santuários e a Escola Apostólica

A missão saletina, desde 1902 com a chegada de Moussier em São Paulo, se expandia.

A inauguração e benção da Matriz provisória no Rio de Janeiro aconteceram em 19 de abril de 1914, sendo chamada de “Nossa Senhora das Dores da Salette”. Nesta época, padre Clemente foi denominado como o primeiro vigário da Freguezia (OMNSS, set. 1921). Várias associações foram se instalando na paróquia, como o Apostolado de Oração e a Associação Nossa Senhora da Salette. Esta Associação, em 1921, tornou-se Confraria de Nossa Senhora da Salette, vinculada à Arquiconfraria sediada na Montanha da Salette (FASSINI, 2001).

No ano de 1916, a ideia de construção de um Santuário dedicado a Salette se tornava emergente, conforme artigo da Revista. O número de devotos aumentava e o espaço da Paróquia se tornava pequeno para o grande número de pessoas. Na Revista, a primeira menção a uma igreja dedicada a Salette foi feita num artigo, intitulado “O mez de N. S. da Salette” em Janeiro de 1917:

Como nos dous annos precedentes, isto é, desde a fundação da matriz de N. Sra. Das Dôres da Salette, em Catumby, foi festejado o mez de Setembro, mez consagrado á Virgem da Salette.

Todas as noites houve ladainha cantada e bençam, e duas vezes por semana sermão por pregadores de nomeada; notando-se sempre grande concurrencia de fieis.

No encerramento, que se fez a 1º. De Outubro, realizou-se á tarde solemne procissão, sendo, além de outras imagens, levada em andor a imagem da Virgem que chora. A procissão, percorreu diversas ruas da parochia, na melhor ordem, acompanhada, em todo o seu percurso, de canticos sacros; ao recolher foi cantado Te Deum.

Si durante todo o mez a currencia foi grande, no encerramento foi ainda maior, lamentando-se apenas que a exiguidade do templo não permittisse accomodar melhor os devotos de N. Sra. da Salette.

Esperemos que em breve esse inconveniente fique remediado, pelo zelo dos fieis em auxiliarem a construcção da nova matriz (OMNSS, jan. 1917, p. 11).

Com a garantia de um terreno que fosse de fato da Congregação, os padres se instalaram e fizeram deste espaço o desejo de um Santuário. No artigo da Revista, salientou-se a grande “concurrencia de fieis” na festa do mês da Nossa Senhora da Salette, o que denota uma necessidade de espaço para todos, aspecto que evidenciado ao final do artigo, na esperança de construção de uma nova matriz. Ficaram aí as aspirações de um templo que abrigasse o maior número de fieis possível.

O projeto de construção do Santuário, foi, como apontou o discurso da Revista, em memória á aparição de Salette, na França. Destacam ainda:

A igreja actual é pequena e provisória, mas em breve serão iniciadas as obras do novo e bello templo consagrado á Virgem apparecida nos Alpes e que deve funcionar também como Matriz da nova freguezia de N.^a S.^a das Dores da Salette, em Catumby. Para este grande e necessario empreendimento solicitamos o concurso de todos os devotos de N.^a S.^a da Salette, como também dos fieis da nova freguezia (OMNSS, abr. 1917, p. 61-62).

Nesse sentido, a igreja que existia e que foi construída pelos missionários era considerada pequena e, por isso, a construção de um novo “templo” viria a conciliar os interesses de ampliação do espaço. Nessa direção, com um espaço maior para os fieis, os missionários teriam um maior controle sobre as atividades exercidas nesta, talvez uma evangelização mais rigorosa, em que arquitetariam a devoção, na figura emblemática de Maria, cogitando espaços maiores para receber seus fieis e fazer suas pregações. Para tal empreendimento, os missionários saletinos solicitavam a contribuição dos fieis.

Acreditamos, ainda, que como forma de reafirmar a obra de construção do santuário, os missionários trouxeram nos parágrafos seguintes do artigo, palavras do Chefe de Arquidiocese à época, Cardeal Arcoverde, recomendando a construção, bem como logo na sequência indicaram quais poderiam ser as contribuições.

Confiados nesta calorosa recommendação do amado e illustre Chefe da archidiocese, e no espírito generoso e religioso dos catholicos, rogamos a todos concorrerem para a almejada realisação. Para este fim aceitamos com gratidão quaesquer donativos, prendas, materiaes, como pedras, areia, etc., serviços; pedimo-lhes que favoreçam nossas tómbolas, beneficios e sobretudo que nos ajudem com uma contribuição mensal, embora possa ser pequena. Tambem podem ajudar-nos mandando sellos do correio de qualquer espécie ou numero que sejam (OMNSS, abr. 1917, p. 61-62).

Para erigir o santuário, os missionários solicitam aos fieis doações de materiais de construção e prendas para sorteios, a fim de arrecadar dinheiro para as obras. O uso do termo: “almejada realisação”, chama a atenção para o fato de que a arquitetura do santuário trata-se de uma obra imprescindível e esperada por todos, tanto os religiosos, quanto os fieis, e também o desejo do ser divino, Nossa Senhora.

Os redatores da Revista elencam as vantagens que os doadores recebem quando fazem as contribuições.

Como tributo de nossa sincera gratidão oferecemos aos benfeitores do Santuário as seguintes Vantagens:

1. As pessoas que tiverem entregue a esmola de ao menos 30\$000 (custo de um matacão) até o dia da benção da pedra fundamental á 20 de Janeiro, p.f., terão seu nome incluído na urna da pedra angular; e inscripto no livro de ouro conservado no archivo; e serão rezadas 20 missas ás intenções das mesmas.

2. Além disso: As pessoas que contribuírem com 200\$000 duma vez ou em mensalidades de 20\$000, terão direito ao título de Bemfeitores do Santuário e serão rezadas 100 missas ás intenções das mesmas.

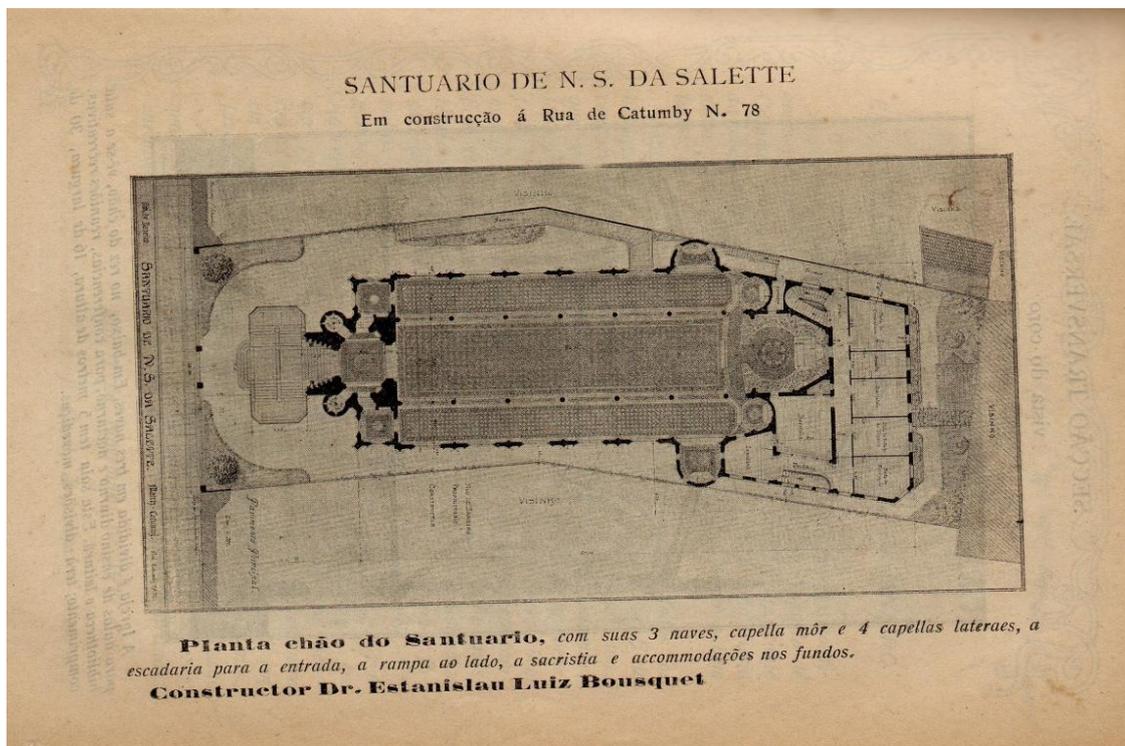
3. As pessoas que contribuírem com 500\$000 ou mais, duma vez ou em mensalidades de 50\$000 serão distinguidas com o título de Bemfeitores Benemeritos do Santuário; terão seu nome inscriptos com letras de ouro sobre mármore, collocado em lugar evidente da igreja, e serão rezadas mais 100 missas no decorrer de 2 annos, ás intenções das mesmas.

Nessas condições esperamos que nosso pedido seja acolhido com toda benevolencia e apreço, certos de que nenhum coração generoso negará uma esmola que corresponda á tão alevantados fins (OMNSS, dez. 1917, p. 186).

Em reconhecimento às contribuições, os missionários elencaram, para além dos benefícios aos doadores, a intenção do estímulo e suscitação de desejo de doar, para que fosse feito pelos devotos. Conforme o valor da doação estava a forma de vantagem que o devoto receberia. O valor das doações chegou ao total de 1: 163\$100 contos de réis. Nesta perspectiva ainda, os missionários se preocuparam em determinar que tipo de cuidado é destinado a cada doador conforme seu valor de doação. Fica o nome gravado em ouro, aqueles cujos valores doados forem de 500\$000, já perpetua-se os nomes somente na pedra fundamental, daqueles que doarem até 30\$000. E pessoas que doarem 200\$000, contam com um título de benfeitores. Compreendemos que os cuidados com a memória de tais doadores foi feita de forma cautelosa, seletiva, a qual delimitou os campos que cada pessoa poderia ter conforme sua doação, nesse sentido também, a ideia de perpetuar a memória de tais doadores, fundiu-se na coletividade, pois todos os doadores tiveram sua representação naquele espaço, mas determinado pela quantia doada.

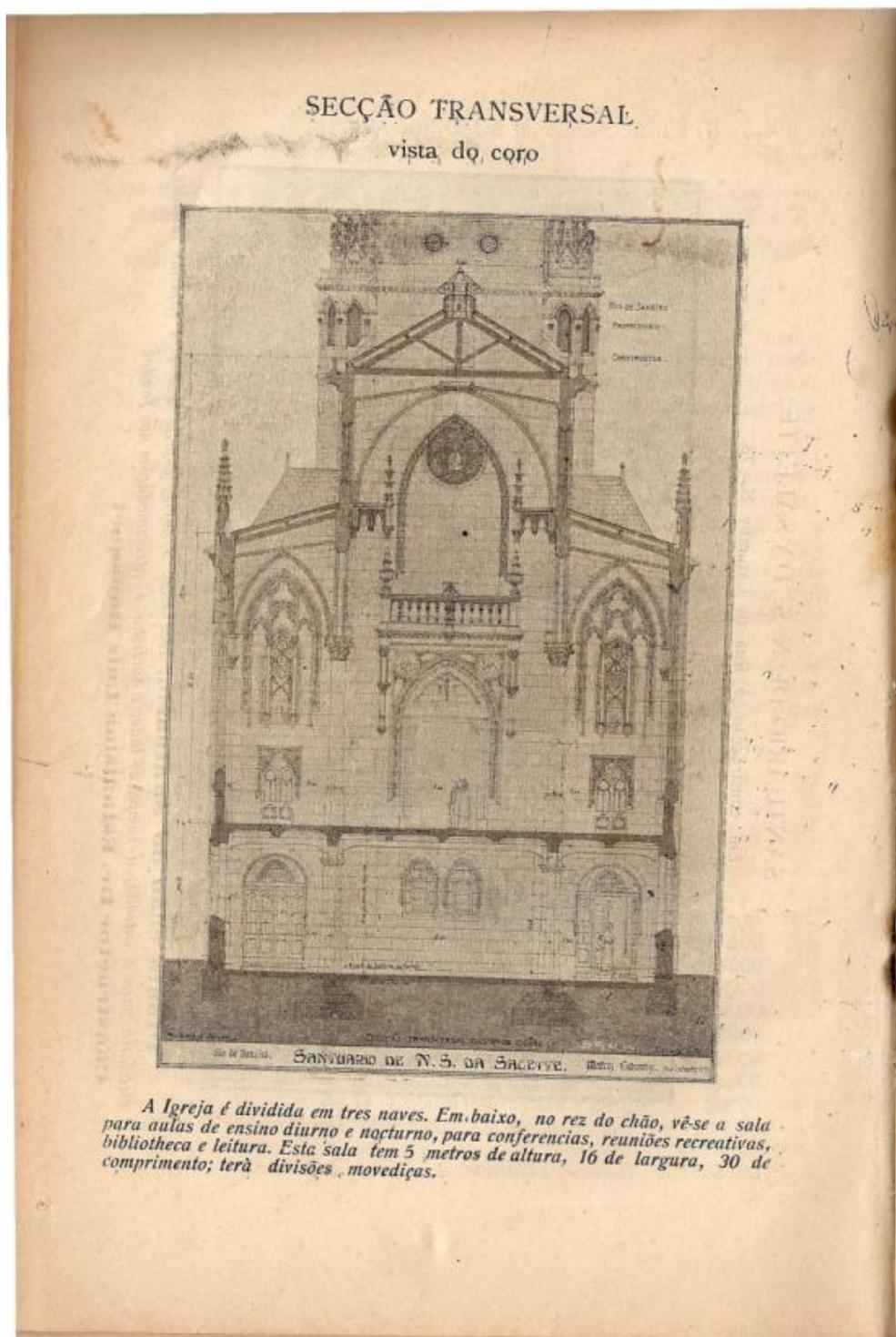
Em duas páginas seguintes são apresentadas as plantas do santuário, como mostram as figuras a seguir.

FIGURA 10: Planta do Santuário



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* – dezembro de 1917, p.187

FIGURA 11: Vista do Coro do Santuário



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* – nº 12, Dezembro de 1917, p. 188

Para firmar o compromisso na construção do Santuário, os missionários publicaram na edição do mês de dezembro de 1917, a Carta de Recomendação do Cardeal Arcoverde sobre as obras. Destaca-se no discurso dos missionários a presença de um chefe, um superior no comando das atividades da Igreja, e esta articulação foi trazida aos fieis, de forma a legitimar a ação dos missionários, bem como traduz também uma hierarquia da Igreja.

Comprendemos, ainda, a carta do Cardeal Dom Joaquim Arcoverde como enfática no apelo às contribuições dos fieis, posto ainda que a construção do santuário seria uma forma da população “commodamente satisfazer seus deveres de religião e de piedade” (OMNSS, dez. 1917, p. 189).

É possível notar, conforme as fontes, que a exiguidade do templo foi tema de queixa e ponto de partida para o pedido de construção de uma nova matriz. Como vimos, não tardou para que isso acontecesse. O lançamento da pedra fundamental para a construção do Santuário dedicado a Salette aconteceu em 20 de janeiro de 1918, data da festa do padroeiro do Rio de Janeiro. Segundo o discurso na Revista, foi uma consagração que reuniu muitas pessoas. Na fotografia (Figura 12), o foco parece ser nos padres durante a cerimônia, na imagem dos padrinhos¹³, Snr. Conde de Agrolongo, Dr. Emílio Grandmasson, e as madrinhas Sras. Maria de Cabalzar e Maria L. de Nefreiros Fleius. Aqui, percebemos a construção de um diálogo, uma proximidade entre política e religião.

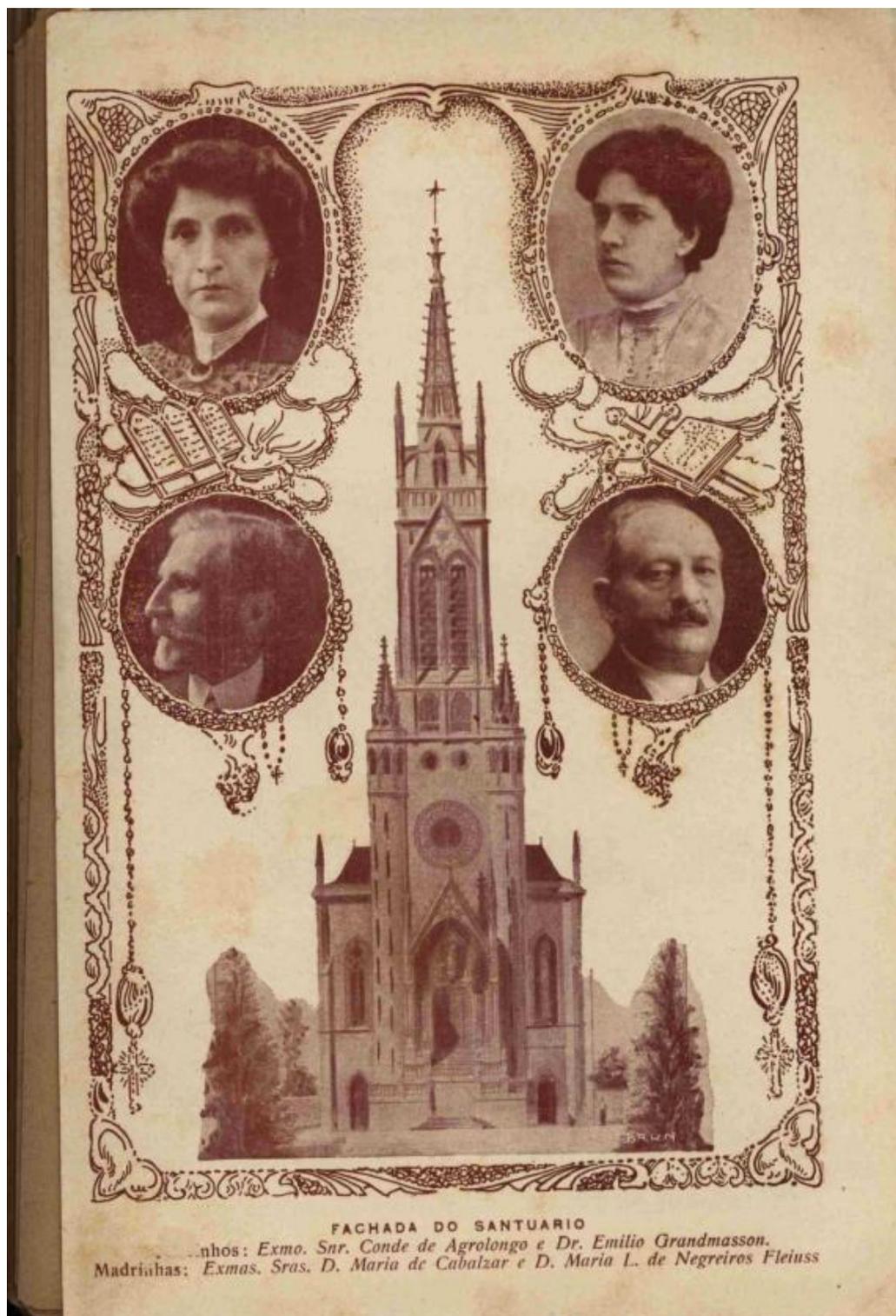
¹³ Não são especificados quais os critérios de escolha de tais padrinhos, nem por quais razões ganharam maiores destaques.

FIGURA 12: Solenidade da benção da pedra fundamental



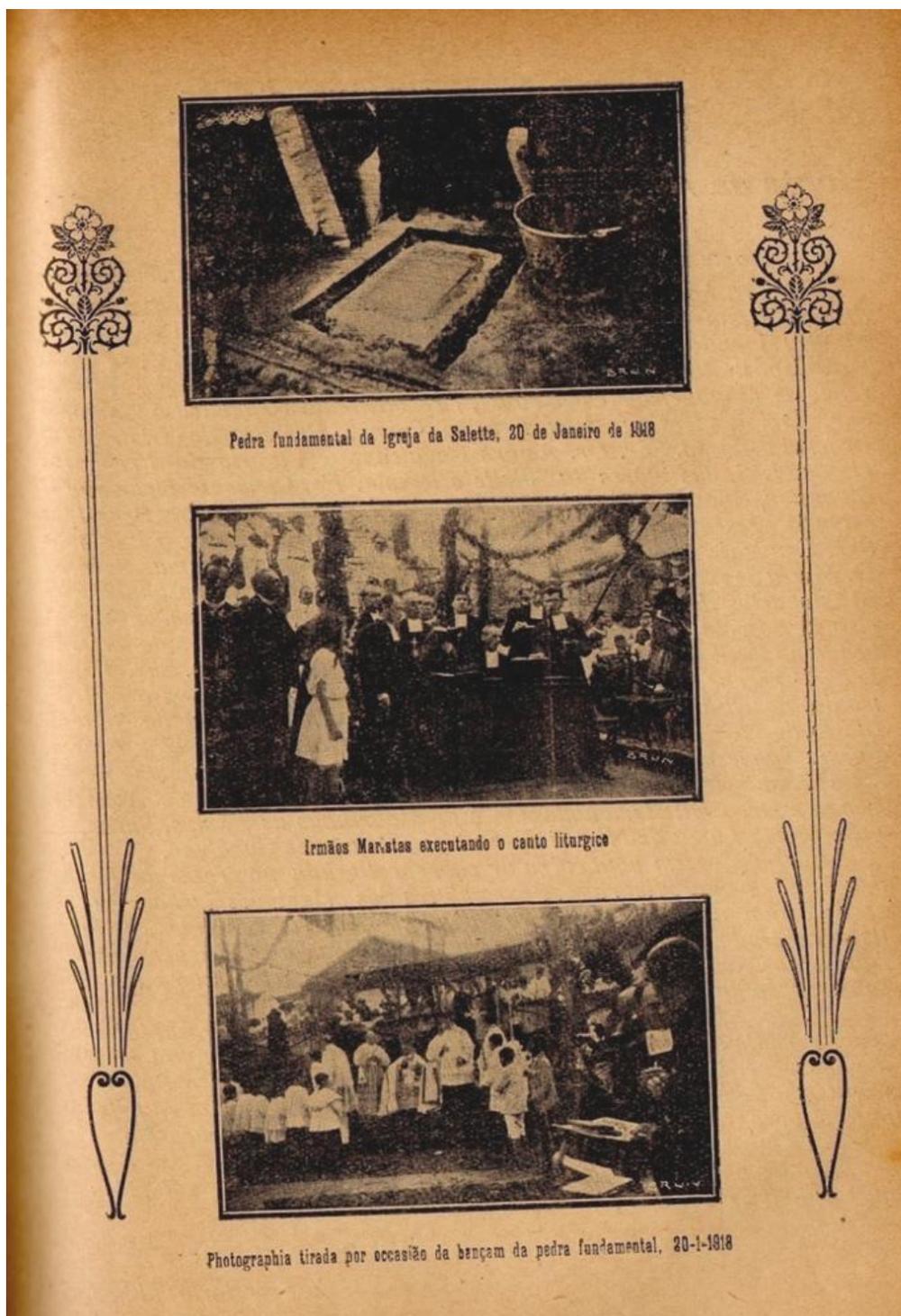
Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, Fev. 1918, p. 227

FIGURA 13: Padrinhos e Madrinhas da solenidade de bênção da pedra fundamental



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, fevereiro de 1918, p. 228

FIGURA 14 - Imagens da solenidade de bênção: pedra fundamental, irmãos maristas fazendo o cântido, e cerimônia



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, Mar. 1918, p. 247

Como podemos observar nas imagens, a benção da pedra fundamental foi um evento que favoreceu a reunião de várias pessoas, o clima festivo possivelmente ampliava as relações políticas e consolidava os ideais ultramontanos (EUGENIO, 2009).

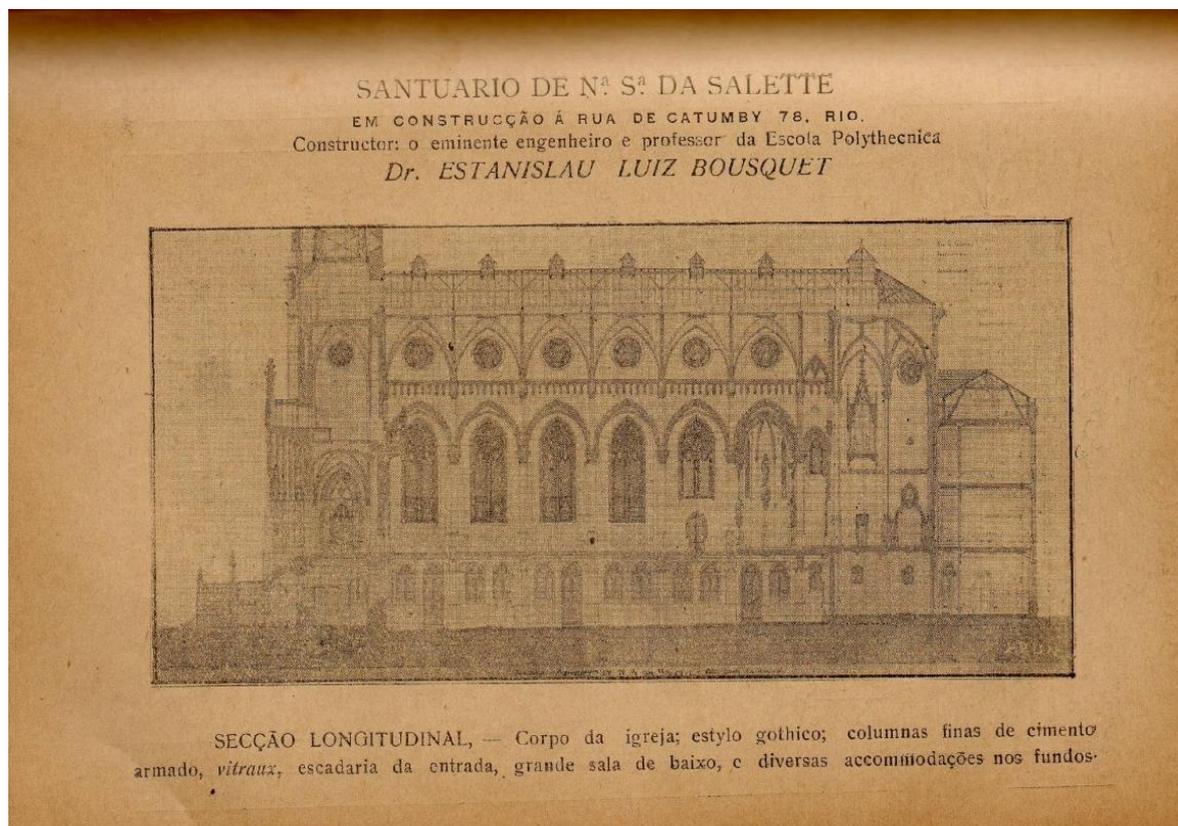
Conforme Andrade (2010), os santuários podem ser entendidos como espaços educativos, pois modelam o espaço urbano por meio de suas atividades e ritos simbólicos. Os santuários se inserem nas principais manifestações da religiosidade católica que está associado a três aspectos: ao culto aos santos; às peregrinações e romarias; aos ritos e cerimônias. Diante disso, a religiosidade católica é caracterizada pela necessidade de buscar uma proximidade do plano humano com o sagrado, aproximando-se do transcendente.

Na Revista, o estilo da arquitetura do santuário é anunciado:

Esse templo será um esplendido monumento gothico, no cume de cuja torre a cruz de Christo erguer-se-a bem 60 metros, nos ares. Grande parte dessa igreja, hoje em dia, esta em acabamento, pois a cripta foi inaugurada para o encerramento do ultimo mez de Maria, servindo para as cerimonias do culto ate que o santuario seja terminado. Ao depois se installará a escola parochial sendo a cripta destinada para esse fim de tão grande alcance religioso e social (OMNSS, set., 1921, p. 331).

O projeto do santuário, já tinha sido apresentado aos leitores, em sua dimensão longitudinal, expressa em estilo gótico, vitrais, escadaria de entrada, no ano de 1918.

FIGURA 15: Planta do Santuário em sua seção longitudinal



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, Janeiro de 1918, p. 209

De acordo com Eugenio (2009), no espaço citadino, ideais ultramontanos da Igreja se fundem diante das expectativas dos romeiros, e da situação política da República, agora de caráter laico, desligada de qualquer culto, pela Constituição de 1891.

A inauguração do primeiro santuário saletino do Brasil aconteceu em 1927 e contou com a presença de muitas pessoas. As imagens que estampam a Revista na edição de dezembro de 1927 apresentam bem as intenções dos padres. É possível notar nestas imagens, mesmo já bem apagadas, o grande número de devotos aglomerados ao redor do altar. A comemoração é mais uma vez pertinente. Mesmo sendo uma imagem desgastada pelo tempo, vê-se que as mulheres usam chapéus e lenços e os homens paletó e gravata. No centro da imagem, nota-se também a presença de religiosas, usando o hábito. São pequenos detalhes que conotam certa distinção social, identificação de um grupo de pessoas que frequentavam a igreja e faziam parte daquele círculo social.

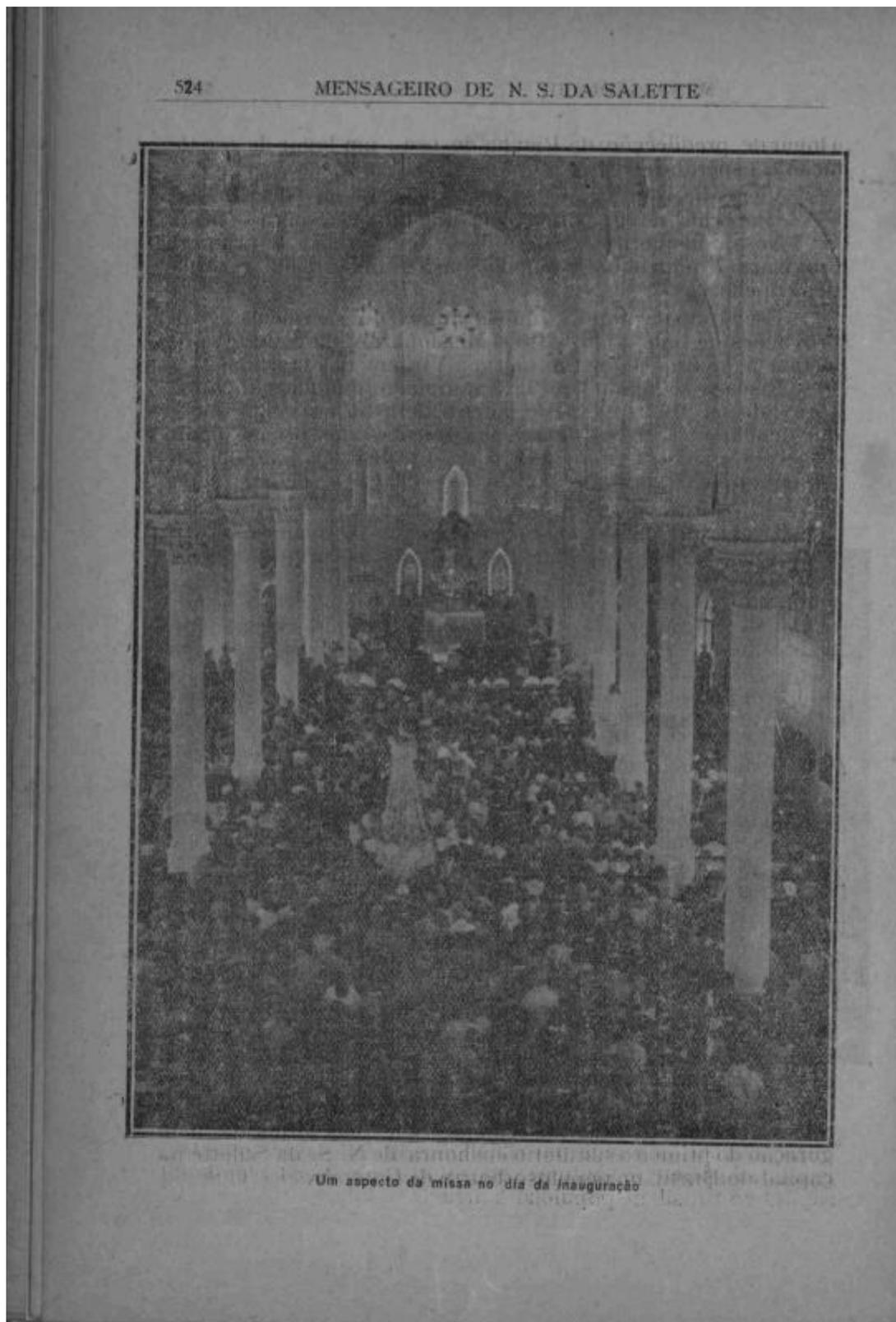
FIGURA 16: Vista do interior do santuário (RJ) na missa de inauguração



O padre Magalhães na ocasião que orava no dia da inauguração

Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* – dezembro de 1927, p. 522

FIGURA 17: Missa de inauguração do santuário no Rio de Janeiro – 1927



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* – dezembro de 1927, p. 524

Na pequena cidade de Marcelino Ramos (RS), os missionários conjugando às atividades na Escola Apostólica criada em 1928, pensam nos fins da década de 30 a construção de um Santuário a Nossa Senhora da Salette, desejando acolher o grande número de peregrinos que somavam-se a cada ano. No ano de 1946 os alicerces ficaram prontos e em 1948, o santuário recebeu a bênção de Dom Antônio, no motivo da Romaria que é feita até o local. Como se percebe, há sempre um ritual de celebração, de comemoração acerca de um santuário que virá a ser um “lugar de memória” (NORA, 1993), por isso, as missas, as romarias, as peregrinações, a bênção dada pelo Bispo como forma de sacramentar aquele espaço e distingui-los dos demais.

Em São Paulo, o santuário foi construído antes mesmo ao de Marcelino Ramos. Na paróquia de Sant’Ana, Padre Clemente Henrique Moussier, consegue a ordem do Bispo Diocesano, Dom José de Camargo Barros, em outubro de 1905 para a construção de uma Igreja Paroquial. A construção foi iniciada somente em 1906 e em 26 de julho de 1908, foi inaugurada a obra. Em 27 de maio de 1907, o novo Bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva presidiu a peregrinação a Nossa Senhora da Salette junto à Capela Santa Cruz e Paróquia de Sant’Ana. Mais uma vez, o ritual de presença do Bispo no local desejado para a construção do Santuário é pertinente (FASSINI, 2001, p. 48).

O Superior Provincial Saletino, Pe. Celestino Crozet, conseguiu junto ao novo Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, o decreto “*ad nutum Sanctae Sedis*” (24 de março de 1940), conforme o Ofício do Arcebispado de São Paulo, com data de 14 de maio de 1940. Por este decreto, seria criada a Paróquia-santuário de Nossa Senhora da Salette.

Já em 1942, começaram as celebrações das primeiras missas campais em Santana. Neste local, foi construída a Igreja Matriz. A bênção do templo só aconteceu em 1943, no dia da festividade de aparição de Salette, 19 de setembro (FASSINI, 2001, p. 75). Em 21 de setembro de 1952 foi lançada a pedra fundamental da Igreja Matriz e Santuário, mas somente em setembro de 1966 as celebrações passaram a ser no novo templo.

FIGURA 18: Santuário Nossa Senhora da Salette- Bairro Santana – São Paulo



Fonte: Portal Salette: <www.nsrsalette.org.br>. Acesso: 11/03/2013

Sobre os santuários, entendemos que há uma educação pela memória. Eles não são apenas lugares inscritos na sociedade, sem maiores conjecturas. Conforme Nora (1993) existe os lugares de memória pelo fato de não haver mais os meios de memória, por não existir memória espontânea. A memória compreende os grupos vivos, onde ela se encontra na dialética da lembrança e do esquecimento. Enquanto a história situa-se na representação do passado, a memória se alimenta das lembranças vagas, simbólicas, particulares ou não, sensíveis às censuras, às liberdades, às contradições.

Os lugares de memória implicam ainda em um lugar propriamente dito e em seu aspecto material, simbólico e funcional. E, só é lugar de memória, quando este lugar é impregnado por um ar simbólico. Seu aspecto material exerce poder sobre o corpo e mente e em conjunto com o simbólico permite que as comemorações e rememorações sejam

moldadas, construídas, no imaginário coletivo e individual. É desta forma que o santuário exerce na memória das pessoas um poder simbólico.

Conforme Nora (1993, p. 27):

Templum: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

Assim, a compreensão da educação/evangelização exercida pelos padres saletinos por meio do santuário leva a considerar que não há um desenraizamento das questões simbólicas, já que as representações, as imagens que figuram o padrão, modelam o comportamento, a moral, a fé do crente, as suas significações.

Para Weber (1994), a ação religiosa da religião no mundo implica em uma ação racional, orientada por regras da experiência. Há uma construção de um Deus que ataca a imperfeição do mundo e tenta encontrar um sentido para ele. A ação social da Igreja leva seus crentes então a um abandono do mundo para o encontro de sentido no além. É a transposição do espaço profano para o mundo sagrado. Os santuários emergem nesse sentido. Trata-se de um recorte material de uma unidade temporal, como sugere Nora (1993).

Ainda para Weber (1994), no estudo sobre a ética religiosa, o aspecto fundamental a se observar é a simbologia. Por meio dos símbolos, a memória é inscrita numa rede de significados e numa aproximação com o divino. A linguagem simbólica dos santuários conta uma história, e as sensoriedades remetem a uma linguagem com o sobrenatural: o cheiro da vela, do incenso, o perfume das flores, o som dos instrumentos, do coral, causam a mobilização das sensibilidades nos indivíduos, dando determinados sentidos para a vida, uma energia divina para um uso humano, mas com propósitos divinos, milagrosos neste mundo. Desta forma, os santuários passam a ser locais de referência para as pessoas, distintos daqueles oferecidos pelo mundo moderno, temidos pela Igreja.

A construção de uma escola apostólica foi um projeto dos padres saletinos já quando chegaram ao Brasil. Preocupava o pouco número de missionários diante da grande tarefa evangelizadora, do ideal de construção de uma nova devoção no Brasil. A escolha do local para a instalação da escola foi no sul do Brasil, na cidade de Marcelino Ramos (RS). A princípio, os padres organizaram um seminário na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1923 onde obtiveram poucas vocações. O colégio só foi fundado cinco anos depois. E para este

mesmo local, foi transferido o seminário (FASSINI, 2001). Interessante observar que a edição da Revista do ano de 1923 e as seguintes não apresentam dados sobre esse Noviciado, diferentemente sobre a Escola Apostólica, que ganha destaque e espaço especial na Revista.

No Rio Grande do Sul, numa cidade afastada dos grandes centros urbanos, mas perto de grandes proprietários de terras, de colonos imigrantes, Marcelino Ramos, desponta como o lugar ideal para a formação do corpo missionário da congregação saletina.

Serbin (2008, p. 96-97) relembra que:

Fora de Minas, os maiores avanços da romanização ocorreram em São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Numerosos padres europeus chegaram para atender às necessidades religiosas de muitos dos 3,5 milhões de imigrantes que desembarcaram sobretudo nesses estados.

Mais ainda, conforme o autor:

Santa Catarina e Rio Grande do Sul tornaram-se um celeiro de vocações sacerdotais. A Igreja no Rio Grande do Sul transformou-se em uma usina de força política: instalou cooperativas de colonos, manteve a lealdade de industriais e comerciantes e criou um sistema de escolas, colégios e hospitais superior aos serviços do governo estadual (SERBIN, 2008, p. 97).

Em Marcelino Ramos (RS), Padre saletino Agostinho Poncet foi quem explorou a região e preparou os primeiros alunos, como é afirmado pelo diretor da Escola, Pe. André Duguet na Revista:

Nesta zona, cujo centro é Marcellino Ramos, a floresta foi cortada em grandes extensões e em varios pontos. Colonos de raça italiana, allemã, poloneza ahi se misturaram irramente com os primeiros ocupantes da região e constituíram familias numerosas, em regra de oito, dez, doze filhos. E', neste meio, em que reina ainda a simplicidade patriarchal de outr'ora, onde a religião é considerada como um dos elementos essenciais da vida, - onde o padre é considerado não sómente como um amigo, mas ainda como um pae, cuja visita se espera com impaciencia, e do qual sempre se separa com pezar. Deus parece ahi ter semeado a mãos cheias os germens de vocações sacerdotaes e religiosas. Ninguem censurará os Missionarios da Salette de querer colher sua parte nesta bella seara que germina (OMNSS, set. 1928, p. 126).

Provavelmente, chamou a atenção dos saletinos os números de filhos dos imigrantes europeus, e a disposição do lugar, distante das seduções do mundo moderno, seria propício

para as vocações. A simplicidade patriarcal da região levava o padre a ser considerado um pai e a ser desejado entre as famílias, portanto, o elo entre família e vida religiosa estaria feito.

Nas análises de Serbin (2008, p. 111), os seminários eram parte estratégica da política ultramontana da Igreja:

A grande expansão dos seminários deu à Igreja muitos candidatos, mas ainda era preciso criar estratégias para ordenar mais homens. Por isso, a Igreja empenhou-se mais em melhorar o recrutamento do que em promover a inovação pastoral. O recrutamento requeria acolher os potenciais seminaristas mesmo antes de se decidirem pela vocação, a qual muitos designavam como uma ‘semente’ ou ‘germe’ que precisava de cultivo. Palavra ‘seminário’ significava ‘sementeira’.

A partir dessa abordagem, a Igreja se concentrou nas áreas rurais dando preferência aos pobres, conforme a orientação tridentina. Assim, durante todo o século XX, a Igreja dependeu da zona rural para recrutar quase metade das suas vocações. A vocação era muito incentivada pelas mães, as chamadas pela Igreja como protetoras da família. Contudo, a maioria dos candidatos desistia do sacerdócio, seja por desinteresse, mau comportamento, exigência de disciplina.

Como lembra o autor, muitos jovens viam na Igreja a maneira de se alcançar os estudos, ingressar em faculdades, e garantir uma carreira. Mas muitos deles desistiam antes do seminário maior. Além disso, os seminários foram como válvula de escape para o Estado que descuidava do ensino público.

A Igreja se via como instituição pura e a sociedade como pecadora. Por isso, os seminários eram deslocados dos centros urbanos para zonas rurais, tentando garantir que a disciplina fosse seguida pelos seminaristas, o que seria bem mais difícil se a vida do seminário fosse nos grandes centros urbanos. Mas como supõe Serbin (2008, p. 118), “o regime tridentino era uma estrutura na qual os indivíduos podiam se desenvolver, manobrar e negociar”.

Os missionários saletinos se instalaram numa casa à qual funcionava uma escola e que ficava ao lado da Capela de Marcelino Ramos. Após as reformas na Casa Paroquial, construída de madeira, dividida em áreas de estudo, dormitórios e refeitório, a Escola Apostólica foi aberta oficialmente em 2 de julho de 1928, com um grupo de doze apostólicos (FASSINI, 2001). Tratava-se de uma escola apostólica para receber somente meninos para a vida sacerdotal e religiosa, tornando-os Padres Missionários e Apóstolos de Nossa Senhora da Salette (OMNSS, ago. 1928, p. 99).

O artigo da Revista apresentado aos leitores aponta as características e condições requisitadas para a admissão de alunos:

§ I. Admissão dos alumnos

1. Ser de família honesta, filho legítimo e de boa fama a respeito da moralidade e probidade.
2. Gozar de bõa saude e temperamento bastante forte para supportar as fadigas dos estudos
3. Character aberto energico; ter juizo, bom genio, boa vontade e indole docil e firme, que se dobre á Regra e á vontade dos Superiores; Qualidades de coração e de piedade que são n'um menino os signaes da vocação sacerdotal (OMNSS, ago. 1928, p. 100).

Além disso, os candidatos deveriam levar as certidões de batismo e crisma, atestado de boas condutas escrita pelo pároco ou mestres e uma carta de intenção, escrita pelo menino. Para o custeamento das despesas dos alunos que não tivessem condições para tal, os padres recorreram aos pedidos de doações na Revista, à caridade. Mas, ao que demonstra os artigos, o desafio maior, ainda, era conseguir vocações.

O então diretor da Escola, Pe. André reforça na Revista o pedido por vocações: “Não ha Padres para as necessidades religiosas, povoadissimas parochias das grandes cidades; não há Padres para as aldeias do interior do paiz [...]” (OMNSS, set. 1928, p. 127). Na publicação seguinte, outubro de 1928, novamente o artigo “Escola Apostolica” (p. 140), traz enfaticamente o pedido de vocações. No mês anterior, como visto, a premissa dada era a falta de padres, neste mês de outubro, a súplica era por vocações, afinal “a messe é abundante, mas os operários são poucos”. É importante notar também a definição de “vocação” apresentada na revista: “A vocação é uma obra exclusivamente sobrenatural; ora, o que é sobrenatural, excedendo as forças de toda natureza creada, como a palavra o indica, não se póde realizar sem a graça, a qual se obtém ordinária e regularmente pela oração” (OMNSS, out. 1928, p. 141).

Segundo o autor Serbin (2008), a romanização exacerbou a falta de padres. A Igreja conservava todas as tarefas nas mãos de padres e não delegava nenhuma para freiras e laicato, pelo menos até a década de 1950 quando criaram as CEBs que permitiam a participação de leigos. O Brasil urbanizava-se, e a Igreja continuava recrutando seminarista nas pequenas e distantes cidades. Além disso, não cultivava as vocações afro-brasileiras: “Ser padre no Brasil era ser branco. A discriminação racial acirrou-se sob a europeização”. O jovem negro só ingressaria no seminário pelo “embranquecimento” (SERBIN, 2008, p. 129).

No mês de novembro de 1928, o artigo “Escola Apostolica” (p. 155), trouxe as características daquele que seria digno de ser um missionário. Silencioso, de atitude recolhida, atento a leitura do livro na missa; eram alguns aspectos do menino que se distinguia aos da sua idade. Portanto, o menino que tinha estas características deveria pedir aos pais a admissão junto aos missionários da Salette.

É possível encontrar também alguns relatos das atividades da Escola na Revista, como forma de aproximar o público leitor do universo isolado dos alunos:

Lá, na Escola Apostolica, recebe ella uma forte educação religiosa. Lá, acostumam-na á praticas devotas, regulares, moderadas e bem feitas. Lá, presencaa festas religiosas esplendidas e cerimônias commoventes, cuja lembrança profunda e duradoura, nunca será apagada pelas vicissitudes da vida.

Lá, a disciplina não é militarmente exercida, mas é paternal como na família; refreia o jovem sem abatel-o; inspira-lhe sentimentos de respeito, mas não os da fraqueza; trata-o como filho da casa, e não como escravo que se senti preso. Lá, se os mestres sabem exigir a obediencia, sabem tambem conquistar a confiança e o amor dos seus discipulos. Lá formam-se homens livres, mocidade pura, christãos perfeitos (OMNSS, fev. 1929¹⁴, p. 205).

Fica claro que a apresentação da vida na Escola, apesar de sob o regime de internato, tenta demonstrar a liberdade e o gozo das atividades. Além disso, as características da Escola permitem que o aluno sinta-se dentro da família, favorece que este não se sinta arrependido, mas acolhido, e levam a pensar num modelo de família. Uma família cristã. Se a Escola Apostólica tinha uma disciplina paternal, sugeria que a família seguisse os mesmos moldes. Nesse sentido, tratava-se, ainda, de mais uma forma de aproximação das pessoas do universo da Escola Apostólica, a fim de concretizar o chamado por vocações e sanar a preocupação pela falta de padres.

De acordo com Serbin (2008) a disciplina dos padres no seminário criava o *esprit de corps*, a adesão à instituição: de Roma, à paróquia e então ao público. A santificação dos padres significava o seu isolamento do mundo, para evitar as influências contaminadoras.

O apoio financeiro recebido pelos missionários era proveniente dos apelos a doações por meio da revista. E, ainda, como reporta padre Fassini (2001, p. 207-208), os padres saletinos, por meio do Irmão João Creff, pensando no sustento de suas obras na Escola, solicitavam as doações locais, regionais e até mesmo internacionais:

¹⁴ As citações da Revista a partir de 1929 são excertos do material xerocopiado pela professora Paula. Não temos o material em sua coleção completa.

Não tinha receio de bater à porta de famílias abastadas das mais diversas classes sociais, até mesmo as situadas nos Governos Estaduais e Federais. No Rio Grande do Sul, São Paulo, e Rio de Janeiro, na França, Alemanha e Estados Unidos encontrava sempre alguém que se dispunha a colaborar com a Escola Apostólica. No desejo de ajudar a formação, intuiu uma original modalidade de captação de recursos financeiros através da chamada Liga das Missas ou Obra das Vocações.

Nestes países, França, Alemanha e Estados Unidos, eles encontravam-se em missões, e, portanto, realçavam a importância em se manter as atividades da Escola, já que o corpo missionário era escasso.

Observamos que a partir da década de 30, os assuntos referentes à instrução religiosa começavam a ser gradativamente endossados. O tema ensino religioso nas escolas caminhava com as crônicas da Escola Apostólica, com as imagens da Casa onde ministravam as aulas, e algumas queixas ao final das crônicas: “Lamenta o cronista mais uma vez de não poder apresentar um donativo em auxílio de tão necessária obra, a Escola Apostolica, - que se acha em tão grande penúria” (OMNSS, jul. 1931, p. 499).

As atividades na Escola cresciam juntamente com o número de alunos matriculados. De 1928 até 1938 já havia sessenta alunos. E, até 1946, os números de alunos da Escola subiram para cem, o que exigiu ampliações dos espaços escolares e a dedicação de padres já instalados no Brasil e outros vindos do estrangeiro. A ampliação da escola teve início em 1954, onde pôde abrigar mais de duas centenas de meninos e foi registrada como entidade jurídica “Seminário Salette” (FASSINI, 2001).

Padre Fassini (2001) aponta, ainda, que houve tensões e conflitos dentro da Comunidade Local, o que levou a decisão de reduzir as ações do Seminário, que já se tornavam incontroláveis, mas ele não explica ou detalha essa questão. Em 1973, foi encerrada a fase escolar do Seminário, e seus alunos terminaram os estudos nas escolas da cidade. O Seminário foi adaptado para acolher pessoas para retiros e encontros. É interessante observar que o que se destaca é a formação que os alunos recebiam na escola: eles estariam aptos ao papel de liderança na comunidade, pois haviam tido uma formação cristã para isso. Eles seriam os agentes transformadores, educadores, doutrinadores. Por meio da vivência no Seminário, eles estariam seguros, mediante a obediência e disciplina aprendida no recinto, do modelo de vida que deveriam levar e difundir na sociedade.

Aqui, mais um elemento contribui para a realização com êxito da missão no Brasil: construir uma nova devoção. Por meio da escola apostólica, haveria uma forma mais garantida de evangelização, já que se trabalhava na formação de novos sacerdotes. Havia,

assim, certa convicção de que a mensagem religiosa passaria pelo engajamento escolar e pela imprensa. E, neste círculo de estratégias para o sucesso da missão no Brasil, a imprensa foi largamente utilizada pelos saletinos.

3.3 A Mensageira

O discurso presente na Revista retomava a narrativa do fato da aparição, descrevendo minuciosamente cada momento da manifestação religiosa, celestial que aconteceu no sábado, 19 de setembro de 1846, na montanha La Salette. Nesta narrativa, como já abordamos anteriormente, Maria foi caracterizada como uma “senhora”, de “estatura elevada”, “de encantadora beleza”, uma pessoa envolta por “dupla aureola de gloria” (OMNSS, jan., 1917, p. 4).

Num primeiro momento, a imagem da Mensageira é apenas de bondade, de beleza, um ser iluminado. Nas sequências seguintes, que se delineiam ao longo das publicações mensais, a narrativa da aparição é endossada, detalhada, e podemos perceber que outras características, começam a se formar e a moldar a imagem da Virgem.

Eis-nos, Senhora, aqui prostrados na montanha
De Salette por ti sagrada, os peregrinos,
O choro misturando ao que teu rosto banha,
Que arranca a confissão dos nossos desatinos.

Blasfemar contra o céuja agora não se extranha;
Mudos ha muito são do campanario os sinos;
Tememos provocar do Pai celeste a sanha;
Por desprezados vêr os seus mandos divinos.

Julgarámos que mal o teu potente braço
Do justo Deus suster pudéra o ameaço
De anniquillar o mundo era éstos de furor.

Se não se ouvisse no ermo a tua voz bemdita,
Que, pra desaggraval-o, a unirmos nos incita
Pranto de penitencia e lagrimas de amor!
(Pela versão do Frances F. de. M. S. J.)
(OMNSS, fev. 1917, p. 7).

O poema expôs a resignação do pecador diante da imagem e da mensagem da Virgem da Salette. Seria a posição de um devoto que se prostra na montanha, confessa os seus

desatinos, os seus erros e compreende as palavras deixadas pela Mensageira. Tratava-se então de relato de conversão, de reconciliação com Deus, o que inspirava o carisma da congregação e a sua missão.

Cinco traços de Nossa Senhora na aparição em Salette foram extraídos da sua mensagem, interpretados pela Igreja e oferecidos pelos saletinos aos leitores da Revista. Com isso, mais um ponto foi colocado pelos missionários para esculpir pouco a pouco as características da Mensageira: Rainha, mãe, mediadora, advogada, sofredora (OMNSS, jun. 1917).

O culto à Maria, em especial, a sua imitação possibilitaria ao devoto a salvação. O artigo escrito pelo Conego Manfredo Leite destacou essa modelagem da devoção de Maria em Salette e a mostrou como “[...] a compassiva intercessora que se nos mostra de continuo inclinada a enviar-nos as divinas mansuetudes de seu Filho Divino”, aquela que tem os “ouvidos maternos” para atender às chamadas do seu Filho e também para intervir na vida de seus filhos terrenos, no “resgate das almas”. É, portanto, a essa devoção mariana, que “a sciencia, a arte e a poesia estreitam-se em mysteriosas afinidades para dignifica-la nas mais ardentes ovações” (OMNSS, abr. 1917, p. 60).

Por isso, foi oferecida a recomendação contra a “devoção fácil”:

[...] dedicar-se generosamente ao serviço de Nossa Senhora, multiplicar os actos de agrado, os actos de virtude, de modestia, de humildade, de caridade, de paciencia; e *imitar os exemplos dessa Virgem* tão pura, tão fiel cumpridora dos deveres de seu estado (OMNSS, abr. 1917, p. 59, grifos nossos).

Recordava-se a tradição, e imitava-se a nova imagem de Maria, a Virgem saletina. A virgindade de Maria foi mais um elemento que sobressaiu na narrativa, mais um elemento a ser imitado:

— Por que se chama Santissima Virgem a mãe de Deus?

—A mãe de Deus se chama Virgem porque deu a luz o Filho de Deus sem perder a sua integridade. A mãe foi sempre virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Deu a luz o seu divino Filho por milagre, assim como por milagre o concebera, e depois do parto foi inviolavelmente fiel ao seu voto de virgindade (OMNSS, ago-set.1918, p. 351).

A publicação de novenas, de graças alcançadas fizeram parte do programa de disseminação da imagem da Salette e dos milagres conferidos pela santidade. Como consta

no artigo “O Propagandista das Tres Ave Maria”, escrito pelo Padre Pedro Ferroud na Revista:

Há mais de dez annos que começamos a propaganda da *Novena Efficaz*. Durante esse tempo mais de cento e cincoenta mil novenas foram espalhadas no Brasil. Recebemos centenas e centenas de cartas vindas de todos os pontos do Brasil até dos mais remotos, annunciando graças obtidas por meio da *Novena Efficaz*, e pedindo a publicação das mesmas. Foi um facto extraordinario: dir-se-ia uma chuva de graças que cahiu das mãos de Nossa Senhora das *Tres Ave Maria* sobre os seus devotos. Essas graças são de toda natureza: espirituaes e temporaes. Ao mesmo tempo estabeleceu-se por todo o paiz como uma oração perpetua. Infelizmente, por não termos uma Revista especial, como a tinhamos a principio, não podemos publicar todas essas graças. Desde agora não sera mais assim. Os RR. PP. de Nossa S. da Salette, possuindo o Mensageiro, terão grande facilidade para dar satisfacção a todas as pessoas que lhes communicarem as graças obtidas [...] (OMNSS, jul-ago, 1917, p. 118).

Como não temos os dados sobre a exatidão das vendas da Revista, podemos notar que a evangelização, por meio dela aconteceu, provavelmente, por todas as regiões do Brasil. Conforme as fontes, a publicação das graças alcançadas por meio da novena, foi inicialmente feita no jornal “Federação de Itú”, mas tendo as graças acumuladas cada dia mais, criaram, a revista especial, “O Propagandista das Tres Ave Maria”, segundo Padre Ferroud¹⁵ (OMNSS, abr. 1918, p. 277).

3.4 A Conversão, a Reconciliação, o Carisma

Tomei um pouco d'agua que havia em nosso buraco de *marmita*, com certeza não sei se estava limpa, pois era noite; mas, como era para Youp, que não olhava para estas cousas, não fazia mal, e baptisei-o...Fiz bem Sr. capellao? Ah! Eu sei a formula, fique tranquillo, aprendi-a no meu catecismo... (OMNSS, jan. 1917, p. 6, grifo do autor).

Narrativas de conversão, de bons comportamentos, de retorno aos sacramentos também foram enfatizadas. Eram bons modelos para se difundir no mundo moderno.

¹⁵ Estas informações são sucintas no Mensageiro, não tivemos contato com o referido jornal, nem com a revista especial. E ainda, não sabemos sobre a circulação das mesmas. Como foi possível entender, pelas fontes, as tais revistas ajudaram a divulgar, especificamente a imagem da Salette, se de fato, concentravam publicações dos milagres, graças.

Diante da morte, aquele soldado incrédulo que não “crê nem em Deus nem no diabo. E' tão judeu como christão ou turco”, deseja se confessar, o que pode ser realizado somente depois de ter sido batizado. O sacramento do batismo é condição para o sujeito ser reconhecido como parte integrante da Santa Igreja, e dos desígnios celestiais. A fórmula do batismo é aprendida com o catecismo, onde estão os ensinamentos necessários para a reconciliação com o ser divino, para o perdão dos pecados, um guia para a vida religiosa na sociedade moderna.

Os principios eternos sobre os quaes esta baseado o seu ensinamento, não brotaram do cerebro humano, mas desceram das regiões sobrenaturaes. Não contem meras opiniões, porem a verdade pura, os mesmos ensinamentos que cahiram dos lábios divinos de Jesus Christo, as mesmas palavras de vida, esparsas na Sagrada Escriptura, mas aqui reunidas, methodicamente compendiadas. Sem as verdades contidas neste livro, o homem será o eterno ludibrio das paixões nunca saciadas, a sciencia será fria como o mármore dos sepulchros e todas as philosophias conduzirão fatalmente ás desoladas regiões das duvidas, onde viveram torturados os chamados philosophos. Manuseie o homem este precioso livro, esforce-se para traduzir seus ensinamentos na realidade da vida pratica e os vereis transformado, em verdadeiro discipulo de Jesus Christo, possuidor de conhecimentos da mais alta philosophia, dotado de força moral sobrehumana baseada na quietação do espírito, na esperança certa das futuras recompensas (OMNSS, jan. 1917, p. 7-8).

O catecismo apresenta-se ainda como a solução aos problemas, e seus ensinamentos transcendem às soluções de filósofos e cientistas já que “não brotaram do cerebro humano”. Nota-se, então, uma crítica à ciência e filosofia, que é constituída por questionamentos da realidade e que são ações humanas. Enfatiza, ainda, o manuseio do livro no sentido de traduzir seus ensinamentos para o cotidiano, a fim de tornar-se discípulo de Cristo. Observa-se, então, o caráter educativo presente na instrução religiosa do catecismo, um instrumento formador do cristão.

E, é nessa formação, na modelagem do sujeito, na sua conversão, que o catecismo implica na boa educação que deve ser oferecida aos filhos, sobretudo.

Não poucas vezes os proprios inimigos da religião confessaram o valor do catecismo. Diderot, famoso philosopho incredulo, foi suprehendido em propria casa tomando lição de catecismo de sua filha. Que melhores fundamentos, disse então, posso eu dar á educação de minha filha, para tornal-a como deve ser: filha respeitosa e terna, digna, esposa e mãe? (OMNSS, jan. 1917, p. 08).

É também com a valorização do catecismo, dos seus ensinamentos, que se possibilita a abertura de vias para a aceitação da nova devoção que os padres dirigiam na sua pregação, a de Maria saletina.

Outro elemento favorecedor para a aprendizagem dos ensinamentos da nova devoção foi a “Associação Nossa Senhora da Salette”. Ao final de cada publicação mensal da Revista foram apresentados os fins da Associação que era honrar a Nossa Senhora, alcançar o perdão de Deus por meio de orações e boas obras e zelar pelo cumprimento dos mandamentos. Seguia ainda o funcionamento das missas, das bênçãos, contribuições para as despesas etc. Essa Associação congregou os leigos, para agir simultaneamente com os sermões, à pregação do padre, recordando e imitando essas práticas religiosas.

Além disso, na Revista, a seção de graças alcançadas reunia os depoimentos de pessoas de várias regiões do Brasil, narrando as bênçãos recebidas. Chamou-nos a atenção, os depoimentos que citaram o uso da água da fonte milagrosa, trazida supostamente dos Alpes franceses, exatamente do local onde ocorrera a aparição em 19 de setembro de 1846. Na época tratava-se de uma fonte seca, mas após a aparição da Salette, viera jorrar água novamente. Essa água passou a ser utilizada pelos padres pela crença na sua propriedade curativa, pela presença da divindade e milagre de existência:

Adelaide Correa, rua Gonçalves, estava quase cega, e na sua aflicção lembrou-se de N. S. da Salette, afim de recobrar a vista. Usou a água da fonte milagrosa e fez uma promessa que agora vem cumprir, contente e agradecida (OMNSS, abr. 1917, p. 54).

A reconciliação foi apresentada como o carisma da congregação. A conversão, a cura, as graças alcançadas aproximavam o leitor da nova devoção, verdadeira, produtora de milagres.

3.5 O Modelo de Mulher e as Orientações para as Famílias

Podemos perceber que é a partir da imagem que a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* apresentou da Mensageira, delimitada pelos seus difusores, os padres missionários, que outra imagem, a de mulher, destacava-se e deslocava-se de Maria para a jovem, para a esposa, para a mãe de família na sociedade brasileira.

O ambiente adequado para as famílias frequentarem seria o do recato dos lares, da Igreja, e para a diversão, as festas da Igreja, as comemorações inspiradas na moral católica. O que não aconteceria, por exemplo, com o carnaval. Um artigo dedicado exclusivamente a isso chamou-nos a atenção:

O bonde afastava-se do centro da cidade, levando muita gente para a casa, e as linguas iam também soltas em desabrida tagarellice, ouvindo-se falar, entre outras cousas, do carnaval. Deixem a gente rir um pouco, dizia uma voz sonora, tem bastante tempo para chorar. [...] As diversões verdadeiramente honestas nunca foram proibidas pela Igreja, haja vista as festas tão sympathicas que se realisam nos Institutos, cuja orientação é inspirada nos ensinamentos da Igreja (OMNSS, fev, 1917, p. 9).

Com isso, é possível entender que a diversão não era proibida pela Igreja, desde que fosse católica, calcada na moral cristã, onde as práticas fossem religiosas, de adoração e culto aos modelos autorizados a imitar, diferente do carnaval, considerado o confinamento da libertinagem e das orgias:

A triste verdade é que o carnaval, sobretudo no Rio, é immoralissimo, ha estatisticas mais eloquentes do que todos os raciocinios. O carnaval nem se pode chamar de festa; é uma orgia pagã, uma exhibição de vergonhosas folias, um incitamento proposital, refinado a uma desenfreiada libertinagem. [...] O excellente e valoroso orgão da imprensa catholica, a União, profligando essas immoralidades, diz com razão que nem se deve assistir a esses cortejos nos quaes vão empoleiradas prostitutas (OMNSS, fev. 1917, p. 10).

Percebemos que tão logo, ao condenar o carnaval, cita-se uma boa imprensa, a União, que também recomendava que não se frequentasse tal festa, como fez a própria Revista. Mas, ela foi além. Repreendeu e instruiu as famílias sobre a presença de filhos e filhas de famílias tradicionais católicas e praticantes nas festas carnavalescas. Denunciou, como uma verdadeira hipocrisia, de manhã adorar ao Santíssimo e a tarde frequentar o carnaval ou os bailes. Uma negativa influência para as virtudes das “filhas de Maria”, que ficariam a par com as prostitutas. A instrução moral foi oferecida: “Desde que os divertimentos do carnaval não podem ser honestos, Moraes, respeitadores da religião, a conducta que devem adoptar as familias catholicas praticas, só póde ser a mais completa abstenção” (OMNSS, fev. 1917, p. 10).

A conduta da família deveria se basear nos antigos hábitos cristãos, quando a instrução religiosa era central e feita com base na “Cartilha da Doutrina Christã e a Historia Sagrada”.

Como se nota, tratava-se de um elemento a se recordar na tradição cristã e autorizado para imitação. Uma questão emergente na Revista: “Serão livros indignos da cultura moderna?”. Na leitura cristã, o catecismo seria a essência divina necessária para os tempos modernos. Boas experiências com relação à Igreja e ao catecismo, à moral, foram projetadas nas páginas da Revista: relatos de diferentes estudiosos e filósofos; Donoso Cortés, François Coppée, Copérnico, Ampere, Cardeal Landriot. Considerados ilustres pessoas que reconheceram o valor da Igreja e dos seus ensinamentos. Na Revista, o discurso reservava pequenos trechos de situações em que tais pessoas se mostravam apreensivas, atentas, submissas e recomendavam a instrução religiosa católica.

Recomendava-se assim, a retomada dos “antigos hábitos da família brasileira”, e que “voltem, pois, tão preciosos livros a ocuparem nossas famílias o lugar honroso que lhes deram os nossos pais” (OMNSS, mar. 1917, p. 40). No artigo assinado por Affonso Celso “A paixão”, foi recordada a situação da Igreja Católica e a orientação foi imperiosa: “Egreja é velipendiada, é perseguida, soffre. Vigiemos, oremos. Evitemos a ignominia, a covardia da inércia” (OMNSS, mar. 1917, p. 42).

E, dentro dos antigos hábitos da família, conforme o excerto da Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, deveria ser reservado o espaço necessário para a “instrução religiosa”, “indispensável para conseguirmos a eterna salvação”, para livrar-se do “abysmo em que o Materialismo e o Atheismo haviam despenhado a França” (OMNSS, abr. 1917, p. 58).

Com isso, o discurso da Revista expressou a necessidade de diferenciar o sentimento de religiosidade do conhecimento da Religião. A Igreja Católica evidenciava a ignorância religiosa do povo como o foco de combate. Nessa direção, a restauração católica nos primeiros anos da República brasileira, propagou a ideia de doutrinação religiosa do povo:

Mas é D. Sebastião Leme, o grande líder do episcopado brasileiro a partir dos anos 20, que se torna o campeão da luta contra a ignorância religiosa. Em sua carta pastoral de 1916, ele a denuncia como o principal mal do povo brasileiro e a causa da fraqueza da Igreja. [...] sendo o povo ignorante da verdadeira religião, o primeiro dever do agente de pastoral é a sua doutrinação (OLIVEIRA, 1985, p. 277).

Havia assim diferença entre a religiosidade popular e a religião oficial. As congregações faziam então um trabalho de ensino, de evangelização para corrigir o atraso da religião no Brasil. É este conhecimento da Religião que possibilitaria a chamada salvação contra os erros modernos, nascidos da ignorância da religião, como vemos a seguir:

Aos males moraes que transborda no mundo, a conjuração do indifferentismo, do atheismo, do maçonismo dos governos, das academias, das escolas, da litteratura, da diplomacia, o céu tem opposto os recursos dos meios sobrenaturaes extraordinario. A nós pertence aproveita-los (OMNSS, set. 1917, p. 137).

A ignorância religiosa poderia ser dissipada com a catequese, com a boa imprensa. Essa ignorância da religião foi entendida também como a provocadora da “devoção facil”, em que o devoto frequentava tanto a igreja quanto as festas mundanas, os teatros, os cinemas, os bailes e lia todo o tipo de imprensa, mesmo sendo “obra condenada”.

A verdadeira devoção implicaria no sacrifício repetido voluntariamente, no serviço ao próximo, na adoração, na *imitação*, na chamada “instrução religiosa”:

E’ de incalculaveis fructos espirituaes estabelecer na familia o uso das leituras piedosas, da leitura dos livros de Deus, de Maria S.S. Então, quanto mais se illumina a intelligencia, seja dos grandes, e ainda mais dos pequenos, mais bellas se descortinam as perspectivas da fé, mais temperadas se tornam as energias da vontade (OMNSS, abr. 1917, p. 59).

A “necessidade da religião” foi apresentada como uma dependência do humano com o seu Criador. Praticar a religião católica era adorar, era orar, e ainda:

[...] prestar- lhe um culto interno e externo”: Amar a Deus; agradecer-lhe os beneficios recebidos; invocal-o pela oração; prestar-lhe as homenagens que Lhe são devidas - eis o que ao homem lhe cumpre fazer. Cumprir estes deveres é praticar a religião. Ser religioso, não é cousa dispensável (OMNSS, maio 1917, p. 71).

A prática da religião implicaria na execução de todas as atividades ligadas à Igreja, aos sacramentos. Essa prática, parte dos ideais ultramontanos, estava presente nos impressos católicos e demais documentos produzidos ao longo do século XIX. Pregava-se o combate ao período moderno e apontava o período medieval como modelo para ser seguido (LAGE, 2013).

A teologia oficial tentava demonstrar que a pluralidade de crenças deveria ser criminalizada, bem como a heresia, ambas representavam um perigo para a vida em sociedade e impediam o consumo coletivo da escatologia. Então, salvar a alma por caridade, castigar os heréticos pelo bem estar da sociedade, eram por razões salvíficas.

A representação que a Igreja fazia de si foi se afirmando perante o poder político como uma sociedade jurídica perfeita, independente, soberana. A Igreja era a organização dos

descendentes de Cristo, uma Igreja que funcionaria como guardiã, “como braço secular para a perseguição e punição dos hereges, apóstatas e cismáticos”. A intolerância seria um ato de caridade, desde que servida à ortodoxia, impedindo hábitos, costumes, educação que barrassem a visão sobre a Verdade (CATROGA, 2004, p. 15).

Na Revista, outra orientação oportuna às famílias era o ambiente a que frequentar. Além do já condenado carnaval, apontado anteriormente, o cinema era alvo de críticas, embora fosse reconhecido e admirado, visto ser uma criação da ciência moderna, que poderia ser utilizada, como mencionava o artigo da Revista, para a distração dos trabalhadores (artigo mencionado como parte da Carta Pastoral de D. Silverio Gomes Pimenta). Contudo, o que se observa no discurso do artigo, são os vícios e os crimes incentivados pelo cinema:

Ali os homens corrompidos acham pasto para as paixões mais vis e brutaes, os inexperientes guia e incentivo para o mal, e os pobres innocentes encontram o ensinamento do vicio, a perda da virtude, o tirocinio para o crime. Delle procedem os adultérios dos casados, as discordias dos conjuges, a desharmonia das familias, a prostituição das donzellas, a corrupção dos jovens, os roubos, as rixas, os suicídios, como estão as folhas diarias e os periodicos publicando, sem fallar no que escapa a sua sagaz perscrutação (OMNSS, maio. 1917, p. 74).

Era um “peccado grave” se deleitar com as apresentações cinematográficas. A orientação imperiosa e ameaçadora, tal qual a de Salette em sua aparição, não tardaria: “Ninguém, qualquer que seja sua idade, estado e condição, pode frequentar, nem assistir cinemas de representações immoraes, ainda que nem todas as fitas o sejam” (OMNSS, maio. 1917, p. 74).

Acrescentou-se ainda nesse artigo, que os maus cinemas não poderiam ser frequentados, embora houvesse alguns que traziam cenas religiosas, mas retomou-se: “Se o cinema e habitualmente, ou ainda accidentalmente máo, impio ou immoral, lá não ponhamos os pés, nem permittamos que lá se apresente pessoa de nossa família” (OMNSS, maio, 1917, p. 75). Após alertar as famílias, também foi oferecida a orientação aos padres:

Aos Revds. Parochos e pregadores com todas as veras pedimos afastem os fieis desses antros de corrupção e de perdição, bem lembrados das contas que havemos de dar ao tribunal de Deus, se neste particular, como em outros de nosso ministerio, formos cães mudos, ou mercenarios indolentes, e não vigilantes pastores (OMNSS, maio, 1917, p. 75).

Sutilmente, algumas temáticas para a educação das famílias são apresentadas em setembro de 1917, momento em que foi realizado o Congresso Mariano, da Confederação

Católica. Nas seções de discussão, estava a seção dogmática, compreendendo aspectos da religião verdadeira; a seção moral, com os aspectos da preservação moral da família, da imitação de Maria, a seção histórica, a tradição do culto à Imaculada Conceição no Brasil, e nas seções femininas apontam-se os assuntos sobre o trabalho das boas mães cristãs, da educação das donzelas, enquanto a seção masculina compreendia as tarefas do apostolado da oração, da imprensa católica, das peregrinações, da educação das crianças nos catecismos e retiros (OMNSS, jul-ago. 1917, p. 108-109).

A nova paisagem urbana ensejava novos modos de vida. Na educação das famílias, o artigo de “Philemon”, “ostentação do sensualismo” retratou a nova paisagem urbana sendo tomada pelas propagandas atrativas, desde as que são coladas nos muros, até às das caixinhas de fósforos:

O sensualismo domina ainda ao vivo na nossa epoca, lembrando ao vivo o mundo pagão.

‘Panem et circense’ era o clamor de todos os romanos.

Este e não outro é o ideal dos nossos tempos. Pedem pão e divertimentos. Gasta-se a vida a conquistar riquezas e bens materiaes, e mais do que nunca se anda a cata de diversões e passa-tempos. Multiplicam-se os jardins, os jogos, e os divertimentos para saciarem a este desejo voraz que embriaga a nossa geração, sobre as cousas da outra vida, não se pensa, nem se quer pensar. Tal e o espirito do mundo. Mas ainda aqui, este espirito perverso penetra no campo religioso (OMNSS, jul-ago.1917, p.111).

Segundo “Philemon”, o crucifixo, a imagem dos santos, de Maria, eram as mais decentes para a família católica, contudo já não figuravam nas paredes de suas casas. Até mesmo as festas do patrono eram condecoradas com ostentação do sensualismo, quando o espírito deveria ser puro. Para além de uma orientação às famílias, o discurso endossava uma verdadeira guerra ao mundo moderno.

A Liga Anti-Pornographica, instalada pela União Catholica Brasileira, mudando de nome para Liga pela Moralidade, foi um órgão importante, como destacou o discurso da Revista, na perseguição da imoralidade, dos erros modernos e perseverança dos bons costumes. A Liga funcionava na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro (OMNSS, out. 1917, p. 162). E, sobre bons costumes, a já abordada instrução religiosa foi a de maior destaque. Seguir os dogmas da Igreja seria a tarefa essencial do homem. Como uma orientação para as moças e família em geral, diferenciava-se religiosos e não religiosos, além de dar, subjetivamente, uma definição ao próprio termo “religioso”:

E' coisa muito comum chamar religiosos a homens que realmente o não são. Um chama-se religioso só porque dá esmolas para a igreja; outro porque concorre para a festa de um Santo; outro porque tem em sua casa um oratorio diante do qual faz alguma oração; outro porque diz que acredita em Deus; outro porque não faz mal a ninguém; outro porque dá esmolas aos pobres; outro porque foi a Roma ver o Papa; outro porque fez uma romaria a Lourdes ou a outro qualquer santuario. E de facto estes homens se não fazem mais nada, não são religiosos.

Então que lhes falta? Falta-lhes resolverem-se a acreditar todos os dogmas que a Igreja ensina e a praticar fielmente os preceitos que ella expõe (OMNSS, dez. 1917, p. 184).

Seguir os dogmas representava seguir os ritos oficiais da Igreja Católica, Apostólica e Romana, aquela que apresentava a verdadeira fé, a verdadeira religião, com seu projeto de reconquista católica, disseminada pelo ultramontanismo.

Para a família, a questão da higiene, moral e física, era mais um dos elementos citados na Revista. Em nove tipos de higiene: geral, respiratória, gastro-intestinal, moral e intelectual, do sono, da pele, do vestido, da habitação, da educação do corpo, da mente e do espírito se fazia dentro da instrução religiosa, dos bons hábitos da família católica (OMNSS, jan. 1918).

Notamos que seria por meio da instrução religiosa que se desenvolveria a fé, diferente de credulidade. Para a construção de boas mães, de boas esposas, a instrução religiosa era indicada, como suscita o artigo extraído do “Anuario da Arch. De São Paulo”:

Sem o *rationabile obsequium* de S. Paulo... são catholicas essas respeitaveis senhoras, que solicitam a graça dos sacramentos descurando deveres imperiosos de estado ou de família? Donde vem essa fraqueza de caracter a que succumbem, na vida pratica, tantos mocinhos, ainda hontem collegiaes modelos e esperançosos? Porque a esposa de hoje não é mais a moça piedosa que hontem foi? Donde, emfim, tanto mal e tanto escandalo, sinão da ignorancia religiosa ou do conhecimento incompleto do dever christão? (OMNSS, mar. 1918, p. 250).

Com a instrução religiosa bem definida, a próxima questão a ser trabalhada eram os deveres da mulher. Encontramos na edição de março de 1918, o artigo “A missão da mulher”, assinado por Ignez Serrano. Tal artigo revelava normas e prescrições sobre as obrigações e o comportamento da mulher na sociedade. Ao longo das edições, abordaram-se em cada artigo, as imagens da mulher que deveria ser, em cada fase de sua existência: virgem, esposa, mãe, viúva, religiosa.

A mulher é o apóstolo do lar. E' a enfermeira do corpo e da alma. E' a primeira professora dos filhos exercendo o magistério sublime de ensinar ao infante que começa a balbuciar, os nomes de Jesus e Maria, e soletrando com

o pequenino filho, as syllabas da língua natal. [...] A virgindade é o mais sublime privilegio das moças; estado tão elevado da terra, que sentimos juntos ás donzellas a impressão da presença de seres superiores a nossa fraqueza, pairando acima das miserias do mundo (OMNSS, mar. 1918, p. 254).

Nesse sentido, a imagem da mulher era daquela que deveria prestar suas obrigações para com o lar e na instituição de tudo o que é sagrado, como a educação dos filhos na moral cristã. Mais ainda, encontramos neste mesmo artigo, a prescrição sobre os possíveis trabalhos da mulher, que para além do lar, se fosse casada, deveria cuidar do marido e guiá-lo para o bom caminho prescrito pela Igreja, e, se não fosse casada, deveria servir à Igreja, sendo catequista e servindo aos mais pobres em obras de caridade.

O segundo estado da mulher na sociedade, apresentado por Ignez Serrano, era o de esposa, entregue ao casamento, suportando as mesmas dificuldades que o marido, e submetida a ele até a morte.

O amor dos esposos deve ser inquebrantavel: eles fazem um tudo o que não póde ser separado sinão pela rude ceifadora que tudo destróe. A esposa deve ser irrephensivel, e procurar prender, nas malhas do seu grande affecto, o esposo: ainda mesmo que elle não corresponda ao seu grande amor (OMNSS, mar. 1918, p. 255).

Em relação ao marido, o modelo oferecido pela Igreja foi o de São José. Para um mundo onde aos poucos se constitui a liberdade, a independência, o modelo de homem seria daquele que se submete às vontades e ordens da Providência, sem réplica e murmurações e um servo desprovido de riquezas materiais (OMNSS, mar. 1918, p. 256).

Desta forma, dedicando-se ao casamento e ao marido, o terceiro estado da mulher é o de mãe:

O estado heroico da mulher no mundo, é o de mãe! Ei-la que toma a pesada e leve cruz de seu affecto: nasceu-lhe um filho. Padedcente e feliz ella aberta contra o seio ubere, o fructo do seu amor, este mixto de anjo e humano, cheirando a alfazema e já governando o seu reino, que é a casa paterna. E desde este dia, a mulher mãe morreu para todo o descanso, e só deve viver para a dedicação e sacrificio (OMNSS, abr. 1918, p. 273).

A maternidade aqui foi naturalizada e tomada como uma obrigação. O estado de mãe era aquele que guiaria o marido e os filhos, instruindo-os religiosamente.

Outro estado da mulher é o da viuvez, tempo de tristeza, mas de dedicação para a família, para os filhos, para os pobres e Deus:

O quarto estado da mulher é o da viuvez. Ser viúva, supõe ser triste. E' a existencia truncada pela perda do companheiro, é uma metade sobrevivendo a amputação feita pela morte, é o luto velando as alegrias da vida. [...] Ella vivera amortalhada na memoria do seu amor [...] Viverá para os filhos, para os pobres e os que della necessitam, vivendo só para Deus. [...] O estado da viuvez é um estado santo, casto e privilegiado. Não sendo completo como o da virgem, é comtudo muito respeitavel e summamente agradavel a Deus: é um meio de penitenciar-se pela dor. Em todos estes estados, a mulher virgem, esposa, mãe, viuva, vivendo no mundo ou retrahida no silencio da sua casa, póde prestar verdadeiros serviços as causa catholica e social sem sahir fora da esphera da sua acção e sem abandonar os interesses da sua familia. [...] Deve por todas as formas louvaveis ser os amparo dos desgraçados, *o modelo a imitar, a missionaria do Bem, a Mulher forte do Evangelho* (OMNSS, abr. 1918, p. 273-274, grifos nossos).

Nesses aspectos, a mulher poderia trabalhar na Igreja, ensinando o catecismo, na boa imprensa, escrevendo artigos de propaganda, boas leituras, arrecadando esmolos. Fica claro, que a imagem da mulher deveria estar inscrita na imagem da Virgem do Evangelho, a Virgem Maria, o modelo pregado e que deveria ser seguido, imitado.

Encontramos ainda, nesta mesma publicação de abril de 1918, um pequeno texto intitulado “Para as moças”, do “Boletim da Liga pela Moralidade”, o qual prescrevia bons comportamentos das mulheres quanto às vestimentas. Depois das quatro fases da missão da mulher, mais uma orientação foi publicada:

O uso de modas indecentes é signal certo de fraqueza de espirito ou de pronunciada maldade. Deveras, só usa de trages de bailarina que lhe tem a alma, ou quem receia por timidez os sarcasmos dos pevertidos.
O melhor encanto de uma moça é a pureza dos seus costumes, o pudor, em suas maneiras. E', por isto que nem sequer concebem lyrios de negra côr.
Quem se julgará livre de culpa porque há outros que erram tambem? O que fica bem nos carneiros não é só por isto regra para os animaes racionaes.
Modas poucos descentes, maneiras livres, fazem suppôr que a jovem nasceu para actriz de theatro. Os espelhos reflectem a realidade, os trages e os modos são o espelho da alma (OMNSS, abr. 1918, p. 274).

Nessa direção, o último estado da mulher seria o religioso, ou divino. Na edição de maio de 1918, o exemplo de vida das freiras foi exaltado: mulheres de caridade, que esmolam, educam, cuidam de doentes, de crianças. As irmãs das diversas congregações eram exemplos de vida, de oração, de submissão a Deus, já “os conventos são raios de pureza no meio do deserto arido e suffocante da vida mundana. As religiosas com as suas preciosas orações, são os para-raios das iras de Deus [...]” (OMNSS, maio, 1918, p. 291). Mais uma vez, ficou claro o ensejo à vocação, à vida religiosa oposta à vida no mundo moderno.

A autora Ignez Serrano, diante das características santas das freiras, se sentia pequena, inútil, humana demais. Portanto, ser religiosa, era ser divina. Então, que modelo era este a ser imitado? “— Quem era Maria? — Maria era uma virgem da família real de David e esposa de S. Jose que também era da família de David” (OMNSS, jul, 1918, p. 331). Essa era a mulher modelo para as mulheres terrenas.

3.6 As Leituras e a Boa Imprensa

A leitura mais preciosa, ressaltada na Revista, foi a do livro de catecismo. Era por meio dele que a instrução religiosa, arma poderosa contra os erros modernos e reafirmação da tradição, alcançaria as famílias:

Em poucas, paginas, contem a summa das mais sublimes verdades, desvenda horizontes novos que os olhos da sciencia mais perspicaz não podem descobrir. As soluções que da sobre questões de máxima importancia, são harmoniosas, plenamente satisfactorias e transcendem incomparavelmente todas as elucubrações dos philosophos (OMNSS, jan. 1917, p. 7).

A boa leitura do catecismo era comparada e distinguida à das Sagradas Escrituras. É dado a cada um, o seu reconhecimento.

Num sentido, mais necessario é praticamente o catecismo do que as proprias Sagradas Escripuras, porque estas são um livro fechado sem a interpretação legitima da Santa Egreja, ao passo que o catecismo é dum modo a interpretação clara, succinta, singela das Sagradas Escripuras, feita pela Egreja infallivel (OMNSS, jan. 1917, p. 8).

A leitura do catecismo era recomendada para o público externo, mas era obrigatória para os noviços. Conforme o Costumário de 1905, toda semana, eles gastavam uma hora para estudar o catecismo. Para eles, essa leitura apresentava forte declaração sobre “as verdades da fé e prática da vida cristã”, e ainda “o Catecismo de ser aprendido, palavra por palavra”¹⁶ (p. 104).

¹⁶ Livre tradução: 717. Chaque semaine, ils consacrent une heure à l'étude du catéchisme. Il est en effect nécessaire que tous acquièrent une instruction solide sur les vérités de la foi et sur les pratiques de la vie chrétienne. Le catéchisme doit être appris mot à mot (CONSTITUTIONS ET COUTUMIER DE L'INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE, Tournai, 1905, p. 104).

Na Revista, a boa leitura era aquela que possibilitaria a retomada das boas maneiras, dos bons costumes, da tradição, e que seria capaz de (trans)formar o sujeito e garantir a ordem, a distância dos erros: “Si todos os catholicos o fizessem, não haveria tantas vacillações, tantas confusões, tantas idéas erroneas, quando não hereticas, tanta ignorancia religiosa e tão grande negligencia dos deveres christãos” (OMNSS, jan. 1917, p. 9).

O pedido da leitura do catecismo tornava-se uma pregação frequente nos discursos da Revista, de um lado garantir-se-ia o chamado conhecimento religioso, a aproximação dos deveres cristãos e das novas devoções, como Salette, e, ainda, atuaria no combate aos erros modernos:

O estudo do catecismo, eis a obra mais urgente, a mais necessaria dos tempos modernos. Ninguem diga que tal occupação e pouco digna de gente que se preza. O grande Moutalembert, ornamento da eloquência franceza no ultimo seculo, autor de obras universalmente apreciadas, escrevia a um bispo: Leio todos os dias uma pagina do catecismo, e sempre com muita proficiência (OMNSS, fev. 1917, p. 17).

O ensino por bons exemplos era recorrente na Revista. As questões do tempo moderno afligiam o espírito católico. E, este mesmo tempo, necessitava de uma obra da tradição católica que garantisse a ordem, a evangelização da Santa Igreja.

Conforme o Decreto do Concílio, Título II, Capítulo V, a ignorância em matéria de fé e moral levaria as pessoas à “perdição”. Contra isso, orientava-se que cada paróquia tivesse “[...] algunos ejemplares del Catecismo Romano, ó del Concilio Tridentino, traducido al castellano, para que sean como la mina de todos los párrocos y catequistas” (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 102). Mais adiante, no Título X, Capítulo II, salientou-se a profusão de livros de catecismo, muitos deles inadequados. A orientação foi clara:

Mandamos, por tanto, que em el termino de cinco anos, en cada Republica, ó al menos en cada provincia eclesiástica, de común acuerdo de los Obispos, se compile un solo catecismo, excluyendo todos los demás, juntamente con un breve sumario de las cosas más necesarias que tienen que saber los niños y los rudos (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 403).

Com isso, a doutrina católica (considerada a verdadeira) seria conservada nos livros de catecismo, e ensinada às pessoas pelos membros da Igreja. Percebe-se na Revista um discurso arraigado a essas prescrições.

Na Revista, a boa imprensa foi recomendada pelo então papa Bento XV, que explicou a necessidade de inspirar os féis ao espírito reto, por meio dos periódicos católicos. A atuação

do Papa Bento XV, foi ainda diretiva na congregação, quando em 4 de novembro de 1916, conforme artigo da Revista, se reuniu em audiência particular com o Padre Pedro Pajot, então superior geral dos Missionários da Salette, acompanhado do Padre Crozet, procurador geral da Congregação junto à Santa Sé. Segundo o discurso impresso na Revista, o papa recomendou a continuação das obras apostólicas saletinas e comentou sobre as publicações sobre os Segredos da Salette elaboradas “abusivamente por pessoas muito mal inspiradas, e que motivaram uma condenação promulgada pelo Santo Officio”. No artigo da Revista, houve uma defesa explícita sobre a veracidade da aparição e uma condenação das publicações abusivas, mas não mencionadas:

Os Padres Missionarios da Salette scientes das vontades da Santa Se, a respeito da publicação dos pretendidos Segredos da Salette, se mantiveram afastados da abusiva publicação e interpretação dos mesmos, mas não deixaram passar a ocasião de protestar contra a ignorancia ou má fé dos que, confundindo o facto da Apparição e a verdadeira devoção á N. S. da Salette com o abuso dos Segredos, pretendiam que a Apparição, ella mesma era duvidosa (OMNSS, fev. 1917, p. 6).

Portanto, anunciando e publicando as palavras da voz autorizada do Papa Bento XV em defesa da devoção saletina e das ações dos missionários, tentava-se manter a ordem e a aceitação da nova devoção.

Como se observa, os conflitos entre os padres, os defensores da aparição, e os “contradictores”, ou a má imprensa, foram expressos na Revista, sobretudo no ano de 1918, quando os artigos sobre a aparição começaram a veicular as discussões sobre a veracidade, as disputas entre a boa e a má imprensa, mas de forma sutil, porém não silenciada.

Convem notar que si o feito da Salette encontrou incredulos e adversarios, teve tambem os seus crentes (cujo numero e incalculavel!), que só adheriram ante solidas provas, e seus intrepididos defensores que pela palavra e pela penna o vingaram de todas as ineptias e invencionices da caterva inimiga (OMNSS, jul. 1918, p. 322).

Com isso, a boa imprensa ainda era a que deveria alertar sobre os “ataques”, sobre as “injustiças” veiculadas pela má imprensa. O jornalista cristão, Louis Veuillot foi referenciado como um dos maiores escritores da verdade da Igreja e defensor dos valores católicos, bem como da aparição saletina. A oposição entre boa e má imprensa é explícita. Jornais franceses como *Siècle*, *National*, *Constitutionnal*, *Gazette de France*, veicularam dúvidas sobre a aparição. Já *O Amigo da Religião* e *O Universo* rebateram os ataques, sendo a atuação

defensora de Louis Veillot neste ultimo jornal. As posições de defesa foram exaltadas na Revista (OMNSS, abr. 1917).

A boa imprensa era apresentada de forma sutil nas páginas do Mensageiro. Em uma nota pequena, percebemos a menção a algumas revistas: “Recebemos as excellentes e tão recommendaveis revistas: O Mensageiro do Carmello, Lourdes, A Palestra, Os Annaes Franciscanos, O Arauto, O Mensageiro do S. Rosario, O Apostolo, O Relatorio do Asylo Isabel. Muito gratos” (OMNSS, abr. 1917, p. 61).

Essa lista de revistas católicas possibilitou-nos compreender um pouco mais o universo da imprensa em que estava inserida *O Mensageiro de Nossa Senhora. da Salette* e sobre o qual não encontramos estudos a respeito. Em outra nota pequena, pudemos observar uma afirmação conveniente aos títulos das revistas: “Em um livro de devoção que não estivesse por assim dizer cheio, entranhado, illuminado, em todos os seus pensamentos, os mais intimos, pela lembrança e a influencia da Santa Virgem, faltaria alguma cousa” (OMNSS, abr. 1917, p. 61). Ou ainda: “Onde não se encontra, em permanencia, o nome de Maria - ou um livro ou uma alma - ahi não se encontra nem a alegria completa, nem a paz sem apprehensão, nem a consolação sem alguma dor” (OMNSS, abr. 1917, p. 64).

A indicação de boas leituras foi reiterada ao longo da Revista. Em junho de 1917, a *Revista Social*, é tida como uma boa obra da mocidade por apresentar artigos bem estudados sobre a atualidade, e autores que unem talento “a uma perfeita orthodoxia, o que torna esta revista summamente recomendável” (OMNSS, jun. 1917, p. 91).

Em fevereiro de 1918, nas palavras de “Philemon”, a orientações aos pais sobre as más leituras foi direta:

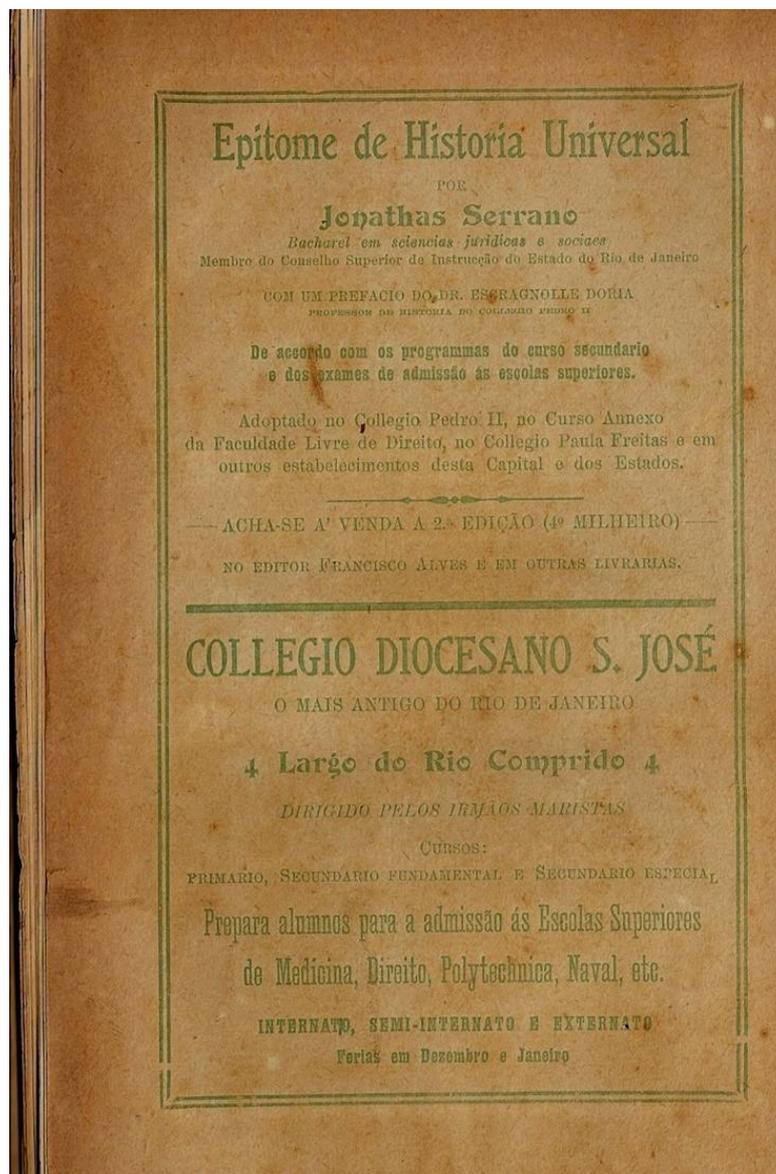
Oh! si os paes entendessem que as leituras mas são o principal meio de perversão para seus filhos, com que cuidado não lhes examinariam os livros; como não teriam trancadas as portas a esses inimigos tremendos da religião e da moral! Se querem, pois, que os filhos sejam honestos e de bons costumes, examinem os paes os livros que leem, e não permittam a entrada, na sua casa a esses falsos amigos que corrompem, deleitando (OMNSS, fev. 1918, p. 234).

3.7 A Escola, os Professores, a Instrução

As questões sobre a escola pública, católica ou de confissão protestante, na educação formal são esparsas na Revista.

A última página da publicação do mês de Janeiro de 1917 apresentou dois anúncios, que endereçavam à educação escolar, formal. Um sobre um livro de história, e, outro sobre o Colégio Diocesano S. José, dirigido pelos Maristas, no Rio de Janeiro. Este tipo de anúncio apareceu apenas em poucas publicações.

FIGURA 19: A última página da publicação do mês de Janeiro de 1917



Fonte: *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*

Em março de 1917, uma notícia sobre a maior escola católica figurou na Revista, timidamente, entre tantas outras notícias sobre agricultura, falecimentos, notícias sobre a guerra: “A maior e mais frequentada escola catholica, é a dos italianos em Nova York, com 2.900 alumnos” (OMNSS, mar.1917, p. 46).

A questão da educação escolar foi aos poucos tomando os espaços das notas e notícias. Em setembro de 1917, a educação católica às crianças foi assunto em uma pequena nota:

Na discussão da lei dos pupillos da nação, o parlamento francez deu largas a seu sectarismo odioso e anti-christão, negando a educação catholica aos orphans, desde que os paes não tenham dado provas de seu fervorismo catholico. Será para admirar si um tal governo tem alienado tantas sympathias! (OMNSS, set. 1917, p. 143).

A situação dos católicos na França, na virada dos séculos XIX para o XX, sobretudo, esteve marcada por novos investimentos na evangelização e novas estratégias para isso. De acordo com Leonardi (2010), as leis francesas dos fins do século XIX (de transferência educacional das mãos dos religiosos para as do Estado) causou a perseguição das congregações. A laicidade do ensino era imposta às congregações desde 1879, pela reforma comandada por Jules Ferry. Para a manutenção das escolas, as congregações deveriam pedir a autorização do Ministério de Cultos e Ensino. Em 1880, a obrigatoriedade da educação e sua laicidade entraram em vigor. Os religiosos e religiosas dedicados ao ensino foram submetidos aos exames para conseguirem seus diplomas. Segundo a autora, esse processo encaminhava-se para a secularização, já que os membros da congregação não dependiam mais das suas superiores e de sua vinculação à própria congregação para terem uma atividade profissional. As autorizações para o ensino, os exames para diplomação delimitaram as zonas entre Estado e Igreja, culminando na separação entre os dois poderes na França em 1905, colocados gradativamente como opostos.

Nos anos seguintes do século XX, novas leis surgem: a Lei 1º de Julho de 1901, que retirava o direito de ensinar das congregações que não tinham a autorização da lei anterior; e, mais tarde, a Lei 7 de Julho de 1903, que proibia qualquer tipo de ensino ministrado por qualquer congregação.

Entre 1901 e 1914, todas as autorizações de funcionamento para as congregações foram rejeitadas, imóveis foram liquidados, jovens foram reenviadas para suas famílias, o recrutamento estancou e alguns religiosos optaram pela secularização, fosse ela fictícia ou não. Entre 1878 e 1914, as escolas confessionais perderam a metade de seus alunos (LEONARDI, 2010, p. 345-346).

Conforme os estudos de Leonardi (2010), algumas irmãs da congregação da Sagrada Família, por exemplo, conseguiam ensinar nas escolas a partir do *brevet* (alvará), desde que secularizadas, renunciando aos votos, deixando a vida religiosa, o hábito. Essa ação levou à possibilidade de uma “secularização fictícia”, onde retiravam o hábito religioso, mas continuavam a vida na comunidade e sob os votos, tendo assim a autorização para lecionar ou, então, haveria a possibilidade de retorno às famílias, à vida no século. Outra possibilidade

estaria na emigração para países vizinhos, como fez as irmãs da congregação Nossa Senhora do Calvário, indo para a Suíça, Brasil, Argentina, Filipinas, Guiné, Vietnã e Costa do Marfim. Já as irmãs da Sagrada Família expandiram-se para 23 países. Como nos lembra a autora, “O exílio era visto como o símbolo da fidelidade absoluta à congregação” (LEONARDI, 2010, p. 353).

Na República brasileira, a Igreja investiu em outros mecanismos de educação, mas a disputa pela educação escolar, ou a educação religiosa nas escolas oficiais do governo, se estendeu. Numa pequena nota, em dezembro de 1917, sob o título “D. Pedro II e a educação religiosa”, percebemos essa discussão nas entrelinhas:

E tirado d'um jornal americano a seguinte anecdota:
 Dom Pedro II estava nos derradeiros dias de sua vida.
 Dirigindo-se ao seu medico, perguntou: Sr. dr., tens filhos? - Sim respondeu este, tenho seis. – Então, disse o imperador, quero dar-te um conselho, que é de um moribundo; o aprendi por uma dura experiencia: Dae a teus filhos, antes e acima de tudo, uma boa educação religiosa. E' o que foi negligenciado em minha juventude. Senti muito esta falta em toda a minha vida. Mais tarde procurei supprir esta lacuna, porem penosissimos foram os meus esforços (OMNSS, dez. 1917, p. 182).

O discurso presente na Revista tentava traduzir a necessidade da “boa educação religiosa” para vida.

As novas ações do mundo laico, secular, inspiravam o discurso da Revista, já que as novas características da modernidade abalavam a fé católica:

Pode a Fé diminuir ou mesmo desaparecer em nós?
 Sim, a Fé pode diminuir: 1º pela omissão prolongada de toda a prática da Fé; 2º pelo habito do peccado, mesmo venial; 3º pela leitura de toda publicação que se acha no *Index*, ímpia ou suspeita de maus livros, maus jornaes; 4º pela frequentação de escolas sem religião, de pessoas incrédulas e libertinas por um proceder desregrado.
 Perde-se a Fé, diz Lacordaire quando já se abandonou a virtude (OMNSS, maio, 1926, p. 251).

Os defensores da laicidade baseavam-se nos valores éticos contra as convenções que propunha Sócrates, no racionalismo de Aristóteles e na reatualização que propunha o Humanismo e Renascença, a dúvida metódica de Descartes, o panteísmo de Espinosa. O militantismo secularizador ficou como herdeiro dos defensores da liberdade de pensamento. Assim, para ter a autonomia na razão era preciso libertar o pensamento, possível numa proposta da escola laica.

Por isso, a conquista da separação do Estado e das Igrejas requeria a separação da escola e das Igrejas, pois só a criação de um sistema de ‘educação nacional’ e a neutralização religiosa da escola seriam capazes de fazer dos indivíduos seres racionais, éticos e socialmente preparados para a prática dos seus direitos e deveres como cidadãos. Ideal que o ensino religioso – por ser intolerante, anti-racional, anti-nacional, e anti-patriótico (porque ultramontano) – nunca poderia alcançar. E isto explica que, nos países em que a radicação do novo Estado-Nação teve que remover os interesses temporais das Igrejas dominantes, o problema da secularização (e o da laicidade) se tenha condensado, com alguma prioridade e dramatismo, na questão do ensino. Sinal evidente de que se a antítese era de caráter social (bens materiais da Igreja) e político, o seu ponto crucial se encontrava, porém, na disputa pela hegemonia dentro do poder espiritual (CATROGA, 2004, p. 59).

Como foi o caso da França, Jules Ferry concretizou o ensino desconessionalizado em oposição ao ensino das congregações, pela lei 16 de junho de 1881, repôs o ensino no poder estatal e instaurou a gratuidade do ensino primário dos seis aos treze anos, com a lei 28 de março de 1882, estabeleceu a obrigatoriedade escolar e, com a lei de 30 de outubro de 1886, proibiu o ensino de eclesiásticos em escolas públicas.

No mês de dezembro de 1917 foi publicado os direitos da Igreja nos assuntos da educação na Rússia: “A Igreja goza do direito de ter suas próprias escolas, de assegurar o ensino do catecismo e de nomear professores nas escolas civis. Completa liberdade e concedida as associações religiosas e monásticas, incluindo os Jesuítas” (OMNSS, dez. 1917, p. 197). Essa nova ação da Rússia caberia de exemplo ao Brasil. Essa parece ter sido a intenção dos redatores do artigo.

Segundo estudos de Lage (2013, p. 37, grifos da autora):

Enquanto os liberais defendiam uma escola laica, obrigatória e gratuita, os ultramontanos percebiam que a manutenção, o controle e a ampliação da educação confessional por parte da Igreja Católica reforçariam e inculcariam as suas ideias, funcionando como um mecanismo de controle sobre os fieis, contra os *perigos da modernidade*.

Alguns artigos foram publicados sobre a instrução religiosa. No artigo “A reflexão de um jornalista sobre o ensino religioso”, abordou-se a possível fala de “Ruy Barbosa” sobre os males do povo: “A chave misteriosa de todas as desgraças que nos afligem é esta, e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria”. Porém, a dita fala de Ruy Barbosa não agradou muito aos redatores do pequeno texto, que o repreenderam e apresentaram outra fala:

Enganou-se o illustre tribuno, melhor disse Victor Hugo, dirigindo-se aos legisladores da França, em 1848: A ignorância de Deus é a pior das calamidades, o que faz o homem bom, forte, sábio, prudente, digno de liberdade, é ter deante de si a perpetua visão de um mundo melhor, irradiante através das trevas desta vida. Quero, pois, sinceramente, digo mais *ardentemente*, o ensino religioso (OMNSS, abr. 1918, p. 278, grifos dos autores).

A ignorância causadora dos males da sociedade seria a religiosa, e não a ignorância popular, como expressou Ruy Barbosa. Por isso, instrução religiosa seria a salvação. Em maio de 1918, um excerto da discussão de Victor Hugo, na Câmara dos Deputados em 15 de janeiro de 1850, foi impresso na Revista, “A Instrução Religiosa na infância” não era simples orientação, mas algo imprescindível, urgente:

Consiste o dever de todos nós, legisladores ou bispos, sacerdotes ou escribaes, publicistas ou philosophos em proseguir nesta tarefa empregando com prodigalidade todos os recursos da energia social para a lucta sem treguas, até completa extincção da miseria, e em fazer, ao mesmo tempo, que a massa popular, minorando os males, erga a cabeça para o Ceo! quero, pois, com sinceridade o digo, eu desejo ardentemente, como o maior bem, o ensino religioso, mas o ensino religioso da Igreja (OMNSS, maio, 1918, p. 295).

Como sugere o discurso impresso na Revista, o ensino religioso era o grande alvo da Igreja. A ideia veiculada era a de educação religiosa já na infância, quando a criança conserva inocência, a pureza dos sentimentos. E, mais ainda, podemos notar, então, que essa ênfase na educação religiosa na infância, oferecida pelos pais, era uma forma de evangelizar na família, já que as escolas, oficiais, já não conservavam a instrução religiosa nos seus currículos.

E, no entanto, a geração contemporanea não faltou, na mocidade, a Idea christã. Quasi todos os nossos homens passaram a infancia sob o tecto amigo de institutos catholicos. De Itu, Caraça, dos seminários saíram não poucos dos grandes vultos de hoje.

Os que não foram alumnos de collegios nossos, o foram em institutos officiaes do antigo regimento quando das escolas não estava banido o nome de Deus (OMNSS, jul. 1918, p. 333).

Não tardam para expressarem o descontentamento com o ensino das escolas oficiais:

Si outros mestres havia antigamente, no collegio e na escola, hoje em pleno regimen de nação indifferente, os pais serão, quasi sempre, os unicos mestres da sciencia de Deus. Ora, si das escolas do antigo regimen saiu uma geração descrente, que será de nós, quando formarem o Brasil os que hoje crescem nas escolas sem Deus? (OMNSS, jul. 1918, p. 334).

Desta forma, se os erros modernos eram frutos do antigo regime que conservava ainda a instrução religiosa no currículo oficial, a sociedade sem ela já estaria pior.

De acordo com Lage (2013, p. 35) “[...] o Concílio tridentino tomou consciência do papel educativo da Igreja Católica” e essa educação seria desenvolvida para os futuros membros eclesiásticos como para as pessoas leigas. A sistematização foi feita em colégios, com currículos determinados, e foram os jesuítas os principais atuantes nessa área.

Nessa direção, pontuamos o trabalho de Araújo (2010), que analisa as cartas pastorais coletivas do episcopado brasileiro. Na Carta Pastoral de 1890, a escrita endereçava para a previsão de separação dos poderes e uma conseqüente vida em crise, já que o Estado configurava-se sem o catolicismo. Já nas Cartas Pastorais de 1900 e de 1922, havia, conforme o autor, uma mágoa sobre a separação dos poderes. Estas duas cartas sustentavam que a civilidade na sociedade se daria por meio da Igreja atuando nos seus espaços privilegiados: as escolas. O catolicismo seria a salvação dos males da sociedade, sendo o indivíduo, a pátria e Deus uma realidade única.

Uma boa educação religiosa é a melhor herança que os paes possam deixar aos filhos, pois e abrir-lhes a porta do Céu (OMNSS, fev. 1924, p. 22).

Entre todos os Estados do Brazil é São Paulo o que mais accentua a escola leiga. Nos outros Estados os pofessores, quando não os sacerdotes, podem na escola, embora, fora das horas de aula, ensinar o catecismo. Em Sao Paulo e isto prohibido e dos livros escolares e de todo o organismo escolar esta rigorosamente banido tudo quanto possa proporcionar aos alumnos conhecimentos ou sentimentos religiosos (OMNSS, ago-set. 1924, p. 117).

As Congregações de Nossa Senhora são verdadeiras oasis no meio do deserto da vida, onde cada congregada, pelos exercicios proprios da congregação e obediencia ao seu regulamento, pode retemperar suas forças para resistir as seducções do mundo, muito mais facilmente do que fora da Congregação (OMNSS, nov. 1925, p. 149).

No Decreto do Concílio Plenário, Título IX, Capítulo I sobre as escolas primárias, a educação cristã da juventude deveria ser para além do ambiente doméstico e das paróquias, mas dentro das escolas. Foi considerado que a Igreja tinha o direito erigir e regulamentar escolas para a educação e formação católica, e mais ainda:

[...] igual derecho de exigir que en todas las escuelas, asi publicas como privadas, la formación y educación de la juventud católica este sujeta á su jurisdicción, y que em ningún ramo de ensenanza se ensene cosa alguna que sea contraria a la religion catolica y a la sana moral. Por consiguiente, los

Obispos y demas Ordinaries, en toda clase de escuelas, conviene que tengan libertad absoluta para dirigir la enseñanza católica de la fe y la moral, y toda la educación religiosa de la juventud católica. Además, no debe imperdir seles en modo alguno, que, en desempeño de su propio ministerio, vigilen e investiguen, si la doctrina que en los diverges ramos se ensena, es ó no conforme con la religión católica (ACTAS Y DECRETOS... 1906, p. 378).

A disputa da Igreja pela educação era nítida. A educação republicana laica tinha um cunho patriótico, cosmopolita e democrático. No Brasil, a laicidade do ensino pretendia modificar a sociedade segundo o modelo positivista que incluía disciplinas científicas, identificando a liberdade de ensino com o progresso da nação. O regime republicano não se opunha às iniciativas dos católicos na educação, o que contribuiu para a expansão do ensino privado católico, e os republicanos também não perseguiram os católicos, como na França (DELGADO; PASSOS, 2005).

Segundo Lage (2013), dentro dos princípios revolucionários, a escola seria o lugar de formação do homem político, bem como da formação de comportamentos socialmente aceitáveis, as regras de civilidade. Contudo, tanto em escolas públicas quanto nas confessionais havia diferenças nos projetos educativos para crianças pobres e mais abastadas, bem como entre homens e mulheres.

3.8 Os Protestantes e os Liberais

Na primeira metade do século XIX, surgiu nos Estados Unidos, um movimento associativo acerca das questões humanitárias. Surgem então as sociedades protestantes criadas para evangelizar a população católica. Conforme Bastian (1994, p. 107), no ano de 1870, ocorreu a expansão para outros continentes. Já na América Latina, tinham o desejo de chegar a territórios mais distantes e obter bons resultados por meio da difusão da Bíblia a fim de elevar a moral e o aspecto material dos povos por meio da educação. Outro objetivo era combater o catolicismo, a que chamavam de “papismo”, pois o catolicismo era contra o progresso e causador do freio da democratização da sociedade, chegando até mesmo a culpar os católicos pela ignorância dos povos. O que caracteriza o protestantismo americano é o seu pragmatismo ético, a partir da leitura da Bíblia, da abstenção do álcool e do tabaco, do descanso aos domingos, da proibição dos jogos e da defesa em prol da monogamia. Isso implicava na formação de novos estratos sociais, de uma sociedade em expansão e que

deveria se refazer para a elevação da vida individual. Portanto, com a moral elevada as pessoas influenciariam na democracia da sociedade.

Liberalismo e conservadorismo estabeleceram um diálogo. Sobre os liberais, Barata (1999, p. 20) aponta: “Cabia aos liberais defender o patrimônio fundamental do liberalismo, ou seja, a liberdade de consciência e a individualidade, contra uma visão de sociedade que postulava a preponderância da comunidade sobre o indivíduo”. Prien (1990, p. 17) salienta que o liberalismo é um ideário burguês, herdeiro da ilustração, que tem uma crença sobre o progresso, sobre a igualdade de direito, livre comércio: “Herederero de la Ilustración, el liberalismo está convencido de la soberania de la razón, em cuanto a los modelos de la realidad sociopolítica y econômica; tiene su base em la creencia lega acerca del progreso”.

No Brasil o liberalismo enquanto ideologia sofreu três influências: a francesa, a inglesa e a americana. A primeira fase, a francesa, se deu a partir da vinda da literatura dos estudantes que iam para a Europa, como à Universidade de Coimbra, fazer seus estudos, e também por meio dos refugiados políticos portugueses. A segunda fase, a de influência liberal inglesa, foi por volta de 1808 com a vinda da corte portuguesa no Brasil e abriu os portos para o comércio internacional. Um importante difusor do liberalismo inglês foi o periódico *Correio Brazilense*, que de 1808 a 1823 influenciou o Brasil com ideais novos, métodos agrícolas, conceitos científicos, econômicos, filosóficos da Grã-Bretanha. A terceira fase foi a americana, com a chegada dos primeiros missionários protestantes no Rio de Janeiro, como Cooley Fletcher. Teve também como canal de difusão, o periódico *O Novo Mundo*, com publicação de 1865 a 1879, que abordava também as inovações nos maquinários nas indústrias. Vemos como os embates do tempo ocorriam, também, via periódicos.

Na Revista, as imagens construídas sobre os protestantes foram aquelas que se associam aos espíritas e maçons: todos são erros modernos de uma civilização sem Deus. Notas de destaque eram apresentadas na Revista, além de artigos diretivos sobre essas outras religiões e credos.

Foi ressaltado na Revista o grande número de católicos em relação aos protestantes. É possível notar o tom de ironia, quando se revelaram os números dos devotos:

Uma estatística de Nova York apresenta os seguintes dados relativos ao numero de catholicos, protestantes ou judeus que frequentam seus respectivos templos: judeus 200.000; protestantes 325.000; catholicos 1.250.000. E' de admirar que os ministros, as *ministresas* e os *ministrinhos* que por aqui andam não cogitem em visitar seus co-herejes para lhes distribuir suas biblias e tiral-os desse marasmo religioso (OMNSS, jan. p. 13).

E completa com mais informações, realçando a vitória católica sobre o número de protestantes, embora estes tenham mais pastores: “Na China o numero dos sacerdotes catholicos e de 2.252 com 1.628.254 fieis; o número dos ministros protestantes e de 5.118 com 235.303 adeptos; esses *bons pastores* têm dias folgados, felizmente” (OMNSS, jan. p. 13).

Bastian (1994, p. 108) lembra que os protestantes tinham um contexto anticlerical, que foi condenado pelo Papa Pio IX, no ano de 1864, pois buscavam propagar valores e práticas religiosas da modernidade liberal. Os protestantes, “transmitiam práticas e valores novos, centrados no *indivíduo como ator religioso e social*, o qual coincidia com as aspirações liberais dos setores sociais latinoamericanos em transição”, em oposição aos católicos que primavam pela ordem corporativa religiosa e política.

Segundo Vieira (1990), os veículos difusores do liberalismo entre as elites brasileiras foram a maçonaria e o protestantismo. E foram eles dois difusores fortemente atacados na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*. De acordo com Barata (1999, p. 21),

Para a mentalidade conservadora, a sociedade deveria ser organizada a partir do direito divino, do qual a Igreja seria o único intérprete legítimo e autorizado. Essa reação católico-conservadora contra as ideias liberais científicas se traduzia na negação da liberdade de consciência e de cultos, na defesa da cidadania como um privilégio dos católicos e na negação da educação laica.

Ainda nessa mesma direção, na Revista, a vitalidade do catolicismo, suas “boas obras” foram ressaltadas e comparadas ao protestantismo, mas, trazia também a confissão e admiração de pastores e bispos protestantes em relação à Igreja Católica. Criou-se na Revista uma atmosfera de admiração e exaltação dos valores católicos, das suas boas obras na Inglaterra, na Holanda, no Norte da França, Birmingham e Alemanha. Além disso, como prova desse possível reconhecimento protestante sobre a religião católica, seus redatores, apontam excertos de jornais protestantes, onde a admiração dos seus escritores evidencia também a “valorização” da Igreja Católica. Com isso ainda, é possível compreender que os redatores da boa imprensa, da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, são leitores da chamada, por eles, má imprensa:

Os protestantes não podem deixar de admirar a vitalidade do catholicismo nas terríveis conjuncturas da guerra actual. O bispo methodista Carlos B. Mitchel não receia manifestar publicamente a estima que tem á Igreja

catholica, pela sua humilde submissão a Jesus Christo, seu zelo na educação religiosa de seus filhos, e na vigilancia pela pureza da familia, pelo muito que fez nas instituições caridosas e na *defesa da biblia* (OMNSS, mar. 1917, p. 44, grifos do autor).

A possível admiração do pastor protestante sobre o catolicismo e suas virtudes, valorizava e potencializava a evangelização católica, a pregação disseminada pelos saletinos. Nessa mesma direção a missão católica foi sendo ampliada. Em Madagascar, por exemplo:

O mappa resumido da Missão demonstra os seguintes Algarismos: Fiéis, 32.075; postos de missões, 184; catechistas, 177; creanças de catecismo, 2.976; escolas, 16; professores, 30; alumnos, 1.366. Baptisados de adultos durante um anno, 848; baptisados de crianças, 1.302; baptisados de crianças doentes, 92; total de baptisados, 2.242; confissões, 110.385; communhões, 123461; confirmações, 965; extremas Uncções, 274; casamentos, 329; retiros, 36; pessoas que fizeram o retiro, 5.322 (OMNSS, fev. 1918, p. 8).

E, na seção de notícias, para o Mensageiro, foi animador anunciar que nos anos de 1817, nos Estados Unidos havia cerca de 85 Padres católicos; e já cem anos depois, em 1917 o número passa a ser de 19.000. Animou-se ainda, com o reconhecimento de Deus nas Constituições americanas em parte do século XIX, excluindo, segundo o autor do texto, protestantes e ateus dos officios públicos (OMNSS, fev. 1917, p. 15).

Conforme Bastian (1994), no contexto da America latina do século XIX, a Igreja Católica se beneficiava da modernização econômica impulsionada pelo Estado oligárquico e ambas tinham interesses comuns, portanto, diferenciava-se do protestantismo, que era repelida pelos grandes proprietários, uma elite católica corporativa.

Assim, as massas pobres buscavam nas sociedades protestantes, o apoio religioso, os serviços escolares, já que emigravam de centro em centro na busca por trabalho. As congregações protestantes acabavam oferecendo a instrução aos filhos dos operários. Como destaca Bastian (1994), o protestantismo aliado à modernidade liberal era o motor do progresso no sentido democrático e educativo, e oposto aos ideais positivistas, anarquistas, anarcosindicalistas do século XX.

Na Revista, a vitalidade do catolicismo foi ainda retomada em abril de 1917 quando menciona-se que, na America do Norte protestante, as instituições católicas de ensino são frequentadas por mais de 1.700.000 alunos; sendo 1.500.000 nas escolas paroquiais; 200.000, nos colégios, nas academias, nas universidades, nas escolas profissionais, nos seminários, o que fez o Governo economizar 206.260 contos anuais na educação (OMNSS, abr. 1917).

Mas os embates entre Igreja e Estado continuaram presentes. Conforme o artigo da Revista, em 28 de julho de 1917, na França, o deputado Dunshee de Abranches propôs uma

emenda para estabelecer a verba destinada à assistência religiosa no exército, o que era proibido pelo regime republicano, instalado na França, “[...] que instituiu, [...] a separação entre o Poder Espiritual e o Poder Temporal” (OMNSS, set, 1917, p. 131). Essa separação, essa dificuldade imposta entre Igreja e Estado foi considerada pelos redatores da Revista como um despropósito de cunho maçônico, uns dos atentados contra a liberdade e a dignidade humana, uma opressão liderada pelos liberais, presente tanto na França, quanto no Brasil, contudo, diferente dos americanos:

Assim, banir do quadro militar, com nome da liberdade, o elemento religioso, e estabelecer, debaixo desse nome, a mais odiosa das servidões, e pagar com a ingratidão suprema a serviço do marinheiro e do soldado. Os americanos abominariam essa falsa igualdade, porque homens realmente livres não se pagam de formulas mentidas, e acima de tudo execram a opressão que se abriga sob hypocrisias de especioso liberalismo [...] Viram, claramente viram, que a multidão armada, sem o freiodo respeito christão, *é como as feras domadas, que devoram os domadores* (OMNSS, set. 1917, p. 132, grifos do autor).

Desta forma, foi possível entender que a posição de quem escrevia os artigos era absolutamente contrária a essa separação da Igreja e Estado, contra o chamado ateísmo. Era contrária ainda à retirada dos padres das trincheiras da guerra. Utilizou-se e vangloriou-se do exemplo americano, das citações do nome de Deus na Constituição, repelindo o exemplo brasileiro, que excluiu a assistência religiosa no orçamento do Governo. Com lembra Serbin (2008), na Primeira República, os subsídios do governo afluíram para apenas algumas atividades religiosas e programas sociais.

Conforme o artigo, “A questão dos capellaes no exercito perante o congresso nacional”, o deputado Dunshee de Abranches citou as palavras de Ruy Barbosa sobre a lógica americana, em oposição ao Brasil: “Ai de nós quando o atheismo, de fuzil e bayoneta, se inflamar nas explosões da crueldade!”. Mais uma vez as palavras de Ruy Barbosa foram ditas, “[...] o constitucionalismo americano repelle essa uniformidade athéa, cuja superstição professa a Republica do Brasil, *e não estava de certo nos intuitos de seus fundadores*” (OMNSS, set. 1917, p. 133, grifos do autor).

Na França, segundo a edição de janeiro de 1918, havia cerca de 1200 paróquias sem padres. O Papa entrou com negociação e o pedido de absolvição dos padres presos com armas na guerra, tendo o governo alemão cedido ao pedido. Com a função de recordar, o artigo, “O que o mundo catholico deve a França” (OMNSS, ago-set, 1918, p. 356), rememorou as

participações católicas francesas ao longo da história, até os processos de laicização. A França foi lembrada como a “filha primogenita da Igreja” (OMNSS, ago-set, 1918, p. 359).

A luta pela inserção da Igreja nos assuntos do governo, as relações entre Igreja e Estado estavam em choque. Conforme Hilsdorf (2006), a Proclamação da República marcou politicamente e culturalmente uma nova sociedade brasileira, agora com a remodelação das relações de trabalho, livre e assalariado, a crescente urbanização, crescimento de setores da indústria, imigração, presença do capital estrangeiro, circulação de ideias, novos pensamentos (positivismo, industrialismo, ruralismo) e os princípios liberais e democráticos. A Igreja se sentia ameaçada frente à modernidade que trazia uma mudança de atitude do homem e no Estado que estabeleceria uma Nova Ordem. Nesse sentido, a Igreja se posicionava para a formação religiosa e para a educação da fé. A missão educativa para a Igreja sucumbiu a uma hierarquia, sendo a família a sua sucessora, e o Estado o cooperador com as duas.

No caso do Brasil, as sociedades protestantes encontraram espaço frutífero nas zonas rurais de pequenos produtores de café e granjeiros. Nos estudos de Gouveia Mendonça e Emile Léonard, citados por Bastian (1994, p. 121), as comunidades católicas liberais adotaram o protestantismo. Em Brotas – SP, no ano de 1874, havia 140 membros ativos formados por sitiantes, antigos escravos, “jornaleros”. De Brotas, o protestantismo se estendeu para as cidades do sul de Minas Gerais. A população desses lugares estava interessada principalmente no sistema escolar dos protestantes, que se dispunha na educação dos filhos desses pequenos proprietários de terras. Os filhos destas pessoas que desejavam educação secundária ou superior passavam pela Escola Americana, fundada em 1872 pelos presbiterianos em São Paulo.

A Escola Americana se mostrava congruente ao republicanismo, que se instauraria em 1889. A separação entre Igreja Católica e Estado terminaria com os privilégios da nobreza e do clero. É interessante que o dirigente do movimento republicano em São Paulo, Ruy Barbosa, foi também assessor jurídico da Escola Americana, simpatizante dos ideais republicanos.

Contudo, é importante pontuar os movimentos da Igreja Católica frente à atuação dos protestantes.

A Igreja Católica nas décadas de 1870 e 1890 teve momentos marcantes. Após a independência e durante a formação dos Estados Nacionais, a Igreja voltou a desempenhar papel influente. A Santa Sé organizou medidas para fortalecer a centralização católica no controle das igrejas. Gregório XVI (1831-1846) reativou as visitas episcopais e a formação nos seminários romanos. Seu sucessor, Pio XI (1846-1878), diante do progresso do

liberalismo, redobrou a luta contra a modernidade liberal, proclamando os dogmas da Imaculada Conceição (1854) e a infabilidade papal (1871), colocando o Papa como a autoridade suprema. Além disso, a Encíclica de 1864 denunciou os “erros modernos”, colocando nessa condição o protestantismo, o socialismo, o liberalismo e o materialismo entre outras correntes.

A Igreja criou ainda o Colégio Pío Latino americano no Vaticano, no ano de 1858, para a formação da elite clerical com base no ultramontanismo. Houve assim, como resultado, o movimento de condenação do catolicismo liberal surgido na França, e Europa, e a marginalização do clero progressista e liberal.

De acordo com Bastian (1994), no pontificado de Leão XIII (1878-1903), a organização católica passou da defensiva para a ofensiva. A Encíclica de 1891 combatia a modernidade liberal e buscava reconquistar terreno na sociedade civil. Já a Encíclica de 1901, sugeriu a criação de sindicatos e associações católicas que incluíssem partidos políticos católicos.

No Brasil, de forma paradoxal, a proclamação da República foi acolhida pelo clero, cansado do regalismo de Pedro II. O positivismo republicano deu liberdade à Igreja para ampliação das suas atividades educativas e associativas, impedindo a formação de atores sociais autônomos, sendo um modelo corporativo estadista e eclesiástico. A encíclica *Rerum Novarum* impulsionou um catolicismo vigoroso na formação de ordens religiosas, na expansão dos sistemas escolares, criação de seminários e dioceses, e aparição de uma imprensa de qualidade. Como se vê, as forças católicas caminharam junto com as protestantes.

Bastian (1994) salienta que o projeto educativo das sociedades protestantes reduziam-se a transmissão e elaboração de métodos pedagógicos modernos. A escola estava ligada ao templo, utilizado para o culto e, então, para o ensinamento. O projeto escolar pretendia difundir valores religiosos e políticos democráticos, numa base moral e religiosa para a democracia liberal. Na América Latina, James Thompson teria sido o precursor da difusão do sistema lacasteriano, na primeira metade do século XIX. A chegada dos liberais radicais no poder fez com que a educação fosse obrigatória, gratuita e que estivesse sob as responsabilidades do Estado.

Bastian (1994) lembra ainda que a adesão do protestantismo na rede escolar foi uma forma de facilitar o acesso à educação, pois o Estado estaria incumbido de cuidar principalmente da educação superior das camadas urbanas. As sociedades protestantes convergiram esforços nos setores descuidados, como a educação primária e secundária. Tais

sociedades dependiam das subvenções das sociedades missionárias e de arrecadações locais para se manterem. As instituições protestantes foram numerosas tanto quanto as católicas, afirma o autor.

O protestantismo desde a primeira década do século XX já havia se firmado na América Latina. Tratava-se de um movimento religioso oposto ao catolicismo ultramontano e dos modelos oligárquicos de poder.

As ações dos missionários saletinos ora voltavam-se para uma esfera maior, ora atuavam na evangelização de uma esfera menor. Ser uma pessoa instruída na Igreja Católica era, conforme o discurso da Revista, algo vantajoso. A tradição foi um elemento muito utilizado na prática da conversão e da evangelização. A lógica oferecida era que Jesus Cristo é filho do Grande criador, e disso originou a Igreja Verdadeira. As demais doutrinas eram tidas como passageiras, como heresias, neste caso, a alfinetada vai para os protestantes:

— *E' um grande beneficio ser membro da Igreja Catholica?*

— Sim, e um incomparavel beneficio. Quando um protestante julgava insultar o grande O' Connell, libertador da Irlanda, chamando-o papista, recebeu esta resposta: Miseravel! Julgando fazer-me uma injuria, tu me honras. Sim, sou papista e disto me orgulho. Isto significa que a minha fé, por uma serie ininterrupta de Papas, remonta ate Jesus Christo, enquanto que a tua não passa além de Luthero ou de Calvino... (OMNSS, out. 1917, p. 152).

Portanto, a religião católica seria a Verdadeira, e deveria ser seguida, contemplada: “— A conclusão é que a Religião Catholica Apostolica Romana, é a verdadeira religião - porque remonta, em linha recta e sem interrupção, pelo Papa e pelos Bispos, aos Apostolos e a Nosso Senhor Jesus Christo seu fundador” (OMNSS, nov. 1917, p. 171).

Na publicação de abril de 1926, a penúria de missionários católicos foi comparada ao aumento de protestantes, diferente do que encontramos nos anos de 1917. O atrativo para novas pessoas ingressarem no protestantismo foi, segundo o discurso na Revista, a riqueza dos protestantes anglo saxões, que se concentram no trabalho em escolas e serviços médicos em missões. Em maio de 1927, outros dados apareceram: “Na Escocia foram fechadas por falta de frequentadores: 12 igrejas protestantes, e por causa das numerosas conversões foram abertas 29 catholicas” (OMNSS, mai, 1927, p. 442).

3.9 A Maçonaria

Católicos, maçons, liberais, disputavam também por uma forma de intervenção nas consciências:

Si bien las logias, inicialmente, no perseguían objetivos políticos, si ejercían, por otra parte, autoridad en lo formación de la consciência. En América Latina, al reunir una elite haciéndola conocer su alienación política, estaban preparando ya el terreno para el movimiento de independência (PRIEN, 1990, p. 22).

O autor mostra que a Igreja freiou a adesão do clero ao liberalismo com a imposição da reforma ultramontana em contraposição ao catolicismo tradicional, que por sua vez tinha outra duas vertentes: a popular e a ilustrada (WERNET, 1987). Fica claro que protestantes, maçons, católicos, não são neutros. Foram as aspirações políticas que fizeram unir ou separar as instituições, as pessoas.

Os maçons eram apresentados nos artigos da Revista como um dos maiores perseguidores e caluniosos da Igreja Católica e do seu chefe na época (1917), o Papa Bento XV.

Em 1917, em plena I Guerra Mundial, a Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* anuncia:

Na Italia, dizem que vão a guerra para preparar a revolução; Bissolati, membro do Governo, atira publicamente injurias ao Summo Pontifice. Em França acabam devotar uma emenda de lei, apezar da opinião contraria da comissão examinadora, dificultando os soccorros religiosos aos feridos. Emfim num congresso de Paris, mandam votos de felicitações aos valentes exercitos que lutam, que soffrem...para fazerem triumphar o ideal maçônico de progresso, de justiça, de protecção aos fracos... (OMNSS, mar. 1917, p. 43).

O ataque católico contra os maçons foi justificado pela dita imposição de dificuldades no socorro religioso e médico prestado aos feridos na I Guerra. O que leva a afirmarem: “Não ha duvida que em materia de cynismo, os maçons não podem ter concurrentes” (OMNSS, mar. 1917, p. 44), pois, conforme o discurso da Revista, se o ideal maçônico era de progresso, justiça e proteção aos fracos, eles não fizeram isso corretamente ao dificultar o socorro, mesmo que fosse o católico.

O autor “Helvetius” apontou na Revista a prisão de maçons, lembrada pelo jornal *O Lábaro*:

Onde esta Idalina? O *Labaro* lembra oportunamente este caso que tão calumniosamente expionaram os inimigos da Igreja e da religião. Chegou a vez de perguntar onde estão os famosos defensores da causa santa, os integérrimos protectores da moral, os Oreste Ristori e compadres? Um depois dos outros foram para a prisão, por crimes bem qualificados. A honestidade da maçonaria se revela com evidencia nos meios que emprega na luta contra os catholicos (OMNSS, mar. 1917, p. 46, grifos do autor).

De acordo com Souza (2000), o “Caso Idalina” foi polêmica no começo do século XX. Os anticlericais e anarquistas acusavam o superior dos Missionários de São Carlos, scalabrinianos no Brasil, Faustino Consoni de ter violentado e assassinado a menina Idalina de Oliveira nas dependências do orfanato Cristóvão Colombo da Congregação em São Paulo. Na época, o desaparecimento de Idalina juntamente com demais relatos de casos de abuso resultou em protestos populares na cidade de São Paulo. Contudo, nenhuma outra instituição judicial ou policial governamental se manifestou sobre o assunto. A Congregação recorria aos grupos de acensão sobre o povo a fim de obter influência e aparato. O jornal *A Lanterna*, anarquista e que congregava apoio dos anticlericais, foi um dos principais comentadores do assunto.

Como se percebe no artigo da Revista, relembrou-se o nome do periódico que veiculou a “calúnia” contra a Igreja, e questionou-se da mesma forma, a integridade dos “espíões maçons”. As estratégias de ataques, tanto de católicos, quanto de maçons, parecem ser semelhantes.

Contudo, foi possível observar na Revista, que foram poucas as referências feitas sobre a maçonaria. O ataque era feito de forma mais abafada, sem grandes artigos, com pequenas notas, referenciando números ou casos de maçons em diferentes lugares do mundo. O que era diferente quando se tratava de espíritas ou protestantes, que foram ampla e abertamente combatidos. É possível pensar que o público leitor da Revista tivesse mais contato ou proximidade com os cultos espíritas e protestantes do que com maçons. Por isso, veicularem alertas objetivos contra os espíritas e protestantes. Além disso, havia entre católicos e maçons certas alianças, relações existentes, mas abafadas.

3.10 Os Espíritas

No ritmo da pregação, na distribuição de bons modelos e na guerra contra o mundo moderno, o espiritismo era mencionado como “[...] praticas ridiculas, pharisaicas, até indecorosas, quando não francamente immoraes dos centros espiritas” (OMNSS, jan. 1917, p. 09). Diante disso, seria conveniente informar os devotos e os padres para que conheçam tal “heresia” e a combatam. Mas, é interessante observar que a conversão (o retorno aos sacramentos) ainda era uma esperança, e seria bem-vinda desde que se cumprissem algumas regras: que se fizesse abjuração do espiritismo, profissão de fé e então fossem tomados os sacramentos.

Percebemos na Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*, as referências que os padres saletinos faziam sobre o progresso, sobre o moderno, sobre a ciência e sobre as outras religiões, que se associavam de alguma forma a estes ideais democráticos, liberais. No caso do espiritismo,

Entre todas as superstições, que se ehibem com certo aparato scientifico, invocando o progresso e a civilização da nossa epocha para mais facilmente illudirem os incautos, a mais perniciosa é a que tomou o nome de Espiritismo. (Concilio Plenario da America Latina). O espiritismo é o conjuncto de todas as superstições e astucias da incredulidade moderna, que negando a eternidade das penas do inferno, o sacerdocio catholico, e os direitos da Egreja catholica, destroe todo o christianismo. Os espiritas devem ser tratados, tanto no fôro externo como no interno, como verdadeiros herejex e fautores de heresias, e não podem ser admitidos á recepção dos sacramentos, sem que antes reparem os escandalos dados, abjurem o espiritismo e façam a profissão de fé (OMNSS, jan. 1917, p. 09).

Diante disso, seria conveniente informar os devotos e os padres para que conhecessem tal “heresia” e a combatessem. Prescrições foram dadas aos párocos que deveriam inculcar nos seus fiéis a ideia de imoralidade que se trata o espiritismo, proibindo qualquer atitude que dissesse respeito a ele.

Os Revds. Parochos e confessores instruem a reprehendam os fiéis, que pensam lhes ser licito frequentar as sessões espiritas, por não terem ouvido nunca ahi cousas torpes ou impias. E lhes declarem que todos os escriptos, jornaes, revistas e livros do espiritismo estão prohibidos (OMNSS, jan. 1917, p. 09).

Estas instruções, veiculadas na Revista, implicavam na leitura feita por párocos a fim de articular os sermões, as instruções dadas aos fiéis sobre a vida em sociedade moderna, secular. Pode-se notar que foi traçada uma condenação de outra religião, bem como deixou claro que a única religião verdadeira seria a Católica. Nesse sentido, é pertinente pontuar que os verbos no imperativo mostram como o texto segue o formato de prescrição, de uma ordem hierárquica, do papa, para as mais ínfimas camadas, os fiéis que deveriam ser moldados pelos párocos por meio da instrução, da educação, associada à censura (reprehendam) e, por conseguinte a evangelização. Proíbiam-se leituras espíritas e recomendava-se o catecismo. Educaram-se comportamentos, conformaram-se mentes e corpos.

O espiritismo era entendido, no contexto da Igreja Católica, como um “erro moderno”, que contribuiria para a destruição do cristianismo, esfacelamento da memória católica, mas, sobretudo, porque os espíritas abriram concorrência, disputas pelos espaços de evangelização, de controle político. Desta forma, foram prescritas orientações aos párocos e aos fiéis para que se mantivessem distantes de tais práticas subversivas, que era o espiritismo.

O exercício da religiosidade compreenderia o exercício das crenças católicas oficiais, a religião verdadeira.

Não nos é indiferente abraçar esta ou aquela religião; mas temos obrigação de professar a verdadeira religião — eis o que nos impõe a mesma razão natural. Dando mais um passo, acrescentamos: das diversas religiões que existem no mundo, uma só é a verdadeira, as outras necessariamente são falsas. Vamos a prova. [...] Appliquemos a doutrina. Das diversas religiões que ha no mundo uma affirma que existe um só Deus verdadeiro, outras, ao envez, admittem muitos deuses (OMNSS, jun. 1917, p. 89).

A existência de várias religiões implicaria numa escolha. Se, dentre tantas religiões falsas, como afirma-se na Revista, existe uma que é a verdadeira, que adora a um Deus, o Criador. É posto em contraste ainda, o judeu e o cristão:

Quem esta com a razão?

Todas?

Impossivel! Do contrario o sim e o não se valeriam: afirmar e negar seriam equivalentes. Disto se vê quão absurda e a afirmação dos diferentes: todas as religiões são boas.

Que linguagem insensata!

Isto equivale a dizer que tanto vale adorar o, crocodilo ou as serpentes como o verdadeiro Deus creador do céu e da terra. E’ o mesmo que dizer que os judeus que crucificaram o Filho de Deus, são tão agradáveis á divindade como o christão que adoram Jesus Christo morto pela sua salvação. Só ha um Deus, só ha uma fé, só há um modo de honrar a Deus (OMNSS, jun. 1917, p. 90).

O imperativo finalizou o artigo: “E’ pois de summa importancia que o homem procure conhecer a unica verdadeira religião, e que depois de a ter conhecido, abrace para sempre”. As demais religiões eram chamadas de anomalias.

Nas notícias de junho de 1917, a proibição da presença de católicos em sessões espíritas foi expressa: “De Roma escrevem que a Congregação do Santo Officio acaba de aprovar uma resolução proibindo aos catholicos que assistam a sessões espíritas” (OMNSS, jun. 1917, p. 96). As proibições foram expressas em 1920 também:

Não pode um catholico...

Um catholico verdadeiro não pode, por motivo nenhum:

- Assistir a sessões espíritas.
- Evocar espiritos.
- Tomar remedios fornecidos por espíritas.
- Ler livros ou jornaes espíritas.
- Fazer cousa alguma que se relacione com o espiritismo (OMNSS, set. 1920, p. 122).

A adesão dos missionários na publicação de orientações sobre o mal que representa o espiritismo culminou na menção ao Código Penal do Supremo Tribunal Federal e no caso de *Habeas Corpus* de um praticante das sessões espíritas, Francisco Nery dos Santos, farmacêutico do Rio de Janeiro, que foi autuado por um policial em uma reunião espírita. O farmacêutico se defendeu utilizando-se da Constituição Federal. Os redatores deste artigo são severos quanto ao caso:

Invoca a Constituição Federal, que garante a liberdade de pensamento, a de crenças, a de culto, e outras são garantidas ao mesmo tempo pela sciencia e pela religião. O juiz seccional, a quem foi primeiramente requerida a ordem do habeas corpus, depois das informações de fls. 11, negou a ordem impetrada. Isto posto, considerando que muito correctamente decidiu o juiz *a quo*, pois os actos que praticava o paciente, são prohibidos e com toda a razão, pelos artigos 156 e 157 do Codigo Penal pelo que, ja o delegado de policia, anterior ao actual, cumprindo uma de suas obrigações, havia prohibido taes sessões, e praticas (OMNSS, set. 1917, p. 135).

A menção a uma punição aos praticantes do espiritismo evidencia a ameaça, o perigo, a prisão possível dos mesmos, a privação da liberdade, contrária à boa liberdade que tem os católicos. Outro elemento interessante a se observar é a aliança que se fez com o Estado, com o poder do juiz. Em contrapartida, foi clara a negação à Constituição, que já garantia a “liberdade de pensamento”, a liberdade religiosa.

Na edição de 1919, no artigo “Culto de Satanaz” (jul-ago, p. 522) foi mencionado o Decreto do Concílio Plenário latinoamericano que aponta o espiritismo, o racionalismo, o naturalismo como erros modernos e que produzem perniciosos efeitos, portanto os católicos deveriam se manter distantes.

Os praticantes do espiritismo eram considerados anormais. Com o título “O espiritismo e a loucura”, em março de 1920, possíveis relatos médicos são publicados:

Considero o espiritismo, como praticam, um grande factor de perturbações mentaes e nervosas; actualmente o espiritismo concorre com a herança e com o alcool, no fornecimento dos Hospicios e casas de saude. Acho tão forte o seu contingente que a Lei devia to-lher-lhe a marcha. O *medium* e um typo anormal, um desequilibrado.

Dr. Homem de Mello, director de uma casa de saude para loucos em S. Paulo.

O espiritismo e no Rio de Janeiro, uma das causas predisponentes mais communs da loucura. Os *mediuns* devem ser considerados individuos hevropathas proximos da hysteria.

Dr. Austregesilo, professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro (OMNSS, mar. 1920, p. 23).

É possível perceber diferentes formas de ataque que os católicos faziam sobre o espiritismo. O espiritismo era considerado um perigo para os costumes, para a moral, mas também para a saúde.

Na edição de dezembro de 1921, num artigo assinado por padre G. Locher, S. J., lembrou-se a definição de espiritismo para católicos:

Estimados leitores!

Sois brasileiro, catholico, apostólico, romano?

Então não podeis adoptar a perniciosissima heresia do Espiritismo, sob pena de serdes excommungados pela verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Não podeis abraçar um erro tão grosseiro e irracional que como o espiritismo sob pena de serdes taxados de retrógrados e nescios.

Não podeis admittir uma religião falsa e estulta, importada do estrangeiro [...] (OMNSS, dez. 1921, p. 365).

Características pejorativas relacionadas às interpretações do espiritismo e de suas práticas apontavam para uma formação discursiva a que os editores da revista delineavam e conservavam: católicos ultramontanos. Considerava ainda, que o espiritismo junto com o “protestantismo americano” pretendiam destruir a união da sociedade e da família:

A Republica, oficialmente leiga, não protegerá o patrimônio mais sagrado, a fé dos antepassados, garantia da união e grandeza nacional, penhor da benção do céu. Portanto, cada um que se preza de bom brasileiro cumpra o seu dever de christão catholico e patriota e defenda sua familia e sua patria contra a heresias extranggeiras (OMNSS, dez. 1921, p. 368).

Além disso, neste caso, o Episcopado recomendava que o católico que tivesse abraçado a heresia deveria voltar à Igreja e fazer nova profissão de fé.

Em 1922, na edição de janeiro, considerava-se que o espiritismo era um perigo para a fé, para a razão e para os costumes, a Igreja condenava essa “arte diabólica” (OMNSS, jan, 1922, p. 7). Nesse artigo, a menção de autor era dada ao papa Pio IX, em julho de 1856.

Para os católicos, o espiritismo se configurava junto a outras superstições que usavam da ciência para dizer-se verdadeira e iludir as pessoas que, naquele momento, estavam em contato com as ciências, com os ideários de progresso e civilização, mediados pelo espírito liberal do começo do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa foi analisar a construção de uma nova devoção, francesa, no Brasil no começo do século XX. Objetivamos identificar e compreender as propostas de evangelização/educação da Congregação dos Padres Missionários da Salette no Brasil, especificamente por meio da Revista *O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette* mantida por esta congregação. A princípio, incluiríamos uma análise sobre o santuário em São Paulo, mas diante da leitura da Revista, nos deparamos com imensas possibilidades de análises. A pesquisa sobre o santuário demandaria mais tempo e outras fontes. É verdade que não só utilizamos da Revista como nossa fonte. Percebemos, por meio da pesquisa no *site* da congregação, algumas obras dos padres saletinos que continham percepções acerca da aparição, da trajetória da congregação e que nos interessaram.

Em nossa busca inicial por outros estudos em História da Educação que se utilizassem como fonte uma revista católica, nos deparamos com a pouca existência de materiais. O foco das pesquisas acadêmicas incide sobre os colégios criados pelas congregações, amplamente difundidos no século XIX e XX. A partir de um levantamento nessa direção, reafirmamos a importância e ineditismo dessa pesquisa, com este objeto e fonte. O aprendizado construído na trajetória desse estudo aponta para o cuidado com a utilização dessa fonte, distanciando-se da reprodução dela, e do risco de apropriar-se da “história oficial”, daí eleger Bloch, Ginzburg como principal referencial metodológico.

Ao analisar a Revista, foi possível observar como se estruturou como forte estratégia de divulgação dos interesses da Igreja Católica e, sobretudo, como uma estratégia de evangelização e construção de uma nova devoção no Brasil. Nas encíclicas do final do século XIX, havia um movimento da Igreja para retomar seus espaços e conservar os que ainda não tinham sido “contaminados” pelos males modernos.

Nos artigos da Revista, encontramos o projeto educativo empreendido pelos padres, pelos temas e formas abordados. Percebemos que há um movimento que tenciona para afirmar a aparição de Nossa Senhora como verdadeira, trazendo provas para os leitores, propondo temas como a fé, a evangelização, a defesa do pensamento religioso católico, calcado na tradição do culto aos santos, na família patriarcal, na imagem de Maria como exemplo para as mulheres.

A publicação periódica endereça para a prática de valorização e conservação da posição suprema da Igreja Católica frente ao avanço de outras religiões, ideias e práticas, atuando com o recordar, imitar e pregar – práticas católicas romanizadas, ultramontanas. Pudemos perceber na Revista que as lembranças de cunho pessoal, foram impregnadas pelas lembranças oficiais, pela memória oficial da congregação, que incansavelmente eram publicados artigos retomando a aparição, a construção do santuário, a história de o porquê existir. E, nesse projeto educativo da Igreja, isso deveria ficar explícito para o leitor.

Considerando que o discurso é um processo (não tem o fim), em nossas análises emergiu aquela sensação de sempre ler a mesma coisa na Revista, a repetição incessante fez parte do processo educativo, do discurso, dos missionários, de adesão ao catolicismo romanizado, ultramontano. O uso da adjetivação ostensiva nos artigos mostrou-nos o posicionamento direto do agente, enquanto a adjetivação excessiva, com uso de hipérboles, por exemplo, aponta para a adesão exagerada à determinada formação discursiva, no caso, a católica ultramontana.

Cristalizaram-se alguns enunciados, e sobre eles a tríade recordar, imitar e pregar imperou. São estes enunciados, que homogeneizaram as lembranças individuais e construíram o todo, o coletivo devoto da imagem saletina. Os argumentos abordados nos textos influenciaram o leitor na forma de ver o mundo, de conceber o catolicismo e de se submeter ao culto difundido pelos padres saletinos.

Além disso, a própria estrutura da Revista, sua diagramação, imagens de capa sobressaindo-se a aparição da Salette e o santuário, delinearam – junto com o enredo, os discursos – um programa de formação do leitor, desse leitor para outros leitores e também os ouvintes, já que a imprensa teria essa vantagem de articular o leitor e o entorno, as rodas de leitura em família, entre amigos. Uma obra impressa evangelizaria várias pessoas ao mesmo tempo, pela leitura verbal, mas também visual, na espécie de “catecismo visual” que nos relembra Almeida (1999).

Em nosso percurso interessou compreender um pouco mais sobre as aparições marianas e suas representações. Maria não tinha uma natureza divina preexistente como Cristo. Ela era igual a todos os outros seres humanos até “ter sido escolhida por Deus para ser a Theotokos”, desta forma, sua natureza foi transfigurada (PELIKAN, 2000, p. 149).

De acordo com Pelikan (2000) as aparições de Maria, de 1531 até 1933 foram dez ao todo. As aparições serviam de arma para retaguarda da batalha da Igreja contra os inimigos modernos. A França do final do século XVIII fermentava o racionalismo e o ateísmo. Não obstante, foi à França racionalista e ateuista que a Virgem concedeu repetidamente sua

presença em todo o século seguinte, diante de irmã Catherine Labouré em 17 de novembro de 1830, em Paris; de Maximin Giraud e Mélanie Calvat, em 19 de setembro de 1846, em La Salette, e Bernardette Soubiroux em 11 de fevereiro e 16 de julho de 1858, em Lourdes (PELIKAN, 2000, p. 247).

E, dentre tantas aparições, de diferentes representações, a mensagem de Maria apresentava a mesma essência a conversão, o retorno às práticas católicas. Suas aparições tinham o caráter particular, mas uma mensagem mais universal, o que contribuiria para a sua disseminação para diferentes lugares e pessoas (SALES, 2012).

Como percebemos, as mudanças do mundo moderno foram influenciando as práticas da Igreja e as formas de sociabilidade entre os povos, entre as diferentes religiões e correntes de pensamento. Para a Igreja do século XIX e meados do XX, a salvação estava calcada nos preceitos católicos oficiais ultramontanos. A reforma empreendida pela Igreja objetivava combater, frear os princípios, as políticas e ideias da modernidade (CUSTÓDIO, 2014).

E, para combater os inimigos, todos aqueles avessos aos ritos e dogmas da Igreja, os processos de secularização e laicidade, o uso da imprensa pelos católicos se tornou uma estratégia amplamente utilizada e incentivada pela hierarquia da Igreja, como analisamos, brevemente, nas exortações de Leão XIII nos decretos do Concílio Plenário da América Latina (1899), o incentivo a publicação de boletins.

Analisando os artigos publicados na Revista, é possível compreender que a prática do “recordar” perpassa: o fato que originou a congregação, a imagem de Salette; as boas ações e obras dos padres saletinos; e as “Verdades” da Igreja Católica. As práticas do “imitar” recorrem às imagens autorizadas pela Igreja ao longo de sua história: à dos santos, Salette principalmente, a da família: Jesus, Maria e José. A prática do “pregar” é feita por meio da própria Revista e demonstra preocupação com a regeneração moral, disciplinarização do corpo e da mente, incitando a mobilização do leitor e deste leitor para possíveis não-leitores (pessoas que não dominassem o código escrito poderiam compreender a mensagem de divulgação de uma nova devoção por meio das imagens). Essas práticas estão entrelaçadas nos discursos na Revista, como por exemplo, ao mesmo tempo em que se recorda a aparição, o bom exemplo a ser imitado foi apresentado fazendo parte do discurso da pregação. Como bem pontua Leonardi (2012, p. 329) sobre sua tese acerca da tríade:

A recordação, a imitação e a pregação são três eixos que fazem parte da ação dessas instituições para mantê-las e, ao mesmo tempo, atrair novos discípulos. Essas três práticas perpassam todos os níveis hierárquicos e de

formação [...]. Mas essas práticas são móveis e apresentam sutilezas de acordo com a origem da congregação e de seus membros.

Essas “sutilezas” percebemos ao considerar a especificidade da congregação saletina, fundada a partir de uma aparição, composta inicialmente por padres diocesanos encarregados de difundir o ideal de mulher, mas que, nos discursos, tencionavam para afirmar a congregação como resposta ao apelo de Maria, para transmitir sua mensagem a todos. Na visão do padre Barrete (1976, p. 27), para os saletinos, o “acontecimento fundador” tornou-se “fonte de sua missão” e ainda, o “molde do seu espírito”.

Segundo padre Barrete (1976) a tarefa dos padres, como os apóstolos da Nossa Senhora da Salette, era fazer com que Deus fosse servido e reconhecido, realizada a conversão dos pecadores e que houvesse a multiplicação dos devotos de Maria. Desta forma, o espírito da congregação seria obtido por meio da meditação de dois aspectos da aparição: a imagem de uma mãe sofrendo, chorando; e a de uma Mensageira Apostólica. Foi a imagem de meditação que fez com que as práticas de recordação, imitação e pregação fossem singulares.

Para a aceitação e diálogo com a imagem de Maria “importada” da montanha francesa, a construção da devoção a Salette no Brasil foi desenvolvida pela Revista, fortalecida pela construção do santuário, um “lugar de memória” (NORA, 1993), centro de desenvolvimento de práticas, ritos e instruções para a educação do corpo e da mente, além de ser ancorada em uma forte devoção mariana já presente no país, a Nossa Senhora Aparecida. A atuação dos padres saletinos foi além do santuário e para além de escolas e colégios, como é o caso de muitas congregações. Os padres saletinos criaram a escola apostólica em 1928 para recrutar membros para a congregação, mas levaram para a sociedade, inicialmente, uma Revista (1917) e utilizaram-se da imprensa para difundir cada vez mais a nova aparição, e uma imagem autorizada para imitação.

Notamos nos modelos trazidos pelo “Mensageiro”, um discurso que se realizou em três grandes “grupos” (ou formações discursivas): o religioso, o cultural e o político. Observamos a ênfase de artigos voltados para estas direções ao longo das publicações da Revista, contudo, apontar estes possíveis grupos, não significou encaixar determinados discursos em blocos, mas fazer uma releitura desses discursos, problematizá-los e notar que os mesmos direcionam-se para grupos distintos ao mesmo tempo em que se completam. Parece consistir em uma espécie de frentes de lutas e embates, mas também de resistências.

O discurso que se realizou sobre o aspecto do religioso, complementou-se com as conexões estabelecidas entre o modelo do missionário, a expansão das obras que levaram à

construção do santuário e da escola apostólica em prol da divulgação da imagem da mensageira e dos modelos de conversão. Esse grupo de discurso, da vertente mais religiosa, tentava gradativamente estabelecer um diálogo com o leitor no sentido de enredá-lo para uma vida mais religiosa, senão para a vida religiosa. O clero, o missionário, a mensageira, a conversão e o lugar de formação e devoção apontam um projeto de civilidade para os católicos, que se dirigia para um plano de cultura para os leitores, os devotos.

Sobre o aspecto cultural, os discursos veiculados na Revista endereçavam prescrições às famílias sobre o ser e estar em sociedade, sobre o que ler, apreciar e frequentar, o que remete ainda à instrução e educação religiosa da pessoa comum, do leigo, mas religioso, católico. Nessa vertente do discurso, mais cultural, a fusão dos termos educação religiosa e instrução religiosa nos levou a algumas reflexões. O termo educação religiosa parece, no discurso, remeter mais à educação formal, escolar, no seu aspecto público político (mesmo que não fosse para todos). Já o uso do termo instrução parece cunhar um caminho para o benefício pessoal, elevação e edificação própria, da pessoa que se dedicava à instrução. Ela teria um caráter mais formativo do sujeito, enquanto o termo educação religiosa estava quase sempre presente nos discursos e embates conflituosos das relações entre Igreja e Estado.

E, sobre o discurso de cunho mais político, os artigos presentes na Revista apontam para o embate dos católicos com protestantes, maçons e espíritas. Havia claramente disputas por espaços entre esses grupos políticos. Na Revista essa relação é dada nitidamente. Católicos publicavam sobre os tais espíritas, maçons e protestantes porque eles estavam em movimento, em ação na sociedade. Levar ao leitor a opinião que se tem sobre esses grupos e prescrever atitudes em relação aos mesmos era mais uma parte da evangelização católica, parte do processo de (re)formação da Igreja Católica que podemos notar por meio da Revista.

O fim do padroado no final do século XIX levou a Igreja Católica centralizar forças em Roma e a empreender novos projetos evangelizadores com uma rigidez na formação do clero, que deveria ser de base moral e doutrinária. Com a nova política, ultramontana, a Igreja tentava reconquistar seus espaços e ampliar o grupo de missionários que iriam para além de Roma. O vínculo do Estado com o liberalismo possibilitou a difusão dos protestantes. Os liberais viam a Igreja como o ponto central dos regimes conservadores, autoritários, por isso, tentavam combatê-la e vice-versa.

Refletindo, com o aporte teórico de Williams (1992) sobre a cultura, o ideal de um grupo social dimensionaria um espírito formador de cultura. As práticas culturais de determinado grupo contribuiria para uma formação de uma ordem social. A cultura enquanto uma organização social está composta por práticas, atividades, relações, instituições. Podemos

pensar na Igreja, com suas práticas de modernidade católica, e instauração de um catolicismo romanizado, ultramontano. Além disso, a comunicação, o uso da imprensa tornou-se uma necessidade devido às transformações nos padrões sociais gerados pelos modos de produção. As formas de comunicação apresentam nos elementos da cultura a manifestação de uma dada ordem política e econômica.

A partir dessa pesquisa foi possível reafirmar as potencialidades que uma revista católica, suscita, enquanto fonte, para o campo investigativo da História da Educação. Ao privilegiarmos determinados recortes, deixamos em segundo plano, outras questões para posteriores discussões. Percebemos a existência de determinados conflitos e articulações dos missionários com a cultura brasileira, com a política local, e que nos servem de estímulo para pesquisas futuras.

Desenvolver esta pesquisa foi um trabalho moroso e uma jornada árdua, que contou em seu percurso com várias “metamorfoses”. O processo de encantamento com as fontes, a (des)construção de um projeto, de uma ideia inicial, a inserção de novas leituras e diálogo com novas vozes ajudaram desenvolver o olhar de historiador e um processo investigativo histórico. Perseguindo alguns vestígios deixados pelos missionários, cotejando com a bibliografia, chegamos mais perto de uma narrativa histórica, compreendendo os contextos e práticas educativas para além da forma escolar.

Por toda essa trajetória de pesquisa, os “nós” surgiram, mas foi o laço que imperou. Nós na leitura das fontes, nós na escrita, nós no coletivo de orientações (Paula Leonardi, depois Moysés Kuhlmann, e depois Fátima Guimarães) momentos conturbados, mas superados porque afinal, como escreveu Marc Bloch: “Evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia”. Desses caminhos tortuosos, desses nós, constituímos laços, que garantiram e apontam para a nossa retidão, a solidez do trabalho, o comprometimento e a dignidade. E, quantas vezes mais, surgirem nós, deles faremos laços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão.** *Pró-Posições*, v. 10, n. 2 (29), p. 9-25, julho de 1999.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960).** 2003. 338f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação: Porto Alegre, 2003.

_____. Colégio Gonzaga: Pioneiro e Difusor do Ensino Católico na Cidade de Pelotas. *Revista HISTEDBR*, Campinas, n. 37, p. 151-168, mar. 2010. ISSN: 1676-2584.

ANDRADE, Solange Ramos de. A Romaria enquanto manifestação da religiosidade católica. In: OLIVEIRA, Therezinha (org.). **Religiosidade e educação na história.** Maringá: Eduem, 2010.

AQUINO, Maurício de. **Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923).** Tese. 301f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista: Assis, 2012.

ARAUJO, José Carlos Souza. Religiosidade e educação segundo o episcopado brasileiro (1890-1922). In: OLIVEIRA, Therezinha (org.). **Religiosidade e educação na história.** Maringá: Eduem, 2010.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: a ação da maçonaria brasileira (1890-1910).** Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999. p. 15-24 e 55-111.

BARBANTI, Maria Lucia Spedo Hilsdorf. **Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: Um Estudo de suas Origens.** Dissertação de Mestrado. 252p. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1977.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantismos y modernidad latinoamericana: história de unas minorias religiosas activas em America Latina.** México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 105-149. Tradução de José Esteban Calderón.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPOS, Névio de. Ação católica: o papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da igreja católica no Paraná (1926-1939). Curitiba: **Educar**, Editora UFPR n. 37, p. 259-277, maio/ago. 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CATROGA, Fernando. Secularização e laicidade: uma perspectiva histórica e conceptual. **Revista História das Ideias**. v. 25, 2004.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. Revistas de escolas católicas do Rio de Janeiro nos anos 1920-1950: religião e educação. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 91, n. 228, p. 424-444, maio/ago. 2010.

COSTA, Rosemeire M. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristovão, 2003.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. **A invenção do cotidiano feminino**: formação e trajetória de uma congregação católica (1880-1909). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2014.

DIAS, Marcia Hilsdorf. A Escola Normal Paulista na Ótica dos Conservadores: o jornal católico *A Ordem*. In: GONDRA, José. (Org.). **Dos arquivos à escrita da história**: a educação brasileira entre Império e a República. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores**. São Paulo: Cosac & Naify edições LTda, 1998. Tradução de Luiz Antônio Araújo. p. 222-292.

EUGENIO, Cesar Augusto. **Igreja e escola no processo de modernização de Aparecida (1893 1928)**. 2009. 229p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba, 2009.

FERNANDES, Fabiana Silva; KUHLMANN JR, Moisés. Análise de periódicos na história da educação: princípios e procedimentos. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 42, nº 146, p. 562-585, maio-ago. 2012.

FERREIRA, Hedmar de Oliveira. Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio: um instrumento de educação feminina na zona do alto Paranaíba, MG. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, nº. 2, p. 121-128, jan./dez. 2003. ISSN: 1982-7806.

FRAGOSO, Hugo. O protestantismo no Brasil Imperial. In: HAUCK, João Fagundes et al. **História da Igreja no Brasil**: a Igreja no século XIX. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1980. p. 237-248.

GATTI JR, Décio; SILVA, Washington Abadio da; A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903 - 1916). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 2, p. 159-164, jan/dez 2003. ISSN: 1982-7806.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: Quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das letras, 2014. Tradução Federico Carotti, Joana Angélica d'Avila Melo, Júlio Castañon Guimarães.

_____. **Mitos emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 143-179. Tradução de Federico Carotti.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 17-40; 249-279. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão.

_____. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 85-103. Tradução de Eduardo Brandão.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HALKES, Catharina J. M. Maria. In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). **Dicionário de teologia feminista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 274-283. Tradução de Carlos Almeida Pereira.

HILSDORF, Maria Lúcia S. **História da Educação Brasileira**: leituras. São Paulo: Tompson Learning Edições, 2011.

KHOURY, Yara Maria Aun, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989, p. 7-64.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas**: a educação brasileira e as exposições universais (1862-1922). Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Conexões Vicentinas**: particularidades políticas e religiosas da educação confessional em Mariana e Lisboa Oitocentistas. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 535-555. Tradução de Bernardo Leitão.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Práticas internas e ofertas de bens de salvação pela educação em Congregações Católicas**: questões de gênero. Relatório de Projeto de Pós-Doutorado, 2011. 161p. Relatório.

_____. Uma análise das tensões e disputas em torno das interpretações das práticas educativas da Igreja Católica. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 317-336, nov. 2012.

LIRA, Maria Helena Câmara; SOUZA, Edilson Fernandes de. As Práticas Corporais Femininas na Escola Confessional Santa Gertrudes no Século XX. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 419-431, jul./dez. 2012. ISSN: 1982-7806.

LOPES, Eliane M. “O aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: quem faz a história”. In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 19-31.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Páginas do professorado: Um estudo sobre profissão e formação docente em periódicos católicos (anos 1930 — Brasil/Portugal). **Revista Sísifo** - revista de ciências da educação, n. 11, jan/abr 10, p. 95-104. ISSN: 1646-4990.

MALLIMACI, Fortunato. Catolicismo y Liberalismo: las etapas del enfrentamiento por La definición de La modernidad religiosa em América Latina. In: BASTIAN, Jean-Pierre (Coord). **La modernidad religiosa: Europa latina y América Latina comparada**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 19-44. Tradução de Dulce María López Vega.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**. Uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **Imprensa de 1930 e memória histórica**: uma questão para a análise do discurso. Dissertação de Mestrado – Instituto dos Estudos da Linguagem. UNICAMP. 287p. Campinas, 1988.

MATOS, Maria Izilda. “Santos: para além do porto do café”. In: RAMOS, Alcides F.; PATRIOTA, Rosângela & PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 235-253.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

NERIS, Wheriston S.; SEIDL, Ernesto. Circulação Internacional, Politização e Redefinições do Papel Religioso. Texto apresentado no I Colóquio Internacional “**Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional**”. Campinas (SP): UNICAMP, set. 2013.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993. p. 7-28.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara & BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e História da Educação. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 11-31.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das letras, 2000. Tradução de Vera Camargo Guarnieri.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Imagem, Memória, sensibilidade: territórios do historiador” In: RAMOS, Alcides F.; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PRIEN, Hans-Jurgen. Protestantismo, liberalismo y francmasonería em América Latina durante el siglo XIX: problemas de investigación. In: BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantes, liberales y francmasones**. Fondo de Cultura Económica: México, 1990. p. 15-23.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem** – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica: Fapesp, 2005.

ROUX, Rodolfo R. de. La *romanización* de la Iglesia católica en América Latina: una estrategia de larga duración. **Pro-posições**. v. 25, n. 1 (73), p. 31-54, jan-abr. 2014.

SALES, Lílian. A Virgem Maria nas Aparições: Quem é esta mulher?. Goiânia: **Caminhos**, v. 10, n. 1, p. 98-118, jan./jun. 2012.

_____. As aparições de Nossa Senhora em Jacareí: continuidade e modelagem. Porto Alegre: **Ciências Sociais e Religião**, ano 13, n. 14, p. 67-92, set. 2011.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja católica no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008. Tradução de Laura Teixeira Motta.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p. 425-438.

SOUZA, Wlaumir Donizeti de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante**: Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: O Caso Idalina. São Paulo: editora UNESP, 2000.

TOFOLI, Therezinha Elisabeth. Educação feminina no Colégio Madre Clélia de Adamantina SP. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 3, p. 155-166, jan./dez. 2004. ISSN: 1982-7806.

VIEIRA, David Gueiros. Liberalismo, masonería y protestantismo em Brasil, siglo XIX. BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantes, liberales y francmasones**. Fondo de Cultura Económica: México, 1990. p. 39-66.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3ª Ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987. p. 1-27.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 205-231. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

ENCÍCLICAS

João Paulo II. **Discurso do Papa João Paulo II aos Participantes no Simpósio sobre “O Centenário do Concílio Plenário Latino Americano”**. Terça-Feira, 22 de junho de 1999. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1999/june/documents/hf_jp-ii_spe_19990622_symposium-latinoamerica_po.html>. Acesso em: 27 nov. 2013.

Leão XIII. Carta Encíclica “*Inscrutabili Dei Consilio*”. Sobre os males da sociedade moderna, suas causas e seus remédios. 21 de abril de 1878. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_2104187_8_inscrutabili-dei-consilio_po.html>. Acesso: 27 nov. 2013.

Leão XIII. Carta Encíclica “*Humanun Genus*”. Sobre a maçonaria. 20 de abril de 1884. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanun-genus_po.html>. Acesso: 27 nov. 2013.

Leão XIII. “*Quum Diuturnum*”. Encyclical Of Pope Leo XIII On The Latin American Bishops' Plenary Council. 25 de dezembro de 1898. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_25121898_quum-diuturnum_en.html>. Acesso 27 nov. 2013.

Pio IX. **Bula Ineffabilis Deus**. Dogma da Imaculada Conceição. 8 de Dezembro de 1854. Disponível em: <[HTTP://www.montfor.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=20060220&laang=bra](http://www.montfor.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=20060220&laang=bra)>. Acesso: 10 dez. 2013.

FONTES

ACTAS Y DECRETOS DEL CONCILIO PLENARIO DE LA AMÉRICA LATINA. Roma: Tipografia Vaticana, 1906.

BARRETE, Eugene G. **Uma pesquisa nas origens e na evolução do carisma dos missionários de Nossa Senhora da Salette**. São Paulo: Secretaria Provincial. 1976. Tradução de Pe. Antonio Nichelle M.S.

Constitutions Et Reglements Anciens Des Missionnaires De Notre-Dame De La Salette. **Mandement de Monseigneur Philibert de Bruillard**. Maio 1852.

CONSTITUTIONS ET COUTUMIER DE L’INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE, Tournai, 1905.

FASSINI, Atico. **Crônicas de uma Missão** – 100 anos de presença saletina no Brasil. Curitiba: Berthier, 2001.

_____. **Salete**: pequena história de um grande acontecimento. São Paulo: Palavra & Prece editora Ltda, 2005.

O MENSAGEIRO DE NOSSA SENHORA DA SALETTE. Rio de Janeiro: Pap. e Typ. Fonseca – 7 de Setembro 38. 1917-1928. Mensal.

ROVANI, Presentino; SCHIO, Adilson. **O Romeiro da Salette**: História e mensagem de Nossa Senhora da Salette – orações e cantos do povo de Deus. Marcelino Ramos, RS: Berthier, 2003.

SCHLEWER, Marcel. **Salete**: opção pela vida. Curitiba: Instituto Salette, 1999. Tradução Padre Atico Fassini Ms.

ANEXO

CRONOLOGIA - PERCURSO DA CONGREGAÇÃO		
Ano	O que	Onde
19 de setembro de 1846	Aparição de Maria no monte Pleneau Grenoble - França) a duas crianças pastores: Melania Calvat e Maximino Giraud.	França
27 de julho de 1847	Foi estipulado o nome de dois padres como Delegados Episcopais para a investigação da aparição	França
Setembro de 1851	O bispo de Grenoble decreta a aparição, em uma carta pastoral, como “indubitável e certa”.	França
5 de março de 1852	Aprovação da primeira regra da congregação	França
1º de maio de 1852	Ordenação da construção do santuário na montanha.	França
1858	É realizada a profissão religiosa de sacerdotes diocesanos, formando assim uma comunidade.	França
1865	Conclusão das obras do santuário na montanha.	França
20 de agosto de 1879	O santuário é decretado Basílica, pelo papa Leão XIII.	França
18 de dezembro de 1902	Chegada do padre saletino Clemente Henrique Moussier, dos Estados Unidos para o Brasil.	Brasil – São Paulo
1903	Padre Clemente dirigiu-se para Jaú onde cumpriu a função de Capelão das Irmãs de São José de Chambéry.	Brasil – São Paulo
1904	Padre Clemente vai dirigir a Paróquia de Sant’Ana em São Paulo, onde tomou posse como Pároco e Capelão do Colégio das mesmas irmãs.	Brasil – São Paulo
Outubro de 1905	Na paróquia de Sant’Ana, Padre Clemente Henrique Moussier, consegue a ordem do Bispo Diocesano, Dom José de Camargo Barros para a construção de uma Igreja Paroquial.	Brasil – São Paulo
1907	Os missionários saletinos começaram sua atuação na cidade Santa Cruz das Palmeiras – SP, Campinas etc.	Brasil – São Paulo
26 de julho de 1908	É inaugurada a obra da Igreja Paroquial em Santana.	Brasil – São Paulo
1910	Fundação da Associação Nossa Senhora da Salette, sendo em 1º de junho o registro na Comarca de São Paulo. Em 21 de dezembro de 1910 o Conselho Regional decide publicar um boletim, mas não foi posto em prática.	Brasil – São Paulo

5 de fevereiro de 1912	Padre Clemente assume outra paróquia a de Santo Cristo dos Milagres, no Rio de Janeiro, no Catumbi. Mas é nomeado pároco em 23 de abril de 1912.	Brasil – Rio de Janeiro
2 de junho de 1913	Compra dos terrenos dos imóveis de nº 76 e 78 na rua Catumbi, no bairro do Catumbi-RJ.	Brasil – Rio de Janeiro
4 de outubro de 1913	Pedido, do Conselho Local, de autorização para a retomada das obras na paróquia em São Paulo.	Brasil – São Paulo
14 de abril de 1914	Cardeal Arcoverde do Rio de Janeiro se dignou, por Decreto, a fundar a Paróquia do bairro do Catumbi, chamada “Nossa Senhora das Dores da Salette”, abreviada em 1972 para “Nossa Senhora da Salette” (FASSINI, p. 111).	Brasil – Rio de Janeiro
19 de abril de 1914	Inauguração da matriz provisória no Catumbi. Várias associações foram se instalando na paróquia, como Apostolado de Oração, e a Associação Nossa Senhora da Salette.	Brasil – Rio de Janeiro
Maior de 1914	Início das obras na paróquia em São Paulo.	Brasil – São Paulo
1916	Discussões sobre a ampliação da matriz provisória do Catumbi. Conselho Regional decide em julho, começar a publicar um boletim paroquial, mas é abandonado para a publicação de uma Revista.	Brasil – Rio de Janeiro
1917	Criação da Revista (RJ). Criação, pelos saletinos, de nova paróquia em São Paulo, no bairro de Tucuruvi (p. 58).	Brasil – Rio de Janeiro SP
20 de janeiro de 1918	O lançamento da pedra fundamental para a construção do Santuário dedicado a Salette no RJ (data da festa do padroeiro do Rio de Janeiro).	Brasil – Rio de Janeiro
1919	Morte de Clemente Henrique Moussier.	Brasil – Rio de Janeiro
Abril de 1920	Construção do templo em São Paulo (FASSINI, p. 54).	SP
1921	A Associação Nossa Senhora da Salette formada por um grupo de devotos tornou-se em 1921 Confraria de Nossa Senhora da Salette, vinculada à Arquiconfraria sediada na Montanha da Salette. Em 24 de agosto de 1921 foi feito um contrato entre saletinos e a arquidiocese de São Paulo para a permanência dos saletinos na direção da paróquia em Santana.	SP
1923	Criação do Noviciado no Rio de Janeiro.	Brasil – Rio de Janeiro

		Janeiro
13 de abril de 1924	O interior da Igreja Paroquial em Santana é inaugurado.	
1927	Inauguração do 1º santuário da congregação no Brasil – situado no RJ. Criação de nova paróquia em 1927 no bairro Casa Verde - SP.	RJ SP
2 de julho de 1928	Abertura oficial da Escola Apostólica no sul do Brasil – Marcelino Ramos.	Brasil – Marcelino Ramos
29 de julho de 1929	Transferência da Casa do Noviciado para Marcelino Ramos (RS).	Brasil – Marcelino Ramos
29 de junho de 1930	Foi lançada a pedra fundamental da obra de novo prédio da Escola Apostólica.	Brasil – Marcelino Ramos
24 de março 1940	Criado o decreto “ad nutum Sanctae Sedis”, conforme o Ofício do Arcebispado de São Paulo, seria criada a Paróquia-santuário de Nossa Senhora da Salette em São Paulo – bairro de Santana (FASSINI, p. 73).	Brasil – São Paulo
30 de outubro de 1941	O conselho provincial decide encaminhar a construção do templo em Marcelino Ramos.	Brasil – Marcelino Ramos
1942	Começam a serem realizadas as missas campais no local do futuro santuário em SP.	Brasil – São Paulo
1943	Término das obras da Escola Apostólica em novo edifício.	Brasil – Marcelino Ramos
1946	Os alicerces do santuário em Marcelino Ramos ficaram prontos e, em 1948, o santuário recebeu a benção de Dom Antônio.	Brasil – Marcelino Ramos
1947-1948	Foi construída em frente á Casa paroquial em SP, o Centro Social N. Senhora da Salette, para atendimento dos pobres.	Brasil – São Paulo
21 de setembro de 1952	Foi lançada a pedra fundamental da definitiva Igreja Matriz e Santuário- SP.	Brasil – São Paulo
1961	A igreja primitiva de SP foi demolida em 1961.	Brasil – São Paulo
1963	Começam as obras do novo templo em SP (FASSINI, P. 76)	Brasil – São Paulo
1966	Em setembro de 1966 as celebrações em SP passaram a ser no novo templo.	Brasil – São Paulo